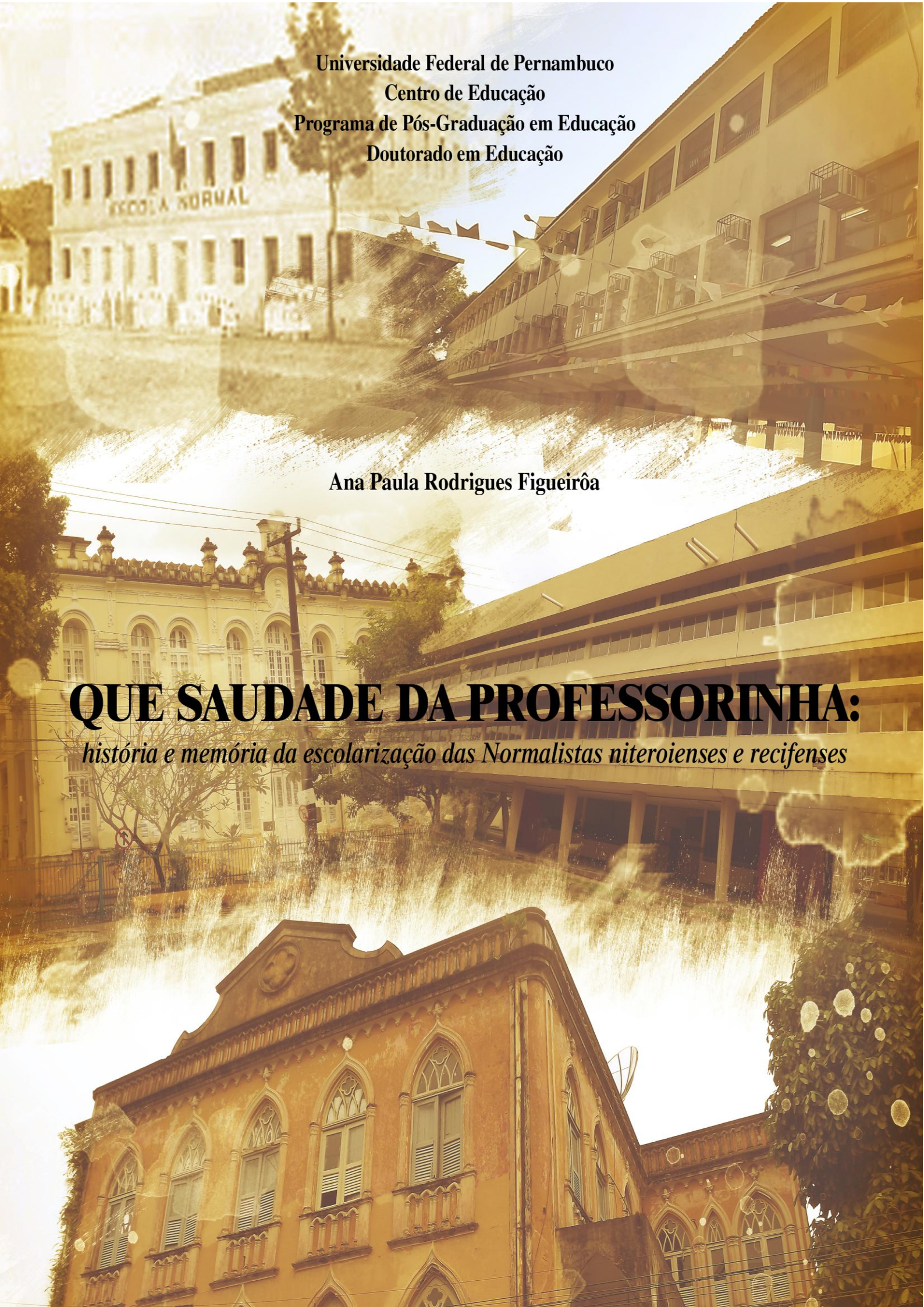




Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação

Ana Paula Rodrigues Figueirôa

QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA:

história e memória da escolarização das Normalistas niteroienses e recifenses



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação

Ana Paula Rodrigues Figueirôa

QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA: história e memória da escolarização das
Normalistas niteroienses e recifenses

RECIFE

2017

ANA PAULA RODRIGUES FIGUEIRÔA

**QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA: história e memória da escolarização das
Normalistas niteroienses e recifenses**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Teoria e História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

RECIFE

2017

Catálogo na fonte

Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

F475a

Figueirôa, Ana Paula Rodrigues.

Que saudade da professorinha: história e memória da escolarização das normalistas Niteroienses e Recifenses / Ana Paula Rodrigues Figueirôa. – 2017.

316 f : il : 30 cm

Orientador: Edilson Fernandes de Souza

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação. 2017.

Inclui Referências e Apêndices

1. Educação - História. 2. Professores - Formação. 3. Ensino normal. 4. Normalistas - Educação. 5. UFPE - Pós-graduação. I. Souza, Edilson Fernandes. II. Título.

370.9 CDD (22. ed.)

UFPE (CE2017-78)

ANA PAULA RODRIGUES FIGUEIRÔA

**QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA: história e memória da escolarização das
normalistas niteroienses e recifenses**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: 31/07/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Tony Honorato (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Londrina

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Câmara Lira (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Luciano Flávio da Silva Leonídio (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. José Luís Simões (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Em especial a minha mãe Norma Rodrigues de Figueirôa e a minha sobrinha neta Marina Figueirôa de Albuquerque Maranhão e para todas as Mulheres, Avós, Mães, Filhas, lutadoras por um espaço digno da mulher na sociedade, Doutoradas, Mestras, Catedráticas, Normalistas, Professorandas, Professoras, Tias, Educadoras e Docentes, que vêm construindo, a Educação em Pernambuco.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros e mais profundos agradecimentos:

A Deus, pois sem ele nada teria sido possível;

Em um segundo a vida segue... imaginem em quatro anos, quantos ciclos foram iniciados e completados... onde há tempo de plantar e de colher, e deste “planto e colho”, conhecimentos e amizades,

Frutifico com o meu melhor néctar esta pesquisa...

Ao Professor Doutor Edilson Fernandes de Souza – Orientador de sonhos, por sua força, confiança, conhecimento, disposição e pela liberação das chamadas da liberdade de pesquisar e escrever, sendo humilde nas suas orientações levantando o entusiasmo e revigorando o dia a dia, quando conduziu uma orientação segura, precisa, com muita paciência, criatividade, incentivo e sabedoria, contribuindo assim para o desenvolvimento e êxito deste estudo;

Ao meu eterno Orientador, o Prof. Dr. José Luis Simões, pelo carinho, pela mão amiga, pelo incentivo e confiança, pela compreensão e humanização da educação brasileira;

Ao dileto Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl, pela amizade tão especial e respeitosa, dicas, incentivos, elogios, e apoios;

À minha família, pela confiança, pelo apoio, pelo patrocínio, pelo cheirinho do café da manhã, por terem ficado sempre ao meu lado, apesar da minha eterna ausência; em especial a minha tia Neuza, pela mesa sempre pronta para as refeições, à minha mãe, Norma “Normalista”, por ser minha fonte de inspiração e pela eterna paciência e prontidão de servir, mesmos nas minhas maiores crises emocionais. Obrigada a todos pelos ricos momentos vividos;

Em especial, ao meu “paimão” José Fernando Rodrigues de Figueirôa (in memoriam), que apesar das cinzentas nuvens, do sol que um dia deixou de brilhar, apesar da imensa/infinita saudade, hoje, tenho a gigantesca certeza da sua alegria ao ver a conclusão desta pesquisa, pois foste um incentivador aos estudos, foste meu primeiro Professor de Educação Física e de ti veio a inspiração de seguir esta profissão. Neste percurso da vida cheio de significações, te agradeço meu “PAIRMÃO”;

A Iago Figueirôa Soares, meu filho amado, pela compreensão, paciência, companheirismo, incentivo e crescimento ao longo desses meus anos de vida acadêmica, onde tudo fica mais fácil crescer ao teu lado e te ver crescendo também. Obrigada, meu filho amado! Por possibilitar inúmeros momentos de orgulho, alegria e satisfação, contribuindo assim na nossa caminhada. Pois és meu fiel escudeiro ante a violência em nosso país. Estivestes presente nas viagens, encontros, visitas às instituições educacionais e nos congressos, acompanhando, dando força, "matando a saudade", se enriquecendo culturalmente, e protegendo a sua mãe, frente a violência contra a mulher, quando invariavelmente estava com vários aparelhos eletrônicos.

À minha irmã, Simone Cristina Rodrigues de Figueirôa, a todos os meus primos e primas, sobrinhos, sobrinhas, compadres e comadres, afilhados e afilhadas;

À Marcos, meu esposo e eterno companheiro, namorado, amozico, amortorista, com sua paciência impar, seu afeto, respeito, elogios e sorrisos nos lábios em cada dia que recomeça, sempre me apoiando e incentivando, rindo das minhas "loucuras" expressando seu amor em atos;

Aos funcionários da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro – Regional Baixada Litorânea/Niterói, em especial à Lia Mendonça e à Gestora Adjunta do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, Elizabeth Ferreira da Silva;

Minha eterna gratidão às Normalistas e funcionárias da Escola Normal do Município da Côrte, atual Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho: Áurea Lúcia Bonnard Dias, ex-aluna e professora; Francisca Alves Martins, ex-funcionária; e a Hanriete Conceição Souza Alves, ex-aluna e professora, obrigada pela recepção e confiança;

Minha eterna gratidão às Normalistas e funcionárias, da Escola Normal Oficial de Pernambuco, atual Instituto de Educação de Pernambuco: Iolete Barros de Araújo, ex-aluna; Maria Lindete Oliveira, ex-aluna e Professora da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora; Norma Rodrigues de Figueirôa, ex-aluna; Rosenilda de Paiva Diniz, ex-aluna, que representaram o "pontapé" inicial para esse estudo;

Amar o belo fácil lhe parece. Neste grupo fui aceita e me deram toda confiança que uma pessoa pode ter, quando participei de vários encontros. Eis minha eterna GRATIDÃO. Aos funcionários e às Normalistas da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, à Edvalda Porfírio de Albuquerque, ex-professora e sócia da Sociedade Propagadora; Eliane Paiva dos Santos, ex-aluna; Ingracita Queiroz Bastos, ex-aluna; Maria José da Luz Bezerra, ex-aluna, Maria Lúcia Galiza de Oliveira, ex-aluna. Obrigada a todas que foram o berço do preparo da mulher para o magistério primário;

Aos professores, funcionários e colegas do Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE, que encontrei em diversos momentos e lugares dessa minha caminhada;

As Bibliotecas: do Centro de Educação; do Centro de Filosofia e Ciências Humanas; do Centro Acadêmico do Agreste e a Biblioteca Central, todas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);

Aos meus eternos alunos, da Universidade Federal de Pernambuco – Das disciplinas de Prática de Ensino I e II e Metodologia do Ensino da Educação Física I e II de 2012 a 2014; da Faculdade Maurício de Nassau/Caruaru – dos Cursos de Pedagogia, Serviço Social e Administração no período de 2012 a 2015; e a todos os alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Associação Caruaruense de Ensino Superior – ASCES/UNITA;

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Educação Física – ASCES/UNITA;

A todos os autores do livro Múltiplas Metodologias de Ensino: praticando a Educação Física na educação básica;

Aos amigos de ontem, hoje e sempre: Bárbara Alcântara; Bruno Bahia; Catarina Souza; Daniely Vieira; Diandra Campos; Elícia Guerra; Fábio Paiva; Izabel Sena; Hercília Melo; Isis Tavares; Jowania Rosas; Laudielcio Maciel; Luciano Leonídio; Márcia Nascimento; Marília de Oliveira Moraes Neri Marinho; Roberta de Granville; Roseane Souza; Samantha Souza; Thiago Modanesi; e Verinalda Lima.

Ao amigo de longas conversas, ao amigo divã Vinícius Viana.

Aos meus filhos acadêmicos: Alex Feitosa da Silva, Diogo Lins, Ellen Caroline Amaral da Silva, Rayane Bárbara Barreto Silva, Wesley Pierre Silva da Paz;

Aos professores da banca examinadora da qualificação: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza, Profa. Dra. Maria da Conceição dos Reis, Profa. Dra. Anna Luiza Araújo Ramos Martins de Oliveira, Prof. Dr. José Luis Simões e Prof. Dr. Henrinque Gerson Kohl, por poder contar com suas honrosas participações e contribuições;

Aos professores da banca examinadora: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza; Prof. Dr. Henrinque Gerson Kohl; Prof. Dr. José Luis Simões; Prof. Dr. Luciano Leonídio; Prof. Dra. Maria Helena Câmara Lira e ao Prof. Dr. Tony Honorato.

Obrigada por estarem comigo neste ciclo!

"[...]Tudo posso naquele que me fortalece" (BÍBLIA, 1997, p. 231).

RESUMO

Esta tese tem como objetivo compreender os ensejos que expressaram, em meados do século XX, a implantação do Ensino Normal em Niterói/RJ e em Recife/PE para a formação de professores, expondo uma contribuição expressiva para a história das instituições de Ensino Normal do Brasil, responsáveis pela formação de mestres das primeiras letras. As instituições pesquisadas são: École Normale Supérieure de Paris/França; Escola Normal do Município da Côrte, em Niterói/Rio de Janeiro; e as Escolas Normais do Recife: Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora. O método de pesquisa utilizado foi a história oral, pautada nas entrevistas e subsidiado pela coleta documental. Ressalte-se que as Normalistas entrevistadas foram as do Brasil e que a escola francesa propiciou o embasamento da gênese do Ensino Normal no Brasil. Este estudo está dividido em cinco capítulos: o primeiro é intitulado de Introdução, demonstrando a base metodológica e a produção do conhecimento sobre a temática; o segundo capítulo tem como denominação: Edificando o cenário das Escolas Normais, demonstrando a historicidade da criação das referidas Escolas Normais; o terceiro capítulo tem como título: A Inserção das mulheres na educação niteroiense e recifense, demonstrando o universo das três instituições brasileiras estudadas; já o quarto capítulo, Tecendo o saber: os cortes e recortes na memória das Normalistas, discorre sobre a análise das categorias: gênero, família, educação e vida profissional; o quinto capítulo, são as considerações finais, quando exibimos as reflexões sobre todo o estudo, permitindo assim reconstituir parte da história e memória das Normalistas e suas conquistas, desde o seu ingresso no Curso Normal até a sua profissionalização.

Palavras-chave: Ensino Normal. Instituições. Memória. Normalistas.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour objectif de comprendre les attentes suscitées, au cours de XXe siècle, par l'Enseignement Normal à Niterói (Rio de Janeiro) et à Recife (Pernambouc) pour la formation des instituteurs, et d'apporter une contribution expressive à l'histoire des institutions de l'Enseignement Normal au Brésil, responsable de la formation des maîtres des écoles primaires. L'étude porte sur les institutions suivantes: l'École Normale Supérieure de Paris, l'École Normale de la commune de la Côte, à Niterói (Rio de Janeiro), ainsi que les Écoles Normales de Recife: l'École Normale Officielle du Pernambouc et l'École Normal Pinto Júnior de la « Société Propagatrice de l'Instruction Publique ». La méthode utilisée est l'histoire orale sur la base d'entretiens appuyés par la collecte de documents. Il convient de préciser que les Normaliens interrogés sont ceux du Brésil, et que l'école française a servi de base à la genèse de l'Enseignement Normal au Brésil. Cette étude se divise en cinq chapitres: le premier est intitulé: "Introduction, démonstration de la base méthodologique et la production de connaissances sur le thème"; le second chapitre s'intitule: "L'édification du cadre des Écoles Normales, démonstration de l'historicité de la créations desdites Écoles Normales"; le troisième chapitre a pour titre: "L'insertion des femmes dans l'éducation à Niterói et à Recife, démonstration de l'univers des trois institutions brésiliennes étudiées"; le quatrième chapitre, "Tisser le savoir: les coupes et découpes dans la mémoire des Normaliens", se penche sur l'analyse des catégories: genre, famille, éducation et vie professionnelle; le cinquième chapitre, est celui des considérations finales, le moment d'exposer nos réflexions sur l'étude, afin de permettre la reconstruction d'une partie de l'histoire et de la mémoire des Normaliens, ainsi que de leurs conquêtes, depuis leur entrée au Cours Normal jusqu'à leur professionnalisation.

Mots clés: Enseignement Normal. Institutions. Mémoire. Normaliens.

ABSTRACT

This thesis aims to understand the opportunities that, in the middle of the 20th century, expressed the implantation of Normal Teaching in Niterói / RJ and Recife / PE for the graduation of teachers, exposing a significant contribution to the history of institutions of Normal Teaching of Brazil, responsible for the graduation of masters of the first letters. The institutions researched are: École Normale Supérieure de Paris/França; Escola Normal do Município da Côrte, em Niterói/Rio de Janeiro; and the Normal Schools of Recife: Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora. The research method used was the oral history, based on the interviews and subsidized by the gathering of documents. It should be noted that the Normalists interviewed were those of Brazil and that the French school provided the basis for the genesis of Normal Education in Brazil. This study is divided into five chapters: the first is titled Introduction, demonstrating the methodological basis and the production of knowledge on the subject; the second chapter has as denomination: Building the scenery of the Normal Schools, demonstrating the historicity of the creation of said Normal Schools; the third chapter is entitled: The insertion of women in Niterói and Recife education, demonstrating the universe of the three Brazilian institutions studied; the fourth chapter, Weaving the knowledge: the cuts and cutouts in the memory of the Normalists, discusses the analysis of categories: gender, family, education and professional life; the fifth chapter, are the final considerations, when is presented the reflections about the whole study, thus allowing to reconstitute part of the history and memory of the Normalists and their conquests, from their entrance in the Normal Course until their professionalization.

Keywords: Normal Teaching. Institutions. Memory. Normalists.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo comprender las enseñanzas que expresaron, a mediados del siglo XX, la implantación de la Educación Normal en Niterói/RJ y en Recife/PE para la formación de profesores, exponiendo una contribución expresiva para la historia de las instituciones de Educación Normal de Brasil, responsables por la formación de maestros de las primeras letras. Las instituciones investigadas son: Escuela Normal Superior de París/Francia; Escuela Normal Superior del Municipio de la Corte, en Niterói/Rio de Janeiro; y las Escuelas Normales de Recife: Escuela Normal Oficial de Pernambuco y la Escuela Normal Pinto Junior de la Sociedad Propagadora. El método de investigación utilizado fue la historia oral, pautada en las entrevistas y subsidiada por la recolección de documentos. Resáltese que los Normalistas entrevistados fueron de Brasil y que la escuela francesa propició el fundamento de la génesis de la Educación Normal en Brasil. Este estudio está dividido en cinco capítulos: El primero se titula de introducción, demostrando la base metodológica y la producción de conocimiento sobre la temática; el segundo capítulo tiene como denominación: Edificando el Escenario de las Escuelas Normales, demostrando la historia de la creación de las referidas Escuelas Normales; el tercer capítulo tiene como título: La inmersión de las mujeres en la educación niteroiense y recifense, demostrando el universo de las tres instituciones brasileiras estudiadas; ya el cuarto capítulo, Tejiendo el saber: los cortes y recortes en la memoria de los Normalistas, discurre sobre el análisis de las categorías: género, familia, educación y vida profesional; el quinto capítulo, son las consideraciones finales, cuando exhibimos las reflexiones sobre el estudio, permitiendo reconstruir parte de la historia y memoria de los Normalistas y sus conquistas, desde su ingreso en el Curso Normal hasta su profesionalización .

Palabras-clave: Educación Normal. Instituciones. Memoria. Normalistas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SIGLAS	NOMES OFICIAIS
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BDTD	Base de Dados de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEN	Centro Educacional de Niterói
CIEPS	Centro Integrado de Educação Pública
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
ENOPE	Escola Normal Oficial de Pernambuco
ENPJSP	Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora
GRE	Gerência Regional de Ensino
IAPI	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
IAPC	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica
IEP	Instituto de Educação de Pernambuco
IEPIC	Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OSPB	Organização Social e Política do Brasil
SOE	Serviço de Orientação Educacional
TELERJ	Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Diversos momentos dos encontros	33
Imagem 2 -	Inspiração para a criação da Escola Normal de Pernambuco	68
Imagem 3 -	Decreto de criação da primeira Escola Normal do Brasil	74
Imagem 4 -	Planta baixa, da primeira Escola Normal no mundo	77
Imagem 5 -	Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho	82
Imagem 6 -	Discussão Projecto nº.55 para a criação da Escola Normal em Recife	84
Imagem 7 -	Vista da Câmara dos Vereadores do Recife, antiga Escola Normal Oficial de Pernambuco e o atual Instituto de Educação de Pernambuco	86
Imagem 8 -	Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	89
Imagem 9 -	Teste de admissão para o ingresso ao Ensino Normal	100
Imagem 10 -	Caderneta escolar	101
Imagem 11 -	Dados pessoais da Normalista na caderneta	102
Imagem 12 -	Fardamentos das Escolas de Ensino Normal	105
Imagem 13 -	Regulamento da Escola Normal do Município da Côrte	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Cadastro das entrevistas	34
Quadro 2 -	Estudo do conhecimento na região nordeste pela CAPES	39
Quadro 3 -	Estudo do conhecimento na região norte pela CAPES	44
Quadro 4 -	Estudo do conhecimento na região sudeste pela CAPES	45
Quadro 5 -	Estudo do conhecimento na região sul pela CAPES	52
Quadro 6 -	Estudo do conhecimento na região nordeste pela BDTD - IBICT	54
Quadro 7 -	Estudo do conhecimento na região norte pela BDTD - IBICT	57
Quadro 8 -	Estudo do conhecimento na região sudeste pela BDTD - IBICT	58
Quadro 9 -	Estudo do conhecimento na região sul pela BDTD - IBICT	61
Quadro 10 -	Estudo do conhecimento na região nordeste, pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPE	63
Quadro 11 -	Criação das Escolas Normais no Brasil	70
Quadro 12 -	Cronologia da Criação da Escola Normal do Município da Côrte	79
Quadro 13	Relação nominal de alguns profissionais descritos pelas Normalistas da Escola Normal Oficial de Pernambuco	110
Quadro 14	Relação nominal de alguns profissionais descritos pelas Normalistas da Escola Normal Oficial de Pernambuco	112
Quadro 15	Relação nominal de alguns profissionais descrito pelas Normalistas da Escola Normal Pinto Júnior	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Categoria Gênero na Escola Normal do Município da Côrte	126
Tabela 2 -	Categoria Gênero na Escola Normal Oficial de Pernambuco	127
Tabela 3 -	Categoria Gênero na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	128
Tabela 4 -	Categoria Família na Escola Normal do Município da Côrte	129
Tabela 5 -	Categoria Família na Escola Normal Oficial de Pernambuco	130
Tabela 6 -	Categoria família na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	131
Tabela 7 -	Categoria Educação na Escola Normal do Município da Côrte	132
Tabela 8 -	Categoria Educação na Escola Normal Oficial de Pernambuco	133
Tabela 9 -	Categoria Educação na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	134
Tabela 10 -	Categoria Vida Profissional na Escola Normal do Município da Côrte	134
Tabela 11 –	Categoria Vida Profissional na Escola Normal Oficial de Pernambuco	136
Tabela 12 –	Categoria Vida Profissional na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	138

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	METODOLOGIA	26
1.1.1	A construção dos contornos metodológicos	27
1.2	A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO FONTE DOCUMENTAL	38
2	EDIFICANDO O CENÁRIO DAS ESCOLAS NORMAIS	68
2.1	CONSTRUINDO O ESPAÇO LANCASTERIANO DA PRIMEIRA ESCOLA NORMAL NO MUNDO, PARIS/FR	72
2.1.1	École Normale Supérieure	76
2.2	TRACEJANDO O CENÁRIO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL DO MUNICÍPIO DA CÔRTE - NITERÓI/RIO DE JANEIRO - BR	77
2.3	PROJETANDO A HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE ENSINO NORMAL EM RECIFE-PE	83
2.3.1	Escola Normal Oficial de Pernambuco	83
2.3.2	Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	87
3	INSERÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO NITEROIENSE E RECIFENSE	93
3.1	O QUE É SER NORMALISTA: Da vida profissional para o futuro pessoal e profissional	94
3.2	TESTE DE ADMISSÃO	96
3.3	CADERNETAS	101
3.4	ENTRE LAÇOS AZUIS E MARRONS: Essas são as cores do orgulho educacional	104
3.5	QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA QUE ME ENSINOU O BEABÁ	107
3.5.1	Elas como professoras	108
3.5.2	Os professores dos Cursos de Ensino Normal	110

3.5.3	Diretor	115
3.6	EU QUERO A MINHA MÃE, ONDE ELA ESTÁ?	117
3.7	COMPORTAMENTO, CORPO E PADRÕES DE BELEZA	119
4	TECENDO O SABER: os cortes e recortes na memória das Normalistas	125
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	146
	ANEXO A - Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido	160
	ANEXO B - Autorização da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro	161
	ANEXO C - Decreto da criação da primeira Escola Normal de Paris-FR	162
	ANEXO D - Título de cursos da Escola Normal do Ano III reeditado, pelo decreto 17 de 1808	163
	ANEXO E - Decreto 8025 de 16 de março de 1881 - Novo regulamento da Escola Normal	164
	ANEXO F - Decreto nº. 3.810 de 19 de março de 1932	165
	ANEXO G - Projecto 55	166
	ANEXO H - Tabela de vencimentos de todas as categorias da escola	167
	APÊNDICE A - Entrevista realizada com a Normalista Áurea Lúcia Bonnard	169
	APÊNDICE B - Entrevista realizada com a Funcionária Francisca Alves Martins	187
	APÊNDICE C - Entrevista realizada com a Normalista Hanriete Conceição Souza Alves	203
	APÊNDICE D - Entrevista realizada com a Normalista Iolete Barros de Araújo	211
	APÊNDICE E - Entrevista realizada com a Normalista Maria Lindete Oliveira	222
	APÊNDICE F - Entrevista realizada com a Normalista Norma Rodrigues de Figueirôa	241
	APÊNDICE G - Entrevista realizada com a Normalista Rosenilda de Paiva Diniz	248
	APÊNDICE H - Entrevista realizada com a Funcionária Edivalda Porfírio de Albuquerque	256
	APÊNDICE I - Entrevista realizada com a Normalista Ingracita Queiroz Bastos	266

APÊNDICE J - Entrevista realizada com a Normalista Maria José da Luz Bezerra 286

APÊNDICE L - Entrevista realizada com a Normalista Maria Lúcia Galiza de Oliveira 301

INSTITUTO
DE
EDUCAÇÃO
DE
PERNAMBUCO

1 INTRODUÇÃO



PROFESSÔRAS DE 1960

1 INTRODUÇÃO

A inquietação para estudar essa temática, que gera esse novo estudo, é a de compreender quais foram os ensejos que expressaram, em meados do século XX, a implantação do Ensino Normal em Niterói/RJ e em Recife/PE para a formação de professores, isto é, a influência que a École Normale da França/Paris e a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro tiveram, com a inserção da mulher, no sistema educacional. Pois as Escolas Normais já faziam parte do cenário brasileiro desde o século XIX, visto que na sua maioria eram para o gênero masculino, e em Pernambuco tínhamos a Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, além de outras instituições privadas, que ofereciam o Ensino Normal.

Nesse aspecto, poderá representar uma contribuição significativa para a história das instituições de Ensino Normal do Brasil, sobretudo para a preservação de parte da memória histórica das instituições escolares responsáveis pela formação de mestres das primeiras letras, no século XIX. As instituições pesquisadas são: École Normale Supérieure de Paris/França; Escola Normal do Município da Côte, em Niterói/Rio de Janeiro; e as Escolas Normais do Recife: Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora.

Contudo, há uma complexidade maior em um campo extenso, presente no sistema educacional pernambucano no início do século XX, e não só se restringindo a Escola Normal Oficial de Pernambuco, existindo outras instituições de ensino que na mesma época também apregoavam o Ensino Normal com habilitação de moças para o exercício do magistério. E uma delas é a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, tendo características comuns com a Escola Normal Oficial de Pernambuco.

Perpetra-se a Escola Normal Oficial de Pernambuco (ENOPE) e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora (ENPJSP), vez que a primeira era mantida pelo Governo do Estado de Pernambuco e a segunda, mantida pela Sociedade Propagadora da Instrução Pública. Afirma-se que é mantida, pois até os dias atuais a referida instituição funciona no mesmo local e pela mesma sociedade, mas com outro viés educacional.

Sabe-se que a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, é uma escola privada, mas gratuita, surgida no seio da sociedade civil, e que estava localizada na mesma região da Escola Normal Oficial de Pernambuco, e que buscava inserir a mulher no mundo do trabalho, através de uma atividade para a qual, acreditava-se, a mulher estava “destinada”, a de educar, seja seus filhos ou seus alunos.

Neste sentido, visando à instauração de um campo de saber sistematizado e regulamentado pela sociedade, nas suas relações políticas e sociais, pretende-se nesta pesquisa corroborar os arquétipos de edificações, fazendo uma relação da sua estrutura espacial no processo de formação, isto é, como eram evidenciadas a estruturação deste ramo de ensino para o território internacional, que no caso é em Paris/França. Pois foi a primeira Escola Normal no mundo; no território nacional, a primeira foi em Niterói/Rio de Janeiro, e no território local é o Recife-PE.

Dentro desses aspectos arquitetônicos, se deu uma visibilidade na construção das instituições educacionais: *École Normale Supérieure* a gênese do Ensino Normal, a Escola Normal do Município da Côte em Niterói/Rio de Janeiro; Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, ambas em Recife-PE. Destacando a estrutura física, a historicidade de cada instituição citada e o modelo educacional no período de 1946 a 1972, justifica-se o período escolhido, mediante o decreto da Criação do Instituto de Educação de Pernambuco (1946), e a inauguração do Instituto Professor Ismael Coutinho (1968), como também a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, uma instituição privada, mas sem fins lucrativos, quando nesse período foi autorizada a funcionar, em caráter definitivo, como Escola Normal Oficial, mediante o Decreto do Governo Federal de 15 de março de 1937 de número 1502.

Neste caso, iremos fazer um percurso do macro ao micro, isto é, só podemos ter o entendimento da proposta do Ensino Normal em Niterói-RJ e no Recife-PE, conhecendo a gênese dessa modalidade de ensino, assim sendo, o percurso inicia-se em Paris, perpassa por Niterói, chegando ao Recife. Procedendo a concepção da inserção da mulher no campo educacional Niteroiense e Recifense na referida época, ora como docente ora como discente, pois sabemos que a comunidade escolar não é compreendida só pelas alunas, vez que pretendemos analisar essa inserção das alunas na época, e que futuramente seriam as professoras.

Dentro desse contexto, buscamos tratar as relações da mulher com a educação, aos padrões de beleza, ao corpo, a subordinação e ao trabalho. Portanto, como trabalhamos com a técnica da pesquisa da História Oral, onde muita mais do que uma gravação e/ou transcrição da oralidade, a mesma proporciona nos relatos das entrevistas, caminhos para os documentos do referido ensino, e a transcrição da oralidade das entrevistadas nos contempla com uma gama de dados que retratam a época pesquisada.

Ela é uma técnica de pesquisa que emprega a entrevista e as observações participantes e não participantes, para registrar fatos e/ou acontecimentos importantes do passado, visando compreender a sociedade. Técnica é um procedimento com a finalidade de coletar dados e descobrir novos fatos ou acontecimentos.(MARCONI e LAKATOS, 2011, p.128).

Assim sendo, pretende-se organizar um banco de dados sobre a história das jovens Normalistas nas Escolas: Escola Normal do Município da Côrte (ENMC), Escola Normal Oficial de Pernambuco (ENOPE) e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora (ENPJSP), e este será demonstrado nos elementos textuais: ao longo do texto e no quarto capítulo: **TECENDO O SABER: os cortes e recortes na memória das Normalistas**, e nos elementos pós-textuais: anexos e apêndices.

Com base no estudo anterior (a dissertação intitulada: **O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas**), com imagens, entrevistas, leis, estatutos, regimentos, jornais e regulamentos, buscou-se, (re)construir e aprofundar a construção histórica dessas instituições, acerca dos aspectos da realidade social brasileira, relativos à educação da mulher através do ambiente social, que apontava para a aceitação de novas ideias que se pretendiam para uma sociedade moderna, fundada na urbanização e industrialização.

Porém, como podemos pensar em avanços de construção de instituições escolares, conhecimentos de saberes e consequentemente uma formação docente para o desenvolvimento das nações relacionadas com essa pesquisa, quando ao final do século XIX ainda haviam resquícios do império e que em ambos os países não haviam o processo de democratização, onde os "homens de confiança" eram escolhidos politicamente, originando e compondo as políticas de poder, ou seja, os governantes não eram escolhidos pelo povo, mantendo acirradamente as relações de força e diferenciação de classes sociais, gêneros, raças e etnias. Esse questionamento poderá ser observado nos documentos ao longo desse trabalho e nos anexos.

É nesse sentido que pesquisas em história da educação são reconhecidas como benéficas, pois fornecem instrumentos para a compreensão do presente, abrindo caminhos para novas pesquisas e compreensão da realidade atual, atentando que a educação e a formação dos indivíduos integrantes desta, nos faz acreditar que é uma das áreas que mais evidenciam mudanças nas relações sociais de gênero ao longo dos tempos.

Foi dentro desse contexto, meados do século XX, que a mulher ganhou novos espaços sociais dentro do espaço educacional., Neste sentido, ela se inquieta em compreender para quem e como essas Escolas Normais eram construídas, relacionando as influências que uma teve com a outra de uma forma hierárquica da temporalidade.

Esta pesquisa fez um sucinto percurso na escolarização das Normalistas, quando se traçou um quadro teórico para a estruturação conceitual, que ofereceu sustentação ao desenvolvimento da investigação sobre as expressões arquitetônicas na referida época e os modelos educativos do Ensino Normal.

Dividimos essa pesquisa em cinco capítulos: o primeiro fica compreendido com a **INTRODUÇÃO**: elucidando o leitor sobre os assuntos da pesquisa; A **METODOLOGIA**: explanando os elementos essenciais para a busca do conhecimento da temática estabelecida; **a construção dos contornos metodológicos**: com seu conhecimento e seus níveis, sistematizando o processo na busca dos fatos e a sua interpretação; A **PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO FONTE DOCUMENTAL**: retratando os estudos já realizados com a temática estabelecida nessa pesquisa, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD - IBICT); e na Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

No segundo capítulo, denominado de **EDIFICANDO O CENÁRIO DAS ESCOLAS NORMAIS**, pretende-se demonstrar historicamente a criação das Escolas Normais de Paris/França, Niterói/Rio de Janeiro e as duas do Recife/Pernambuco. Fizemos um trocadilho com a escrita das seções, isto é, colocamos alguns nomes referentes a construção e edificação. No sentido amplo da palavra construir, pois trazer essas instituições historicamente, é um traçado na reconstrução da formação dos nossos primeiros professores, que no nosso caso são as Normalistas. Na seção **CONSTRUÍDO O ESPAÇO LANCASTERIANO DA PRIMEIRA ESCOLA NORMAL NO MUNDO, PARIS/FR**, fizemos um alicerce na criação da primeira escola que ofertou o Ensino Normal, e o que este curso tem em comum com os nossos no Brasil, na referida época. Na seção: **TRACEJANDO O CENÁRIO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL DO MUNICÍPIO DA CÔRTE-NITERÓI/RIO DE JANEIRO-BR**, fizemos o percurso da criação da primeira Escola Normal do Brasil e da América Latina; já na seção **PROJETANDO A HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE ENSINO NORMAL EM RECIFE**, chegamos na lógica do macro para o micro, mas sem perder a essência da pesquisa, pois o nosso foco maior é o Ensino Normal em Niterói e em Recife, daí abrimos as seções terciárias, para falar especificamente da **Escola Normal Oficial de Pernambuco** e da **Escola Normal**

Pinto Júnior da Sociedade Propagadora. Sendo a primeira, uma instituição pública e a segunda uma instituição privada, havendo para algumas uma cobrança pecuniária para as alunas estudarem.

O terceiro capítulo denominado: **INSERÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO NITEROIENSE E RECIFENSE**, retrata a especificidade das Normalistas nas três instituições: Normal do Município da Côrte, Normal Oficial de Pernambuco e na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, relatando suas especificidades em todas as seções que compõe este capítulo..

Já no quarto capítulo: **TECENDO O SABER: os cortes e recortes na memória das Normalistas**, retratamos de forma sistemática os registros das entrevistas, com o intuito de compreender as reproduções da inserção das mulheres no sistema educacional, que estão imbricados nas questões políticas e sociais de uma época, congregadas as questões da comunidade escolar, e esta apreciação se dará através da história oral, avaliadas com a análise do conteúdo, nas categorias: Gênero, Família, Educação, e Formação Profissional.

No quinto capítulo: **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, expomos as reflexões de todo o estudo.

1.1 METODOLOGIA

Ressalta-se a importância da metodologia escolhida no sentido de possibilitar o conhecimento dos valores; dos costumes; das opiniões; as relações sociais, as questões educacionais vividas pelas informantes. Dentro do nosso contexto, não iremos abordar e ou especificar o gênero feminino, como nos diz Joan Scott (1990, p.7). "[...] O uso de "gênero" põe a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas ele não é determinante pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade," apesar de todas as entrevistas terem sido realizadas com o gênero feminino, pois podemos ver ao longo do texto, que haverá outros sujeitos citados pelas Normalistas, que são do gênero masculino.

Dentro dessa perspectiva, foram entrevistadas onze mulheres, sendo três da Escola Normal do Município da Côrte, quatro da escola Normal Oficial de Pernambuco, e quatro da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora. Nesse conjuntura, todas estudaram e/ou trabalharam nas referidas escolas.

No decorrer da pesquisa, foi feito um percurso nas três Instituições Educacionais brasileiras. No primeiro momento, visitei em Julho de 2014 a Escola Normal do Município da Côrte em Niterói/RJ, atual Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), onde

foram entrevistadas três colaboradoras: Áurea Lúcia Bonnard Dias, ex-aluna e professora; a ex-funcionária Francisca Alves Martins; e a ex-aluna e professora Hanriete Conceição Souza Alves. Na Escola Normal Oficial de Pernambuco, atual Instituto de Educação de Pernambuco (IEP), foram entrevistadas: Iolete Barros, ex-aluna; Maria Lindete Oliveira, ex-aluna e professora do Pinto Júnior; Norma Rodrigues de Figueirôa, ex-aluna; Rosenilda de Paiva Diniz, ex-aluna. Na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, foram entrevistadas: Edvalda Porfírio de Albuquerque, ex-professora e sócia da Sociedade Propagadora; Ingracita Queiroz Bastos, ex-aluna; Maria José da Luz Bezerra, ex-aluna; e a ex-aluna Maria Lúcia Galiza de Oliveira.

Além das visitas às Instituições Educacionais, foi visitado o Arquivo da Fundação Joaquim Nabuco em Pernambuco, os arquivos da Biblioteca Nacional e a Maison de France, ambas no Rio de Janeiro, na intenção da aquisição dos documentos: Decretos, Leis, livros, imagens e objetos, que pudessem retratar a temática desse estudo. Assim sendo, nas seções ulteriores pretende-se detalhar o passo a passo da dinâmica metodológica.

1.1.1 A construção dos contornos metodológicos

Esta pesquisa faz um sucinto percurso no estudo da criação das Escolas Normais na formação do professor primário, perpassando por Paris/FR e no Brasil: Niterói/RJ e Recife/PE. Assim, foi traçado um quadro teórico para a estruturação conceitual, que produziu uma sustentação ao desenvolvimento da pesquisa em relação a implantação do Ensino Normal na referida época.

A temporalidade escolhida para estudo que está compreendida entre o período de 1946 a 1972, tem como alicerce a transição da Escola Normal Oficial de Pernambuco para o Instituto de Educação de Pernambuco (IEP); o período político da ditadura; e a luta das mulheres por igualdade no trabalho. Isto, considerando a efervescência ideológica e pedagógica, palco das grandes transformações ocorridas na estrutura educacional e na política brasileira. A política pernambucana também passava por um momento transitório, além dos fatos relatados na introdução.

O processo adotado para a composição dessa pesquisa envolveu referências bibliográficas, fontes orais (entrevistas individuais), utilização de documentos, jornais, revistas, figuras, teses, dissertações, artigos e visitas a arquivos públicos, bibliotecas e as referidas instituições educativas. Cabe ainda ressaltar a importância da coleta de dados

escolhida no sentido de possibilitar o conhecimento dos valores; dos costumes; das opiniões; as relações sociais e familiares vivenciadas pelas informantes.

Dando seguimento a escolha pela técnica da história oral, que segundo Verena Alberti (2005, p.29) "De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo - isto é, desde que vivam aqueles que tem algo a dizer sobre ele - é passível de ser investigado através da história oral". Nesta pesquisa, esta fonte se caracteriza através das Normalistas e funcionárias das Instituições educativas citadas ao longo desta pesquisa, que envolveu vários aspectos vinculados à história das instituições de Ensino Normal, tornando-se agentes construtores do processo de escolarização da Instituições de Ensino Normal de Niterói e do Recife.

Para Marconi e Lakatos (2011), a história oral é subdividida em: Tradicional: onde se busca novos conhecimentos; Biográfica: quando fala propriamente da vida do sujeito da pesquisa e a Temática: que nos dá uma melhor base para estudar o nosso objeto de pesquisa, que é o Ensino Normal; como também, para Meihy e Ribeiro (2011), existem subdivisões da história oral, que eles chamam de "gêneros narrativos em história oral", que são: Tradição oral - onde as narrativas ultrapassam o tempo, admitindo novos recortes pela questão vivida por cada colaboradora, podendo passar por diversas gerações, onde Paul Thompson (2002) nos fala que mesmo uma pessoa que não viveu o determinado fato, mas teve uma aproximação e ouvia os relatos, é capaz de narrar determinado assunto, assim sendo as funcionárias das instituições citadas, compõem os relatos das fontes orais e documentais; História oral temática - utilizada como ferramenta para diversos campos acadêmicos, onde eles nos dizem "[...] A história oral temática é, quase sempre, usada como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos."(Meihy, 2002, p.145).

No caso dessa pesquisa, utilizaremos documentos oficiais e pessoais, que para Meihy e Holanda (2010), tanto as entrevistas transcritas e os documentos, criam assuntos de intervenção que dialogam com afinidade da temática estabelecida; História oral testemunhal - utilizada como aporte para relatos políticos, sem identificar os depoentes, preservando a identidade; História oral de vida - relata questões vivenciadas por pessoas ou grupos destas, onde Marconi e Lakatos (2011), chamam de bibliográfica, que para Meihy e Ribeiro (2011) são descrições com início, meio e fim. Ressaltando que história oral pode ser confundida com entrevista, nessa pesquisa a mesma é apresentada como (re)conhecedora da vivência das Normalistas e suas visões e interpretações sobre o Ensino Normal.

Portanto, as fontes orais são a base desta pesquisa, que se constituíram através do diálogo, entre entrevistador e entrevistados. Quando estas nos mostraram caminhos para a busca das fontes documentais impressas e outras fontes materiais, como: figuras, cadernetas,

convites e outros objetos. Estas fontes materiais, por si só, não demonstram dentro de si as minúcias que as lembranças de cada pessoa ou grupo destas trazem, ou seja, apresentam consigo juntamente na oralidade, toda a atmosfera do mundo individual e coletivo da sociedade da qual fazem parte.

[...] a história oral é uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, gravado, obtido através da interação entre o especialista e o entrevistado, ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão da sociedade [...] tem por finalidade o preenchimento de lacunas existentes. (HAGUETTE 2013, p.90).

Contudo, o estudo dar-se-á através de uma das matérias-primas da história oral, que é a memória. Nesse contexto, será protagonizada pelas jovens professoras, egressas da Escola Normal do Município da Côrte, Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, e, dessa forma, o denominador comum dessa pesquisa é que todas pertencem ao gênero feminino, e que todas estudaram e/ou trabalharam no Ensino Normal brasileiro.

Essa metodologia contribuirá com a abrangência dos objetivos, que se tem como objetivo geral: compreender quais foram os ensejos que expressaram, em meados do século XX, a implantação do Ensino Normal em Niterói/RJ e em Recife/PE para a formação das professoras, e como objetivos específicos: Demonstrar os arquétipos das Escolas Normais; Conhecer o contexto da inserção das mulheres nas Escolas: Normal do Município da Côrte, Normal Oficial de Pernambuco e na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora no período de 1946 a 1972, ora como docente, ora como discente, apresentando as relações da mulher com à educação institucionalizada, aos padrões de beleza, ao corpo, a subordinação e ao trabalho; onde consequentemente será organizado um banco de dados sobre a história das jovens Normalistas nas Escolas: Escola Normal do Município da Côrte, Normal Oficial de Pernambuco, e da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora .

[...] os chamados bancos de histórias se mostram como recurso fundamental para a formulação de documentos sobre experiências de grupos. Apropriada para i/emigrantes, comunidades submetidas a situações incomuns, entidades em busca de redefinição social, os bancos funcionam como coleções ou séries de história de vidas produzidas para:

1. promover a coleta planejada de experiências;
2. favorecer o autoconhecimento grupal;
3. instruir políticas públicas direcionadas a integração social;
4. reunir documentos capazes de permitir estudos futuros sobre adequação social (grifo nosso). (MEIHY E RIBEIRO, 2011, p.95-96).

Onde o banco de dados fortalece os futuros pesquisadores com fontes transcritas, cabendo a justificação para o critério da escolha da temática a ser estudada, a partir da visão do entrevistador e das respostas dos entrevistados, que neste caso são as colaboradoras. "[...]É relevante lembrar que só faz sentido discutir o documento em história oral se for considerada sua disponibilidade pública" (MEIHY, 2002, p.77), pois o conhecimento por meio das fontes orais, nos conduziram, após as transcrições, a documentos escritos, sempre levando em consideração o objetivo e ou intencionalidade da entrevistadora e das entrevistadas.

Nesse contexto, para Thompson (2002), as histórias orais dependem do intuito do entrevistador e subsequentemente do entrevistado, comumente a história se preocupa com as questões políticas e com as histórias de vida das pessoas, isso se dá pelo fato dos historiadores pertencerem a algum cargo administrativo de um determinado governo, em um grupo social, em uma época específica.

No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão. A história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance. (THOMPSON, 2002, p.25).

E é com a narrativa das Normalistas e das funcionárias, que se buscou a ampliação da conjuntura educacional, pois a escolarização perpassa por toda a comunidade escolar, porém, com o passar dos anos, segundo Thompson (2002, p.22), "[...] a utilização de entrevistas como fonte por historiadores profissionais, vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos." Já para Ecléa Bosi.

A observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela é tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. (BOSI, 2010, p. 38).

Como instrumento de investigação da história oral, preferimos pelas entrevistas, e subsequentemente a coleta documental, pois considera-se que a entrevista é um dos meios da coleta de dados, denominada pela História Oral como "fonte oral" e a transcrição como "transcrição". Sendo que, para Meihy e Holanda (2010, p.133) "[...] É assim que se justificam as variantes de uma mesma fonte, a palavra, que ao perder sua condição etérea ganha dimensões plásticas, viram letras grafadas", do mesmo modo, Verena Alberti (2005) descreve história oral de acordo com a direção da pesquisa, sendo que para a autora é "um

método de pesquisa, em um terreno multidisciplinar", para Meihy (2002, p.13), a "[...] História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita por uso de meios eletrônicos[...]." Neste sentido, optamos pelas entrevistas individuais, que Meihy (2002) chama de narrativas e as pessoas entrevistadas de colaboradoras, independente da categorização destas no processo, no sentido de construir, readquirir ou recompor vivências legitimadas por pessoas de um determinado grupo, sob distintas conjunturas.

A história oral se apresenta como forma de captação de experiência de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento. (MEIHY, 2002, p. 51).

Para esta pesquisa, escolhemos o tipo de entrevista "livre", porém orientada, que para Paul Thompson (2002, p.258) "[...] a entrevista completamente livre não pode existir [...]" pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita." Porquanto, focalizando na temática que foi pesquisada com o estímulo inicial com a frase: é tempo de lembrar!, agregadas por outras demandas intrínsecas ao momento da entrevista e ao objeto da pesquisa, ou seja, formula-se perguntas sem fugir do assunto, abrindo leque para que a entrevistada pudesse relatar outras ações que não se encontravam estipuladas.

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer registro "subjetivo" de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. (THOMPSON, 2002, p.258).

Nesse sentido, o entrevistador deve fazer um planejamento logístico prévio, para que no momento da entrevista, o entrevistado sinta-se seguro em relatar os seus conhecimentos relacionados aos objetos da pesquisa. Para Thompson (2002, p.9), seria melhor começar pelos encontros, "[...] A experiência prática da história oral conduzirá, por si só, às questões mais profundas a respeito da natureza da história." Nesta pesquisa, começo pelas entrevistas, e elas deram a orientação para o alcance dos objetivos propostos.

Como esta pesquisa irá trabalhar com a análise do conteúdo, Bardin (2011), também retratará a escolha do tipo de entrevista, de acordo com a "diretividade" ou "não diretividade" e "profundidade", ou seja, depende do cunho que se dá a pesquisa. Nela, utilizaremos a "não diretividade", que é entendida como "livre", onde o entrevistador vai conduzindo a entrevista com estímulo e equilíbrio.

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa -o entrevistado -orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. (BARDIN, 2011, p.93).

Mas, para que a entrevista aconteça, é necessário um planejamento, com os seguintes discernimentos: encontrar as pessoas que serão entrevistadas; a marcação com as mesmas; os aparelhos que serão utilizados; o local das entrevistas; a confiança de ambas as partes; e saber ouvir mais do que falar.

As entrevistas foram realizadas em diferentes ocasiões para os três grupos, o do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, o da Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora. Havendo uma câmara fotográfica para os documentos pessoais das colaboradoras e um gravador de voz Olympus DM-720, registrando seus relatos, sendo dado o estímulo para que pudessem relembrar o passado.

Segundo preceitos firmados no projeto, história oral implica uma série de decisões sobre circunstâncias das entrevistas; assim, deve-se especificar, além das definições de espaço e tempo de duração, se elas terão ou não estímulos e se as narrativas decorrentes serão livres ou estruturadas. Vantagens e desvantagens de cada situação devem fazer parte dos projetos. (MEIHY e HOLANDA, 2010, p.55).

E é justamente por trazê-las ao passado no presente, que a memória no processo de reflexão nos permite reescrever a história. Onde o passado não muda, mas muda nossa percepção de conhecimento do passado, pois segundo Bosi (2010, p.55) “[...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” Este tipo de pesquisa requer dinâmica do saber ouvir e a disponibilidade de tempo, pois são vários momentos diferentes. Para Bosi (2010), independente do que já viveram, a memória dessas Normalistas pode representar uma história social, com os costumes de uma determinada época.

[...] elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 2010, p.60).

É neste ponto de partida que poderemos colocar em cena as memórias desse grupo de Normalistas, que para Meihy e Ribeiro (2011, p. 36) “[...] a memória oral é objeto da matéria,

com método de condução e finalidade claros[...]," motivados na representação de uma época, isto é, ao buscar diversos catálogos de pesquisa que concebessem essa temática, não encontramos nenhuma que retratasse conjuntamente a Escola Normal de Niterói; a Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, mesmo estando tão imbricadas e distinguidas, que muitas vezes uma é confundida com a outra.

Entretanto, é a partir da história oral e da memória que se poderá confirmar os relatos dessas jovens estudantes, além do que se imagina, pois são três grupos de escolas diferentes, que tinham o mesmo objetivo, o Ensino Normal, e conseqüentemente a formação de professoras primárias. Esta pesquisa constitui-se também como documentos verbalizados, contextualizados e reveladores da história.

Podendo os mesmos contribuírem para a compreensão do sistema escolar e a formação dos professores. Portanto, considera-se enfim que os processos da educação são um conjunto de significações que foram sendo instaurados ao longo da história, não só no processo de formação das Normalistas, como também na sociedade em geral.

Os caminhos percorridos pelas entrevistas foram momentos valiosos, tenho a intenção e pretensão em dizer, e não longe de ser avaliada por esse juízo de valor, pois foram momentos estimados, um tesouro redescoberto em cada visita feita as Normalistas, sejam elas em Niterói-RJ ou em Recife-PE. Assim, pode-se perguntar: Visita? Isso mesmo: visita. As entrevistas feitas aconteceram de forma cordial, não foram encontros inspecionados e sim encontros esperados, encontros de velhos amigos.

Imagem 1 - Diversos momentos dos encontros



Fonte: A autora, (2012 - 2015).

Porém, saliento que, antes desses encontros, a busca pelas entrevistadas foi incessante, várias ligações para o Instituto Ismael Coutinho e a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, sucursal Niterói, vários e-mails; viagens; visitas e ligações às Instituições do Recife; busca pelas redes sociais das Normalistas da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora; almoços de confraternização; visitas aos sábados e domingos e, continuo... muitas ligações, muitas visitas e diálogos. Pessoas de grande valia, com avidez de falar e se sentir valiosa, pois a cada encontro, e foram muitos, era uma nova surpresa, um novo relato, uma nova indicação de outra Normalista, um novo documento. Foram encontros de aprendizagem, saudosismo, lembranças e ternura.

Quadro 1 - Cadastro das entrevistas

ENTREVISTADA (COLABORADORAS)	INSTITUIÇÃO	DADOS DAS GRAVAÇÕES	
		DATA DA ENTREVISTA	TEMPO DA ENTREVISTA
Áurea Lúcia Bonnard Dias	Escola Normal do Município da Côrte	24/07/2014	60':06"
Francisca Alves Martins	Escola Normal do Município da Côrte	23/07/2014	49':02"
Hanriete Conceição Souza Alves	Escola Normal do Município da Côrte	23/07/2014	26':15"
Iolete Barros de Araújo	Escola Normal Oficial de Pernambuco	18/08/2011	58':42"
Maria Lindete Oliveira	Escola Normal Oficial de Pernambuco	14/09/2015	90':30"
Norma Rodrigues de Figueirôa	Escola Normal Oficial de Pernambuco	04/07/2011	34':58"
Rosenilda de Paiva Diniz	Escola Normal Oficial de Pernambuco	20/09/2011	35':55"
Edivalda Porfírio de Albuquerque	Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	21/09/2015	47':37"
Ingracita Queiroz Bastos	Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	08/10/2015	58'47"
Maria José da Luz	Escola Normal	11/08/2015	72'25"

Bezerra	Pinto Júnior da Sociedade Propagadora		
Maria Lúcia Galiza de Oliveira	Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora	24/08/2015	50':04"

Fonte: A autora, (2015).

Todas as entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de tempo das Normalistas e funcionárias, assim sendo, não foi instaurado um determinado período de duração das mesmas, e como o viés da entrevista é a "livre", a mesma decorreu da forma mais espontânea possível, em relação ao número de Normalistas e funcionárias entrevistadas, não se deteve há um número "amostral", de cunho quantitativo, pois em história oral depende diretamente dos objetivos e da temática escolhida, pois também para Verena Alberti (2005), uma única pessoa pode suprir o objeto investigado, podendo ser complementado com outras fontes.

[...] a escolha dos entrevistados de uma pesquisa oral segue critérios qualitativos, e não quantitativos. Ocorre que tais critérios devem levar em conta também quantos entrevistados são necessários para que possa começar a articular os depoimentos entre si e, dessa articulação, chegar a inferências significativas para os propósitos da pesquisa. Ou seja, uma única entrevista pode ser relevante. (ALBERTI, 2005, p.36).

Os encontros foram realizados nos locais mais diversos, de acordo com a conveniência de cada entrevistada. As entrevistas da Escola Normal Oficial de Pernambuco foram realizadas nas dependências da própria Instituição educadora; as entrevistas realizadas na Escola Normal do Município da Côrte, em Niterói/Rio de Janeiro, no atual Instituto Professor Ismael Coutinho, Niterói-RJ, foram realizadas em salas do próprio Instituto, também em Niterói, e as do Pinto Júnior, foram realizadas nas residências das Normalistas, devido ao estado de conservação da referida instituição, exceto para Edivalda Porfírio de Albuquerque, que, como é sócia da Escola Pinto Júnior, tem um horário na instituição, segunda-feira, no período da manhã.

Como nesse estudo não houve delimitação de tempo, as particularidades do objeto de estudo foram surgindo no decorrer das entrevistas, sendo perceptível que, quando uma indicava a outra, elas se sentiam confortáveis, e quanto mais eu ia aos encontros, mais confiança elas depositavam e diziam detalhes, onde as nuances e a profundidade dos depoimentos sobressaíram em relação a quantidade. Como nos diz Gaskell (2013).

Essas formas de entrevistas qualitativas podem ser distinguidas de um, da entrevista de levantamento fortemente estruturada, em que é feita uma série de questões predeterminadas; e de outro, distingue-se da conversação continuada menos estruturada da observação participante, ou etnografia, onde a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período de tempo mais longo do que em fazer perguntas dentro de um período relativamente limitado. (GASKELL, 2013, p.64).

Neste contexto, esse estudo se deteve na abordagem qualitativa, apropriando-se da técnica de pesquisa da história oral, com os procedimentos do delineamento da investigação, delimitando o foco, isto é, determinando os locais de pesquisa e o grupo que foi entrevistado.

Pois para Meihy e Ribeiro (2011, p. 35), "A consideração da história oral como técnica [...] considera-se a existência de uma documentação paralela, escrita ou iconográfica." Dando continuação a coleta de dados nas instituições públicas: Escola Normal de Niterói e a Escola Normal Oficial de Pernambuco, e a privada: Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, que tiveram materiais que puderam aludir a pesquisa com as entrevistas.

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante. (CRESWELL, 2010, p.26).

Quanto ao tratamento da análise de dados, esse se deterá com a análise do conteúdo. A apreciação será feita através das características comuns expressadas oralmente pelas colaboradoras, como também os documentos, assim sendo, esclarecemos as particularidades encontradas na época de estudo proposto. Representando as informações da oralidade e da escrita, no aspecto qualitativo, organizando um banco de dados, pois as informações orais e sua análise, não se encontram em nenhum órgão público de armazenamento, como também as imagens particulares e seus documentos, como: teste de admissão, carteiras de frequências, fotos de formaturas, convites, fichas dezoito e dezenove.

Laurence Bardin (2011) no livro: *Análise do Conteúdo*, explica várias etapas e categorias das entrevistas e suas análises, como a categorização, a codificação, expressão e relações, mas nesse estudo rico de conteúdo e de suas especificidades individuais, se deterá nas significações expressadas pelas colaboradoras, no sentido de gênero, família, a educação que proporcionou a sua formação profissional, e o que elas tiveram em comum, nos três grupos e nas duas regiões, isto é, fazendo uma categorização do processo que:

A principal dificuldade da análise de entrevistas de inquérito deve-se a um *paradoxo*. De forma geral, o analista confronta-se com um conjunto de "x" entrevistas, e o seu objetivo final é poder inferir algo, por meio dessas palavras, a propósito de uma realidade (seja de natureza psicológica, sociológica, histórica, pedagógica...) representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social. (BARDIN, 2011, p.95).

Portanto, na construção da categorização, irá ao longo do texto das entrevistas transcritas, usar tipologias diferentes, representando as distintas comunicações relatadas, partindo de um contexto macro, que poderá levar para outros questionamentos. O principal, será a compreensão da implantação do Ensino Normal, juntamente com o contexto da inserção das mulheres nas Escolas: Normal do Município da Corte, Normal Oficial de Pernambuco e na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, no período de 1946 a 1972.

Este tipo de análise, o mais generalizado e transmitido, foi cronologicamente o primeiro, podendo ser denominado análise categorial. Esta pretende tomar em consideração a totalidade de um "texto", passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento. [...] A finalidade dessa classificação é deduzir daí certos dados. (BARDIN, 2011, p.42-43).

Nos próprios quadros das produções dos conhecimentos, foi utilizado o princípio da categorização, onde elaboramos e dividimos por: região, estado, instituição, nível de pesquisa, título e ano. Afim de sistematizar como a temática do Ensino Normal vem sendo estudada e contemplada no Brasil.

Na transferência da forma oral para a escrita, não mudaremos o sentido do pensamento das entrevistadas, havendo uma variação de entendimento na audição, porque nem todas às vezes falam da mesma forma que escrevem, todavia nos caberá transcrevê-las sem perder os detalhes, pois estes muitas vezes não são encontrados nos documentos oficiais.

[...] Leva-se muito mais tempo para escutar do que para ler, e se o que foi gravado tiver que ser citado num livro ou artigo, é preciso primeiro fazer uma transcrição. Por outro lado, a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. (THOMPSON, 2002, p.146).

Transcrever e contar as histórias das Normalistas, através da sua memória, é explicar esse trajeto, não só das suas bases educacionais como também das sociais, uma vez que a educação está inserida na sociedade, e a forma de comportamento está sobreposta em ambas as instâncias citadas acima. É uma escolha funcional, na qual os caminhos percorridos estão

ligados às questões da formação pessoal de cada aluna entrevistada, ou seja, estão relacionados como uma parte da sua história de vida.

1.2 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO FONTE DOCUMENTAL

Pautamos no desafio de demonstrar a população acadêmica, em relação aos estudos realizados com a temática "Escola Normal e Ensino Normal", fazendo um panorama em diferentes plataformas que depositam teses e dissertações, não aprofundando os conteúdos destas publicações, e sim fazendo um inventário de forma descritiva nos resumos e/ou em toda a pesquisa propriamente dita, pois em alguns resumos não haviam as informações necessárias para a nossa categorização e conseqüentemente a contextualização das determinadas publicações, no contexto da categorização dos tipos de pesquisas que são elencadas, juntamente com autores(as) e orientadores(as), no período de 1995 até 2015. Nesta temporalidade das publicações, não houve um critério específico para a sua escolha, sendo coletado o que os bancos de dados expuseram, mediante os descritores.

Justifica-se a escolha pela produção do conhecimento, pelo fato da apropriação da "totalidade" dos estudos em relação as "Escolas Normais e Ensino Normal", tanto em relação a quantitatividade por regiões e subsequentemente por Estado e Universidades. Sendo realizado um levantamento nas plataformas de publicações de pesquisas oriundas de cursos de pós-graduações, no nosso caso teremos as plataformas: da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), e a da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações/Universidade Federal de Pernambuco (BDTD/UFPE), que está integrada à base nacional da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Essa escolha perpassa pela temática, devido a primeira Escola Normal ter sido em Niterói-RJ, ou seja, necessita de um banco de dados nacional para obter dados de identificação, qualificação e quantificação das referidas instituições educacionais do Rio de Janeiro e em Pernambuco.

Nesse esforço de ordenação da uma certa produção de conhecimento também é possível perceber que as pesquisas crescem e se espessam; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; diversificam-se os locais de produção; em algum tempo ou lugar ao longo de um período. (FERREIRA, 2002, p.5).

Mas salientamos que, ao pesquisarmos nos bancos de teses e dissertações, tivemos como critério (descritores) para a seleção das mesmas a "Escola Normal e o Ensino Normal",

onde ao total foram 752 (setecentas e cinquenta e duas) teses e dissertações, com os mais diversos títulos, inclusive com temas voltados aos ensinos de disciplinas específicas, mas como o nosso critério é o Ensino Normal na contextualização histórica, fizemos uma seleção a partir da leitura dos resumos e das pesquisas na íntegra, e elaboramos os quadros a seguir:

Quadro 2 - Estudo do conhecimento na região nordeste pela CAPES

R E G I Ã O	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
	BA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	X		REFORMAS EDUCACIONAIS E A PEDAGOGIA MODERNA: mudanças no pensar e fazer pedagógico da escola normal (1911 1931)	2011
		UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA		X	A NORMALISTA COMO INTERSEÇÃO: escola, literatura, imprensa e estratégias políticas no estado novo (Alagoinhas / 1937-1945)	2012
		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA		X	DE NORMALISTAS A PROFESSORAS: um estudo sobre a trajetória profissional feminina em Feira de Santana (1950-1960)	2011
	CE	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ		X	MITOS E RITOS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE	2012
	MA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO		X	A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA MARANHENSE NO ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DA PROFESSORA NA ESCOLA NORMAL PÚBLICA	2011

					EM SÃO LUÍS (1930-1945)	
		UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO		X	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES NO MARANHÃO (1903-1920)	2011
	PB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA		X	COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: caminhos da escola normal em Catolé do Rocha/PB - 1939 a 1959	2012
		UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA		X	VOZES FEMININAS NA DÉCADA DE 1930: as contribuições educativas da associação paraibana pelo progresso feminino	2011
	RN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	X		O CURSO NORMAL DE 1º CICLO EM ASSU/RN (1951- 1971)	2011
		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE		X	CONCEITOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NOS REGIMENTOS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO NORTE (1910 1930)	2012
	SE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	X		CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM SERGIPE NO SÉCULO XIX (1827-1880)	2012

Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 17/07/2015.

No transcurso do material encontrado no Nordeste pela CAPES, foram dez dissertações e uma tese, intitulada: **REFORMAS EDUCACIONAIS E A PEDAGOGIA MODERNA: mudanças no pensar e fazer pedagógico da escola normal (1911 1931)**, pela Universidade Federal da Bahia, do Doutorado em Educação onde a autora, relata que se baseou na História Cultural, da autoria de Cristina Barroso e orientada pela Profa. Dra. Sara Martha Dick. Descrevendo a questão da precisão de averiguar os elementos, que até então estavam desvalorizados e que tinham importância para a constituição das informações da historiografia, retratando sobre a implantação de políticas públicas e as reformas educacionais, considerando as transformações nas formas de pensar e do fazer pedagógico da Escola Normal. A dissertação: **A NORMALISTA COMO INTERSEÇÃO: escola,**

literatura, imprensa e estratégias políticas no estado novo (Alagoinhas/1937-1945), da Universidade do Estado da Bahia, do mestrado em História Regional, defendida na linha de pesquisa-estudos regionais: campo e cidade, foi dado o enfoque historiográfico, a partir da obra "Pelos Caminhos da vida de uma Professora Primária (1978)" de Maria Feijó de Souza. Nas suas indagações a autora Eliana Batista, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Santos Silva, nos relata sobre a formação da professora primária durante o Estado Novo, e em particular na cidade de Alagoinhas (BA), trazendo as articulações que foram feitas entre o Estado, a Escola e a Imprensa. Já a dissertação **DE NORMALISTAS A PROFESSORAS: um estudo sobre a trajetória profissional feminina em Feira de Santana (1950-1960)**, da Universidade Estadual de Feira de Santana, do mestrado em História, nos traz as trajetórias profissionais na cidade de Feira de Santana, analisando as trajetórias de mulheres que exerceram o magistério primário nesta cidade. A história oral foi utilizada como fonte do processo metodológico, elaborada por Mayra Cardoso, sob a orientação da Profa. Dra. Ione Celeste Jesus de Sousa. Tendo como objetivos específicos a análise das suas estratégias de sobrevivência e resistência na profissão e no dia-a-dia, seja nos espaços privado ou público; e o outro objetivo foi problematizar/compreender a inserção e o exercício do magistério feminino. Faz uso de fontes orais e dos autores, como: Edward Palmer Thompson, Joan Scott, Verena Alberti, e Paul Thompson.

Na base de dados no estado do Ceará, encontramos a dissertação **MITOS E RITOS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE**, pela Universidade Estadual do Ceará, apresentada no Centro de Educação, no mestrado em Educação. Onde foi utilizada a pesquisa histórico-documental, com o objetivo de estabelecer uma relação entre o mito, os ritos vivenciados e as práticas associadas ao conceito de Ruralismo Pedagógico. Defendida por Sarah Varela, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Germano Magalhaes Junior. Tendo como referencial teórico, autores como Thompson, e Certeau, além do jornal "O Lavrador", estabelecendo uma relação entre o mito, os ritos vivenciados e as práticas associadas ao conceito de Ruralismo Pedagógico. A demarcação temporal estabelecida nesta pesquisa representa os anos de formação das três primeiras turmas da referida escola, que teve seu ato inaugural em 1934.

No estado do Maranhão, obtivemos duas dissertações, defendidas no mesmo ano. **A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA MARANHENSE NO ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DA PROFESSORA NA ESCOLA NORMAL PÚBLICA EM SÃO LUÍS (1930-1945)**. Universidade Federal do Maranhão do mestrado em Educação, tendo a pesquisa historiográfica como base, a autora Fernanda Lopes Rodrigues, teve a orientação da Profa.

Dra. Diomar das Graças Motta, que tive o prazer de conhecer, de ler e me inspirar na sua obra: Ingresso de mulheres no magistério maranhense: dote ressignificado, para a temática inicial do meu doutorado. Esta pesquisa se baseou nos teóricos: Guimarães, Hahner, Hofbauer, Louro, Meyer, e Scott, e as fontes documentais: os processos da instrução pública, relatórios do interventor federal e diretores da instrução pública, edições do Diário Oficial do Estado e dos jornais “O Imparcial” e “A voz do Norte”, como também textos da legislação educacional e obras pedagógicas publicadas por intelectuais à época. Mesmo sendo o enfoque dessa dissertação a raça/etnia, temos em comum o gênero e o Ensino Normal. A outra dissertação do Estado do Maranhão é, **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES NO MARANHÃO (1903-1920)**, da Universidade Federal do Maranhão, no mestrado em Educação. Foi utilizada a técnica da pesquisa bibliográfica, defendida por Diana Rocha da Silva, e orientada pelo Prof. Dr. César Augusto Castro, onde objetivou-se analisar as principais ações promovidas pelo poder estadual em prol da criação dessas escolas reconhecidas. Para tais análises tiveram como base as fontes primárias, os autores: Vidal (2006, 2007), Faria Filho (2006, 2007), Souza (2006, 2007, 2008, 2010), Motta (2006), Saldanha (1992), e fontes secundárias: documentos da Escola Normal (1903-1914), da Secretaria Geral da Instrução Pública Maranhense (1906-1910); relatórios dos Inspectores e Delegados da Educação (1903-1911), ofícios, notas fiscais de compra de materiais, fotografias, relatórios de Governadores do Estado (1903-1922), lista de frequência e de notas de alunos e análise do Regimento Interno dos Grupos Escolares.

Na Paraíba, também tivemos duas dissertações, mas defendidas em anos diferentes e ambas são da mesma instituição, do mesmo centro acadêmico, e do mesmo programa de pós-graduação. A dissertação: **COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: caminhos da escola normal em Catolé do Rocha/PB - 1939 a 1959**, aparece nessa pesquisa, tanto no quadro da CAPES, quanto no da BDTD-IBICT, da Universidade Federal da Paraíba, do mestrado em Educação. Na questão da metodologia, foi utilizado a técnica de pesquisa da história oral, a autora Maria Cleide Soares e o Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso, tiveram como objetivo geral, analisar o processo de criação e funcionamento do Colégio, sobretudo em relação às informações sobre o contexto histórico do momento educacional referentes aos séculos XIX e XX e temas sobre cultura escolar. Porém, ficou a lacuna da análise temporal do título em relação ao objetivo citado, pois o período difere dos séculos. A dissertação **VOZES FEMININAS NA DÉCADA DE 1930: as contribuições educativas da associação paraibana pelo progresso feminino**, da Universidade Federal da Paraíba, do mestrado em Educação, tem como metodologia a historiografia. A autora, Paula Frassinetti

Carvalho e a orientadora, Prof^a. Dr^a. Mauriceia Ananias, tiveram como objetivo analisar as contribuições educativas da Associação Paraibana pelo progresso feminino, como as mulheres produtoras de conhecimentos, utilizando-se dos conceitos de configuração social, segundo os princípios de Nöbert Elias, e as representações, segundo Roger Chartier. Essa pesquisa foi constituída no mestrado acadêmico em Educação. Associação Paraibana pelo Progresso Feminino no âmbito educativo, com vistas a enxergar que através da educação as mulheres teriam a efetivação na conquista dos direitos femininos.

Nesta base de dado, no Rio Grande do Norte, encontramos uma tese e uma dissertação. A tese é: **O CURSO NORMAL DE 1º CICLO EM ASSU/RN (1951 - 1971)**, da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, do doutorado em Educação, com o cunho metodológico da história cultural, da autora: Maria da Conceição Silva, e orientadora a Prof^a. Dra. Maria Arisnete Câmara de Moraes. Tendo como objetivo geral a análise da história do Curso Normal de 1º Ciclo em Assu, Rio Grande do Norte, desde a sua criação pela Lei Estadual n. 621, de 06 de dezembro de 1951, até a sua extinção, ou seja, a autora retrata ao longo da sua pesquisa através das fontes documentais e orais, os caminhos que constituíram o funcionamento e as práticas educativas desta instituição, formadora de professoras, ao longo de sua existência, com a exposição das entrevistas e imagens das suas depoentes. A dissertação **CONCEITOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NOS REGIMENTOS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO NORTE (1910 1930)**, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do mestrado em Educação, tem como processo teórico-metodológico a história cultural, teorizada e articulada pela análise do discurso, de autoria de Marta Rodrigues, e sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes. Objetivando analisar a concepção de infância na dimensão da prática pedagógica, presente nos segmentos escolares e historicamente construídos nas relações de poder, abordando os regimentos internos dos campos escolares, regimentos internos das escolas de Ensino Normal e as reformas de ensino.

No estado de Sergipe encontramos uma tese, intitulada: **CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM SERGIPE NO SÉCULO XIX (1827-1880)**, da Universidade Federal de Sergipe, do doutorado em Educação. Baseada nos princípios metodológicos da História Cultural, sendo de autoria de Simone Amorim e orientada pela Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, tendo como objetivo analisar o processo de constituição da Instrução Primária no século XIX, no tocante à legislação e a imprensa, na perspectiva do movimento e da configuração da profissão docente. Neste sentido, a autora, no decorrer da sua pesquisa, nos diz que o ensino nas Escolas Normais eram

de suma importância para a formação dos professores, que seriam as principais pessoas responsáveis pela formação das novas gerações.

Quadro 3 - Estudo do conhecimento na região norte pela CAPES

R E G I ÃO	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
N O R T E	PA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ		X	FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ: os discursos de seus administradores acerca da necessidade de se instaurar uma Escola Normal (1838 1871)	2012

Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 17/07/2015.

Na região norte do Brasil encontramos, dentro do contexto de cinco universidades públicas, a dissertação: **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ: os discursos de seus administradores acerca da necessidade de se instaurar uma Escola Normal (1838 1871)**, da Universidade Federal do Pará, no mestrado em Educação, onde foi utilizada a metodologia da pesquisa documental, pois devido a questão temporal desta pesquisa, não haveria mais pessoas disponíveis para dialogar com a questão da implantação da referida instituição. Essa pesquisa foi desenvolvida por Rogério Guimarães Malheiros, e orientada pelo Prof. Dr. Genylton Odilon Rego da Rocha, tendo como objetivo os discursos dos Presidentes da Província do Grão-Pará acerca da necessidade de se implantar, na capital da Província, cidade de Belém, uma Escola Normal destinada ao preparo

específico de professores, sendo perceptível o interesse e a necessidade da formação de professores das primeiras letras em todo o território nacional.

Quadro 4 - Estudo do conhecimento na região sudeste pela CAPES

R E G I Ã O	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
S U D E S T E	MG	UNIVERSIDAD E FEDERAL DE OURO PRETO		X	PEDAGOGIA LIBERAL NA INSTRUÇÃO PÚBLICA DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS: a Escola Normal de Ouro Preto 1835-1852	2011
		UNIVERSIDAD E FEDERAL DE MINAS GERAIS	X		CAMINHOS DA DOCÊNCIA: trajetórias de mulheres professoras em Sabará - Minas Gerais (1830-1904)	2011
		UNIVERSIDAD E TIRADENTES		X	CIVILIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-SE, 1949-1955)	2012
		UNIVERSIDAD E ESTADUAL		X	SANTA, ESPOSA-MÃE E PROFESSORA: revista Flor do Lácio e	2011

		DE MONTES CLAROS			educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943 - 1957)	
	RJ	UNIVERSIDAD E DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO		X	CONGREGAÇÃO DA ESCOLA NORMAL: da legitimidade outorgada à legitimidade (re)conquistada (1880-1910)	2011
		UNIVERSIDAD E DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO		X	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS COMO ORIENTAÇÃO PARA A "MISSÃO DOCENTE": a formação na Escola Normal de Niterói na primeira república (1893-1918)	2011
		UNIVERSIDAD E FEDERAL FLUMINENSE	X		ESCOLA NORMAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA BAIXADA FLUMINENSE: práticas político-pedagógicas cotidianas	2011
		UNIVERSIDAD E DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO		X	"QUE SEJAM AS MÃES DA PÁTRIA" - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO CURSO NORMAL RURAL DE CANTAGALO	2011
		UNIVERSIDAD E FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO		X	A REESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E NORMAL NA DITADURA MILITAR (1964-1985): o caso da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto de Educação do estado da Guanabara	2011
		UNIVERSIDAD E CATÓLICA DE PETRÓPOLIS		X	A QUESTÃO DE GÊNERO NO MAGISTÉRIO: a presença masculina no Curso Normal	2012
	SP	PONTIFÍCIA UNIVERSIDAD E CATÓLICA DE SÃO PAULO		X	COLECIONANDO LIVROS, FORMANDO MESTRES: a Biblioteca Pedagógica da Escola Normal de São Paulo (1883)	2011
		PONTIFÍCIA UNIVERSIDAD E CATÓLICA DE SÃO PAULO	X		DA ESCOLA NORMAL À HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO EM 2º GRAU: práticas e apropriações (1961-1981)	2011

		PAULO				
		UNIVERSIDAD E ANHANGUERA DE SÃO PAULO	X		A FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) NA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE/CE SOB UMA PERSPECTIVA ETNOMATEMÁTICA	2011
		PONTIFÍCIA UNIVERSIDAD E CATÓLICA DE SÃO PAULO	X		UM VIVEIRO DE MESTRES: a Escola Normal e a cidade de Belém do Pará em tempos de modernização (1890-1920)	2012
		UNIVERSIDAD E ESTADUAL PAULISTA	X		ESCOLA COMPLEMENTAR E NORMAL DE PIRACICABA: formação, poder e civilidade (1897-1923)	2011
		UNIVERSIDAD E FEDERAL DE SÃO CARLOS		X	AS APROPRIAÇÕES DAS IDEIAS EDUCACIONAIS DE JOHN DEWEY NA ANTIGA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS-SP	2012
		UNIVERSIDAD E DE SÃO PAULO		X	CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS: vida e morte, a experiência de uma Escola Estadual - 1964-2004	2011
		UNIVERSIDAD E DE SÃO PAULO		X	CIRCULAÇÃO DOS PROFESSORES DIPLOMADOS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO PELA INSTRUÇÃO PÚBLICA (1890-1910)	2012

Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 17/07/2015

Conhecimentos integrantes das teses e dissertações por estado, do quadro acima, que se inicia por Minas Gerais. A dissertação: **PEDAGOGIA LIBERAL NA INSTRUÇÃO PÚBLICA DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS: a Escola Normal de Ouro Preto 1835-1852**, da Universidade Federal de Ouro Preto-MG, do mestrado em História, da linha de pesquisa: Poder, Espaço e Cultura, a metodologia é a documental, tendo como autora Ana Luzia Anunciação e orientada pelo Prof. Dr. Francisco Eduardo de Andrade, vem relatar sobre a instrução pública da lei provincial de 1835, que determinava a criação da Escola

Normal em Ouro Preto Minas Gerais, para a formação de professores do ensino primário. A tese: **CAMINHOS DA DOCÊNCIA: trajetórias de mulheres professoras em Sabará**, Universidade Federal de Minas Gerais, do doutorado em Educação, aborda a metodologia de estudos de trajetórias (biografia, prosopografia, história de vida), onde a autora se baseia em Giovanni Levi, com autoria de Cecília Vieira do Nascimento, orientada pelo Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho, onde questiona não só a inserção das mulheres para serem professoras primárias através da Escola Normal, como também outras vias de acesso a serem instrutoras primárias, perfazendo uma história através de um determinado grupo de professoras. A dissertação **CIVILIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: um mosaico do Ensino Normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-SE, 1949-1955)** da Universidade Tiradentes, defendida no mestrado em Educação, com a metodologia da História cultural de Rogério Freire Graça, e como orientadora a Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, tendo como eixo norteador a formação e práticas de civilidade das professoras e a cultura escolar do curso Normal Regional em Estância-SE. E, por último, em Minas Gerais, na abrangência da nossa pesquisa, temos a dissertação **SANTA, ESPOSA-MÃE E PROFESSORA: revista Flor do Lácio e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943-1957)**, da Universidade Estadual de Montes Claros do mestrado em Desenvolvimento Social. A metodologia utilizada para a elaboração deste estudo foram as representações sociais, vinculadas às revisões bibliográficas, análises das fontes escritas e impressas, e interpretação de fontes orais, com autoria de Kátia Franciele Correa Borges, orientada pela Profa. Dra. Sarah Jane Alves Durães, tendo como cunho a instrução e escolarização feminina como condição para o progresso.

Na seção das teses e dissertações da Plataforma da CAPES, encontramos nas do Rio de Janeiro a dissertação: **CONGREGAÇÃO DA ESCOLA NORMAL: da legitimidade outorgada à legitimidade (re)conquistada (1880-1910)**, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do mestrado em Educação, tendo como processo metodológico a pesquisa bibliográfica, de autoria de Heloisa Helena Meirelles dos Santos, tendo como orientadora a Profa. Dra. Ana Chrystina Venâncio Mignot, ressaltando a legitimação da Congregação da Escola Normal no cenário político-educacional nos últimos anos do século XIX e nos primeiros anos do século XX. A dissertação **CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS COMO ORIENTAÇÃO PARA A "MISSÃO DOCENTE": a formação na Escola Normal de Niterói na primeira república (1893-1918)** da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no mestrado em Educação, tendo como processo metodológico a

historiografia, como autora Ariadne Lopes Ecar, orientada pela Profa. Dra. Alessandra Frota Martinez de Schueler, analisa as políticas públicas para a formação de professores, dirigidas à Escola Normal de Niterói de 1893 a 1915. A tese **ESCOLA NORMAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA BAIXADA FLUMINENSE: PRÁTICAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS COTIDIANAS**, da Universidade Federal Fluminense no doutorado em Educação, tem como processo metodológico história de vida, de autoria de Eunice Maria Ferreira Silva e o orientador Prof. Dr. João Baptista Bastos, tiveram como proposta a discussão de algumas narrativas de alunas e professoras das práticas político-pedagógicas, em uma Escola Normal de formação de professores e professoras. Na dissertação **"QUE SEJAM AS MÃES DA PÁTRIA"-HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO CURSO NORMAL RURAL DE CANTAGALO**, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do mestrado em Educação, da linha de pesquisa Formação de Professores, História, Memória e Práticas Educativas, a proposta metodológica não se encontra de forma explícita, cuja autora é Marcela Loivos Considera, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Conde Sangenis. Ela estuda a triangulação entre Estado (formulação de políticas públicas de formação do magistério para o campo), Escola (projeto pedagógico forjado no ruralismo) e Comunidade (que almejava a inserção de seus filhos no contexto urbano). Outra dissertação é **A REESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E NORMAL NA DITADURA MILITAR (1964-1985): o caso da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto de Educação do estado da Guanabara**, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, do mestrado em Educação da linha de pesquisa em: Desigualdades Sociais e Políticas Educacionais, onde a metodologia é a de revisão bibliográfica, com estudos referentes às reformas educacionais e suas consequências nos referidos cursos, através de documentos. A autora, Fabiana de Moura Maia Rodrigues, orientada pela Prof. Dra, Célia Regina Otranto, tem como pressuposto, as transformações decorrentes das reformas educacionais impactaram esse locus de formação, seja pela falta de professores, pela mudança no perfil dos alunos e mesmo pela falta de transparência e debate na sanção da legislação do período estudado. A dissertação: **A QUESTÃO DE GÊNERO NO MAGISTÉRIO: a presença masculina no Curso Normal**, da Universidade Católica de Petrópolis, no mestrado acadêmico em Educação, com os pressupostos metodológicos dos Estudos Culturais, sendo sua autora Nelma Bernardes Vieira e sob orientação do Prof. Dr. Antônio Flávio Barbosa Moreira, pontua-se a compreensão da presença masculina no Curso Normal. Com os conceitos de identidade, masculinidade e relações de gêneros.

Em São Paulo, pontuamos as seguintes teses e dissertações. A Dissertação **COLECIONANDO LIVROS, FORMANDO MESTRES: a Biblioteca pedagógica da Escola Normal de São Paulo (1883)**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do mestrado em Educação, tendo como base metodológica a revisão bibliográfica em torno dos livros do acervo adquirido pelo professor Paulo Bourroul, em viagem à França no ano de 1883, para integrar a biblioteca da Escola Normal de São Paulo, de autoria de Marina Gugliotti Pestana, orientada pela Profa. Dra. Circe Maria Fernandes Bittencourt, com a finalidade de mapear as ideias pedagógicas, que estavam nos referidos livros, que apontavam a formação dos professores da Escola Normal de São Paulo no final do século XIX. A tese **DA ESCOLA NORMAL À HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO EM 2º GRAU: práticas e apropriações (1961-1981)**, a metodologia utilizada defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do doutorado em Educação, implantando a História Cultural como base metodológica, com autoria de Sandra Herszkowicz Frankfurt, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni, objetivando a passagem da formação de professores da Escola Normal para a Habilitação Específica do Magistério. A tese **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) NA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE SOB UMA PERSPECTIVA ETNOMATEMÁTICA**, da Universidade Anhanguera de São Paulo, do doutorado em Educação Matemática, cuja metodologia utilizada é a histórico-etnográfico, de autoria de PAULO SERGIO PEREIRA DA SILVA, e orientada pelo Prof. Dr. UBIRATAN D'AMBROSIO, tendo como proposta a investigação da formação de professores(as) da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte e a sua historicidade. A tese **UM VIVEIRO DE MESTRES: a Escola Normal e a cidade de Belém do Pará em tempos de modernização (1890-1920)**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo do doutorado em História, com a metodologia de estudo histórico cultural, de autoria de Raimundo William Tavares Junior, orientado pela Prof. Dra. Estefânia Knotz Ganguçu Fraga, trazendo a discussão da Escola Normal na cidade de Belém, entre 1890 e 1920, período em que discursos e práticas de modernização atingiram e se confrontaram com modos de vida tradicionais paraenses. A tese **ESCOLA COMPLEMENTAR E NORMAL DE PIRACICABA: formação, poder e civilidade (1897-1923)**, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, do doutorado em Educação, utilizando a metodologia histórica, de autoria de Tony Honorato, orientado pelo Prof. Dr. Carlos Roberto da Silva Monarcha, pesquisou como as relações de poder, em uma das mais antigas instituições escolares voltada à formação de professores,

colaboraram com o esforço educacional no processo civilizador do homem piracicabano na modernidade republicana.

A dissertação **AS APROPRIAÇÕES DAS IDEIAS EDUCACIONAIS DE JOHN DEWEY NA ANTIGA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS-SP**, Universidade Federal de São Carlos, no mestrado em Educação, a pesquisa corresponde a uma metodologia teórico-bibliográfica, com autoria de Michele Varotto, orientada por Alessandra Arce Hai, demonstrando a compreensão de apreensão pelos docentes e Normalistas, as aproximações ou não que houveram neste movimento. A dissertação **CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS: vida e morte, a experiência de uma Escola Estadual - 1964-2004**, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, do curso de mestrado em Educação, com a metodologia historiográfica, de autoria de Regina Balão, orientada pela Profa. Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, compreendendo as relações e os diferentes níveis e modalidades de ensino que estabeleceram com a sociedade, delineando os atos normativos e as ações dos sujeitos que viveram a escola, descortinando historicamente a dinâmica de seu cotidiano. Por fim, a dissertação **CIRCULAÇÃO DOS PROFESSORES DIPLOMADOS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO PELA INSTRUÇÃO PÚBLICA (1890-1910)**, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, do curso de mestrado em Educação, a metodologia não fica clara, mas com a utilização de autores da história oral, denomina-se a mesma com esse processo de pesquisa, de autoria de Marcelo Figueiredo de Meneses, orientado pela Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho, com a proposta de analisar a trajetória profissional de um conjunto bem delimitado de professores, verificando para quais escolas ou cargos foram nomeados ou removeram-se, e também por quais regiões do estado deslocaram-se, com a finalidade de mapear seu trânsito pelas instituições de ensino e sua distribuição pelo território paulista.

Quadro 5 - Estudo do conhecimento na região sul pela CAPES

R E G I ÃO O	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
S U L	PR	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ		X	A ESCOLA NORMAL REGIONAL E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: dois retratos de um mesmo cenário no interior do Paraná	2011
		PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ		X	A PRIMEIRA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PATO BRANCO 1960-1986, E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E EDUCACIONAL DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ	2012
		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA		X	MARCOS POSSÍVEIS PARA RECONSTITUIR A HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR JULIA DE SOUZA WANDERLEY: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procópio-PR (1953-1967)	2012
	RS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS		X	A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)	2012
	SC	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE		X	FINALMENTE... TEMOS UMA ESCOLA NORMAL!: saberes e práticas na formação de normalistas na Escola Madre Teresa Michel (1958-1973)	2011

Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em 17/07/2015.

Todas as pesquisas encontradas na região sul pela CAPES, são dissertações. As do Paraná tem o seguinte perfil. **A ESCOLA NORMAL REGIONAL E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: dois retratos de um mesmo cenário no interior do Paraná**, foi defendida na Universidade Estadual de Maringá, no mestrado em Educação, sendo aportada a metodologia da pesquisa bibliográfica e documental de cunho qualitativo, tendo a autoria de Luciana Hervatini, orientada pela Profa. Dra. Analete Regina Schelbauer, discutindo inicialmente os aspectos históricos das Escolas Normais no Paraná e os encaminhamentos para a formação de professores pelos Cursos Normais Regionais. A dissertação **A PRIMEIRA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PATO BRANCO 1960-1986, E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E EDUCACIONAL DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ**, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, no mestrado em Educação, a metodologia utilizada foi a pesquisa histórica documental, de autoria de Cassiane Gemi, orientada pela Profa. Dra. Maria Elisabeth Blanck Miguel, constatando que a Escola Normal implantada em Pato Branco, em 1960 a 1986, foi fundamental para o desenvolvimento social e educacional daquele município e de outros localizados na região sudoeste do Paraná. Outra dissertação é a **MARCOS POSSÍVEIS PARA RECONSTITUIR A HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR JULIA DE SOUZA WANDERLEY: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procopio-PR (1953-1967)**, da Universidade Estadual de Londrina, mestrado em Educação, adotando a metodologia da pesquisa histórica de abordagem qualitativa, de autoria de Adalcia Canedo da Silva Nogueira, orientada pela Profa. Dra. Marlene Rosa Cainelli, contextualizando o projeto de educação nacional nos movimentos e ideias emergentes no transcorrer do século XX, referenciando o resgate histórico e crítico da formação do Ensino Normal brasileiro e a trajetória paranaense no mesmo período, analisando as identidades e originalidades da criação da Escola Normal.

A dissertação do Rio Grande do Sul, é **A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)**, da Universidade Federal de Pelotas, no mestrado em Educação, tendo como metodologia a pesquisa documental e história oral, de autoria de Patricia Silveira Zaneti, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Arriada, analisou o papel das matrículas das alunas, o currículo, o regimento, as práticas intra e extramuros, passando pelo estágio e chegando ao dia da formatura, constituindo um importante marco na educação de Canguçu, sendo que esta primeira turma descortina a mudança na profissionalização do professor, elevando a qualidade do trabalho nas escolas.

NA dissertação de Santa Catarina, **FINALMENTE... TEMOS UMA ESCOLA NORMAL!:** saberes e práticas na formação de Normalistas na Escola Madre Teresa Michel (1958-1973), da Universidade do Extremo Sul Catarinense, do mestrado em Educação, a metodologia da historiografia, de autoria de Graziela Pavei Peruch Rosso, orientada pela Prof. Dra. Giani Rabelo, fornecendo elementos à compreensão da cultura disseminada pelas instituições formadoras de professores em Santa Catarina, bem como sua influência na reprodução cultural de um jeito de ser professora, condizente com os objetivos a serem alcançados pela ideologia dominante.

Quadro 6 - Estudo do conhecimento na região nordeste pela BDTD - IBICT

R E G I Ã O	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
N O R D E S T E	CE	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	X		MULHERES LETRADAS E MISSIONÁRIAS DA LUZ: formação da professora nas Escolas Normais do Ceará - 1930 a 1960	2007
	PE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO		X	A ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PERNAMBUCO: a inserção das mulheres	2006
		UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO		X	O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas	2012
	PB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA		X	EDUCAÇÃO FEMININA: ideias e concepções sobre a formação da mulher veiculadas na imprensa da Parahyba do	2010

		PARAÍBA			Norte (1912-1927)	
		UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA		X	COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: caminhos da Escola Normal em Catolé do Rocha/PB 1939 a 1959	2012
		UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	X		ESCOLA NORMAL NA PARAHYBA DO NORTE: movimento e constituição da formação de professores no século XIX	2010
	RN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	X		A ESCOLA NORMAL DE NATAL (RIO GRANDE DO NORTE, 1908 - 1971)	2013
		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	X		DE ESCOLA NORMAL DE NATAL A INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PRESIDENTE KENNEDY (1950 - 1965): configurações, limites e possibilidades da formação docente	2007

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD - IBICT), em 17/07/2015.

A tese do Estado do Ceará, intitulada: **MULHERES LETRADAS E MISSIONÁRIAS DA LUZ: formação da professora nas Escolas Normais do Ceará - 1930 a 1960**, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, do doutorado em Educação Brasileira, utilizando-se da história oral, de autoria de Fátima Maria Leitão Araújo, orientada pelo Prof. Ph.D. Jacques Therrien, considerando a proposta de formação docente das Escolas Normais Rurais do Ceará, analisando a sua inserção no contexto sociopolítico e ideológico, além de compreender o significado dessa modalidade de ensino para o meio rural.

Em Pernambuco houveram duas dissertações: **A ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PERNAMBUCO: a inserção das mulheres**, Pela Universidade Federal de Pernambuco, no programa de pós-graduação em Educação do mestrado em Educação, com a metodologia de uma pesquisa bibliográfica, de autoria de Flávia Maria Peixoto, orientada pelo Prof. Dr. Flávio Henrique Albert Brayner, onde foi enfatizada a importância do conhecimento da criação da Escola Normal oficial de Pernambuco, até o final do século XIX, e quais as disciplinas que faziam parte do seu currículo e como se deu a inserção das mulheres nessa escola. E a dissertação: **O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na**

memória das Normalistas, Pela Universidade Federal de Pernambuco, no programa de pós-graduação em Educação do mestrado em Educação, com a metodologia da história oral, de autoria de Ana Paula Rodrigues Figueirôa, orientada pelo Prof. Dr. José Luis Simões, apresentando a proposta da educação do corpo, presente nas aulas de Educação Física no Instituto de Educação de Pernambuco, no período de 1946 a 1955. Destacando as principais atividades das Normalistas nas diferentes perspectivas de educar o corpo da mulher para a preservação da saúde, da beleza e da obrigação que lhe foi atribuída: o cuidar da família e do lar. Representando uma contribuição significativa para a história das instituições de ensino da cidade do Recife, sobretudo para a preservação de parte da memória histórica de uma instituição escolar responsável pela formação de mestres das primeiras letras no século XX.

Na Paraíba, todas são de uma universidade pública, sendo duas dissertações e uma tese. Na dissertação: **EDUCAÇÃO FEMININA: ideias e concepções sobre a formação da mulher veiculadas na imprensa da Parahyba do Norte (1912-1927)**, da Universidade Federal da Paraíba, do programa de pós-graduação em Educação para a obtenção do título de mestra em História da Educação. A metodologia foi a historiografia, tendo como autora Erinalva Lopes dos Santos, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes, abrangendo as concepções educacionais veiculadas pelos periódicos paraibanos, sobre a educação dada à mulher no período de 1912 a 1927, elencando a posição da mulher frente a educação idealizada para elas, com controles e representações sociais. A outra dissertação é a do **COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: caminhos da Escola Normal em Catolé do Rocha/PB 1939 a 1959**, da Universidade Federal da Paraíba, do mestrado em Educação, tem a metodologia da história oral com uma abordagem qualitativa, cuja autora é Maria Cleide Soares de Souza, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso, apontando que a criação de uma instituição escolar, em um cenário de uma cidade localizada no alto sertão paraibano, no final da década de 1930, tem um significado relevante, configurando a formação de professoras primárias, oriundas da Escola Normal, contribuindo para o desenvolvimento social local e regional. A **tese ESCOLA NORMAL NA PARAHYBA DO NORTE: movimento e constituição da formação de professores no século XIX**, Universidade Federal da Paraíba, do Doutorado em Educação, usando a metodologia da historiografia, na perspectiva do materialismo histórico, de autoria de Rose Mary de Souza Araújo, orientada pelo Prof. Dr. Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, onde constatou a necessidade e importância da implantação da Escola Normal, destinada a formar professoras para erradicar os problemas no ensino primário, na perspectiva da universalização e modernização. Tendo como propósito final, esta pesquisa pretendeu contribuir para a

história da formação docente na escola Normal e para as instituições escolares com essa modalidade de ensino.

No Rio Grande do Norte temos duas teses: **A ESCOLA NORMAL DE NATAL (RIO GRANDE DO NORTE, 1908-1971)**, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do Doutorado em Educação, com a metodologia de cunho histórico-documental, de autoria de Francinaide de Lima Silva, orientada pela Profa. Dra. Maria Arisnete Câmara de Moraes, propôs analisar a história da formação de professores na escola Normal para o entendimento da estrutura e do funcionamento dos sistemas educacionais enquanto criações históricas. A outra tese é **DE ESCOLA NORMAL DE NATAL A INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PRESIDENTE KENNEDY (1950 - 1965): configurações, limites e possibilidades da formação docente**, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do Doutorado em Educação, obteve-se a base da historiografia, com autoria de Luciene Chaves de Aquino, orientada pela Profa. Dra. Maria Inês Sucupira Stamatto. Nesta pesquisa, foi destacada a criação e os ciclos da sua criação, ressaltando os conflitos ao longo das décadas e as mudanças do saber veiculados pelos currículos e práticas pedagógicas, onde constatou que se tornou um centro de referência na formação docente.

Quadro 7 - Estudo do conhecimento na região norte pela BDTD - IBICT

R E G I Ã O	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
N O R T	PA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ		X	FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PROVINCIA DO GRÃO-PARÁ?: os discursos de seus administradores acerca da necessidade de se instaurar uma Escola Normal (1838 a 1871)	2012

E						
---	--	--	--	--	--	--

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD - IBICT), em 17/07/2015.

A dissertação **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PROVINCIA DO GRÃO-PARÁ?: os discursos de seus administradores acerca da necessidade de se instaurar uma Escola Normal (1838 a 1871)** foi analisada no quadro 3 desta pesquisa. Optamos em formar um novo quadro, vez que a mesma aparece nas duas plataformas, mas só será computada e analisada uma única vez.

Quadro 8 - Estudo do conhecimento na região sudeste pela BDTD - IBICT

R E G I Ã O	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
S U D E	MG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA		X	COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: a história do Curso Normal (Tupaciguara-MG, 1961 - 1977)	2011
	RJ	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DO JANEIRO		X	A ESCOLA NORMAL DE JUIZ DE FORA: crises e permanências (1881 - 1911)	2013
		UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DO JANEIRO		X	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS COMO ORIENTAÇÃO PARA A "MISSÃO DOCENTE": a formação na Escola Normal de Niterói na primeira república (1893 - 1915)	2011
		UNIVERSIDADE ESTADUAL DO		X	CONGREGAÇÃO DA ESCOLA NORMAL: da legitimidade outorgada à	2011

S T E		RIO DO JANEIRO			legitimidade (re)conquistada (1880 - 1910)	
	SP	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS		X	AS APROPRIAÇÕES DAS IDEIAS EDUCACIONAIS DE JOHN DEWEY NA ANTIGA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS-SP	2012
		UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA		X	PERIÓDICOS EDUCACIONAIS DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS: educação moral, civismo e higiene (1911 - 1923)	2010
		UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO		X	PRÁTICA (S) DE ENSINO NA ESCOLA NORMAL PADRE ANCHIETA NA DÉCADA DE 1930: o museu didático nas proposições da professora Leontina Silva Busch	2014
		UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO		X	HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SÃO PAULO (1875 -1894): intersecções entre os ideais de professor e de escola	2012
		UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO		X	CIRCULAÇÃO DOS PROFESSORES DIPLOMADOS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO PELA INSTRUÇÃO PÚBLICA (1890 - 1910)	2012
		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS		X	"VESTIDAS DE AZUL E BRANCO": um estudo sobre as representações de ex-Normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério, 1920 - 1950	1995

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD - IBICT), em 17/07/2015.

COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: a história do Curso Normal (Tupaciguara-MG, 1961 - 1977) da Universidade Federal de Uberlândia, do mestrado em Educação, com a composição metodológica da pesquisa documental, de autoria de Izabel Rozetti, orientada pela Profa. Dra. Sandra Cristina Fagundes de Lima. Relatou que a educação proferida pelo curso normal do colégio Imaculada Conceição estava associada aos ideais de cristianização preconizadas pela Igreja Católica, além de responder aos anseios da sociedade da época, dentre estes: formar moças educadas e polidas aptas a atuar no magistério e, ainda, a

continuar sendo mães e donas de casa exemplares, o que teria influenciado uma parcela significativa de famílias a matricular suas filhas nessa instituição de ensino.

A ESCOLA NORMAL DE JUIZ DE FORA: crises e permanências (1881 - 1911)

CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS COMO ORIENTAÇÃO PARA A "MISSÃO DOCENTE: a formação na Escola Normal de Niterói na primeira república (1893 - 1915).

CONGREGAÇÃO DA ESCOLA NORMAL: da legitimidade outorgada à legitimidade (re)conquistada (1880 -1910).

AS APROPRIAÇÕES DAS IDEIAS EDUCACIONAIS DE JOHN DEWEY NA ANTIGA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS-SP.

PERIÓDICOS EDUCACIONAIS DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS: educação moral, civismo e higiene (1911-1923) da Universidade Estadual Paulista, do mestrado em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, tem como processo metodológico a pesquisa documental, de autoria de Jaqueline Rampeloti Ozelin, orientada pela Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery, com o propósito de compreender como tais temas foram apropriados pelos diretores, professores e alunos dessa escola de formação de professores. Tendo como fontes principais o periódico Excelsior! (1911-1916), a Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923) e o jornal O Raio Verde (1917-1918). O recorte temporal escolhido, compreende o primeiro ano de publicação da revista Excelsior! (1911) e se estende até o último ano de publicação da Revista da Escola Normal de São Carlos (1923), englobando o período de publicação do jornal O Raio Verde (1917-1918). Apresentando a constatação de que tanto os professores quanto os alunos da Escola Normal de São Carlos viam a educação como meio eficaz para a promoção do progresso do Brasil.

PRÁTICA(S) DE ENSINO NA ESCOLA NORMAL PADRE ANCHIETA NA DÉCADA DE 1930: o museu didático nas proposições da professora Leontina Silva Busch, da Universidade de São Paulo da Faculdade de Educação, mestrado em Educação, com a metodologia histórica, de autoria de Débora Pereira dos Santos, sob a orientação da Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho. Essa pesquisa disserta sobre as práticas pedagógicas das Normalistas na Escola Normal Padre Anchieta, onde a Profa. Leontina criou

um museu para demonstrar estas práticas, como também uma explanação do histórico pessoal, acadêmico e profissional dessa professora, com o intuito de compreender os principais aspectos de sua trajetória e dar a conhecer o lugar de onde ela fala.

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SÃO PAULO (1875 - 1894): intersecções entre os ideais de professor e de escola, Universidade de São Paulo da Faculdade em Educação no mestrado em Educação, onde foi adotada a metodologia da pesquisa documental, de autoria de Tatiana Tanaka Perez, orientada pela Profa. Dra. Carlota Boto. Contribuindo para a reconstrução de uma cultura escolar no final do século XIX, a partir, especificamente, da compreensão da constituição da profissão como uma construção social e histórica.

CIRCULAÇÃO DOS PROFESSORES DIPLOMADOS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO PELA INSTRUÇÃO PÚBLICA (1890-1910).

"VESTIDAS DE AZUL E BRANCO": um estudo sobre as representações de ex-Normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério, 1920-1950, da Universidade Estadual de Campinas da Faculdade de Educação, do mestrado em Educação, utiliza a metodologia de história de vida, de autoria de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, orientada pela Profa. Dra. Liliana Rolfsen Petrilli, demonstra os aspectos relacionados ao processo de ingresso no curso normal, a duração e estrutura do curso, a convivência no espaço escolar entre professoras e alunas e o início da carreira destas.

Quadro 9 - Estudo do conhecimento na região sul pela BDTD - IBICT

R E G I ÃO	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
------------------------	----------------------------	-------------	---	--------------------------------------	--------	-----

S U L	RS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS		X	A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)	2012
		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	X		MEMÓRIAS DA RURAL: narrativas da experiência educativa de uma Escola Normal Rural Pública (1950 - 1960)	2007
		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL		X	AS GURIAS NORMAIS DO CURSO NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE	2008

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD - IBICT), em 17/07/2015.

A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970).

MEMÓRIAS DA RURAL: narrativas da experiência educativa de uma Escola Normal Rural Pública (1950-1960), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no doutorado em Educação, com a metodologia da história oral, de autoria de Dóris Bittencourt Almeida, orientada pela Profa. Dra. Maria Stephanou. Nesta pesquisa, foi constatado que o processo da memória não é algo puramente individual, não representa exatamente o que se passou, mas é fruto de uma construção social de um grupo de indivíduos, o grupo de alunos e professores da Escola Normal rural, que constitui uma comunidade de memória, marcada pela referência à Escola, sempre presente na construção de suas identidades.

AS GURIAS NORMAIS DO CURSO NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do mestrado em Educação, tem como metodologia os estudos culturais, de autoria de Rita Cristine Basso Severo, orientada pela Profa. Dra. Elisabete Maria Garbin, foi expressado nesta pesquisa que as múltiplas transformações que atravessam o cotidiano e que envolvem diferentes maneiras, é possível considerar que os jovens, dentro ou fora da escola, tecem outros fios nas tramas das relações interpessoais, onde as "gurias" estão se constituindo identitariamente não somente nas práticas cotidianas, mas também são atravessadas por várias histórias que são contadas por professoras.

Quadro 10 - Estudo do conhecimento na região nordeste, pela Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPE

R E G I ÃO	E S T A D O	INSTITUIÇÃO	D O U T O R A D O	M E S T R A D O	TÍTULO	ANO
N O R D E S T E	PE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO		X	O ESPÍRITO DE (IN)TOLERÂNCIA NA REPÚBLICA LAICA: um olhar na formação da(o)s aluna(o)s -mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915)	2005
				X	A ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PERNAMBUCO: a inserção das mulheres	2006
				X	O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas	2012
			X		A EDUCAÇÃO DA MULHER NO RECIFE NO FINAL DO SÉCULO XIX: Ensino Normal e anúncios de progresso	2009

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPE, em 17/07/2015.

O ESPÍRITO DE (IN)TOLERÂNCIA NA REPÚBLICA LAICA: um olhar na formação da(o)s aluna(o)s -mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915), da Universidade Federal de Pernambuco, do mestrado em Educação, tem como metodologia a nova história, de autoria de Andrea Carla Agnes e Silva, orientada pela Profa. Dra. Lêda Rejane Accioly Sellaro, enfocando a laicização do ensino público, comparando a organização do currículo da Escola Normal de Pernambuco, antes e depois da constituição, bem como as

repercussões do fato, entre as pessoas mais diretamente envolvidas no processo de mudanças, destacando aspectos do espírito de (in)tolerância presente na república.

A ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PERNAMBUCO: a inserção das mulheres.

O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas.

A EDUCAÇÃO DA MULHER NO RECIFE NO FINAL DO SÉCULO XIX: Ensino Normal e anúncios de progresso, da Universidade Federal de Pernambuco, do doutorado em Educação, tem como metodologia a nova história, de autoria de Hajnalka Halász Gati, orientada pelo professor Dr. Geraldo Barroso Filho, este estudo arrola a realidade social pernambucana relativa à educação da mulher, através do ambiente social da época, que apontava para uma "comunidade de sentido", uma preparação da sociedade em geral para a aceitação de novas ideias que se pretendiam ser "modernas".

Como notamos pela quantidade de publicações dentro de um universo de 7074 (sete mil e setenta e quatro) teses e dissertações, nos mais diversos núcleos de pesquisa da UFPE, do ano de 2000 a 2012, quando fizemos um filtro com os descritores: Escola Normal e Ensino Normal, vieram 79 (setenta e nove), das quais quatro falavam especificamente da temática pesquisada, e todas as quatro pertencendo ao Programa de pós-graduação em Educação. Não estamos aqui mensurando o quantitativo e sim o interesse das pessoas em pesquisar sobre as Escolas Normais em Niterói e em Recife.

Ao fazer a análise das teses e dissertações, com as categorias da metodologia utilizada; o gênero dos autores e das orientações; o nível da pesquisa e de qual programa as pesquisas pertencem, chegamos aos seguintes resultados: ao total, foram 61 (sessenta e uma) pesquisas descritas e analisadas com os descritores "escola normal" e "Ensino Normal", mas nove encontram-se em duas plataformas ao mesmo tempo, estas serão computadas, mas só será analisada uma única vez, ou seja, serão analisadas cinquenta e duas pesquisas.

Constata-se que, em relação às questões metodológicas, foram nove documentais; nove da história cultural; nove da historiografia; oito da história oral; seis da bibliográfica; três históricas; duas de história de vida; duas da nova história; uma dos estudos de trajetórias e das representações sociais; uma de histórico-etnográfico e uma que não descreve de forma explícita. Na conjectura de escolha, onde cada pesquisador(a) e/ou orientador(a) decidiu por

esta diversidade de composição metodológica, ascendem as possibilidades para as elucidações de suas problemáticas. Apesar da escolha desta pesquisa ter sido pela História Oral, não se pretende engessar a escolha, como única e irredutível ou que abranja todas as esferas, mas como conhecimento de ligação estrutural da história da escolarização das Normalistas. Para Haguette (2013, p.19), "[...] No nosso caso, explicitamos o que mais interessa e atrai, a fim de fornecer com clareza ao leitor uma ideia dos parâmetros que regem nossa preocupação no presente trabalho," por conseguinte, o que escolhemos deve ser conceituado sobre as múltiplas perspectivas, ou seja, a que mais se aproxima da realidade da nossa pesquisa, pois não há metodologia que abarque completamente qualquer pesquisa que seja.

[...] as teorias devem ser avaliadas em termos de seu poder explicativo sobre alguns aspectos da realidade [...]" não nos parece existir uma teoria suficientemente abrangente para comportar todos os fenômenos sociais e muito menos fornecer todas as respostas passíveis de serem levantadas; mesmo que esta teoria existisse, nada asseguraria que suas explicações fossem as 'verdadeiras'. (HAGUETTE, 2013, p.18).

Em relação a questão do gênero, tanto de autoria como de orientação, dividimos em quatro categorias: autoria e orientação do gênero feminino, encontramos vinte e nove pesquisas; autoria e orientação do gênero masculino, foram constadas três; autoria feminina e orientação masculina, foram localizadas dezessete; autoria masculina e orientação feminina, temos três. Na configuração geral destes quadros das pesquisas em todo o Brasil, estas demonstram o cenário do interesse para com os estudos do Ensino Normal, voltado para as mulheres que eram tituladas de Normalistas. Ainda assim, estas escolhas por esta modalidade de ensino, nos demonstra que, na sua maioria, a autoria feminina se concentra na região nordeste pela CAPES, onde todas as pesquisas encontradas são de autoria feminina. Também pela CAPES na região sudeste, a masculina tem a prevalência. Em relação a orientação feminina, temos a região sudeste pela BDTD-IBICT, com maioria de orientadoras, não pela quantidade apresentada e sim pelo percentual. No contexto da orientação masculina, onde se percebeu a maior percentualidade de orientação foi a região nordeste, pela BDTD-IBICT, ou seja, as regiões com mais prevalência de estudos em relação aos gêneros masculino e feminino foi as do nordeste e sudeste. Laura Terragni (2005, p.141), relata sobre a importância das pesquisas de gêneros, que busca ultrapassar os obstáculos dos estereótipos tradicionalmente firmados pela sociedade. "As pesquisas que têm no centro da sua atenção o "gênero" representam um rico patrimônio na análise sociológica, ainda não completamente explorado. Na verdade, a pesquisa relativa a gênero, seja feminino seja masculino, na maioria

das vezes implica uma reflexão sobre as mulheres, sobre a identidade delas, sobre os percursos de trabalho e familiares delas[...]" Neste sentido, esta pesquisa, ultrapassa "os muros" das instituições educacionais de Niterói e do Recife, no sentido de conhecer a inserção destas no Ensino Normal.

No perfil desta pesquisa, que é uma tese de doutorado em educação, utilizando a história oral, de autoria feminina e de orientação masculina, não encontramos nenhuma no âmbito das pesquisas apresentadas, sem sequer aprofundar a questão das instituições envolvidas, nenhuma destas estuda a gênese do Ensino Normal no Brasil com a Escola Normal do seu Estado, pois ao dividirmos nos quadros por região e Estados, se percebe de forma individual onde cada pesquisa foi realizada. Neste universo, em que a temporalidade desta pesquisa era só para o gênero feminino, temos o quantitativo de quarenta e seis autoras, seis autores, trinta e duas orientadoras e vinte orientadores, evidenciando a feminização do Ensino Normal no Brasil, consolidando as mesmas na vida acadêmica, alavancando o contexto econômico, político e social. Em relação ao nível da pesquisa de uma forma geral, a superioridade são dissertações de mestrado em educação, tendo inclusive a pluralidade de outros programas como história, desenvolvimento social e educação matemática.

Impõe-se, pois, a necessidade de formulação e implementação de uma política de fontes. É esta a idéia que julgo oportuno lançar para o HISTEDBR e, através dele, para a SBHE, a Sociedade Brasileira de História da Educação. Penso que já está na hora de desencadear um movimento amplo dirigido às escolas, às organizações da área de educação e aos órgãos do Estado tendo como mote a questão da política de fontes para a história da educação brasileira. Essa política deverá contemplar os critérios tanto para a definição do que preservar como do que descartar, estabelecendo as metas e os meios que permitirão assegurar a disponibilidade das fontes para o incremento das pesquisas em história da educação brasileira. Assim, não apenas cada um de nós se empenharia individualmente nessa direção. Toda a sociedade seria mobilizada tendo em vista a realização desse objetivo. (SAVIANI, 2006, p.34).

Evidencia-se a clareza da temática estudada nessa produção do conhecimento, acreditando que esta pesquisa é precursora, mesmo estando em um programa de pós-graduação em educação, mas na linha de teoria e história, dialoga entre dois Estados e três instituições educacionais, expandindo o campo das instituições de Ensino Normal no Brasil, expressando outras pesquisas e disponibilizando outras fontes, que poderão gerar outras pesquisas.



Ginásio Pinto Júnior

CURSO GINASIAL
RUA RIACHUELO, 646

EDIFICANDO O CENÁRIO DAS ESCOLAS 2 NORMAIS

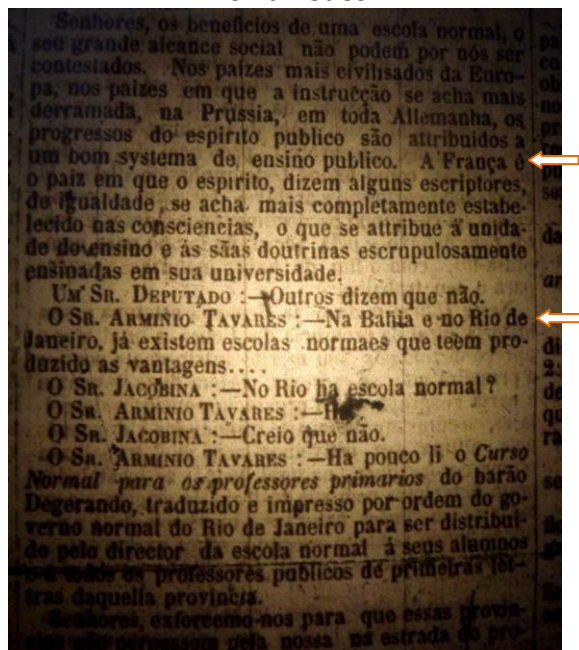
2 EDIFICANDO O CENÁRIO DAS ESCOLAS NORMAIS

Enfatiza-se o período de 1946 a 1972, caracterizado pela preleção que anunciava a formação e qualificação dos profissionais do ensino, principalmente nas questões normalizadoras, pois em 04 de setembro de 1946 foi publicado no Diário Oficial do Estado de Pernambuco o Decreto-lei nº. 1.448, de 03 de setembro de 1946, e, consequentemente, ocorrendo a criação do Instituto de Educação. Lembrando que o objeto do nosso estudo é a inserção das mulheres no Ensino Normal, e que não trataremos com exclusividade a oralidade, vez que a questão documental apresenta sua importância, no intuito de demonstrar e preservar a memória da educação no Brasil.

Trilhamos caminhos históricos em busca da documentação do início do Ensino Normal. Para Thompson (2002, p.148) "[...] o documento é em geral um registro subsidiário," sendo assim, o fato de ser escrito e oficial não o torna mais fiel à realidade. Por conseguinte, é preciso relutância, tempo e determinados equipamentos para procurar os documentos, selecionando as fontes a serem usadas na pesquisa.

Considerando a riqueza e credibilidade que caracterizam um trabalho, demandam refinamento no tratamento e compreensão dado a eles.

Imagem 2 - Inspiração para a criação da Escola Normal de Pernambuco¹



Fonte: Acervo de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (2013).

¹ Publicado na segunda-feira de 6 de Junho de 1864 no Diário de Pernambuco

Neste capítulo será retratada a criação das quatro instituições educacionais que protagonizaram o Ensino Normal. A Primeira a ser estudada é a de Paris/França, École Normale Supérieure, que não é o foco específico do nosso estudo, mas por uma questão de compreensão da gênese do Ensino Normal, como é demonstrado na imagem acima, a mesma foi a primeira escola do mundo que proporcionou este tipo de ensino.

Abaixo, demonstra-se por ordem cronológica a criação das instituições de Ensino Normal, a partir da criação da Escola Normal de Niterói/Rio de Janeiro.

A imagem 2, demonstra pelo Projecto nº. 55, publicado no Diário² de Pernambuco na segunda-feira 6 de junho de 1864, que a Escola Normal Oficial de Pernambuco teve a sua criação baseada nos modelos da França, Bahia e Rio de Janeiro.

As demais criações das Escolas Normais no Brasil seguiram o modelo da Escola da Côrte, em uma sequência cronológica e embasadas no decreto 10 de 1835, mas foi perceptível que nem todas tiveram o seu funcionamento logo após a publicação de seu decreto. Vários foram os motivos, os mais descritos nas bibliografias foram a falta de estrutura física das escolas e a falta de formação de professores para o preparo dos futuros professores do ensino primário.

Essas instituições têm vida curta e incerta, evidenciada pelos constantes movimentos de abertura e fechamento e que foram submetidas, ou pelo fato de existirem apenas no formato de lei, sendo instaladas somente anos depois de criadas. (DIAS, 2008, p.76).

Essas escolas nasceram para além da estrutura física, trouxeram uma grandeza de significados sociais estimados pela sociedade brasileira. Apresentando a prosperidade de um futuro digno, como diz a Normalista Áurea "[...]Era assim uma elite... pensando agora... era uma elite de escola... de alunos... sabe? Os professores... os alunos... as alunas... só tinha menina, na minha época só tinha menina." Neste contexto, as moças da classe média aspiravam o acesso para a carreira docente e a equidade dos mesmos direitos dos homens.

Sabendo-se que o Ensino Normal apresentou relevância no sistema educacional, apesar de ter havido rescisões ao longo de todas as décadas com as reformas da educação brasileira, até a presente data ele encontra-se em vigor com a denominação de Ensino Normal Médio. Em relação ao quadro abaixo, não se pretende adentrar no âmbito da perfeição cronológica sobre a temporalidade da criação entre os autores que fazem parte da história da

² Escrito igual a ortografia da época.

educação brasileira, mas demonstrar a pluralidade cronológica da criação das instituições de Ensino Normal.

Quadro 11 - Criação das Escolas Normais no Brasil

ANO	ESTADO ³	DECRETO	NOME DAS INSTITUIÇÕES
1835	Rio de Janeiro	Decreto nº. 10, de 1835	Escola Normal do Município da Côrte
1836 ⁴	Bahia	Lei nº. 37 de 14 de abril de 1836	Escola Normal
1837	Mato Grosso	Lei Provincial nº. 8, de 5 de maio de 1837	Escola Normal
1846	São Paulo	Lei nº. 34, de 16 de março de 1846	Escola Normal de São Paulo
1864	Pernambuco	Projecto nº. 55, em 6 de junho de 1864	Escola Normal
1864	Piauí	Resolução 565 de 5 de agosto de 1864	Escola Normal
1869	Alagoas	Lei 424 de 1864	Escola Normal de Maceió
1869	Rio Grande do Sul	Regulamento 5 de abril de 1869	Escola Normal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul
1870	Paraná	Lei 238 de 19 de abril de 1870	Escola Normal
1870	Sergipe ⁵	Regulamento de 24 de outubro de 1870	Escola Normal do Atheneu
1871	Pará	Regulamento em 13 de abril de 1871	Escola Normal da Província do Grão Pará
1873	Espírito Santo	Regulamento da Instrução publicada província do Espírito Santo de 1873	Escola Normal do Espírito Santo
1873	Rio Grande do Norte	Lei nº. 671, 5 de agosto de 1873	Escola Normal de Instrução Primária
1878	Ceará	Lei nº. 1790 de 28 de dezembro	Escola Normal do Ceará
1880	Santa Catarina	Lei 898 de 1880	Escola Normal
1880	Amazonas	Lei 506, em 04 de novembro de 1880	Escola Normal
1882	Goiás	Resolução nº. 676, de 03 de agosto de 1882	Escola Normal de Goiás
1885	Paraíba	Lei nº. 761 de 7 de dezembro de 1883	Escola Normal da Paraíba
1890	Maranhão	Decreto nº. 21 de 15 de abril de 1890	Escola Normal
1906	Minas	Lei nº. 439, de 28 de	Escola Normal da Capital

³ Alguns estados não aparecem devido as questões geopolíticas da temporalidade da criação das Escolas Normais, pois na sua maioria foram criadas no século XIX.

⁴ Mas segundo Rocha (2008), o seu funcionamento começou em 1842.

⁵ No caso das Escolas Normal em Sergipe, houve a criação de três escolas de Ensino Normal, O Atheneu em 1870 só para homens, em 1877 para mulheres, e em 1881 a Escola Normal Mista.

	Gerais	setembro de 1906,	
1942	Território Federal do Acre	Decreto nº. 99 de 1º de junho	Instituto Estadual Lourenço Filho
1947	Rondônia (Porto Velho) / Território Federal do Guaporé	Decreto nº. 47 de 19 de dezembro de 1947	Escola Normal do Guaporé
1949	Roraima / Território Federal do Rio Branco	Decreto nº. 89 de 1º de abril de 1949	Colégio Normal Regional Monteiro Lobato
1949	Macapá / Território Federal do Amapá	Edital nº. 1, dia 01 de fevereiro de 1949	Escola Normal Regional de Macapá
1959	Brasília	Decreto presidencial nº. 47.472, de 22 de novembro de 1959	Escola Normal - Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB)
* ⁶	Tocantins		

Fonte: A pesquisa (2017)⁷, outras fontes foram das teses e dissertações elencadas nesta.

O progresso da criação das instituições educacionais voltadas para o Ensino Normal, criadas primeiramente para a formação dos professores e em seguida para as professoras, foi no intuito de trazer para as escolas primárias professores qualificados. Mas todas as deliberações e normatizações no final do século XIX estavam voltadas a instrução pública, baseadas nas políticas públicas educacionais da época. Para Villela (2008), estas escolas no início não matricularam nenhuma aluna, ressaltando que já haviam várias escolas na Província que exigiam das suas professoras uma instrução a mais, isto é, não só os conteúdos obrigatórios como também "prendas domésticas e ensino religioso".

Leonor Tanuri, na sua dissertação (1969), propôs apresentar as contribuições da formação do professor primário no Brasil, mas ante a época do seu estudo, como também a escassez de bibliografia e documentação, a mesma não realizou um quadro teórico aprofundado com um estudo de todos os Estados. Contudo, o quadro acima faz uma relação de todas as Escolas Normais do Brasil, mas como não é o foco da nossa pesquisa, esta

⁶ No Estado do Tocantins não houve a questão da criação da escola Normal, devido a temporalidade da institucionalização do estado (artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição, em 05 de outubro de 1988). Antes o mesmo pertencia a antiga região norte de Goiás.

⁷ A maior parte dos dados foram consultados na referência ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho Lopes. **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

elaboração é apresentada no intuito de uma visão minuciosa de demonstrar que em todos os Estados brasileiros houve) esse tipo de ensino.

Pela questão da antiguidade e conseqüentemente a criação, conduzimos a seguinte sequência de abordagem para os estudos das Escolas de Ensino Normal específicas deste estudo: a Escola Normal do Município da Côrte em Niterói/Rio de Janeiro; Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, ambas em Recife-PE.

2.1 CONSTRUINDO O ESPAÇO LANCASTERIANO DA PRIMEIRA ESCOLA NORMAL NO MUNDO, PARIS-FR

O método de Lancaster ou de ensino mútuo, é um método pedagógico criado no início do século XIX pelo inglês Joseph Lancaster, que se caracteriza enquanto uma forma de instrução de poder disciplinador, distanciando-se do ideal da pedagogia iluminista, pois não defendia a construção de sujeitos autônomos. Ou seja, entende-se que o disciplinamento do ser humano através da instrução era o objetivo principal desta configuração de ensino (NEVES, 2003). Entre o fim do século XVIII e o início do século XIX na Inglaterra, a instrução elementar surge como parte dos assuntos principais em âmbito nacional, pois visavam melhorar a moral das classes trabalhadoras.

[...] Defendia Lutero, em seus escritos pedagógicos, alguns princípios originais em sua época como, por exemplo, a necessidade dos governantes fundarem e sustentarem escolas e empenharem-se na formação de bons mestres. (VILLELA, 1990, p.32).

Nesse sentido, o Estado exigiu por parte das fábricas a oferta de instrução para os principiantes, porém, tal oferta deveria partir de iniciativas particulares. A partir disso, surge uma novidade no que diz respeito aos processos pedagógicos, um novo método é formulado, recebendo este distintas nomenclaturas, exemplo: "método monitorial." Andrew Bell e Joseph Lancaster foram essenciais para organizar e divulgar este método. (NEVES, 2003).

Como afirma Neves (2003), Andrew Bell, ao longo de sua trajetória, assumiu papéis relacionados ao aspecto pedagógico, atuando como diretor de um abrigo para crianças carentes. Diante desta função, sentiu-se obrigado a utilizar procedimentos didáticos para viabilizar as estratégias pedagógica, e, a partir disso desenvolveu uma metodologia própria para alfabetização. Segundo a tese de Fátima Maria Neves (2003), Bell buscava a

catequização de pessoas, consideradas partes da sua responsabilidade religiosa, através de noções relevantes aos interesses individuais e para servir ao Estado em que se inseririam da melhor forma possível.

Joseph Lancaster, por sua vez, criou uma escola para filhos da classe trabalhadora. Com o passar do tempo conseguiu muitos alunos, entretanto, não conseguia manter a escola, e como saída para tal situação passou a utilizar os métodos de Bell, reformulando-as e atribuindo a estas propriedades que resultaram no método Lancasteriano. (NEVES, 2003).

Neste método, um professor tinha possibilidade de trabalhar com centenas de alunos ao mesmo tempo. Para isso, contava com monitores treinados por ele, e as turmas deveriam aprender em silêncio e em conjunto. Essa forma organizacional dava-lhe a capacidade de suprir a escassez de professores e baratear os custos com a educação. (RÁTIVA, 2013).

Com turmas numerosas, a estrutura da sala de aula deveria seguir uma organização diferenciada e, para isso, Lancaster formulou uma sala com a estrutura ideal para o seu método e que comportasse mais de trezentos alunos ao mesmo tempo.

Dentro deste método, percebe-se que diferentes responsabilidades são atribuídas primeiramente no que se refere ao mestre. Corroborando com Neves (2003), é possível afirmar que os mestres no método Lancasteriano possuíam grande influência sobre os seus alunos, tal influência despertava tamanha admiração dos alunos para com seus superiores, chegando esta admiração próxima à idolatria. Que no caso das Normalistas, não chegam a idolatria e nem ao quantitativo em sala, mas chegam a uma admiração plena, ao ponto de chamá-los de catedráticos.

Além disso, compreende-se também que para haver a ordem e a disciplina, tais mestres precisavam apresentar autoridade e, de acordo com a função, tinham a responsabilidade de prover os recursos fundamentais para que as atividades fossem desenvolvidas, bem similares aos catedráticos do Ensino Normal no Brasil, como diz a Normalista Iolete⁸: "[...]Então, quando eles entravam na sala isso aí já era, aí quando eles chagavam a gente se levantava! Eles davam aula de paletó e gravata ou então de gravata e manga comprida e um jaleco.

No Brasil, a monarquia e sua elite, preocupadas com as massas populares que se recusavam a serem submissas às regras de um trabalho disciplinado, passaram a estabelecer

⁸ Entrevista realizada com a Normalista Iolete Barros, no dia 18 de agosto de 2011, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

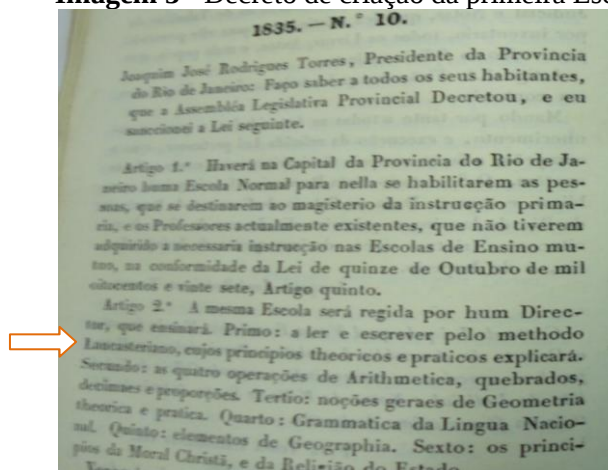
projetos que visavam formular estruturas capazes de auxiliarem no processo de vigiar e disciplinarizar as classes subordinadas. Para tanto, além das forças policiais, por exemplo, foi utilizado um aparato educacional em se insere a instrução pública pautada no Método Lancasteriano. Vale ressaltar, que tal método já se fazia presente nos discursos elitistas antes mesmo de ter essa utilidade enquanto estratégia para a formação do povo no período imperial, precedendo a Constituição do Estado (NEVES, 2003).

O decreto de número 10 do ano de 1835, denominado: Decreto de criação da Escola Normal, foi o responsável pela implementação da primeira escola deste segmento no território brasileiro, mais precisamente na cidade de Niterói, antiga capital da província do Rio de Janeiro. O artigo de número dois, define o método Lancasteriano como forma de se ensinar nessas escolas, bem como os conteúdos e a sequência que o diretor da escola deveria trabalhá-los.

Com estes conteúdos, o art. 4º. do referido decreto pretendia formar professores com o seguinte perfil: ser brasileiro, ter mais de 18 anos e princípios de boa moral. Para essa "avaliação do bom-mocismo", deveriam ter um documento de recomendação do presidente da província, passado pelo juiz de paz, isto é, mais uma vez a preocupação com os futuros professores que conduziram seus alunos e futuros formadores de opinião. Apresentando uma predominância muito mais com a moralidade do que com a intelectualidade.

Este decreto ainda dá disposições sobre a forma de ingresso nas Escolas Normais, bem como a necessidade dos professores que estavam em atuação na época de cursarem a Escola Normal, caso contrário seriam aposentados e receberiam sua aposentadoria de acordo com o tempo de serviço. Tais fatos, expressos anteriormente, deixam clara a necessidade que o governo via em formar docentes com a capacidade de trabalharem o método Lancasteriano.

Imagem 3 - Decreto de criação da primeira Escola Normal do Brasil



Fonte: Biblioteca Nacional, (2015).

Os conteúdos deveriam ser organizados na seguinte ordem: primeiro: ler e escrever pelo método Lancasteriano, cujos princípios teóricos e práticos explicará; segundo: as quatro operações aritméticas, quebrados, decimais e proporções; terceiro: noções gerais de geometria teórica e prática; quarto: gramática da língua nacional; quinto: elementos de geografia; sexto: os princípios da moral cristã e da religião do Estado (tradução nossa).

Portanto, o método Lancasteriano cultivava uma das técnicas do poder disciplinador, que se amoldava com os interesses do Estado e as instruções públicas, para a formação de novos professores com a visão do futuro da nação. Vários foram os mestres estrangeiros que aplicaram esse método no Brasil. Mas, um dos fatos interessantes, é que o Sr. João Batista Queiroz recebeu uma bolsa em pecúnia para aprender o método de Lancaster na Inglaterra, mas na sua volta o diploma expedido era da *École Normale Elementaire pour les Maitres d'Enseignement Mutuel*, de Paris-FR.

O diploma atestava que o professor freqüentara durante três meses o curso naquela escola e, portanto, estava apto a aplicar o método. A presença de Queiroz na França também é registrada em uma matéria do *Journal d'Education*, publicada em julho de 1823, quando divulgaram o estágio de abrangência do Ensino Mútuo no Brasil. (NEVES, 2003, p.140).

Este método foi de grande influência para o disciplinamento do Ensino Normal e a militarização no Brasil. Neste modelo da *École Normale Elementaire* de Paris-FR, foi criada a primeira instituição de Ensino Normal do Brasil e da América Latina, responsáveis pelas especificidades da formação docente para o ensino primário, constituídas por um conjunto de decretos, leis e normas para um campo profissional, sinalizando um projeto mais amplo em prol da educação brasileira, não especificamente com a formação dos professores, e sim com a visão que a partir dessa formação se daria a ordem educativa-escolar, norteando uma educação tradicional e elitista, estabelecendo regras e consequentemente disciplina para as classes subordinadas, inclusive com as próprias Normalistas e o espectro do "bom-mocismo".

Neste estudo, fica a reflexão das implicações para as elaborações e criações das Instituições de Ensino Normal no Brasil e sua influência com o modelo de Paris-FR, dentro de um pensamento político e histórico de um arquétipo com suas intencionalidades nas dimensões pedagógicas e administrativas para a formação dos futuros professores do Brasil, oriundos de um modelo homogêneo, mas na realidade o que houve mesmo foi uma heterogeneidade, frente às características de cada localidade.

2.1.1 École Normale Supérieure

A criação da Escola Normal Superior da França não foi diferente das demais criações das Escolas Normais do Brasil. A *École Normale Supérieure* (ENS) viveu, na sua criação, questões políticas e sociais, inclusive é oriunda da revolução francesa (1789-1799). O decreto no anexo C - Decreto da Convenção Nacional, chamava de todas as partes da república os cidadãos (homens) para aprender a cátedra de ser professor, sob as mais qualificadas artes de ensinar.

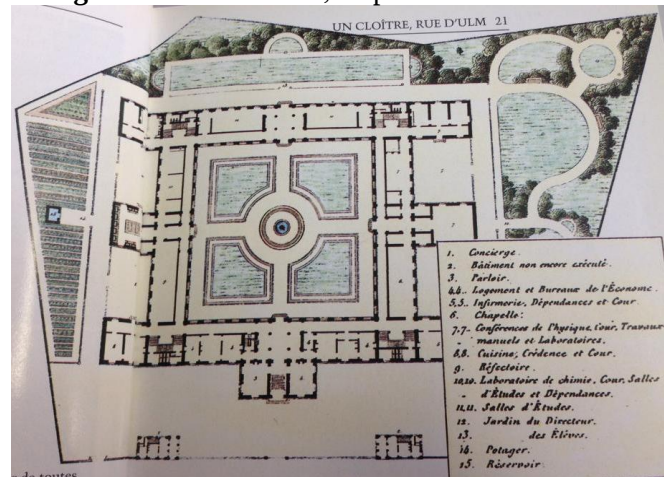
Com a instauração do novo Estado republicano na França, foi considerada uma formação nacional de mestres prioritários para as escolas. Repensando sobre os métodos antigos mediante o "novo tempo", foi estabelecido um ensino com os melhores especialistas. No entanto, esta primeira escola de 1794 não durou muito e foi reformulada, através da idéia revolucionária para aquela época, chegando em um consenso que deveria ser instaurada aos poucos.

Para tanto, o jovem Napoleão Bonaparte herdou do Império a oportunidade deste sistema educacional. Apoiado pelo poder das elites, tenta abrir a Escola Normal no edifício da Universidade Imperial, em março, pelo Decreto 17 de 1808, vide anexo D, mantendo alguns alunos e recrutando-os, utilizando critérios baseados no "mérito" e no "talento".

Mas nem só de homens viveu a ENS. O ato inicial de julho de 1881 é aberto para as mulheres o alto nível de ensino, mas a fusão das meninas e meninos só aconteceu em 1987. Para Masson, (1994, p.36) "[...] *sera pour les femmes un extraordinaire instrument de promotion sociale en leur ouvrant la carrière de professeur des lycées de jeunes filles.*" "[...] será para as mulheres um extraordinário instrumento de promoção social em abrir para as meninas a carreira de professor do ensino médio (tradução nossa).

No entendimento de Masson (1994) a escola foi criada nas escolhas ideológicas da República. Seus idealizadores, na maioria, foram democratas ou socialistas, aguçando uma paixão pela política. A *École Normale Supérieure* (ENS) foi inaugurada pelo presidente François Guizot, em 4 de novembro de 1847, com toda a ostentação que a época propiciava. Na biblioteca, 20.000 livros e armários de carvalho, com laboratórios e muitas salas, trazendo uma atmosfera amigável para os seus alunos. Tornando um novo começo para este endereço: *Rue d'Ulm*, nº. 45, Paris-FR, que agora simboliza a Escola Normal de Paris.

Imagem 4 - Planta baixa, da primeira Escola Normal no mundo



Fonte: Maison de France - RJ (2014).

Este plano da Escola Normal mostra o modelo escolhido pelo arquiteto Henri Alphonse-Gisors: um grande pátio em torno do qual organiza os edifícios com dois jardins: o maior é o do diretor e o menor dos estudantes.

Não se pode deixar de relacionar as similaridades da instituição francesa e a brasileira na questão do decreto, com sua publicação e a construção de um prédio imponente; no método de ensino; na oferta inicial para homens e só depois para as mulheres e a questão do uniforme relatado por Masson (1994). Em 1848, a ENS apresenta um novo uniforme, escolhido por um comitê: túnica escura. "[...] *Um jeune élève de l'époque, Dionys Ordinaire, l'avoue: "nous faisons bonne figure, et les filles, ma foi, nous regardaient...."* "[...] Um jovem estudante na época, Dionys Ordinaire confessa: "nós estávamos fazendo uma boa figura, e as meninas, bem, nos observando." (tradução nossa).

Essas eloquências se baseavam na relação do poder central de atribuir e organizar o ensino Normal do país com a tradicional exclusão dos leigos e participação ativa das elites, principalmente com o discurso que se dava em geral para as escolas de Ensino Normal da França, em que os alunos iriam estudar com os "maiores sábios da época", perpetuando a elitização e colaborando para a desesperança da instrução de elevação do nível de intelectualidade da população francesa.

2.2 TRACEJANDO O CENÁRIO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL DO MUNICÍPIO DA CÔRTE-NITERÓI/RIO DE JANEIRO-BR

A primeira Escola Normal Oficial do Brasil foi promulgada pelo Decreto 10 de 1835, pelo então presidente da província do Rio de Janeiro, Joaquim José Rodrigues Torres, com o

objetivo de formar pessoas para instruir no ensino primário, de acordo com a lei de 15 de outubro de 1827, aludindo até a presente data a comemoração do dia dos professores. Mediante a análise do decreto em lide, percebemos até pela questão da época, que o mesmo é redigido no gênero masculino, inclusive na orientação para a indicação do diretor. Neste decreto, relatam-se todas as disciplinas que serão ministradas e o valor dos proventos dos professores.

Este documento é composto por dezoito artigos, assim explicados: no primeiro artigo, a promulgação da escola; no segundo, as disciplinas; no terceiro, trata da edificação e a mobília; no quarto, os requisitos para ser aluno; no quinto, o mínimo de estudantes, inclusive diminuindo o salário do diretor caso não atinja mais de dez alunos; no sexto, a documentação necessária para a matrícula; no sétimo, aborda a ajuda de custo, incentivando as pessoas para efetuarem a matrícula; no oitavo, relata os critérios para o recebimento da ajuda de custo; no nono, fala sobre o fiador; no décimo, o concurso público para professores e alunos, na presença do presidente; no décimo primeiro, a substituição dos professores; no décimo segundo, a falta dos professores; no décimo terceiro, a hierarquia da escola; no décimo quarto, a autoridade da presidência, inclusive na demissão do diretor e dos professores, como também o fechamento do estabelecimento educacional; no décimo quinto, a suspensão das "cadeiras" que não tiverem professor; o décimo sexto, a falta de uma lei curricular que possa delegar quais as disciplinas; no décimo sétimo, o regulamento dos exames e frequências, e por último, o décimo oitavo, revogando qualquer lei que fale sobre o ensino normal.

Examinando os artigos que compõe o decreto da primeira Escola Normal do Brasil e da América Latina, é perceptível as instruções normativas administrativas, sem o cunho específico pedagógico. Somente em 16 de março de 1881 é que foi promulgado o novo Regulamento para a Escola Normal do Município da Côrte⁹, pelo Barão Homem de Mello. Este novo regulamento, composto por quinze capítulos, especificava melhor as questões pedagógicas.

A criação da escola normal se dá num momento marcado por forte idealização da educação que caracterizou por uma crença ilimitada no poder civilizatório da instrução. Para os homens daquela época, a principal causa do atraso e da criminalidade no país residia na falta de instrução do povo. Assim esperavam, através da formação de professores, derramar as "luzes" sobre a população e garantir a ordem naqueles tempos tumultuados. (VILELLA, 1990, p. 140).

⁹ Conforme o Anexo E - Decreto 8025 de 16 de março de 1881 - Novo Regulamento da Escola Normal.

Outros modelos e regulamentos de instituição foram instaurados no final do século XVIII, vide anexo e ao longo do século XIX, em relação ao Ensino Normal, bem como a conjectura dos decretos, mudanças de endereços, abertura e fechamento de estabelecimentos de ensino, modificações curriculares, agregações com outros estabelecimentos de ensino e extinções. E isso não só no Rio de Janeiro, mas em todo o território brasileiro, onde a data de promulgação da criação diverge da data da abertura do curso propriamente dita, demonstrando que a consolidação da formação dos professores perpassou por vulnerabilidades de diferentes instâncias, levando-se a reflexão da dualidade entre o que se promulgava pelo modelo do governo através dos decretos e o que se via propriamente na prática deste modelo de formação.

Neste contexto, houve muitas mudanças ao longo dos anos com o Ensino Normal da Escola da Côrte, devido às demandas das questões políticas e da sociedade que se urbanizavam e clamavam pela reforma no ensino, principalmente em relação à formação de professores, onde o currículo sofreu mudanças e essas não se davam apenas no âmbito da aprendizagem, era também na estrutura física da escola, nas denominações e endereços.

Quadro 12 - Cronologia da Criação da Escola Normal do Município da Côrte

ANO	DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
1835	Criação da Escola Normal	
1847	Fusão com o Liceu Provincial	Rua Vereador José Vicente, 269 - Engenhoca, Niterói - RJ
1862	Reestabelecimento e abertura para o sexo feminino	Rua da Princesa, Niterói - RJ
1871	Escola Normal	Rua Marechal Deodoro, Niterói - RJ
1874	Escola Normal	Rua São João, Niterói - RJ
1890	Escola Normal, extinta e tem uma nova fusão com o Liceu de Humanidades de Campos	Rua Barão da Lagoa Dourada, 15 - Centro, Campos dos Goitacazes
1895	Escola Normal	Prédio do Tesouro Estadual - Rua Marechal Deodoro, Niterói - RJ
1900	Escola Normal	Palácio do Governo - Rua Presidente Pedreira, Niterói - RJ
1921	Escola Normal	Sede Própria - Praça da República, Niterói - RJ
1931	Reagrupa novamente com o Liceu Provincial, com a nova denominação de Liceu Nilo Peçanha	Rua Vereador José Vicente, 269 - Engenhoca, Niterói - RJ
1938	Criação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro	Tv. Manoel Continentino, - São Domingos, Niterói - RJ
1954	Ultima transferência do Curso Normal, para o Prédio atual	Tv. Manoel Continentino, - São Domingos, Niterói - RJ

1965	Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho	Tv. Manoel Continentino, - São Domingos, Niterói - RJ
------	---	---

Fonte: Blog do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, (2014).

A Normalista Áurea (2014), retrata essa mudança e os níveis de ensino que cada estabelecimento oferecia. A formação dos professores nas Escolas de Ensino Normal não se deu propriamente nas escolas com a denominação "Escola Normal", e sim era oferecido o "Curso Normal" em outras instituições educacionais, isto é, foram se emoldurando aos padrões de outros estabelecimentos educacionais.

Áurea: [...] O ginásio não tinha aqui, depois voltava pra fazer o Curso Normal. Então eu terminei aqui em cinquenta e cinco. Aí de cinquenta e seis a sessenta... não... de cinquenta e seis... cinquenta e sete... cinquenta e oito... de cinquenta e seis a cinquenta e nove, eu fui pro Liceu. Fiz prova, fui pro Liceu Nilo Peçanha. Aí fiz o ginásio lá, depois de lá... voltei para aqui. Aí fiz prova pra vim aqui fazer o Curso Normal.¹⁰

Com o passar dos anos, a Escola Normal do Rio de Janeiro foi crescendo e ofertando o ensino só para o gênero feminino. Mas não perdeu o seu caráter elitista, excludente, com uma proposta conservadora, quando em meados do século XX só estudavam moças da classe média-alta do Rio de Janeiro.

Francisca: Naquela época, era uma coisa linda, linda, linda, linda. Esse colégio era um colégio tão importante que aqui estudava filha até de deputado. Não era porque fosse deputado que a filha entrava de qualquer jeito! Aqui tinha exame de seleção.¹¹

Permanecendo a elitização e endossando a meritocracia, ou seja, classificando as "melhores" com emprego público na própria escola, inclusive de uma escola para outra tinha o privilégio da escolha do local onde se queria trabalhar, isso para as Normalistas que mais se destacassem. Neste aspecto prevalecendo as ideias pedagógicas dos bons costumes, que estavam implantadas em todo o processo educacional, e com a intencionalidade de preservar o caráter conservador, onde poderiam atingir níveis de civilização.

¹⁰ Entrevista realizada com a Normalista Áurea Lúcia Dias, no dia 24 de julho de 2014, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

¹¹ Entrevista realizada com a Inspetora Francisca Alves Martins, no dia 23 de julho de 2014, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

Áurea: Eu fiz o curso normal aqui... então a minha vida foi em função disso. Aí quando terminei, eu terminei com nomeação prêmio.

Nomeação prêmio é quem tirava mais de setenta durante o curso todo. Mais de setenta em cada disciplina e mais de oitenta na global. Entendeu? Então nós... aí quem não fazia aquela prova pra dar aula... que era como um vestibular naquela época né? Terminava o curso normal e o pessoal fazia ingresso, aí ia pra longe... era uma coisa difícilíssima aquela prova naquela época. E nós daqui do instituto de educação que passava nesse critério, você escolhia a escola que queria trabalhar. Eu aí, eu mais umas cinco... acompanhando as colegas, ao invés de ficar aqui... nós fomos pra outra escola. Aí eu fui trabalhar no Colégio Estadual Raul Vidal, que é ali perto da rodoviária... por ali assim. Fui trabalhar no Raul Vidal... aí lá nesse colégio, eu fiquei minha primeira matrícula toda lá, trabalhei lá de sessenta e três a noventa e um. Trinta e poucos anos só lá. A matrícula inteira fiquei lá nesse colégio. Mas em oitenta e... depois do meio disso e tal, aí eu me casei... tive filhos... aí não fiz faculdade nessa época. Só mais tarde que eu fui fazer faculdade.

A história das alunas, professoras(os) e funcionárias(os) se entrelaçam com a da Escola Normal do Município da Côrte, pela vivência e permanência mesmo após a formação e/ou aposentadoria. É o caso da Normalista Áurea, Hanriete e a funcionária D. Francisca. A centralização e o modelo de uma escola de formação profissional perpassaram a esfera pública e se traduziu na organização privada, onde também as alunas que eram formadas pela ENMC tinham sua vaga de trabalho nas escolas particulares.

Hanriete: Na minha época, muitas de nós já saíamos daqui da escola empregadas. Por que? Porque quem fazia curso pedagógico no IEPIC. Tinham uma grande abertura em todas as escolas particulares. Em todas não, mas em sua grande maioria. Principalmente Abel... São Vicente... que são essas escolas grandes...

Ana Paula: Tradicionais...

Hanriete: É tradicionais do município. Muitos professores também eram professores daqui e dessas escolas. Então já faziam esse intercâmbio levando essas alunos (nesse momento ainda alunas) para fazerem estágio nessa escola e depois quando nós nos formávamos já éramos chamadas para trabalhar nessas escolas.¹²

O modelo centralizador e burocrata uniformiza o Ensino Normal em todo o país, fazendo com que os Estados reformulassem as Escolas Normais, quando as mesmas passavam a ser institutos educacionais, cabendo aos Estados o direito de adaptar as determinações às diferenças e necessidades regionais e administrar o ensino, respeitando o espírito da lei.

¹² Entrevista realizada com a Normalista Hanriete Conceição Souza Alves, no dia 23 de julho de 2014, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

No que se diz respeito ao Ensino Normal a nível nacional, encontram-se várias referências sobre esse aspecto. Uma destas para o nosso estudo foi a dissertação de Leonor Maria Tanuri, com o título: Contribuição para o estudo da Escola Normal no Brasil (1969), e outra foi a tese de Heloísa de Oliveira Santos Villela, intitulada: A primeira Escola Normal do Brasil uma contribuição à história da formação de professores. "[...] a primeira Escola Normal brasileira só seria fundada a 4 de abril de 1835, em Niterói, iniciativa esta que pode, entretanto, ser colocada entre as pioneiras na América." (TANURI, 1969, p. 17), vide imagem 3 da criação da Escola Normal, apresentando como referência a primeira Escola Normal no Rio de Janeiro.

A ENMC passou a ser Instituto de Educação pelo Decreto nº. 3.810 de 19 de março de 1932¹³, antes do Decreto-Lei nº. 8.530, de 2 de Janeiro de 1946 – Lei Orgânica do Ensino Normal, que estabelecia essa mudança para todas as Escolas Normais de todo o país que passaram a ser Institutos de Educação. No caso da ENMC, passou a ser o Instituto de Educação de Niterói, integrando a Escola Normal, o Grupo Escolar Getúlio Vargas e o Jardim de Infância Maria Guilhermina. Considerado o estabelecimento padrão do Ensino Normal no Estado. Este prédio foi concluído em 1968 no governo de Geremias de Mattos Fontes e tendo como Secretário de Educação e Cultura Luiz de Araújo Braz.

Imagem 5 - Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho



Fonte: A autora, (2014).

¹³ Conforme o anexo F, Decreto nº 3.810 de 19 de março de 1932.

Fazendo um comparativo da temporalidade dos decretos e das novas modalidades estruturais das duas instituições públicas, as mesmas mudam de Escola Normal para Instituto Educacional na mesma época, a ENMC em 1938 e a ENOPE em 1942.

2.3 PROJETANDO A HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE ENSINO NORMAL EM RECIFE

2.3.1 Escola Normal Oficial de Pernambuco

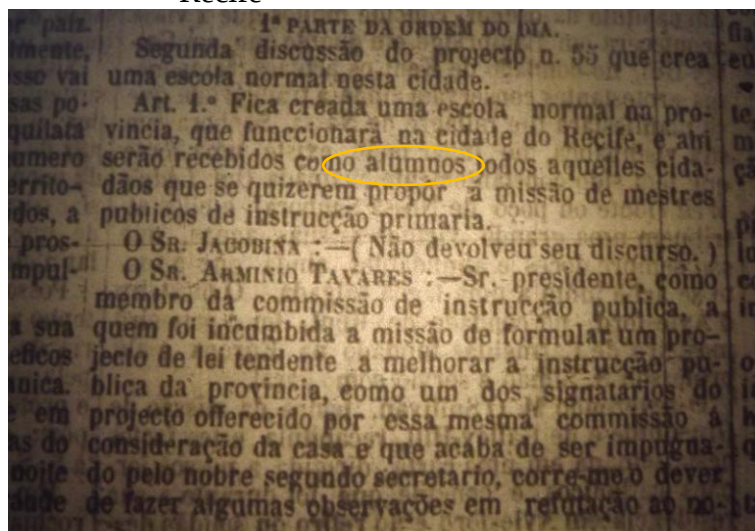
Para o estudo da Escola Normal Oficial de Pernambuco (ENOPE), é necessário o entendimento da estrutura, do funcionamento, dos objetivos e da legalidade desse estabelecimento, dentro do contexto da educação profissional docente nacional, buscando as origens destas instituições no país, demonstrado nas seções anteriores.

A Escola Normal Oficial de Pernambuco teve a sua origem em 1864, e tinha como objetivo formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e de nível secundário (hoje Ensino Normal Médio).

Mesmo esta instituição sendo criada especificamente para a formação docente, a mesma não foi designada como um modelo acabado e com um prédio próprio. As mudanças ocorreram de acordo com as especificidades da época. Daí podendo se justificar a abertura e o fechamento de várias Escolas de Ensino Normal no Brasil, e que em Pernambuco não foi diferente. Para Saviani (2007), as instituições são locais de atuação com objetivos peculiares em um determinado grupo social, tanto na sua gênese como no seu funcionamento ou encerramento, em um arcabouço de um ciclo funcional.

A Escola Normal Oficial de Pernambuco, desde a sua criação, foi voltada exclusivamente para a formação de professores homens. Depois aconteceram as mudanças de prédio, a inserção das mulheres, a transformação em Instituto de Educação e, em seguida, no Complexo Educacional de Pernambuco.

Imagem 6 - Discussão Projecto nº.55 para a criação da Escola Normal em Recife¹⁴



Fonte: Acervo de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (2013).

Assim sendo, segundo Scott (1990, p.7), “O uso de “gênero” põe a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”. As relações de poder, a cultura local e os preceitos da época, regulamentam a dinâmica das instituições. Sendo que no projeto de criação da Escola Normal a mulher não tinha o direito de estudar. O domínio dos homens na trajetória da Escola Normal Oficial de Pernambuco, que vai sendo construído não só no contexto da escolarização, da profissão e no seu papel de esposo e pai, vai sancionando relações fundamentadas na dualidade da competição, símbolos, direitos e deveres impostos pela sociedade, inclusive na inserção das mulheres na ENOPE, pois a sua admissão encontrava-se vinculada as circunstâncias financeiras do estado, ou seja, em 1874, dez anos após a sua inauguração, pela Lei 1148 de 08/06/1874 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1975) a mulher só estudaria se houvesse recursos para tal modalidade.

A concepção do que necessitaria ser a estrutura física e pedagógica da ENOPE, encontra-se presente no Projecto 55¹⁵ pelo discurso do Sr. Armínio Tavares ao presidente da província, defendendo a instrução pública como no seu Decreto e regulamento, quando impõe saber ler e escrever, contar e ter bons costumes para o seu ingresso, limitando a presença inicial da mulher nesta instituição, a falta de sede própria, e as várias mudanças de endereço, mesmo sendo uma escola pública.

¹⁴ Publicado na quarta-feira de 27 de abril de 1864 no Diário de Pernambuco.

¹⁵ Vide Projecto 55 na íntegra no anexo G.

Vejamos o que diz o Projecto 55.

Sr. presidente, o espírito, como o corpo, tem suas necessidades vitais: o espírito carece de ensino como o corpo do pão; e sem pão, o corpo delinha e morre, assim sem o ensino, o espírito não vive... Instruir, pois, senhores, um povo é dar-lhe vida é moralisa-lo, é civilisa-lo.

A criação da Escola Normal Oficial de Pernambuco em meados do século XIX, no Estado de Pernambuco, sofreu e mudou de acordo com todas as influências, sociais, políticas e econômicas do país, passando da República Velha, ao Estado Novo (Getúlio Vargas) até chegar então ao período chamado por Aranha (2006) de República Populista (1945-1964).

De acordo com Aranha (2006, p.295) “[...] Surgiu a partir do período entre guerras, com a emergência das classes populares urbanas, resultantes da industrialização, quando o modelo agrário-exportador foi substituído aos poucos pelo nacional-desenvolvimentismo.”

Na retrospectiva da localização, estava situada primeiramente na antiga Torre da Alfândega, no bairro do Recife. Em seguida, passou a realizar suas atividades no Casarão Colonial na Rua da Praia. Em 1900, a sua localização era nas dependências do Ginásio do Recife, atual Ginásio Pernambucano. Seu primeiro prédio próprio foi em 1920, na Praça Adolfo Cirne, mas em 1962 começaram as obras para sediar a Câmara de Vereadores do Recife neste referido local, onde até então funcionava a Escola Normal, situada na Rua Princesa Isabel, ao lado do Parque Treze de Maio, na Boa Vista, onde a Câmara está até os dias atuais. E a Escola Normal mudou seu endereço e nome, após o Decreto-Lei nº. 1.448, de 03 de setembro de 1946, publicado no Diário Oficial de Pernambuco.

O Complexo Educacional de Pernambuco foi composto pelas escolas: Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho (Ensino Infantil); Escola Cônego Rochaël de Medeiros (Ensino Primário); Escola João Barbalho (Ensino Ginásial); Escola Sizenando Silveira (Ensino Científico) e a Escola Sylvio Rabello: Ensino Profissionalizante e Ensino Normal.

A estruturação como Centro Integrado Instituto de Educação de Pernambuco, aconteceu através do Decreto Estadual nº. 2.631, de 26 de outubro de 1972, que se baseou na Lei Federal 5.692, de 11 de agosto de 1971, que trata das Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (BRASIL. Lei nº 5.692, 1971; PERNAMBUCO. Decreto nº. 2.631, 1972).

Essas reformas se deram em várias instâncias, e, segundo Lima (1985, p.89), houve um concurso de arquitetura em 1956, de grande importância no cenário local e que contribuiu para a afirmação profissional dos jovens arquitetos Marcos Domingues da Silva e Carlos

Correia Lima, ganhadores do citado concurso, e que participaram da elaboração do projeto do Instituto de Educação de Pernambuco (IEP).

Nesta época, havia discussões do porque não entregar essa obra a arquitetos renomados, como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Inclusive essa lembrança nominal de arquitetos foi motivo de discussões e publicações na imprensa local. Lima (1985), comenta sobre uma publicação da Folha da Manhã do dia 8 de Janeiro de 1956, no seu livro: *Modulando: notas e comentários sobre arquitetura e urbanismo*, retratando a importância desse concurso.

Finalmente está aberto o Concurso de projetos para o novo edifício do Instituto de Educação de Pernambuco. Como não poderia deixar de ser, a notícia é realmente de grande importância, não só para o público em geral, pois assim recrudescem as esperanças de se dar à velha e tradicional Escola Normal um prédio mais condigno com sua condição de formadora da juventude pernambucana, mas também, e de modo particular, para nós que fazemos o Instituto de Arquitetos do Brasil. (LIMA, 1985, p. 92).

Apesar de tudo, foi feito o concurso de anteprojetos para o IEP, e quem ganhou foram os arquitetos Marcos Domingues da Silva e Carlos Correia Lima. De acordo com Lima (1985, p. 89), “[...] as razões são óbvias, pois se trata de dar a antiga e tradicional Escola Normal Oficial de Pernambuco, uma nova sede condigna com seu alto prestígio e que venha atender verdadeiramente às suas reais necessidades” e que seja planejada por arquitetos locais.

Imagem 7 - Vista da Câmara dos Vereadores do Recife, antiga Escola Normal Oficial de Pernambuco e o atual Instituto de Educação de Pernambuco



Fonte: A autora, (2014).

Percebe-se que a contextualização em torno da Escola Normal Oficial de Pernambuco e em seguida o Instituto de Educação de Pernambuco é imensa, pois se trata de uma

instituição de prestígio social. Sua estrutura física é notória pela grandiosidade e pela sua localização, ambas na região central do Recife. Essa gama de informações constituiu-se da formação das Normalistas e parte da história da educação de Pernambuco, proporcionando vagas para as camadas mais populares que, até então, era privilégio das elites estudar em uma instituição renomada.

2.3.2 Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora

Com a Escola Pinto Júnior, as mudanças físicas e pedagógicas também ocorreram ao longo dos anos. Sua criação ocorreu após oito anos da criação da Escola Normal Oficial de Pernambuco, tendo o mesmo viés, que era a formação de professores primários, e só depois foi instaurado o Curso Normal de Senhoras, onde as mesmas estudavam à noite. Segundo o Diário de Pernambuco (17/09/1975), em 1891 seu nome foi alterado para "Escola de Ensino Secundário para Senhoras", para só então com um novo regulamento de 1903, passar a ser chamada "Escola Normal Pinto Júnior".

Ainda na época do Conselheiro Pinto Júnior, a Propagadora transferiu-se para o Pátio de Santa cruz, e, depois para a Praça Maciel Pinheiro, sendo já conhecida como "a melhor escola de preparação de senhoras" e a mais procurada pelos pais que queriam ver as filhas formadas em professoras. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, (17/09/1975).

Inicialmente, as duas instituições de Ensino Normal do Recife funcionaram em um único prédio. No período da manhã funcionava a ENOPE e no período da noite a ENPJSP com as mulheres, acompanhadas por seus pais, como forma de concessão de prédio e retratando subjetivamente a relação de poder. Pela manhã estudavam as moças de classe média, que desfilavam pelas ruas do Recife, e à noite, as moças do curso da sociedade propagadora. Essa situação é chamada por Elias (2000) como "estratificação social", quando ocorrem diferenças dentro de uma mesma sociedade, entre os velhos e novos habitantes, que nesse caso são as Normalistas.

Edivalda: Quando Pinto Júnior criou essa escola, ele era estudante de direito, tinha 18 anos de idade e fundou essa escola. Dessa escola, da ideia de Pinto Júnior, nasceram algumas escolas. Dizem que a ideia da escola de medicina, parece que da escola de farmácia, a criação nasceu dos professores daqui. Isso é o que me disseram sempre.¹⁶

¹⁶Entrevista realizada com a Normalista Edivalda Porfírio de Albuquerque, no dia 21 de setembro de 2015, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

Ana Paula: Lúcia, é... O que te levou, quais são as lembranças que você tem da Escola Normal Pinto Júnior?

Lúcia: Olhe, em primeiro lugar na época, ela era uma escola muito conceituada, então as garotas gostariam muito de estudar na Pinto Júnior, porque por ela ser uma escola é muito conhecida, ensinava muito bem, o fardamento dela era lindo, ele era até mangas compridas, de lingerie, de lingerie a blusa. Então, era uma escola muito conceituada na época, era uma das melhores escolas de Recife.¹⁷

A criação da Escola Normal Pinto Júnior, foi propiciada pela Sociedade Propagadora da Instrução Pública, criada em 1872, fundada pelo Prof. Bel. Magistrado e Conselheiro João José Pinto Júnior (Prof. da Faculdade de Direito). A princípio teve o apoio de intelectuais pernambucanos, como: Cônego Rochael de Medeiros (até hoje existe uma escola pública estadual com seu nome); João Barbalho (também até hoje existe uma escola pública estadual com seu nome) e essas duas escolas públicas fazem parte do Complexo Educacional de Pernambuco; Afonso Olindense (nome de uma avenida no bairro da Várzea); Arnóbio Marques (nome de rua no bairro da Boa Vista); Martins Júnior (nome de rua no bairro da Boa Vista). Trazendo para a população bibliotecas, instalação de museus e a Escola de Farmácia, que foi agregada com a Faculdade de Medicina, e assim sendo criada a primeira escola que não era pública, não sendo mantida pelo governo e sim por um grupo de intelectuais no período do Governador Francisco de Farias Lemos.

Para custear as despesas, a Sociedade Propagadora da Instrução Pública recebia doações de toda ordem: sócios doavam livros para as bibliotecas e roupas para os alunos necessitados ou mesmo donativos em dinheiro; companhias de teatro ofereciam a renda de espetáculos; senhoras da sociedade doavam a renda de concertos e recitais (vocal e instrumental) e a renda de peças (obras de arte) leiloadas; imóveis eram cedidos por alguns associados, para funcionamento de escolas (com toda a mobília necessária) são alguns exemplos. (MONTEIRO e GATI, 2004, p.108).

Segundo D. Edivalda é uma das sócias da Sociedade Propagadora da Instrução Pública, "[...] Edivalda: Olhe, isso é um grupo de abnegados sem fins lucrativos. Ninguém deu um tostão para ser sócio disso aqui, também não recebeu um tostão para ser sócio," ou seja, é uma instituição sem fins lucrativos e existe até hoje, onde o prédio situado na Rua:

¹⁷Entrevista realizada com a Normalista Maria Lucia Galiza, no dia 24 de agosto de 2015, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

Riachuelo nº 649, é mantido com o aluguel das salas para outros cursos, mesmo sendo decretado pela Prefeitura do Recife como imóvel de Preservação especial.

Imagem 8 - Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora



Fonte: A autora, (2014).

Fazendo um comparativo com a Escola Normal Oficial de Pernambuco e com a Escola Normal Pinto Júnior, a estrutura física e a organização se assemelham, porém na Pinto Júnior havia o subsolo enquanto que na Oficial de Pernambuco não existia esse espaço.

Lúcia: Subsolo, ali no subsolo... tinha escada que dava para o primeiro andar, ai ali já tinha uma cantina, ali eu não lembro se tinha sala de aula, acho que não tinha, tinha! Tinha salas de aula, tinha umas três ou quatro salas de aula e nós fomos visitar, há um tempo atrás nós fomos visitar. Tinha a diretoria subindo as escadas entrando do lado esquerdo, a parte administrativa... ai pra direita, ai vinha umas, umas banquetas onde a gente ficava sentada, tinha o sanitário na frente, tinha essa cantina e tinha duas salas de aula bem grande e as cadeiras eram de madeira, me lembro bem, as cadeiras eram de madeira, era tudo organizado por ordem alfabética. Então, a letra A, começavam com as primeiras cadeiras.

A organização escolar é própria de uma época, longe de ser uma dimensão neutra e sim agregada de valores e normas, pela suntuosidade do prédio, sua localização, e o grupo de professores que fazia parte da escola, caracterizando a intenção de criar novos espaços

educacionais, demonstrando à sociedade que é possível haver boas escolas que não sejam públicas e nem privadas com cunho lucrativo.

Segundo o Diário de Pernambuco (1975), o então diretor e professor Gilberto Fraga Rocha fez a última transferência do prédio que ficava situado no bairro do Monteiro, zona norte do Recife, para a zona central, onde se encontra até os dias atuais. Porém, na gestão de Cândido Duarte, na década de 1930, a Escola foi ampliada e reformada pelo Eng. Heitor de Andrade Lima, que futuramente viria a ser o novo diretor da referida instituição, até 1968.

Porém, mesmo havendo no seu início a comparação e estigmatização desta Sociedade e consequentemente a Escola Normal Pinto Júnior, criou-se um quadro de professores renomados no Estado de Pernambuco, dando evidência a qualidade do Curso Normal, e mesmo esta Sociedade sendo criada por pessoas vinculadas a religião católica, a mesma não tinha normatizações metodológicas com nenhuma crença.

Ana Paula Na Sociedade Propagadora Cristã, a senhora sentia um vínculo religioso de lá?

Ingracita: Não.

Ana Paula Tinha padre, freira.

Ingracita: Não tinha. Na religião a gente aprendia a rezar o pai nosso.

Ana Paula De que horas rezava o Pai Nosso?

Ingracita: Na entrada. Ao rezar o Pai Nosso, rezava automaticamente, automaticamente a gente sabia que o Pai Nosso era religioso, dentro de uma religião católica, entendeu.¹⁸

Com o passar dos anos, com as várias mudanças de locais, com a morte do seu mentor o Prof. Pinto Júnior, e com os novos moldes de ensino propostos pelo governo, o encerramento do Curso Normal da Pinto Júnior foi consequência das mudanças do Ensino Normal, que passou para o Magistério e hoje se configura como Ensino Normal Médio. Mas, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN), passou-se a exigir a formação do professor das séries iniciais ao nível superior, havendo o declínio dos Cursos Normais de nível médio.

Edivalda: quando se deu o fechamento dessa escola, eu preparei todo o material pra ser entregue ao estado. Então, naquela hora, eu estava matando uma história de cento e quarenta e oito anos. Mônica sabe que eu chorei muito aqui preparando todo o material do curso de magistério da Pinto Júnior para entregar ao estado no GREA, no dia sete de outubro de dois mil e treze. Foi um dos dias que eu mais chorei na minha vida.

¹⁸ Entrevista realizada com a Normalista Ingracita Queiroz Bastos, no dia 08 de outubro de 2015, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

Mesmo se encerrando o curso Normal na Pinto Júnior, o Ensino Normal da antiga ENOPE se perpetua na Escola Sylvio Rabello, no Instituto de Educação de Pernambuco, com a denominação de Ensino Normal Médio. Mas o orgulho, os ensinamentos e a grandiosidade de se estudar na única Escola sem fins lucrativos do Estado de Pernambuco, se perpetuam na memória das Normalistas, que não só diferenciavam com a cor dos uniformes como também na sua intelectualidade, até os dias atuais.



INSERÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO 3 NITEROIENSE E RECIFENSE

FONTES: A AUTORA (2014) E ARQUIVO PESSOAL DA NORMALISTA LUCIA GALIZA

3 INSERÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO NITEROIENSE E RECIFENSE

Este capítulo retratará o perfil das Normalistas, como discentes e docentes, adentrando na vida escolar, profissional e pessoal, fazendo um sucinto percurso pelo papel dos pais no incentivo a educação das filhas, objetivando conhecer o contexto da inserção das mulheres nas Escolas: Normal do Município da Côrte, Normal Oficial de Pernambuco e na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora.

Além da oralidade, ter-se-á como fonte os documentos da época da escolarização das Normalistas, oriundos dos arquivos pessoais, arquivos das instituições educacionais e da Biblioteca Nacional. Na organização da oralidade, as fontes documentais e as imagens das Normalistas obedecem a ordem cronológica das seguintes instituições: Escola Normal do Município da Côrte, Escola Normal Oficial de Pernambuco e na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, ou seja, a ordem das depoentes e dos documentos sempre obedecerão essa sequência. Ressalte-se que nem sempre foi possível ter os documentos das três instituições, em razão da temporalidade. Neste contexto, este capítulo retratará as vivências das Normalistas na esfera pessoal, com a influência da família e a sua formação nas Escolas de Ensino Normal.

A edificação da formação docente, principalmente as voltadas para o Ensino Normal do universo feminino é muito vasta, envolvendo as mais diversas Escolas Normais do país e histórias de vida das depoentes, pois é perceptível nos seus relatos a influência que a família teve nesse processo.

Áurea: a gente não tinha aquela ideia de dizer: *ah, eu vou ser advogada... vou ser médica!* Você quando terminava, você era professora [...]Então fazer o Curso Normal era uma formação como se diz... era a melhor formação na época.

Lindete: os alunos quando a gente entrava se levantava, a gente se benzia, rezava e também na Escola Normal, também que muito mais rigoroso. Eu amava a disciplina, eu tenho saudade.¹⁹

Edivalda: Olha, primeiro, as alunas que faziam magistério eram especiais. Por que? Elas escolhiam magistério porque queriam ensinar, ser professora. Então, eram alunas dóceis, obediente, e que amava os professores.

¹⁹ Entrevista realizada com a Normalista Maria Lindete dia 14 de setembro de 2015, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

Nota-se que devido a esta diversidade a formação das Normalistas, ocorreu de diferentes formas ao longo da história, tendo diferentes níveis de organização curricular, e outras características específicas de cada região e ou instituição dos primeiros cursos para formar professoras das primeiras letras.

Assim, pouco a pouco, desde o século XIX, os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. essas características se mantêm ao longo do século XX [...] é acompanhada de intensas alterações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas que acabam por determinar a grande participação feminina no mercado de trabalho. (VIANNA, 2002, p.45-46).

Com as Normalistas não foi diferente, mediante as questões familiares e as instituições diferentes, mas o que se percebeu ao longo dessa pesquisa foi o encanto de terem estudado neste tipo de instituição, o rigor, a disciplina e a equidade em alguns documentos e normatizações. Ao longo desse capítulo percorre-se, nas duas cidades, o sentimento de ser Normalista e outras particularidades, que são as tipologias de documentos educacionais e os depoimentos. As questões que inicialmente apresentavam-se como amplas, foram se aprofundando e consolidando com os documentos, frente a complexidade das três instituições educacionais e das onze colaboradoras, levantando questões equivalentes a temática central desta pesquisa.

3.1 O QUE É SER NORMALISTA: Da vida educacional para o futuro pessoal e profissional

Ao propor dissertar o que é ser Normalista, uma simbologia vinculada ao educar, elencada pela sociedade como função obrigatória da mulher, é dispor-se a falar das trajetórias de vida de cada depoente, não só sua vida pessoal como profissional, envolvendo a sociedade, as famílias e as questões culturais de uma época. O saudosismo, o respeito, e o ensino estão inseridos em seus relatos ao longo deste capítulo.

Áurea: Ah, era uma coisa assim... maravilhosa! Era uma coisa assim... de você além de estar conhecendo o mundo, você estava abrindo as portas pro outro mundo do saber.

Lindete: Ser normalista pra mim era um orgulho. A farda azul e branca, sapato preto, meia branca, um lacinho aqui e um emblema assim... tinha: IEN, depois ficou IEP - Instituto de Educação de Pernambuco. Manga aqui, e nos trinques mesmo, que eu creio que naquela época toda Normalista tinha orgulho naquela farda.

Lúcia: Ser Normalista ajuda muito, e principalmente eu achei que as mulheres Normalistas, elas tinham uma educação muito boa para o casamento, porque na época era quem bem mais preparava para o casamento, principalmente psicologia, eu gostei muito da psicologia, eu sempre gostei muito de psicologia e didática né? Que eles ensinavam didática pra gente. Então, eu achava muito importante a psicologia no ensino, sempre achei, na própria vida.

A questão da escolha de se fazer um curso visando a profissão de professora, considerando que naquela época essas jovens eram direcionadas à preparação do próprio casamento, até na composição do currículo, que nesse caso é a inserção da disciplina de Puericultura, tinha na intencionalidade os cuidados com as crianças, ora como alunos, ora como filhos, assim sendo, imbricava nas questões sociais, indo além das questões da formação profissional, enquadrando-se na tradição conservadora da época.

Nessa época, era status ter uma filha fazendo o Curso Normal, pois não só preparava para uma profissão, como também para o casamento, ou seja, servia também para a organização do lar, os bons costumes e a educação dos filhos, onde Carla Bassanezi (2008) também destaca o papel da moça da classe média brasileira.

Considerado o mais próximo da função de “mãe”, o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada “cultura geral” adquirida na escola normal. (BASSANEZI, 2008, p.625).

Nos relatos acima, o orgulho é a fonte principal para a escolha da profissão docente, este sentimento está relacionado com a vida cotidiana entre escola, família e sociedade. Uma tríade que contribuiu para a formação não só dessas jovens, como também de gerações, difundindo e perpetuando a educação e os bons costumes selados na época. Aproximando-se do que Elias e Scotson (2000, p.26) nos diz “[...] O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso.” Levando para essas Normalistas, um sentimento de pertença, isto é, eram cortejadas, aceitas na sociedade, e motivadas para exercerem o seu papel de mulher, esposa, mãe e professora, não exatamente nessa ordem, mas exatamente no cumprimento dessas “funções”.

Para Freitas (2002, p.145) “[...] à motivação para a realização do curso, muitas são as razões apresentadas pelas ex-alunas: a boa reputação da instituição,” neste aspecto a Normalista Lindete, relata detalhes do fardamento e cita o nome da instituição em que estudou.

As Normalistas, tem uma visão que perpassa da tríade e se insere na visão de futuro, uma abertura para o mundo, a nova oportunidade de trabalho e perspectiva de vida, onde o casamento não seria uma única opção. Para Freitas (2008), independente do momento e da instituição educacional, as mesmas viveram peculiaridades e tem a sua característica em relação ao que é "ser Normalista", impetrada de sentimentos, romantismo e a visão de futuro, configurando-se como profissão feminina, inclusive na questão da carga horária de trabalho, podendo trabalhar em um só turno e no outro cuidar do lar.

Naquela década, as mulheres estavam relacionadas ao controle da sociedade brasileira, onde o poder advinha dos homens e da elite brasileira. Esse prélio em busca da profissionalização docente, para além da ideologia do casamento, é apresentado em diversas formas, desde o modismo das revistas, que publicavam artigos de como uma mulher de boa família deveria se comportar, até as questões políticas e dos movimentos feministas.

Nas entrevistas, mesmo as Normalistas tendo o orgulho, o romantismo, o apoio da família e o respeito da sociedade por estudarem nas Escolas de Ensino Normal, isso não era a garantia e muito menos sinônimo de que iriam seguir a profissão de docente. Mesmo vencendo os desafios do dia a dia, com uma disciplina rigorosa, com a concepção tradicional de ensino, típica da temporalidade desta pesquisa, nem tudo era um mar de rosas, nem tudo eram flores. Começando pelo seu ingresso ao fazer o teste de admissão, os deslocamentos de suas residências aos Colégios, o rigor da disciplina, a privação do namoro por algumas, as avaliações, e os deveres que apontavam para a estrutura de poder e controle.

[...] um discurso que associa fortemente o magistério a abnegação, doação e civilidade. Mas revelam também orgulho, prazer e realização de muitas mulheres e o reconhecimento do magistério como atividade profissional e não como uma simples missão. (SILVA, 2002, p.105).

As expressões das Normalistas, nos demonstram a inclusão de um discurso que associa, entrelaça e fortifica a valoração do magistério, ante a normatização do Ensino Normal no Brasil. Independente do romantismo nos seus relatos; das imposições da sociedade; da visão de um futuro promissor e dos anúncios de um progresso.

3.2 TESTE DE ADMISSÃO

Para ingressar nas Escolas de Ensino Normal, as candidatas deveriam passar pelo rigoroso teste de admissão. Algumas Normalistas faziam um teste preparatório para realizar o

referido teste de admissão. De acordo com Pessanha (1994, p.85) "[...] a certeza de que este era um nível de ensino reservado para uma "elite" pode ser encontrada na seletividade que, na época, equivalia ao dos vestibulares."

Estes testes eram obrigatórios pela Lei Orgânica do Ensino Normal, no título III do capítulo III. Estes exames eram realizados em todo o território nacional, em que as Normalistas das três instituições pesquisadas, relatam o processo com sua dificuldade e a importância que se dava ao mesmo, pois a aprovação para esse nível de ensino havia se configurado como uma barreira difícil de ser ultrapassada pelas alunas que vinham do ensino primário (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1946).

CAPÍTULO III DOS ALUNOS E DA ADMISSÃO AOS CURSOS

Art. 18. Os alunos dos estabelecimentos de ensino normal serão sempre de matrícula regular, não se admitindo alunos ouvintes.

Art. 19. Nos estabelecimentos que admitirem alunos de um e outro sexos, as classes poderão ser especiais para cada grupo, ou mistas.

Art. 20. Para admissão ao curso de qualquer dos ciclos de ensino normal, serão exigidas do candidato as seguintes condições;

- a) qualidade de brasileiro;
- b) sanidade física e mental;
- c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente;
- d) bom comportamento social;
- e) habilitação nos exames de admissão.

Art. 21. Para inscrição nos exames de admissão ao curso de primeiro ciclo será exigida do candidato prova de conclusão dos estudos primários e idade mínima de treze anos; para inscrição aos de segundo ciclo, certificado de conclusão de primeiro ciclo ou certificado do curso ginasial, e idade mínima de quinze anos.

Em relação ao art. 21 do Decreto-lei supracitado, sobre as Normalistas entrevistadas, Áurea tinha em média quatorze anos ao fazer o teste de admissão. Hanriete tinha feito o antigo segundo grau com o curso de secretariado, mas optou por fazer outro curso, no caso o Normal, e mesmo assim teve que fazer o teste de admissão, que lhe deu o direito de ingressar no segundo ano, e de ser professora. Já a Normalista Iolete Barros do Estado de Pernambuco, nos relata que o seu teste de admissão foi realizado no Estado do Rio Grande do Norte, sendo o mesmo aceito na Escola Normal de Pernambuco. Por ser uma lei Federal e por ser uma época onde as normatizações e os valores eram uniformes.

Áurea:[...] Aí fiz o ginásio lá, **Liceu Nilo Peçanha** (inserção nossa), depois de lá... voltei para aqui **Escola Normal do Município da Côrte** (inserção nossa) . Aí fiz prova **Teste de admissão** (inserção nossa) pra vim aqui fazer o Curso Normal.

Ana Paula: Isso em que ano?

Áurea: Sessenta. Sessenta a sessenta e dois, eram três anos. Porque teve uma época que eram quatro anos né... sessenta a sessenta e dois. Aí eu fiz o Curso Normal aqui... então a minha vida foi em função disso.

Hanriete: [...] eu vim e vi os trâmites legais de como poderia entrar para fazer o pedagógico... e aí eu precisava só entrar no segundo ano. Vim, fiz todas as avaliações **Teste de admissão** (inserção nossa) e aí me matriculei. Foi a felicidade da minha vida! Fiz o segundo ano devendo matérias do primeiro, que eram matérias relacionadas a educação... cumpri isso tudo e fiz estágios.

Ana Paula: Como foi o seu ingresso na escola Normal oficial de Pernambuco?

Iolete: Através do chamado "Exame de admissão", realizado no Colégio do Atheneu Norte Riograndense, como meu pai foi transferido para Recife, a minha transferência também foi solicitada para a Escola Normal. O Atheneu era como a escola Normal, só que em Natal- Rio grande do Norte. Foi uma alegria enorme, quando fui informada por Dr. Dárcio Rabello, diretor naquela época, que daquele dia em diante eu passava a fazer parte do corpo discente da Escola Normal de Pernambuco.

Em Pernambuco, João Marinho Arruda dos Santos, Secretário de Educação no período de 01/02/1951 a 11/12/1952, criou um regulamento que trazia todas as normas e atribuições referentes ao Ensino Normal, constando a organização, a finalidade, como deveria ser o estabelecimento, a estrutura do ensino, da vida escolar, dos trabalhos escolares, do teste de admissão, da matrícula, da transferência, das habilidades, das provas, da conclusão e dos diplomas. Enfim, tratava e organizava de acordo com a Lei Orgânica. (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952).

Este teste de admissão, com o nível alto de dificuldade relatado pelas Normalistas, demonstra a seletividade para o ingresso ao Ensino Normal, e ao longo de todas as entrevistas é perceptível o orgulho de estudar nestas instituições, e a valorização dada pela sociedade. E esta enaltece a visão da defesa da disciplina e do bom-mocismo, que para Fraga (2000, p.84), "Nessa lógica, "endeusados(as) e não endeusados(as)" comungavam um repertório básico de bons-comportamentos," como reprodutora da educação integral em consonância com a educação doméstica e a escolar.

Em contexto com a valorização de ter uma filha estudando nas Escolas de Ensino Normal, materializava-se a elite política, econômica e principalmente a social, resultante da

aprovação nos testes de admissão para o ingresso ao Curso Normal, tendo como "disciplinas em comum" para as instituições de esferas diferentes.

Hanriete: Não fui aprovada nas primeiras classificações, mas como eu já estudava na escola, eu tinha o direito a fazer uma segunda chamada. Ela (mãe) não me deixou fazer e me fez estudar no Aurelino Leal.

Norma: Isso era difícilimo para o aluno passar no exame de admissão e muitos deles tinham que fazer cursinhos, estudar professores particulares por que era muito difícil entrar aqui. A seleção era muito grande, os professores daqui todos eram é como é que dá o nome de alto grau, não é doutorado não é PhD.²⁰

Maria José: Ai meu pai... mas a professora insistiu tanto, foi comigo na escola, na Pinto Júnior, minha mãe também foi, naquela época o diretor era o Dr. Cândido Duarte, ele era um diretor muito rigoroso e ai eu me matriculei lá, ai eu fui estudar o exame de admissão lá, certo? Fiz exame de admissão, passei pro primeiro ano ginasial, que eram cinco anos.²¹

Os exames de admissão para o ingresso ao Ensino Normal, tornaram-se obrigatórios em todas as instituições oficiais do país. Consequentemente, legitimou e atribuiu obstáculos ao acesso às Escolas Normais, sendo instituídos pela Lei Orgânica 8.530 de 1946, que tinha como finalidades: a formação de professoras para o ensino primário, capacitar diretores para esta modalidade de ensino e enaltecer os conhecimentos em relação à educação infantil.

²⁰ Entrevista realizada com a Normalista Norma Rodrigues Figueirôa, no dia 04 de julho de 2011, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

²¹ Entrevista realizada com a Normalista Maria José da Luz Bezerra, no dia 11 de agosto de 2015, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

Imagem 9 - Teste de admissão para o ingresso ao Ensino Normal

Forma 18 (Left):

Nome do aluno: YVINA RODRIGUES DA SILVA
 Data de nascimento: 06 de julho de 1937
 Cidade: Recife
 Estado: Pernambuco

Nome do pai: Constantino Rodrigues da Silva
 Nome da mãe: Maria Santana da Silva

EXAME DE ADMISSÃO
 Instituto de Educação de Pernambuco
 Estabelecimento que expede o certificado: Recife

RESULTADOS	
Português	60
Aritmética	50
Geografia	60
História	65
Média Geral	66
Data	20.07.1951

Modelo 18

Forma 18 (Right):

Nome do aluno: Maria Lúcia Calza de Oliveira
 Data de nascimento: 11 de Janeiro 1945
 Cidade: Recife
 Estado: Pernambuco

Nome do pai: João Joaquim de Oliveira
 Nome da mãe: Flores Calza de Oliveira

EXAME DE ADMISSÃO
 Instituto de Educação de Pernambuco
 Estabelecimento que expede o certificado: Recife

RESULTADOS	
Português	7.0
Aritmética	5.25
Geografia	6.0
História	7.0
Média Geral	7.00
Data	1958

Modelo 18

Fonte: Arquivo pessoal das Normalistas Norma e Lúcia.

Os testes de admissão da Imagem 9 mesmo sendo de instituições e de autarquias diferentes, nos demonstram a equidade e normatização desta modalidade de ensino, redigida pela Lei Orgânica 8.530 de 1946. Até as próprias disciplinas eram avaliadas, ou seja, participavam de um mesmo contexto avaliativo, produzindo assim a elitização do Ensino Normal.

[...] Para a admissão na escola era exigida a verificação da idade, saúde, inteligência e personalidade dos candidatos, fato que demonstra a elitização do curso no período, nos rastros de uma política educacional bastante autoritária. (ALMEIDA, 2006, p.85).

A política educacional pautava-se nos bons costumes, mantendo os valores da classe dominante, reafirmando a ideologia da preservação da família, onde o padrão de ensino e o teste de admissão eram regulados pela meritocracia e preservação da educação da mulher para o lar e educação dos filhos. Para Almeida (2006), além da educação e da busca por uma carreira docente, havia a questão do desenvolvimento do país. Alicerçando o cenário social ao progresso e ao capitalismo, onde as famílias começam a ver o trabalho como um conforto para a sociedade.

3.3 CADERNETAS

Francisca: Era uma caixa de caderneta enorme, eu tinha que carimbar aquelas cadernetas todas... faltou e quem não faltou, compareceu e quem não compareceu, domingo, sábado, botar feriado e tudo nas cadernetas né... e ainda botar separado os bloquinhos de cada turma separada na ordem numérica... pra saber quem não veio e pra também ter cuidado com as cadernetas pra elas não roubarem! Porque se elas pudessem elas tiravam pra fugir!

Ana Paula: Tinha caderneta pra carimbar a presença de vocês?

Iolete: Tinha e era o maior controle para que não fugíssemos, além disso todos os professores faziam chamada antes e ao final das aulas, todos eles!

Ana Paula: E as cadernetas?

Lúcia: Essas cadernetinhas... Era o terror para qualquer uma de nós, pois tudo se marcava ali, presença, falta, as notas. As funcionárias que ficavam com elas conseguiam nos controlar para não fugir, sorte era a nossa se pegássemos as cadernetas, daí fugíamos para ver os shows nas rádios ou para passear no centro do Recife.

Imagem 10 - Caderneta escolar

Ginásio Pinto Júnior
CURSO GINASIAL
RUA RIACHUELO, 646
RECIFE - PERNAMBUCO

CADERNETA ESCOLAR
Maria Lúcia Galiza

Curso: 1ª Série Classe: 15

OBSERVAÇÕES
É de suma importância que os pais ou responsáveis examinem CADA DIA a Caderneta Escolar.
1 - Quando o aluno não apresentar a caderneta ou apresentá-la sem as anotações correspondentes ao dia, solicita-se ao Pai ou Responsável que se comunique com o Estabelecimento.
2 - Toda a alteração ou supressão de anotações lançadas nesta caderneta será passível de punição.
3 - Ficará sujeita à substituição por 2ª via a caderneta em que forem encontradas rasuras, alterações, supressões ou dilacerações de folhas.

ANOTAÇÃO DIÁRIA DA FREQUÊNCIA
Não poderá prestar prova final o aluno que tiver faltado a 20% (ou mais) da totalidade das aulas dadas nas disciplinas da série ou que tiver faltado a 20% (ou mais) da totalidade das sessões dadas em Educação Física.

I São deveres dos alunos:
1 - Aplicar a máxima diligência no aproveitamento do ensino ministrado, frequentando com pontualidade as aulas e todos os atos escolares e executando os trabalhos e exercícios que lhes forem prescritos;
2 - tratar com urbanidade os colegas e funcionários e as autoridades escolares;
3 - pautar seu procedimento pelas normas da moral e boa educação, evitando discussões e gritarias no estabelecimento e em suas imediações;
4 - A caderneta deverá ser entregue pelo aluno antes da primeira aula e retirada depois da última aula do dia.
II São consideradas faltas graves:
1 - Ocupar-se, durante as aulas, de coisas estranhas a elas;
2 - deixar de observar as determinações da Diretoria, dos professores e dos funcionários, relativas à ordem interna do estabelecimento;
3 - praticar atos que, de qualquer forma, prejudiquem o serviço, sejam contrários aos bons costumes ou excedam os limites da boa educação.

MARÇO
DIAS 1 17 2 18 3 19 4 20 5 21 6 22 7 23 8 24 9 25 10 26 11 27 12 28 13 29 14 30 15 31 16

JUNHO
DIAS 1 17 2 18 3 19 4 20 5 21 6 22 7 23 8 24 9 25 10 26 11 27 12 28 13 29 14 30 15 16

JULHO
DIAS 1 17 2 18 3 19 4 20 5 21 6 22 7 23 8 24 9 25 10 26 11 27 12 28 13 29 14 30 15 31 16

Fonte: Arquivo pessoal da Normalista Lucia Galiza.

As cadernetas eram mais um elemento de controle da educação feminina. Possuíam um formato pequeno, tendo na capa os dados da instituição do Curso Normal, nas folhas internas espaços para as marcações cotidianas e o regulamento da referida instituição,

apresentando o domínio não só do ensino-aprendizagem como também a "identidade" de cada Normalista, aspectos estes ligados à organização e autoridade. Nelas, além das faltas e presenças e das notas de aproveitamento, continham os dados completos das séries e turmas a que pertenciam. Em relação ao percentual de faltas, estas cadernetas deixavam bem claro que, para fazer as avaliações finais, era preciso ter no mínimo setenta e cinco por cento de presença em todas as disciplinas, inclusive a Educação Física, que era oferecida no contra-turno.

Imagem 11 - Dados pessoais da Normalista na caderneta



Fonte: Arquivo pessoal da Normalista Lúcia Galiza.

Além do regulamento se encontrar nestas cadernetas, também havia o regulamento próprio da Escola Normal Oficial de Pernambuco, que trazia todas as normas e atribuições referentes ao Ensino Normal, constando a organização, a finalidade e como deveriam ser: o estabelecimento, a estrutura do ensino, a vida escolar, os trabalhos escolares, o teste de admissão, a matrícula, a transferência, as habilidades, as provas, a conclusão e os diplomas. Enfim, tratava e organizava de acordo com a Lei Orgânica (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952).

O controle dessa modalidade de ensino, para essas jovens e futuras professoras, estava alicerçado em todos os ambientes e documentações, como diz Elias (2001,p.28) "[...] constituía uma formação de elite poderosa e cheia de prestígio." Ou seja, estavam preparando profissionais que iriam educar cidadãos para o futuro do país, inclusive a própria conotação que era dada a essas jovens já fazia deste tipo de ensino como da elite da sociedade, seja em Niterói ou em Recife.

Assim, percebemos nos relatos, que elas sentiam que as cadernetas eram um tipo de controle, e a rigurosidade que estava sendo firmada da sua passagem de moça da sociedade da

classe média ou alta para dona de casa, formada para a educação dos filhos e passando para a condição de formadora, o que era considerado como uma “evolução dos tempos”, considerando os limites, a ética, a moralidade e os preconceitos da época, isto é, uma transformação no comportamento das mulheres e de toda sociedade.

[...] A emergência dessa nova mulher, necessariamente, deveria vir acompanhada de uma educação adequada que a preparasse para os cuidados com o lar e lhe possibilitasse uma inserção no campo profissional. Apesar disso, não foram poucos os que se opuseram a idéia de mulheres instruídas e profissionalizadas. (ALMEIDA, 2007, p.114).

A convivência na sociedade, de forma geral e especificamente na escola, local exemplar de comportamento e privilégio da cultura do Ensino Normal, onde havia o controle e portanto fazia parte do processo do *status-quo* governamental, vínculo este que pode ser observado no interesse do Estado pela monopolização dos comportamentos e saberes sociais destas futuras professoras, sendo conduzidas de uma forma rígida e evitando o máximo de conflito possível.

Francisca: Era com muito respeito! Se fizesse uma baguncinha era uma baguncinha até engraçada... coisa boba de mocinha, de fazer besteira. Querer pegar uma caderneta pra fugir... querer meio enganar que botou a caderneta sem botar... essas coisinhas assim.

Iolete: [...] a gente às vezes tentava fugir na hora do recreio pra ir tomar sorvete era Xaxá o nome da sorveteria, famosíssima.

Lúcia: A saia era prensada, e tinha que ser abaixo dos joelhos, não poderia ser acima, mas tinha umas mais danadinhas, inclusive lá do meu grupo morrem de rir quando se recordam disso, que virava o cós da saia pra ficar mais curta, ai quando chegava lá na escola, a moça que cuidava da gente mandava baixar.

Nos relatos é perceptível o controle do Estado em relação às Normalistas, seja na questão das cadernetas, seja na questão do querer fugir para ir a uma sorveteria ou até mesmo o uniforme. Em todos esses momentos havia o controle, inclusive no relato de D. Francisca, e que nesse caso é o "Estado", pois a mesma era funcionária da Escola da Corte.

Elias (1990, p.100) "[...] Quanto mais pessoas são tornadas dependentes pelo mecanismo monopolista, maior se torna o poder do dependente, não apenas individual, mas também coletivamente". Um ou mais monopólios reflete a questão do poder e do controle, seja com as questões sociais ou no equilíbrio do poder. No caso das Normalistas o poder prevalecia pelo quantitativo desse quadro, pois eram minoria na sociedade, como também

pertenciam ao gênero feminino. Nesse sentido, a "lei da procura e oferta" as favorecia, e o poder prevalecia junto ao Estado sobre os "bons costumes".

3.4 ENTRE LAÇOS AZUIS E MARRONS: essas são as cores do orgulho educacional

Áurea: Saia pregueada e a blusa de manga comprida com estrelinha e com gravata. Entendeu? Sapato...

Ana Paula: Preto?

Áurea: É... tinha uns que a gente falava que era tanque colegial.

Ana Paula: Tanque colegial?

Áurea: Tanque colegial era um sapato preto assim como um conga. e meia

Ana Paula: Meia branca?

Áurea: Meia branca... é. Na parada de sete de setembro a gente usava luva nos dias mais assim... importante, é isso. O uniforme não mudou muito.

Norma: [...] Dona Benvida baixinha, gordinha que olhava os fardamentos da gente. Você não viesse adequadamente vestida de do sapato, a blusa, a blusa viesse um pouquinho dobrada voltava pra casa, não entrava! Sapato preto, meia branca, a saia azul de preguinha, laço azul... toda arrumadinha, isso não entrava aqui voltava pra casa.

Lúcia: [...] o fardamento dela era lindo, ele era até mangas compridas, de lingerie, de lingerie a blusa. Então, era uma escola muito conceituada na época, era umas das melhores escolas de Recife.

Ana Paula: Qual era a cor da farda?

Lúcia: Era, deixa eu me lembrar... era uma cor assim... uma cor assim... como é o nome dessa cor?

Ana Paula: Bege?

Lúcia: Bege. Bege.

Ana Paula: A blusa?

Lúcia: A blusa era creme, gravata.

Ana Paula: Qual a cor da gravata?

Lúcia: Também da cor da saia, que era creme de..

Ana Paula: Marrom?

Lúcia: Marrom, quase marrom, mostarda!

Imagem 12 - Fardamentos das Escolas de Ensino Normal



Escola Normal da Côrte

Escola Normal Oficial
de Pernambuco



Escola Normal Pinto Júnior

Fonte: Arquivo pessoal de Francisca Alves Martins; Arquivo da Escola Sylvio Rabello; e Arquivo pessoal da Normalista Lucia Galiza.

O fardamento usado pelas Normalistas, também era motivo de orgulho, poder, controle, e a relação do corpo com a sociedade. A Escola da Corte e a Oficial de Pernambuco tinham o mesmo uniforme, inclusive a cor. Enquanto a Escola Normal Pinto Júnior embora tendo o mesmo modelo de saia e de blusa, suas cores eram diferentes, sendo definidas pelas Normalistas como "caque, mostarda, marrom", com a gravata da mesma cor, sendo o ano distinguido por fitas.

Nos relatos delas, as saias eram abaixo do joelho, as camisas tinham manga curta, para uso diário, e manga longa para os dias de festividade. As saias eram plissadas, e, para manter as pregas, eram deixadas embaixo do colchão ou do travesseiro. Os sapatos, pretos, e as meias, brancas. E que para Louro (2008), este tipo de vestimenta era baseado em normas, na moral, na "estética e na ética". Ao tempo em que as escondiam em seus uniformes compridos, também aguçavam os rapazes. Porém, o ideário do Estado seria a representação de uma futura professora reservada e honrada.

A ingenuidade, a pureza e a beleza são retratadas na Música de Benedito Lacerda e David Nasser, interpretada na voz de Nelson Gonçalves – "Normalistas" "[...] Vestida de azul e branco, trazendo um sorriso franco, no rostinho encantador", trazendo a pureza, o bom-mocismo, e a preparação intelectual, valorizando ainda mais esse grupo.

Os diferentes sentidos destas instituições e do próprio Estado, nos demonstram que, de um lado, preparam essas jovens para uma vida profissional, por outro, as referia dentro de um arcabouço com normas, regras, disciplina e o próprio fardamento que as representavam como puras, inteligentes e de um bom comportamento. Neste sentido, no relato de várias Normalistas, os rapazes ficavam na porta destas instituições, esperando a saída dessas jovens bem quistas pela sociedade.

A escola parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado, promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, pois de algum modo se colocava como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos exigidos para a mulher moderna; de outro promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, na medida em que cercava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto. (LOURO, 2008, p.458).

A unificação dos conceitos das Normalistas, a igualdade dos corpos e os aspectos morais, introduzidos nesta identidade coletiva, de classe, gênero e profissão, se fundiram com as vestimentas, e assim como em períodos anteriores, foram novamente as desencadeadoras do processo de significação corporal, servindo de legenda tanto da vida profissional quanto pessoal (SENNETT, 1988).

O sortilégio que os uniformes das Normalistas trouxeram, perpassam por um passado tido como esplendoroso. Na entrevista feita com a Normalista Rosenilda²², ela nos diz: "[...] quando a gente saía, ficavam muitos meninos por ai não sei de onde eles eram, sei que

²²Entrevista realizada com a Normalista Rosenilda de Paiva Diniz, no dia 20 de setembro de 2011, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

ficavam na frente da escola. Aí papai quando podia vinha me buscar." Neste sentido, a aparência das Normalistas fazia com que as alunas fossem verdadeiramente notadas pela sociedade, como uma moça de família, de bons costumes e de boa educação. Louro (2008, p.447) "[...] Elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas," imprimindo o respeito e a simbologia de uma mulher disciplinada e pronta para o casamento.

3.5 QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA QUE ME ENSINOU O BEABÁ

Meus tempos de criança
(ATAULFO ALVES, 1968)

Eu daria tudo que tivesse
Pra voltar aos tempos de criança
Eu não sei pra que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança

Aos domingos missa na matriz
Da cidadezinha onde eu nasci
Ai, meu Deus, eu era tão feliz
No meu pequenino Mirai

Que saudade da professorinha
Que me ensinou o beabá (grifo nosso)
Onde andar Mariazinha
Meu primeiro amor onde andar?

Eu igual a toda meninada
Quanta travessura que eu fazia
Jogo de botão sobre a calçada
Eu era feliz e não sabia.

Sabe-se que a oralidade não vem só das entrevistas, as músicas também expressam a realidade de uma determinada época. Não querendo dizer com isso que a música seja um instrumento de mudança, mas sim um complemento, dependendo da forma como esteja sendo utilizada, despontando novas arenas de averiguação. A música acima relata a saudade do tempo de infância de forma romantizada, e assim como nessa canção, as Normalistas também falam da importante representação dos professores nas suas vidas.

[...] A tradição oral, contudo, também se modernizou. A música popular tem sido importante para dimensionar formas de visão do mundo. A verificação, por exemplo, de visões sobre tipos étnicos ou sociais - [...] pode mostrar como a transmissão de padrões é mantida pela oralidade. (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p.95).

Em relação aos professores e professoras, elas ressaltam como foram importantes na sua formação. Algumas das Normalistas entrevistadas seguiram a carreira docente, e é nesse sentido que se justificam mais uma vez as entrevistas, porque elas em uma determinada época eram as alunas do Ensino Normal, e tempo depois mudam de cena, como professoras.

3.5.1 Elas como professoras

Áurea: [...] Aí quando terminei, eu terminei com nomeação-prêmio.

Ana Paula: O que é nomeação-prêmio?

Áurea: Nomeação-prêmio é quem tirava mais de setenta durante o curso todo. Mais de setenta em cada disciplina e mais de oitenta na global. Entendeu? Então nós... aí quem não fazia aquela prova pra dar aula... que era como um vestibular naquela época né? Terminava o Curso Normal e o pessoal fazia ingresso, aí ia pra longe... era uma coisa difícilíssima aquela prova naquela época. E nós daqui do instituto de educação que passava nesse critério, você escolhia a escola que queria trabalhar.

Hanriete: [...] eu me transferei pra cá pro IEPIC. Aí foi outra alegria, porque o meu desejo... o meu objetivo maior era vir trabalhar aqui. Aí eu vim no ano de... oitenta e quatro? Ou noventa e quatro? Noventa e quatro. Vim pra cá... chorei muito quando eu consegui vir pra cá! Aí foi uma felicidade muito grande, já estou aqui a vinte e um anos. Estou só esperando agora a idade pra me aposentar! Já trabalhei com tudo aqui na escola... já trabalhei desde a educação infantil a coordenação.

Lindete: Quando eu terminei o curso, já no curso de licenciatura que era a noite, então o professor Valdemar Valente, que foi meu professor de biologia, ele tava doente e me chamou pra ficar dois dias de licença dele ensinando biologia educacional na Pinto Júnior, curso de formação dos professoras. Ai eu passei dois anos ensinando biologia educacional nesse curso enquanto ele se recuperava.

Edivalda: Primeiro eu fui professora da escola do Instituto de Educação de Pernambuco (IEP).

Ana Paula: A senhora também foi professora lá?

Edivalda: Foi. Eu comecei lá no terceiro ano. No dia oito de Maio, no dia que fazia um ano que a segunda guerra mundial acabou. Nunca esqueço essa data.

Ana Paula: Qual foi o ano?

Edivalda: Em quarenta e cinco. Mas eu não cheguei lá nesse mil novecentos e quarenta e cinco, eu cheguei em sessenta e oito.

Ana Paula: Pra professora?

Edivalda: Professora, fiquei lá ensinando, eu tava no terceiro ano. Em sessenta e quatro vim para aqui. Minha filha, ser professora no IEP era tudo o que se queria, que era uma escola de elite. Só chegava lá quem era escolhida pelo diretor. Então, ser convidada pra ensinar na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora foi a glória da minha carreira. Pronto.

Lúcia: Trabalhando como professora, né? Porque professora era um cargo mais importante da época, você via que os homens procuravam a dedo pra casar com uma professora, porque era o nível mais alto de uma mulher da época.

Falar da formação docente não é fácil, especialmente no contexto específico das Normalistas, quando a docência feminina passava pelo processo transitório da saída dos homens das salas de aula, enfrentando desafios impostos pelas transformações e evoluções da sociedade, que historicamente impulsionava uma profissional regada de valores morais e meritocráticos, ficando evidente nos relatos das Normalistas.

Como era o professorado do final da década de 20 e início dos anos no Brasil? a maioria do magistério primário já era feminina. Em 1920, o Censo demográfico indicava que 72,5% do conjunto do professorado brasileiro do ensino público primário era composto por mulheres e, entre o total de docentes, sem distinção de graus de ensino, as mulheres somavam 65%. (VIANNA, 2002, p.45).

Devido às características das três instituições, a formação das Normalistas ocorreu de diferentes formas ao longo da história, frente às questões políticas e o regionalismo. Elias (2000) explica as questões das zonas com seus aldeões, e assim são entre as escolas de Ensino Normal, uma mais antiga que a outra, em regiões diferentes e em redes de ensino diferente, isto é, pública e privada. "Havia, portanto, diferenças consideráveis entre os antigos residentes e os recém-chegados. Não foi fácil encontrar conceitos adequados para expressá-las,"(2000, p.63). Assim é com as Normalistas, mas há também semelhanças nas disciplinas, organizações curriculares, o teste de admissão, o tempo de duração do curso e outras características que fizeram com que os primeiros cursos para formar professoras fossem uniformes, muito diferentes dos encontrados atualmente.

Ressalta-se a questão da formação das Normalistas como professoras, porque a mesma é a peça chave na construção do conhecimento, assumindo diante da humanidade o papel de motivadora, orientadora e mediadora da aprendizagem, ela é a profissional que leva a sociedade a ascensão. A docente é responsável por inferir possíveis reflexões críticas/argumentativas na formação pessoal e profissional dos estudantes. Um papel assumido pelo orgulho das famílias e da sociedade, alegria, pela importância e valorização da época.

3.5.2 Os professores dos Cursos de Ensino Normal

As Normalistas, analogicamente, informam que seus professores e professoras, eram catedráticos; médicos; maestros; advogados; engenheiros; filósofos, homens da cultura e da política niteroiense e recifense, inclusive expressam as características físicas de cada um. De acordo com os seus relatos, os professores eram sisudos, muito cultos e bem exigentes. Relatam ainda, que nas Escolas Normais, havia algumas professoras, mas os homens eram em maior número. O termo catedrático era dado ao professor titular, conseqüentemente aos que tinham um maior conhecimento sobre determinado assunto.

Áurea: [...] Os professores, você dizia que eram referência. Todos os professores eram considerados assim, uma referência, eram catedráticos. Tinha uns que eram daqui, era da Universidade Federal Fluminense, professor de Biologia era médico. Naquela época que podia exercer a profissão de professor, porque eram os melhores da área, estavam ensinando as futuras professoras.

Quadro 13 - Relação nominal de alguns profissionais descritos pelas Normalistas da Escola Normal da Côrte

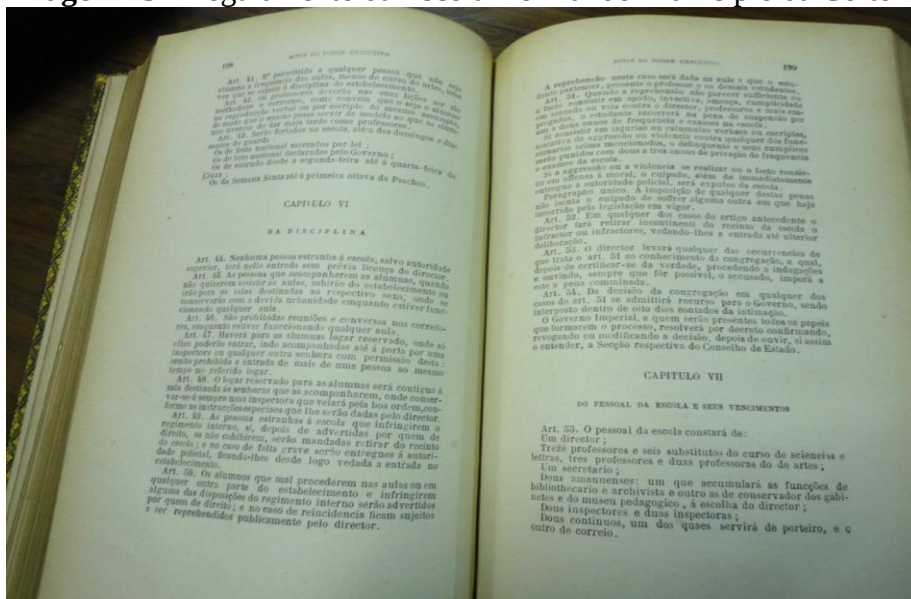
NOME DO PROFISSIONAL	FUNÇÃO/DISCIPLINA
Alberto Ferreira	Prof. de OSPB
Alberto Mota	Prof. de Biologia / Anatomia e Médico
Antônio Viana	Prof. de Português
Armando Gonçalves	Prof. e Diretor
Carmen	Profa. de Música
Cassandra Melo Guimarães	Prof. de Português
Cleber	Prof. de Biologia e Médico
Clores Galvão	Prof. de Música
Colé	Prof. de Matemática
Iraci	Profa. de Português
José Nilson	Prof. de Química
Léia Rodrigues	Profa. de Psicologia e Psicóloga
Romanda Gonçalves	Diretora e Professora de didática
Sinese	Prof. de Puericultura e médica
Teresinha Guerrante Lanquernal	Diretora

Fonte: A pesquisa, (2014).

Em relação ao fato da maioria dos professores serem homens, era pela questão da formação dos professores e pela própria questão das mulheres no campo de trabalho. Para Louro (2008), o início das aberturas das Escolas de Ensino Normal, era predominantemente para meninos, havendo inclusive a questão da separação de gênero, professores para os meninos e professoras para as meninas. Tendo a sua conduta moral e ética inabalável, além da

questão do Decreto nº 8025 de 16 de março de 1881, que criava o regulamento da primeira Escola Normal da Côrte. Também relatava que esta instituição poderia ser frequentada por meninos e meninas, mas, no capítulo VII deste regulamento, relata-se que a contratação dos professores e a questão da direção são tratadas pelo gênero masculino, bem diferente da contratação dos "inspectores".

Imagem 13 - Regulamento da Escola Normal do Município da Côrte



Fonte: Biblioteca Nacional, (2015).

Porém Louro (2008) relata que, mesmo contratando homens e mulheres para o Ensino Normal, tendo como discurso o mesmo salário, era grande a diferença nas contratações, "Seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade." (LOURO, 2008, p.444), ficando evidente nos relatos das Normalistas o quantitativo de professores em relação às professoras, e os diretores e diretoras.

O anexo "H" demonstra a diferenciação de gênero e de categoria, observando-se que professores de trabalhos manuais, de agulhas e de ginástica, impreterivelmente mulheres, recebiam menos do que as disciplinas de Português, Geografia, História, entre outras.

Pela questão temporal, não se encontram relatos em que os homens ministravam essas disciplinas, e os nossos quadros demonstram as disciplinas e as prevalências de ensino para estas.

Quadro 14 - Relação nominal de alguns profissionais descritos pelas Normalistas da Escola Normal Oficial de Pernambuco

NOME DO PROFISSIONAL	FUNÇÃO/DISCIPLINA
Alto Nadler	Prof. de Francês
Amaro Ferreira	Prof. de Geografia
Amaro Quintas	Prof. de História
André Gustavo Carneiro Leão	Prof. de Matemática
Armando Meira Lins	Prof. de Ciências Biológicas
Arnaldo Carneiro Leão	Prof. de Física
Bado	Profa. de Educação Física
Bau	Profa. de Educação Física
Dárcio de Lyra Rabello (Prof./Diretor)	Prof. de Geografia
Fernando de Oliveira Mota	Prof. de Sociologia
Heloísa	Profa. de Francês
Ivan Alecrim	Prof. de Ciências
José Brasileiro Vila Nova	Prof. de Português
Lucilo Ávila	Latim/Português
Manoel Correia	Geografia
Maria do Carmo Monteiro	Profa. de Educação Física
Maria Luiza Fontainha de Abreu	Profa. de Artes Manuais
Maria Luiza Maranhão Guimarães	Educação Doméstica/Puericultura
Mário Persivo Cunha	Desenho
Mauro Mota	Geografia
Milton Mello	Francês
Moacir Carneiro Leão	Matemática
Moacir de Albuquerque	Português
Nelson Saldanha	Filosofia
Potiguar Matos	História
Reinaldo de Oliveira	Ciências Biológicas
Ruy de Ayres Bello	Português
Salomão Jaroslavsky	Química
Sylvio Rabello	Psicologia
Tadeu Rocha	Geografia
Valdemar Valente	Biologia
Vicente Fittipaldi (Maestro)	Música
Waldemar Valente	Ciências Biológicas

Fonte: A pesquisa, (2011-2014).

A profissão professor era para os gêneros masculino e feminino, sendo que naquela época era de responsabilidade do Estado, tanto para o Ensino Normal quanto para o Ensino Primário, mesmo a Escola Normal Pinto Júnior tendo o viés de uma sociedade propagadora, isto é, a escola fornecia bolsas para as Normalistas que não tinham condições de pagar. Caminhando de acordo com as demandas do governo, tanto o estadual, quanto o federal.

Quadro 15 - Relação nominal de alguns profissionais descrito pelas Normalistas da Escola Normal Pinto Júnior

NOME DO PROFISSIONAL	FUNÇÃO/DISCIPLINA
Agenor	Inglês
Alda Lucas	Coordenadora (noite)
Aldo Rabello	Geografia
Alípio	Francês
Alúcio Albuquerque	Português
Amaro Quincas	Sociologia
Arlindo Lima	Português
Armando Temporal	Diretor
Baltazar da Câmara	Desenho
Cândido Duarte	Diretor
Clóris	Ciências Naturais
Costa Mario Nunes	Desenho
Dárcio de Lyra Rabello	Geografia
Doris Monteiro	Profa. Português
Dulce Campos	Profa. de Sociologia
Edileusa	Profa. de Educação Física
Eliane Campos	Profa. de História e Religião
Heitor Maia	Matemática
Júlio de Melo	Matemática
Lisboa	Português
Lourdes Correia	Profa. de Didática da Matemática
Mário Nunes	Desenho
Neide	Profa. de Música
Nelsina	Profa. de Cuidadora/inspetora
Nizan	Profa. de Coordenadora (manhã)
Porto Carrero	Português
Rui de Aires Belo	Diretor
Sebastiana	Profa. de Educação Física
Silvinha	Profa. de Coordenadora (tarde)
Souza Leão	Inspetora
Suelly	Biologia
Sylvio Rabello	Psicologia
Tânia Alcôforado	Diretora e Profa. de História
Teresinha Botelho	
Vera	Profa. de Português
Violeta	Educação Física
Waldemar de Oliveira	Teatrólogo
Waldemar Valente	História Natural
Zuleide	
Zulmira	Profa. de Português / Didática

Fonte: A pesquisa, (2011- 2014).

Áurea: Nomeação-prêmio é quem tirava mais de setenta durante o curso todo. Mais de setenta em cada disciplina e mais de oitenta na global. Entendeu? Então nós... aí quem não fazia aquela prova pra dar aula... que era como um vestibular naquela época né? Terminava o curso normal e o pessoal fazia ingresso, aí ia pra longe... era uma coisa difícilíssima aquela prova naquela época. E nós daqui do instituto de educação que passava nesse critério, você escolhia a escola que queria trabalhar. Eu aí, eu mais umas

cinco... acompanhando as colegas, ao invés de ficar aqui... nós fomos pra outra escola. Aí eu fui trabalhar no colégio estadual Raul Vidal, que é ali perto da rodoviária.

Dona Lindete: Maravilhosa. Os professores eram respeitados, os alunos quando a gente entrava se levantava, a gente se benzia, rezava e também na Escola Normal, também que muito mais rigoroso. Eu amava a disciplina, eu tenho saudade, de os alunos de hoje e de ontem. Hoje os alunos não querem usar farda, eu achava maravilhoso usar farda.

Ingracita: [...] comecei a trabalhar como professora lá mesmo, porque lá tinha jardim, mas eu fiquei contratada porque eu procurei outro recurso lá fora, aí fiz logo em seguida o concurso do estado, aí passei.

[...] **Ana Paula** Como era ser professora do Pinto Júnior? Primeiro, que ano foi isso?

Ingracita: Foi em 1969.

Ana Paula E a senhora fez o concurso e passou pra ser professora...

Ingracita: Passei pra ser professora, fui logo laureada. Como eu fui laureada, eu passei e fiquei esperando um ano mais ou menos e trabalhado lá particular, quando eu fui nomeada, aí eu pedi transferência pra ir pra escola Manoel Borba, pronto.

Ana Paula Mas como era ser professora do Pinto Júnior?

Ingracita: Ser professora do Pinto Júnior era como se tivesse ganho... uma vitória! Entendeu? Era como... Me orgulhava em dizer, “Eu sou professora daqui da escola Pinto Júnior”. E dizia pra todo mundo “Eu sou professora do Pinto Júnior!”. “Eu agora sou professora primária do Pinto Júnior, no dia que eu entrei pela primeira vez na Pinto Júnior foi como se eu tivesse ganho um troféu de um grande prêmio na minha vida.

Vários foram os motivos que levaram as Normalistas a ingressarem na trajetória docente, como também a sua forma de contratação. D. Áurea foi por meritocracia, pois a aluna que obtivesse as melhores notas tinha a sua contratação garantida, não relatando os detalhes e muito menos os critérios para a escolha de uma determinada professora. Já em Recife, na Escola Pinto Júnior, a nomeação de uma das Normalistas se deu por meio de concurso, em 1969.

Cada relato é feito de acordo com sua época e com a política vigente da sua localidade e instituição escolar, mudanças essas que acompanham a ampliação do ensino Normal e consequentemente o Ensino Primário, validando a procura e a oferta. Nos apêndices das entrevistas, também é relatada a influência que alguns diretores tiveram para a contratação. Assim, os modelos de ingresso como professoras não foram hegemônicos, porém revelam o orgulho de ora pertencerem a estas instituições como Normalistas e logo em seguida como professoras.

3.5.3 Diretor

Nesta pesquisa, trabalhamos com três instituições distintas, tendo cada Normalista estudado o Curso Normal em momentos diversos, mas dentro do marco temporal da mesma. As Normalistas narram fatos comuns, tanto em relação as suas próprias vivências, quanto nas relações com os seus inspetores, professores e diretores, todos do gênero masculino.

Mesmo em suas narrativas, é perceptível que havia uma disciplina, um controle constante das inspetoras, professores e professoras, como também dos diretores e diretoras.

Francisca: Essa escola era uma escola muito linda! Muito importante! Eu cobrava muito a disciplina, porque eu só trabalhei com a disciplina já de adulto né... de meninas de segundo grau... já mocinhas.

Relembrando um pouco desta trajetória, torna-se importante destacar pela memória das Normalistas, a pessoa do Professor de geografia e diretor Dárcio de Lyra Rabello, que foi responsável pela formação, administração, organização e disciplina do IEP.

Quanto mais significativo um nome ou um rosto, maior a probabilidade de que seja lembrado; os outros é que são gradualmente descartados da memória por um ‘processo muito lento de esquecimento’. O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também de seu interesse. Assim é muito mais provável que uma lembrança seja precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social. (THOMPSON, 2002, p.152).

Nessa fala, pode-se perceber que Dárcio Rabello estava inserido em todos os aspectos da instituição, como a postura rigorosa, a disciplina excessiva, as avaliações orais e escritas e a constante participação da instituição em eventos sociais. Exemplo: Desfile cívico, jogos escolares, missas e exposição ao final do ano. As alunas o apontam como competente, com alto nível de conhecimento, com uma boa postura pedagógica e administrativa, mesmo estando em diversas atribuições, pois até mesmo o resultado do teste de admissão era ele quem anunciava.

Norma: Quem falou nome, por nome do resultado do teste de admissão, foi o Dr. Dárcio Rabello, esse teste era muito difícil de passar, ele saiu dizendo oralmente a nota e dizendo quem passou e quem não passou.

Ingracita: [...] meu pai era pintor, era encanador... Então foi convidado pra ir pro Pinto Junior, fazer um grande serviço lá, tanto de pintura quanto de hidráulica. Então, ele falou com o diretor na época, que era Armando

Temporal. Ele falou que tinha uma filha que tava na quinta série, queria fazer o período de admissão. Eu e minha irmã. Então ele convidou e disse: “Bem, vamos fazer o seguinte, você traz suas duas filhas pra começarem a estudar o...” sexta série? Naquela época não era sexta série. Era quinta, sexta... Era quinta série. Então eu entrei na quinta série do Pinto Junior, eu e minha irmã Ione. Ficamos estudando. Quando meu pai terminou o período de receber o pagamento, então ele disse assim: “Olhe, Ferreira, eu tenho uma proposta pra você, pras meninas não perderem o ano aqui, já que estão na sexta, na sétima série. Eu vou inscrevê-las em bolsa de estudo pela Educação de Pernambuco” Aí ele disse “Tá bom!” “Botei o nome delas, tudo, elas fazem um testequinho aqui... Quando passarem, elas ficam estudando até terminar o curso de desejo.” Pronto.

No caso de D. Ingracita, é demonstrada a autoridade e autonomia que um diretor também tinha. pois a escola era particular, e como o pai não podia pagar com dinheiro, pagou com serviços o estudo das duas filhas.

Com D. Maria José, da mesma escola de D. Ingracita, a autoridade dos funcionários era grande, confundindo-se a inspetora com o diretor. Neste caso, todos estavam envolvidos: alunas, inspetora, professor e diretor, consolidando a autoridade do cargo de diretor e professor.

Maria Jose: A disciplina era muito rigorosa. Tinha uma tal de uma diretora, de uma inspetora chamada Souza Leão. Essa mulher era parada. Ela que fiscalizava até as prova, as sala tudinho... Como era o primeiro nome dela? Era da família Souza Leão. Ela era bonita. Mulher bonita. Mas mulher braba que só num sei quê. Foi ela suspendeu a gente. Sabe porquê? Ó... Baltazar da Câmara, professor de desenho. Mas aquilo era um professor chato, aquele Baltazar da Câmara... Ela dava aula, assim, de uma maneira que as meninas não gostava, ele era muito rigoroso, com aqueles desenho, aquelas coisa que ele queria. Um dia, Baltazar da Câmara disse “num sei quê”, e uma menina deu uma vaia... Sabe aquela vaia “ê, num sei quê...”... aquele... coisa assim. Isso foi no primeiro ano ou foi no segundo ano do ginásial. A diretora chegou, essa inspetora. Era inspetora...

Ana Paula: Inspetora?

Maria José: É, inspetora... Souza Leão. Juntou-se com ele, foi lá e perguntou: “Quem foi que deu?” Todo mundo calado... Ninguém denunciou ninguém. Suspendeu a turma todinha por 4 dias ou foi 5 dias.²³

Ressalte-se que a disciplina e rigor que os diretores e diretoras exerciam, não era postura própria, estava embasada no Regulamento do Ensino Normal do Estado do Rio de Janeiro e no de Pernambuco, onde em cada capítulo era discernida a organização escolar, a

²³ Entrevista realizada com a Normalista Maria José da Luz Bezerra, no dia 11 de agosto de 2015, e autorizada pelo modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no anexo A.

finalidade, a estrutura, a vida escolar (Regime escolar e didático), e das disposições gerais e transitórias, inclusive as questões de contratações e salários. O Regulamento do Estado do Rio de Janeiro (BRASIL, 1881, p.200-201), dizia que:

ACTOS DO PODER EXECUTIVO Capítulo VIII

Art. 59. O director será nomeado por decreto d'entre as pessoas que com distincção houverem exercido o magistério publico ou particular.

Art. 60 Compete ao director, além das attribuições que lhe são conferidas em outros artigo:

1º Exercer a inspecção geral do estabelecimento e especialmente a do ensino;

2º Observar e fazer cumprir as disposições deste regulamento, admoestando os professores que se fastarem do cumprimento de seus deveres, reprehendendo os empregados negligentes ou mal procedidos e suspendendo-os até 15 dias

[...]Art. 61. Na falta do director ou em seus impedimentos, servirá quem o Governo designar e provisoriamente o professor mais antigo do curso de sciencias e letras que estiver em exercício.

O Regulamento do Estado de Pernambuco dizia:

Compete ao diretor presidir o funcionamento dos serviços escolares, aos trabalhos letivos, as atividades dos alunos, e às relações da comunidade escolar e com a vida exterior, velando por que se cumpra, no âmbito de sua ação, o plano educacional vigente no país, e paralelamente no estado (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952, p. 26).

Assim sendo, essa ideia se embasava no modelo de centralização e verticalização, ou seja, um modelo de hierarquia e interesses, onde o poder decisório estava nas esferas da política local e nacional, modelo este enraizado nas escolas públicas. Para Elias (1994a, p.171) "[...] Em todos os estados nacionais, as instituições de educação pública são extremamente dedicadas ao aprofundamento e a consolidação."

No caso da Sociedade Propagadora, o diretor na tese de Gati (2010), no § 9 do artigo 15: "organizar os modelos pelos quais devem ser feitos os mapas e escrituração". No estatuto da criação desta sociedade e consequentemente da criação da Escola Pinto Júnior, seus membros tinham plenos poderes para todas as deliberações necessárias.

3.6 EU QUERO A MINHA MÃE, ONDE ELA ESTÁ?

[...] Das mulheres esperava-se a permanência no espaço doméstico, o recato, a submissão, o acatamento da maternidade como a mais elevada aspiração.

dos homens, a atuação no espaço público, no mundo do trabalho, na política, o exercício da liberdade, inclusive sexual, a incorporação dos atributos de proteção e autoridade. (ALMEIDA, 2006, p.73).

São elencadas nas narrativas das Normalistas e colaboradoras, questionamentos dos seus pais e mães em relação à concepção da formação docente, tendo como foco principal a apresentação de uma filha neste tipo de graduação. Para Rago (2008, p.582) "[...] Os pais desejavam que as filhas encontrassem um "bom-partido" para casar e assegurar o futuro" e, associado ao Ensino Normal, se elevava a sua postura e conceito aos comportamentos benquistos pela sociedade da referida época.

Áurea: Quatro filhos... dona de casa... e meu pai trabalhava com propagandista de remédios. Farmacêuticos... essas coisas assim. E era super interessado também nesses estudos... negócios de farmácia, dessas coisas... "Meu pai falava assim quando eu era criança: *ah, quando a pessoa não estuda é costureira, quando estuda é professora*".

Lindete: A minha motivação era eu querendo ser alguma coisa. A minha mãe, nota mil incentivadora, meu irmão que era jornalista também, minhas irmãs, todo mundo. Agora, quem mais me incentivou, foi minha mãe e eu querendo ser alguém na vida, querendo melhorar de vida, querendo ajudar meus pais, que viviam numa situação delicada, entendeu? E eu querendo progredir para ajudá-los.

Ingracita: Pra gente ter essa... essa participação na formatura, minha mãe teve que costurar 1 mês ou foi 2, pra pessoas desconhecidas, pra poder, pra poder valorizar todo nosso fardamento pra formatura. Então nos formamos. Em 66 nos formamos, em 68 eu comecei como professora, lá no Pinto Júnior.

A influência do pai na escolha da profissão é visível nos relatos das Normalistas, inclusive na categorização da profissão, valorizando a de professora. A mãe participava como coadjuvante nos interesses da casa, no incentivo emocional, na ajuda com as roupas e na perspectiva de um futuro melhor para as suas filhas.

As Normalistas, com seus familiares, protagonizaram as mudanças sociais, inserindo as mulheres na profissão docente, reforçando o cenário da participação destas na classe trabalhadora, mesmo que o expediente fosse em um só turno. Cabendo ainda o trabalho doméstico na condição de mães, e donas de casa. Protagonizando a diferenciação do "homem trabalhador e patriarca" e da "mulher submissa". Neste contexto, ficam incluídas tanto as mães das Normalistas quanto as próprias Normalistas.

[...] o que estava em jogo era sobretudo a "fundação" e o "prosseguimento" de uma "casa" que correspondesse à posição do marido, aumentando o máximo possível seu prestígio e suas relações, de modo que o casal ganhasse ou pelo menos mantivesse a posição e reputação como representantes da casa do presente. (ELIAS, 2001, p.73).

Pode-se conjecturar que o apoio do pai, para a formação das Normalistas, advém do prestígio, do futuro promissor, das relações sociais e de forma paralela e antagônica a aproximação das atribuições de uma professora com as atividades domésticas, em especial o cuidar dos filhos, inclusive para não se desviarem da boa conduta. Assim as mães tinham um papel de existência social e habilidades no que podiam contribuir com seus lares e para o desenvolvimento do país.

3.7 COMPORTAMENTO, CORPO E PADRÕES DE BELEZA

O padrão de educação feminina digna e formal, perpassava pelo Ensino Normal, com o modelo de comportamento, corpo e padrões de beleza, ante o fato de que as Normalistas seriam futuras professoras que deveriam dar exemplos para a sociedade e conseqüentemente para os seus filhos e futuros alunos, em prol do progresso da nação.

Ana Paula: Como era o padrão de beleza da época das moças?

Lúcia: A nossa turma era tido como as molequinhas, porque a Pinto Júnior, ela tinha, como é que eu digo... né conceito não... como é que chamo? Era conhecidas assim, por ter umas meninas muito alegres! Até hoje, você pode ver que nós somos um grupo muito alegre.

Lúcia: É... a gente não perdeu não. E na época falavam que a gente era umas meninas muito espertas. Não eram consideradas bonitas, ao contrário, tinham pessoas de todas as raças e níveis sociais.

Lúcia: Tinha Sônia é bem alta, nunca mais a vi, ela provavelmente não terminou não, porque provavelmente ela fez até o ginásio, bem alta, negra, e era minha amiga, gostava muito dela. E tinham outras negras também. Então, o grupo não era de meninas bonitas, nem alvas, aquelas alvas, de pele bem brancas, não. Era Nossa Senhora do Carmo, era escola das Damas, que tinha essas meninas bonitas. A gente tinha um bom conceito, mas não por beleza, e sim por simpatia.

Maria José:[...] Vamos escolher a oradora da turma! Vamos escolher. Aí tinha umas colega minha, Elizete, Climéia... ela era alta bonita, loira... e eu era baixinha, pequenininha e feia! Eu... Aí foram eleger a oradora da turma. Aí chegou o professor Dr. Candido Duarte, ele era muito radical! Ele aí disse que “A professora, a oradora da turma devia ser uma professora alta, que tivesse presença, bonita, num sei o quê num sei o quê”. Que ela tivesse competência, mas também que ela tivesse assim. Aí fizeram a eleição. Mas eu ganhei a eleição por unanimidade.

Concorda-se com Louro (2001, p.14), quando ele nos diz que "[...] Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados." Neste contexto, o corpo é visto como um instrumento, um “suporte”, ou seja, uma estrutura que é utilizada a fim de atingir determinados objetivos, empregando-o como um mero anfitrião e o que importa na verdade são as grandes manifestações corporais do ser humano, inclusive quando nos expressamos e quando nos vestimos.

A cultura da época das Normalistas entrevistadas em relação a beleza, era uma "beleza estrangeira" burguesa, pois só eram bonitas as altas, brancas e ricas, como as meninas das escolas da rede privada. Assim era o ponto de vista das Normalistas Lúcia e Maria José, em que moças bonitas eram as brancas e altas. Para Sant'Anna (2013) não só a questão da pele branca era valorizada, havia também as questões da silhueta curvilínea. Adequando-se assim aos regimes, padrões de beleza e subordinações. Neles, muitas vezes não há espaço para a liberdade de expressão, onde são expostos a cultura local, religião, poder e a sociedade que se vive.

Lúcia: É... a gente não perdeu não. E na época falavam que a gente era umas meninas muito espertas. Não eram consideradas bonitas, ao contrário, até achavam que tinham pessoas mais negras, muitas negras no grupo que não eram bem vistas, mas tinha um grupinho negras e também eu me lembro que eu era muito amiga assim de uma, era Sônia, não tínhamos preconceito algum. Sônia é bem alta, nunca mais a vi, ela provavelmente não terminou não, porque provavelmente ela fez até o ginásio, bem alta, negra, e era minha amiga, gostava muito dela. E tinham outras negras também. Então, o grupo não era de meninas bonitas, nem alvas, aquelas alvas, de pele bem brancas, não. Era Nossa Senhora do Carmo, era escola das Damas, que tinha essas meninas bonitas. A gente tinha um bom conceito, mas não por beleza, e sim por simpatia.

Na sociedade em que vivemos, percebe-se a necessidade de inserir uma perspectiva mais abrangente sobre o corpo, especialmente no que diz respeito ao tratamento dado ao corpo feminino, a sua beleza e cobranças de determinados padrões físicos e de comportamento. Na temporalidade desta pesquisa, não era diferente. Para Sant'Anna (2013, p.110) "[...] A beleza rimava com uma certa contração da postura e alguma dose de cerimônia nos gestos." Onde as mulheres eram consideradas como sujeito-objeto, não sendo vistas como um sujeito-próprio, que possui uma identidade, capacidades e limitações e, principalmente, dotado de intencionalidades e individualidades, com suas características próprias. Um ser capaz de sentir, pensar e agir, nas diferentes situações de vida. Mas com as Normalistas, era

cobrada uma postura e a suavidade da beleza feminina, um comportamento exemplar, para as futuras professoras, esposas e mães.

Áurea: [...] " Ah... tinha aquela coisa da época né? Década de sessenta... tinha aquelas coisas, aquelas brincadeiras da saia... de enrolar a saia... mas nada assim absurdo não. Entendeu? Tinha isso... aí na época de formatura a gente fazia aquelas festinhas nas casas das colegas que tinham as casas maiores... aí a gente fazia pra angariar dinheiro para formatura... mas coisa assim natural. Então era um comportamento assim... não tinha nenhuma ação com comportamento... a gente tinha assim umas mais levadas... fulana era mais levada... mas nada assim absurdo, sabe?"

Edivalda: Eu vou lhe contar só uma coisa muito engraçada. Quando eu estava no curso Normal em Timbaúba eu tinha na época uns dezesseis anos, nessa faixa, fiquei noiva. As freiras me proibiram de usar aliança na escola, não podia. Mas um dia eu não sei porquê cargas d'água eu entrei na escola com a aliança no dedo e a madre superior me chamou no parlamento, tirou minha gravata, e tirar a gravata era uma prova de que você estava de castigo. Então eu fiquei uma semana sem usar a gravata, que era comprada, por sinal, pelo colégio, a gente não podia ter segunda via. E na frente dos colégios ficavam só os rapazes... você sem a gravata faziam piada com a gente.

Maria José: Olha, a Normalista, ela devia se comportar, eu acho assim... tinha muitos que tinham namorado, mas elas não podiam tá se abraçando com namorado, porque ela podia até ser expulsa da escola, entendeu? Por mau comportamento, né? Tinha também a roupa, tinha que andar com a roupa bem limpa, bem asseada, todo o sapato era branco pra limpar tudinho, a bolsa bem asseada, cabelão grande solto também não tinha não, se tivesse solto tinha que prender o cabelo, tinha que prender o cabelo e namoro também não podia ser escandaloso, certo?

O modismo da perfeição, da beleza, a sensualidade que despertavam nos meninos, as roupas asseadas, passadas e deixadas embaixo do colchão e ou do travesseiro, fizeram com que demonstrassem o corpo vitimado pelos conceitos da época, quando enquadravam-se nos padrões de beleza ditados pela sociedade.

Onde a elegância, a postura corporal e o encantamento dos seus gestos, são vistos e promulgados ao longo das décadas, estando ligados a cultura da sociedade em que se vive regado as regras do comportamento social e sua representação. Não se reduz apenas a vestimenta. Na entrevista acima, percebemos o comportamento nas festas, em relação ao uso da aliança, não se podendo usá-la no sentido de se desvirtuar dos estudos ou representar uma ameaça ao comportamento, incentivando o namoro ou outras relações. Ao ponto de demonstrar uma forma de disciplinar e até constranger a moça, tirando a sua gravata, uma representação da Normalista, expondo-lhe na sociedade o rigor da disciplina, a civilização

através da moral e ética, valorando aspectos normatizados com a finalidade de orientar e representar a virtuosidade, prevenindo as violações.

[...] Tal como a palavra "civilizado", *kultiviert* refere-se primariamente a forma da conduta ou comportamento da pessoa. Descreve a qualidade social das pessoas, suas habitações, suas maneiras, sua fala, suas roupas. (ELIAS, 1994b, p.24).

Para que os comportamentos das Normalistas conduzidos como civilizatórios, fossem vistos e agradados pela sociedade que as pertenciam, baseado na descrição das posturas e bons modos, com o desígnio de aprazerá os costumes aceitados no entendimento social.

Porém é sabido que em nenhum regulamento estatal retratava esse tipo de conduta, mas induzia uma disciplina ao relatar em cada capítulo as normas e funções de cada funcionário. Neste sentido as Instituições Educacionais pesquisadas que ofereciam essa modalidade de ensino, implantavam suas próprias regras para que fossem seguidas, e as que não seguiam tinham suas penalidades.

Diferentes aspectos de beleza feminina são expressos em artigos de cunho científico, conselhos médicos, dicas e truques para melhor cuidar do corpo, propagandas de produtos que buscam melhorar a aparência física e notas sobre a moda esportiva, afirmando que as práticas corporais embelezam as mulheres ao mesmo tempo que colaboram na aquisição e manutenção de um bom estado de saúde. (GOELLNER, 2003, p.31).

As revistas de beleza e moda, em número bem maior são dedicadas ao público-alvo feminino. Tais revistas demonstravam cuidados que a mulher deverá ter com o corpo, com as roupas, com a casa, inclusive tinha até receitas. Para Goellner (2003, p.107) "[...] Estas práticas, apesar de serem incentivadas, estão sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos." Existindo uma motivação, baseada na aprendizagem, para melhorar a aparência: pessoas bonitas e bem sucedidas profissional ou economicamente são modelos positivos e seu sucesso é atribuído à beleza, o que confirma a existência de estereótipos sociais estabelecidos.

Termina-se essa reflexão, proporcionando algumas das possíveis razões que levam a duvidar não só da possibilidade da exacerbação dos padrões de beleza e da dicotomia do corpo feminino, mas também da necessidade de um objeto de conhecimento próprio da cultura corporal feminina e, com isso, um panorama concreto desta temática. Pois, a cultura é

uma prática de significações, uma identificação, uma idéia gerada pela ordem de uma sociedade e de um tempo que vivemos.



The collage features four distinct photographs of women. The top photo shows four women in a classroom setting, with one woman writing on a whiteboard that has mathematical calculations. The middle-left photo is a group of about ten women sitting and standing in front of a building. The middle-right photo shows a woman in a floral dress standing next to a whiteboard with handwritten text. The bottom photo shows a group of seven women standing together outdoors. The entire collage is overlaid with a semi-transparent title and a large number '4'.

TECENDO O SABER: OS CORTES E RECORTES NA MEMÓRIA DAS 4 NORMALISTAS

4 TECENDO O SABER: os cortes e recortes na memória das Normalistas

Como demonstrado no primeiro capítulo dessa pesquisa, participaram das entrevistas, onze colaboradoras entrevistadas, uma funcionária e dez Normalistas do Curso Ensino Normal das Três escolas: Escola Normal do Município da Côrte, Escola Normal Oficial de Pernambuco e a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora. Porém, para essa análise, primamos pelas estudantes, ou seja, a funcionária Francisca Alves Martins não considerada, face ao objetivo deste capítulo que é o de inferir os aspectos da inserção das mulheres no sistema educacional, como alunas e professoras.

Partindo do pressuposto que no mundo social, e no caso desse estudo são as escolas, não há neutralidade nem homogenia, sendo as escolas compostas por pessoas oriundas dos mais diversos locais e circunstâncias familiares, construindo uma estrutura essencial para a diferenciação do mundo vivencial.

A concepção dos diversos espaços sociais vividos pelas Normalistas, é a condição para a análise do conteúdo das entrevistas realizadas, no intuito da categorização da história e memória da escolarização das Normalistas. Para Bardin (2011), as análises das entrevistas são compostas por vários níveis, tanto horizontal quanto vertical, do que foi contribuído, isto é, mesmo entrevistando várias pessoas nas mais diversas instituições, chega-se ao ponto em que não há mais um resultado significativo, mesmo subdividindo as categorias.

É certo que o gênero de resultados obtidos pelas técnicas de análise de conteúdo não pode ser tomado como prova inelutável. Mas constitui, apesar de tudo, uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos em causa. (BARDIN, 2001, p.81).

Na leitura das entrevistas e ressaltando as intempéries que o procedimento da análise de conteúdo recomenda, mais especificamente a análise temática, procedemos à categorização que emergiu dos depoimentos das entrevistas, bem como do contexto no qual está inserida a leitura sobre a temática no sentido de **gênero, família e educação**, que proporcionou a sua **formação profissional**.

Sabe-se que a passagem da fala para a escrita envolve vários momentos e interpretações. Estas começam desde a escolha das pessoas entrevistadas, o local da entrevista, os aparelhos que foram utilizados e o momento da captura da fala. O momento da "transcrição", para Meihy e Holanda (2010), que é uma variação da fala para a palavra escrita, mediante os momentos que perpassam as entrevistas, e que para Marcuschi (2010,

p.46), vem primeiro a transcrição, para depois a "retextualização", onde a "[...] Fala e a escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares." Esta passagem, de uma forma geral, necessita de uma compreensão cognitiva, que resulta na demonstração do que se tem em vista.

Ressalte-se o esforço de conduzir os critérios da análise do conteúdo, onde as categorias não serão vistas de forma isolada, e sim, subdividida em subcategorias relevantes da temática estabelecida, ressaltando as palavras que as constituem e que conduziu aos aspectos da inserção das mulheres na educação, e os aspectos que estão relacionados com seu processo de formação profissional.

As tabelas apresentam um padrão diversificado de respostas, considerando as instituições das Normalistas, além de perceber as diferenças de inserção quando foram avaliadas individualmente as três escolas participantes da pesquisa, considerando a possibilidade de que a inserção educacional pode variar de acordo com o Estado, com o estabelecimento e as situações familiares de cada Normalista.

Avaliando todas as tabelas da Categoria Gênero, e as Subcategorias construídas com os seus principais resultados, mesmo havendo subcategorias em que não houve pontuação acima de um, elas serão apresentadas conforme as sinonímias das palavras. Ressalta-se nas subcategorias em que as Normalistas usam as expressões: aluna; amiga; colega; menina; e moça, que elas se referem às discentes do Ensino Normal, não visualizando as amigas e convívio extra-escolar.

A tabela 1 é a mais generosa em relação à Subcategoria de Gênero, prevalecendo uma frequência de 80,35% para o sexo feminino em comparação com as outras instituições.

Tabela 1 - Categoria Gênero na Escola Normal do Município da Côrte

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Aluna	19	33,92
Aluno	10	17,85
Amiga	1	1,78
Amigo	1	1,78
Colega	13	23,21
Menina	10	17,85
Menino	0	0
Moça	2	3,57
Rapaz	0	0
TOTAL	56	99,96

Fonte: A autora, 2017.

Compreendem-se como importantes os conhecimentos sobre a Categoria Gênero, onde as três instituições eram exclusivas para o sexo feminino. Mas, unanimemente, as Normalistas

se identificam como pertencentes ao gênero feminino. Intui-se uma relevância de atoras do gênero feminino entre as participantes da pesquisa e as relatadas por elas.

Existe um desnível entre a semântica dos sexos quando distinguimos os grupos femininos e masculinos, chegando inclusive a zerar a frequência para os meninos e rapazes, e tendo a frequência um para amigo. E mesmo assim falando de uma relação de amizade do pai e do irmão. Áurea: "[...] Hoje vale, mas se você ver naquela época... ele foi fazer no Rio. Meu pai chegou em casa contando que o filho de um amigo dele." Assim sendo, percebemos ampla maioria dos pronunciamentos voltados para o gênero feminino.

As informações da tabela 02 nos permitiram identificar os aspectos das Normalistas, mas D. Lindete e D. Norma seguiram a docência; D. Iolete foi secretária de um órgão federal e D. Rosenilda seguiu com o esposo a área comercial. As informações coletadas nos mostraram que tivemos um perfil profissional variado. Porém, mesmo assim, não impediram de verificar o universo das jovens Normalistas, enquanto estudantes do Ensino Normal.

Tabela 2 - Categoria Gênero na Escola Normal Oficial de Pernambuco

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Aluna	2	2,66
Aluno	13	17,33
Amiga	7	9,33
Amigo	2	2,66
Colega	5	6,66
Menina	22	29,33
Menino	8	10,66
Moça	11	14,66
Rapaz	5	6,66
TOTAL	75	99,95

Fonte: A autora, 2017.

Na Escola Normal Oficial de Pernambuco, obteve-se o resultado um pouco mais expressivo em relação aos amigos, meninos e rapazes, frente a sua localidade central no Recife e a aproximação com o Ginásio Pernambucano, que era exclusivo para o sexo masculino, mas na Faculdade de Direito e na Escola de Engenharia, na sua maioria prevalecia os homens, como diz a Normalista Rosenilda.

Rosenilda: Era do Ginásio Pernambucano, ou das Faculdade de Direito e de Engenharia! Aí ficava ali passava agora a gente via muito quando passava uma Normalista, eles olhavam para o nosso emblema e muitas vezes tocavam e diziam: isto é Instituto de Educação, isto é Peito. as meninas ficavam por conta. Eu graças a Deus era magrinha não levava nada dessas coisas mais quem tinha mais peito e chamava atenção eles faziam muito isso.

Em relação aos alunos, elas se referem tanto de uma forma geral como também dos seus próprios alunos, isto é, elas na condição de professoras e não mais de Normalista, que é o caso de D. Lindete, que chegou a ser professora da Universidade Federal de Pernambuco.

Também, ressalte-se a frequência de 62,66% para o sexo feminino, e, como na Escola do Município da Côrte, elas não relatam as amizades externas, isto é, fora do âmbito escolar, e quando falam dos rapazes, trazem consigo o sentido de paquera e namoro.

Na tabela 3, têm-se as informações da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, que também não diverge dos resultados das outras instituições estudadas, prevalecendo a frequência para o sexo feminino de 77,52%.

Tabela 3 - Categoria Gênero na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Aluna	14	15,73
Aluno	9	10,11
Amiga	6	6,74
Amigo	3	3,37
Colega	7	7,86
Menina	33	37,07
Menino	4	4,49
Moça	9	10,11
Rapaz	4	4,49
TOTAL	89	99,97

Fonte: A autora, 2017.

A Escola Normal Pinto Júnior, situada na mesma região da Oficial de Pernambuco, também teve o viés da minoria em relação ao sexo masculino, apresentando o mesmo tratamento de raciocínio para esta categoria, mesmo sendo instituições diferentes. Como diz Elias (1994), o *habitus* é um conjunto de comportamentos, maneiras de agir e pensamentos de um determinado grupo social, construído ao longo do processo da história e do sentimento, fundamentados na tradição de cada grupo social.

No relato acima da Normalista Rosenilda, ela nos diz que os rapazes ficavam na frente da Escola Oficial de Pernambuco, fazendo comentários e tentativas de aproximação ao largarem das aulas, já na Escola Pinto Júnior, a Normalista Ingracita relata que não havia o assédio dos rapazes, mesmo havendo ao lado da instituição uma pensão só para rapazes.

Ingracita: Olha, não havia preconceito não, havia muito respeito, sabia? Tanto que tinha uma pensão junto de rapazes que vinham do interior estudar, eles olhavam indiferente pra gente, só que alguém simpatizante deles é que se entrosava, mas havia muito respeito, “Olha, vai passando a normalista.”, a gente passava e ninguém mexia, entendeu? Muito respeito mesmo.

Através dos relatos das Normalistas, conseguimos ter uma visão aproximada de como era o tratamento nas Escolas Normais de Niterói e do Recife, em relação a Categoria Gênero. Na fala das colaboradoras, identifica-se o respeito e a proibição da aproximação de alguns rapazes, como forma do comportamento para moças, ditado na referida época.

Nas Subcategorias da Categoria Família, prevaleceu o primeiro grau de parentesco, mediante os relatos das Normalistas. Sobre a questão de exclusão, procedeu-se nas palavras, mas com menor frequência, em relação aos outros níveis de parentesco. Note-se que no grau de parentesco com frequência zero, não significa que tenha havido a inobservância de um membro, vez que este pode não fazer parte da família.

Tabela 4 - Categoria Família na Escola Normal do Município da Côrte

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Irmã	0	0
Irmão	6	15,78
Mãe	22	57,89
Pai	10	26,31
TOTAL	38	99,98

Fonte: A autora, 2017.

Na tabela acima, diferentemente das outras duas que são das escolas do Recife, obteve-se uma proporcionalidade maior em relação a Subcategoria Mãe, no relato da Normalista Áurea. Muitas das Normalistas que frequentaram a Escola do Município da Côrte, tiveram como incitamento as suas mães e até avós, pois as mesmas foram oriundas desta instituição. Áurea: "[...] ah! Minha mãe estudou aqui! Minha vizinha estudou aqui! Minha vó estudou! Todo mundo que chegava contava uma história de alguém... as alunas mesmo... de alguém que tinha estudado aqui." Através deste relato, se configura a reminiscência e o costume de estudar na Escola do Município da Côrte, modelo de ensino de uma boa educação, que se perpetuava através das gerações.

O fato de uma dada classe em uma fase ou outra do desenvolvimento social formar o centro de um processo e, desta forma, fornecer modelos para outras classes, e de que estes modelos sejam difundidos e aceitos por elas, já pressupõe uma situação social e uma estrutura especial de sociedade como um todo. (ELIAS, 1994, p.124).

O costume relatado por Elias varia de sociedade para sociedade, que no caso dessa pesquisa são as instituições educacionais, assim sendo, faz parte da construção humana a transformação de modelos estabelecidos em novas perspectivas de comportamento. Como a

Escola do Município da Côrte, sendo esta a gênese e que serviu de modelo para todo o Brasil, onde as instituições de Pernambuco não foram a exceção da regra nos moldes do Ensino Normal.

Nas tabelas 5 e 6, se consolidam o papel da mãe na formação das Normalistas, no sentido da contribuição e consolidação do papel da mulher que edifica o lar. Em nenhum relato das escolas do Recife, retrata-se que as mães tinham atividades fora do lar, Ingracita: "[...] Minha mãe, ela quase não teve participação, a não ser em casa," predominando a postura do pai provedor.

Tabela 5 - Categoria Família na Escola Normal Oficial de Pernambuco

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Irmã	7	10,76
Irmão	9	13,84
Mãe	20	30,76
Pai	29	44,61
TOTAL	65	99,97

Fonte: A autora, 2017.

Na tabela 5, os irmãos tiveram uma frequência maior em relação a tabela 6, através dos relatos de contribuição no processo de escolarização das Normalistas, principalmente na entrevista de D. Lindete, em que 100% das Subcategorias Irmã e Irmão são pertencentes ao seu relato. Devido ao fato de ter o maior número de irmã e irmão e pelo fato do seu irmão ter sido um jornalista conceituado no Estado de Pernambuco.

O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso - e, segundo a equação afetiva do indivíduo, singularmente valioso e humanamente superior - estão funcionalmente ligados à disposição dos membros. (ELIAS, 2000, p.26).

Então, o orgulho de pertencer a um determinado grupo, mesmo este sendo familiar, independente da condição financeira e do posto ocupado na sociedade, externaliza este sentimento, ao ponto do fortalecimento de um grupo, que nesse caso é a família, em busca da formação educativa de seus membros, tendo o próprio pai como líder.

Na Subcategoria Pai, permanece a frequência alta de todas as colaboradoras, no papel do homem trabalhador e provedor da família, afincando a frequência de 44,61%, acobertando quase 50% do total de todas as outras frequências. Como diz Elias (2000), isso é o reflexo da exultação da participação e manutenção do poder em um determinado grupo.

Tabela 6 - Categoria Família na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Irmã	12	8,69
Irmão	7	5,07
Mãe	52	37,68
Pai	67	48,55
TOTAL	138	99,99

Fonte: A autora, 2017.

Não obstante a permanência da frequência alta em relação a Subcategoria Pai, esta prevalece em relação as demais. Em relação à Subcategoria Irmã, D. Ingracita tem em comum a sua irmã como Normalista no mesmo período. Deste modo, houve o acréscimo em relação às demais tabelas apresentadas. Tanto D. Ingracita, como D. Maria José, são as Normalistas que mais ressaltam a participação dos irmãos no seu processo de formação, chegando ao ponto de D. Ingracita abrir mão de estudar medicina para dar a oportunidade ao seu irmão.

Ingracita: "[...] Eu queria medicina, e meu pai disse “Não. Medicina eu não posso pagar, nem pra você nem seu irmão, aí você escolhe” Aí eu deixei ele fazer, ele foi fazer medicina, e eu continuei ensinando.

Porém, ao longo de seu relato, não apresentou a estigmatização de inferioridade em relação ao seu irmão. Este binário de estigmatizar e estigmatizados, caso bastante comum descrito por Elias (2000), depende da disposição de sentimentos e pertencimentos em relação ao outro.

Nas tabelas 7 a 9, a categoria analisada foi a Educação, mesmo tendo nas subcategorias funções que denotam o sexo masculino e feminino, que foram escolhidas para pertencerem a essa categoria pela sua especificidade. O processo de inclusão dessas palavras se deu no sentido das mais conotadas ao longo de todas as entrevistas, onde também se encontram como seções do capítulo três. O processo de exclusão ou não escolha de outras subcategorias, se procedeu pela ausência de temática específica para o Ensino Normal e a temporalidade da pesquisa.

Destaca-se na Subcategoria Professora, que há duas conotações, uma enquanto suas mestras e outra elas como professora.

Tabela 7 - Categoria Educação na Escola Normal do Município da Côrte

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Catedrático	2	2,27
Diretor	7	7,95
Diretora	8	9,09
Disciplina	6	6,81
Ensino	3	3,40
Professor	22	25
Professora	39	44,31
Rigoroso	1	1,13
TOTAL	88	99,96

Fonte: A autora, 2017.

Fazendo um comparativo nas duas subcategorias Diretor e Diretora da tabela 7, há um pequeno índice de elevação para a "Diretora", mostrando mudanças ao longo do tempo. O Decreto 10 de 1835 estabelecia o cargo para diretores, e esta função, segundo o relato da Normalista Áurea, passava de um parente para outro. Até porque a visão de gestão democrática só foi ampliada a partir da Constituição Brasileira de 1988 no art. 206.

Áurea: "[...] Alberto Mota. Ele ainda é vivo! Alberto Mota, doutor Alberto Mota. Tinha dona Romanda, que foi diretora daqui! Tem um retrato dela ali naquela sala, você vai ver. Romanda Gonçalves. O pai dela foi um dos diretores, Armando Gonçalves, você vai ver também na galeria de diretores. O pai dela foi um dos diretores daqui. Ela foi diretora daqui e foi minha professora de didática.

A frequência para professoras e professores conotam 69,31% da categoria Educação, levando ao entendimento e importância desta profissão nos relatos das Normalistas, que para Elias (2001) a unicidade de indivíduos em determinado grupo social é complexa, devido aos valores e vivências de cada Normalista. Essa unificação foi passada nas entrevistas em vários aspectos, nas lembranças dos nomes dos(as) professores(as), diretores(as), das normas da instituição, no perfil de como era o Ensino Normal e suas especificidades em relação a disciplina, o orgulho, o poder e representação que o curso se posicionava perante a sociedade, o sentimento de pertencimento e a vocação para a profissão docente. Para Elias (1994), as normatizações e o conjunto de instrumentalizações vão se sobrepondo e tomando consciência em cada indivíduo, é quando a sociedade, que neste caso são as Normalistas, avança e modifica a realidade.

Tabela 8 - Categoria Educação na Escola Normal Oficial de Pernambuco

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Catedrático	0	0
Diretor	11	9,01
Diretora	0	0
Disciplina	9	7,37
Ensino	6	4,91
Professor	74	60,65
Professora	21	17,21
Riguroso	1	0,81
TOTAL	122	99,96

Fonte: A autora, 2017.

Nesta tabela, a maior frequência é em relação ao sexo masculino, tanto para diretor como professor, e se fizermos uma comparação com a tabela 2, que trata de gênero especificamente, há o maior agrupamento do sexo feminino, isto é, da mesma categoria do mesmo nível. Quando se passa para o nível em que as Normalistas se encontram na posição de subordinação, a frequência para o sexo masculino é elevada, tanto para o irmão quanto para o pai. Segundo Elias (2000), esse posicionamento está interligado na tradição de um determinado grupo social. Outro dado dessa circunstância encontra-se no capítulo três, no Quadro 13 – RELAÇÃO NOMINAL DE ALGUNS PROFISSIONAIS DESCRITOS PELAS NORMALISTAS DA ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PERNAMBUCO, havendo o total de trinta e três profissionais relatados pelas Normalistas, apresentando vinte sete para o sexo masculino (81,81%) e seis para o feminino (18,18%).

Até os relatos da Subcategoria Disciplina são entendidos como a Subcategoria Rigoroso. Dona Lindete: "[...] na Escola Normal, também que muito mais rigoroso. Eu amava a disciplina, eu tenho saudade [...]." Nesta configuração, percebemos que as Normalistas avaliam o controle, o disciplinamento e a rigorosidade como algo essencial para o Ensino Normal.

Na tabela 9, a configuração é mudada em relação à diretora, apresentando 2,74%, ou seja, na Escola Normal Pinto Júnior houve a presença de uma diretora. Ana Paula: "[...] Tânia Alcôforado era de que? Edivalda: Era diretora. Foi professora de história e depois diretora da escola. Seguindo o mesmo raciocínio e demonstrando a heterogeneidade da ENPJSP em relação a ENOPE, no Quadro 14 – RELAÇÃO NOMINAL DE ALGUNS PROFISSIONAIS DESCRITO PELAS NORMALISTAS DA ESCOLA NORMAL PINTO JÚNIOR, no total de quarenta profissionais lembrados pelas Normalistas, vinte e três são do sexo masculino (57,5%) e dezessete do sexo feminino (42,5%).

Tabela 9 - Categoria Educação na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Catedrático	1	0,54
Diretor	18	9,89
Diretora	5	2,74
Disciplina	5	2,74
Ensino	8	4,39
Professor	55	30,21
Professora	86	47,25
Rigoroso	4	2,19
TOTAL	182	99,95

Fonte: A autora, 2017.

Em relação à Subcategoria Catedrático, mesmo tendo a frequência um, o mesmo foi pronunciado para um professor, Edivalda: "[...] Eu estava ainda no terceiro ano de Pedagogia pela Federal e doutor Rui me convidou para substituir Amaro Quincas, que era o professor catedrático de sociologia aqui na escola[...]," ressaltando a importância do professor e o orgulho de assumir a sua disciplina, mesmo não havendo concluído o curso superior.

Para a Subcategoria Rigoroso, as aparições ao longo do texto estão relacionadas ao sexo masculino, no contexto do pai em relação ao comportamento da filha, na escola e em relação ao namoro no relato de Ingracita; e na conjuntura da postura de um diretor e professor na visão de Maria José.

Nesta nova Categoria da Vida Profissional, demonstrada nas tabelas de 10 a 12, tem-se como direção o contexto da inserção das mulheres nas Escolas: Normal do Município da Côrte, Normal Oficial de Pernambuco e na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora, procedendo à análise e discussão dos resultados, seguindo uma sequência de acordo com as subcategorias apresentadas. Os relatos nos proporcionaram obter a resposta dos fatores que levaram as jovens Normalistas a fazer a escolha pelo curso Ensino Normal, perpassando pelo viés da compreensão do que é ser Normalista.

Tabela 10 - Categoria Vida Profissional na Escola Normal do Município da Côrte

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Concurso	4	5
Curso	32	40
Normalista	4	5
Profissão	5	6,25
Trabalho	35	43,75
TOTAL	80	100

Fonte: A autora, 2017.

Na Subcategoria Concurso, tem-se uma particularidade com a Normalista Áurea. Além de ter tido a "nomeação-prêmio", já relatada no capítulo três, a mesma também prestou

concurso para ser professora, tendo dois vínculos de professor e voltando a exercer no IEPIC, juntamente com D. Francisca, que era responsável pela disciplina, função denominada como: Coordenadora de turno, na época em que ela era Normalista. Outra Normalista, que também passou em concurso, foi Hanriete, ou seja, se configura que as colaboradoras entrevistadas seguiram a carreira docente, como também o processo de ingresso se dá através de concurso, ressaltando a "nomeação-prêmio", que é do início da década de 1970, quando não havia a obrigação de acesso ao sistema público por concurso. Este só passou a ser obrigatório após a Constituição Brasileira de 1988.

O segundo percentual mais elevado dessa subcategoria é o Curso, tendo 40% de frequência na fala das Normalistas. No relato da Normalista Áurea "[...] Então fazer o Curso Normal era uma formação como se diz... era a melhor formação na época [...]" e no relato da Normalista Hanriete "[...] É... eu acho que eu já nasci com esse desejo de ser professora. Primeiro ponto: É... eu sempre tive o desejo de ser professora, desde sempre[...]" Neste contexto são explicitados os anseios que levaram as Normalistas a escolherem a formação docente, como também a frequência para o entendimento do Curso Normal e nos cursos de formação continuada, transparecendo que mesmo após a sua formação e o seu ingresso no serviço público, as Normalistas oriundas da Escola Normal do Município da Côrte, hoje professoras do IEPIC, continuaram se aprimorando na carreira docente.

Com o percentual próximo a Concurso e Normalista, a subcategoria Profissão, trás o entendimento de orgulho em ter escolhido a profissão professor. Para a Normalista Áurea "[...] Da minha vida, ser professor era uma coisa assim... boa... conceituada. Era uma profissão bem conceituada, entendeu[...]" e para a Normalista Hanriete, a escolha da profissão docente sempre esteve presente no seu íntimo, mas só poderam optar em fazer o Ensino Normal após os dezoito anos, pois sua mãe não via com bons olhos a carreira docente, "[...] Aí no dia em que eu fiz dezoito anos eu fiz essa pergunta pra mamãe! Posso fazer o que me deixa feliz? Aí ela falou: agora você é maior de idade... se manda... então você pode fazer[...]" Para Elias (2000), é muito difícil o entendimento do posicionamento de uma pessoa ou de um determinado grupo, em relação as opções e a diversidade de opiniões nas escolhas dos indivíduos, precisando de um estudo mais detalhado que leve a compreensão da posição escolhida, que no caso são as Normalistas.

Na Subcategoria Trabalho, da tabela 10, tem-se o maior percentual de frequência. Ressalte-se que foi excluída a semântica trabalhos escolares e só levando em consideração o trabalho laboral oriundos do emprego. A Normalista Áurea não aparece nesse subcategoria, pois seus relatos são voltados para o trabalho acadêmico.

Para a Normalista Hanriete, a tripla jornada de trabalho não é nada fácil, principalmente para o sexo feminino, quando tem que dar conta do trabalho e das questões domésticas. Em relação à aceitação no mercado de trabalho, ela relata que havia uma maior facilidade para quem tinha estudado no IEPIC, que para Elias (2000), "[...] é a auto-imagem." tratada como uma diferença de poder em relação a um grupo em detrimento de um outro.

Na tabela 11, a questão concurso foi zerada, porque as Normalistas que seguiram a carreira docente não relataram sobre o processo de ingresso na carreira pública, pois tanto D. Lindete, quanto a Normalista Norma, se tornaram professoras da rede pública. Outra subcategoria que também foi zerada foi a profissão.

Tabela 11 – Categoria Vida Profissional na Escola Normal Oficial de Pernambuco

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Concurso	0	0
Curso	21	42,85
Normalista	6	12,24
Profissão	0	0
Trabalho	22	44,89
TOTAL	49	99,98

Fonte: A autora, 2017.

Neste contexto, se dará início à análise a partir da Subcategoria Curso, tratado pelas Normalistas da Escola Normal Oficial de Pernambuco, como na tabela 10. Os cursos relatados pelas Normalistas da ENOPE, também são cursos de formação inicial e continuada, mas nesse grupo há uma particularidade retratada pela Normalista Lindete, que diz: "[...]Tinham meninas que eram muito interessadas, mas tinha as outras também que não eram, né? Que só iam mais pra poder ver se terminava o curso pra satisfazer a mãe, o pai, a família, ter uma formatura, porque lá só era formação de professoras[...]." Para esse tipo de situação, Elias (2000) denomina de "sentimento de identidade grupal", quando foi descrito nos capítulos anteriores a questão do posicionamento de uma jovem ser Normalista, pois mesmo não seguindo a carreira docente, o curso também tinha o perfil da preparação para o casamento e assim a moça era vista com boa formação.

Na Subcategoria Normalistas, elas se identificam com sentimento de representação positiva aos olhos da sociedade e do comportamento típico da idade e de uma época. Para a Normalista Iolete "[...] e pra gente era uma glória desfilar na cidade com a roupinha de Normalista, aí os meninos do colégio tudinho vinham nos ver [...]," confirmando o sentimento de grupo e do bom-mocismo. Para Lindete, a escolha de ser Normalista se deu pela ascensão profissional, tendo escolhido a ENOPE por ser pública. Tanto a Normalista Iolete quanto a

Normalista Lindete "[...] creio que naquela época toda Normalista tinha orgulho naquela farda [...]," vinculando o orgulho de ser Normalista, na representação do fardamento, pois era o símbolo mais visível para a sociedade que elas pertenciam a este grupo.

Em relação à Subcategoria Trabalho, foi o maior percentual de frequência nesta tabela. Bem diferente do discurso romantizado de que as moças dos "anos dourados" não trabalhavam fora, e que cuidavam do seu papel de dona de casa, as jovens Normalistas da Escola Normal Oficial de Pernambuco trabalhavam sim! Na sua totalidade três casaram e só D. Lindete não casou, e nem isso foi motivo de não seguirem com sua vida profissional.

Na tabela 12, houve frequência maior que "um" para todas as subcategorias. Em relação à Subcategoria Concurso, a Normalista Edivalda não fez o concurso para ensinar na Pinto Júnior porque inicialmente recebeu um convite da direção, ela relata que "[...] foi a glória da minha carreira[...]," e a mesma até a data de hoje é uma das sócias da Sociedade Propagadora. As Normalistas Lúcia e Maria José seguiram a carreira administrativa. A única que fez concurso específico para a carreira docente foi a Normalista Ingracita, tendo a particularidade de ter feito o Ensino Normal na Pinto Júnior e logo em seguida ter feito o concurso e passado em primeiro lugar para a mesma instituição que estudou.

Na Subcategoria Curso, com uma frequência de 31,38%, há a homogeneidade com as outras instituições de terem a mesma linha de pensamento em relação aos cursos de formação inicial e continuada, mas a particularidade dessa subcategoria é trazida pela Normalista Maria José, que relata sobre o incentivo do Professor Cândido Duarte. "[...] Tinha uma, duas... que se casaram! Fazendo o curso... Aí o professor, Dr. Candido Duarte falava muito, ele dizia que "A pessoa que se casasse, não deixasse de ensinar, não deixasse de ensinar[...]." Esse "ensinar" também é no contexto de estudar, pois o seu relato contextualiza o sorteio de um ponto avaliativo de estudo.

A Vida Profissional da tabela 12, em relação a Subcategoria Normalista, nos revela que todas as quatro depoentes tem uma visão própria do que é ser Normalista, mas todas relatam que gostaram muito. Essa visão é compartilhada com: D. Edivalda, que tem como uma glória; D. Ingracita, tem o mesmo sentimento do respeito da farda igual às Normalistas da ENOPE; D. Maria José, tem como um momento bom na sua vida; e D. Lúcia, que tem como primordial o relacionamento humano, pronunciamentos típicos de uma sociedade que para Elias (2000), somente com um estudo específico mais aprofundado sobre determinado assunto é que se poderia ter a compreensão da totalidade do que se quer dizer, caso contrário, pode-se ter um juízo de valor. Mas nestes três relatos distintos, o que se pretendeu demonstrar foram as opiniões diversas em relação ao que é ser Normalista.

A Subcategoria Profissão foi a que teve o menor índice de frequência. Nela se relata a mudança de profissão da Normalista Lúcia e o prazer em ter escolhido a profissão de ser professor pela Normalista Edivalda "[...] Pronto, vocação. O que é vocação? Amor à profissão, porque eu dizia sempre em sala de aula: Se eu morresse, eu seria professora novamente[...],"que para Elias (1994) a vocação é um característica de escolha das sociedades mais elevadas.

A Subcategoria Trabalho da tabela 12, de todas as que analisam a Vida Profissional, foi a que obteve a maior frequência, ressaltando também que essa subcategoria foi a que obteve maior percentual de frequência nas três. As Normalistas Edivalda e Ingracita trabalharam na mesma Escola e consequentemente seguiram a carreira docente, mesmo exercendo outras funções ao longo da vida profissional; as Normalistas Lúcia e Maria José não seguiram a carreira docente, ressaltando que a Normalista Lúcia trabalhou no início de sua vida profissional como professora.

Lembramos que na origem das escolas Normais, o acesso era para os meninos, e que ao longo dos anos, os homens foram ocupar outros campos de trabalho, e a inserção da mulher na educação vai abarcando a majoritariedade. As análises em todas as tabelas, congregadas com outros aspectos ao longo desta pesquisa, corroboram para os esclarecimentos do processo de escolarização de três instituição de Ensino Normal no Brasil.

Tabela 12 – Categoria Vida Profissional na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora

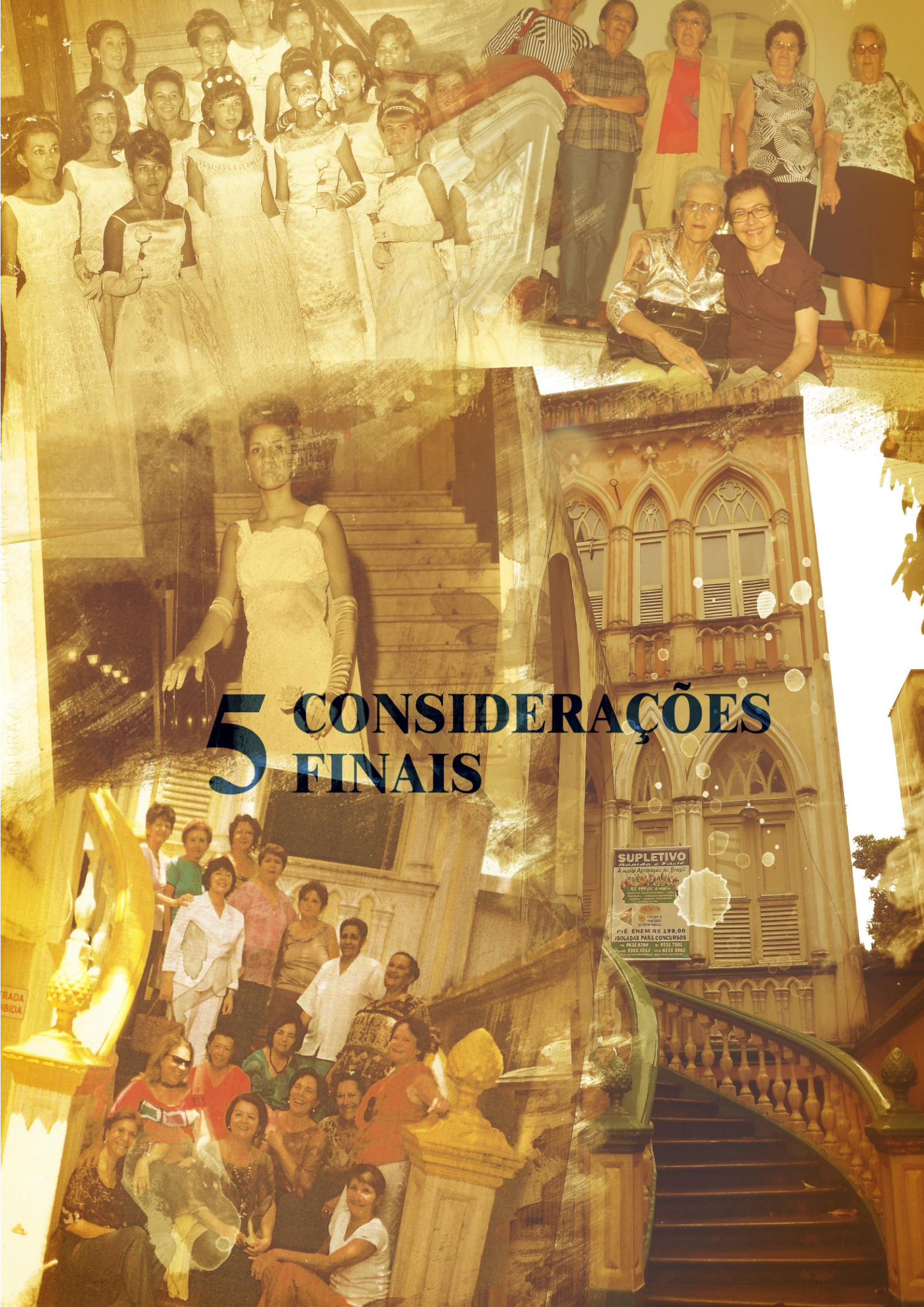
SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	(%)
Concurso	11	8,02
Curso	43	31,38
Normalista	14	10,21
Profissão	2	1,45
Trabalho	67	48,90
TOTAL	137	99,96

Fonte: A autora, 2017.

Portanto, a história oral apresentada aqui na forma de entrevistas através da fala, é para Bardin (2011, p.49), a essência da linguagem na análise do conteúdo, ou seja, ela não procura o significado e sim a compreensão das definições no campo da pesquisa. Neste sentido, as análises das entrevistas presentes nesta pesquisa, buscaram propiciar a construção do conhecimento relacionado a inserção das Normalistas na educação niteroiense e recifense, com as minúcias da realidade vivida por cada colaboradora.

O Ensino Normal venha tendo declínio em nosso país a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional 9394/96, vez que no art. 62 se exige a obrigatoriedade para lecionar na educação básica do nível superior, exceto na educação infantil, que poderá ser exercida por quem tenha a certificação de Normal Médio.

Porém, como vimos no primeiro capítulo dessa pesquisa, temos estudos que contemplam a realidade do Ensino Normal nas mais diversas regiões do Brasil. Tem-se a clareza de que nossa pesquisa, direta ou indiretamente, tem a intenção de auxiliar na construção do conhecimento a respeito do Ensino Normal, porém não eximindo todo o arcabouço da história e memória da escolarização das Normalistas niteroiense e recifense e muito menos deixando "expirar" a tradição do Curso Normal, que é chamado por Elias (1994) de "morte coletiva", pois não só esse estudo, como outras pesquisas que tratam o Ensino Normal, fazem alçar as reflexões sobre a inserção e o percurso da escolarização das Normalistas.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

SUPLETIVO
Respostas a Paulo
A maior Aproximação do Brasil
PÉ ENEM R\$ 199,00
ISOLADAS PARA CONCURSOS
0432 8701 ou 0432 7601
0432 4102 ou 0432 1963

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentarmos como ponto de partida a história de quatro instituições que tiveram como objetivo a formação de professores das primeiras letras na França e no Brasil como foco principal, que então eram exclusivas para os rapazes, e com o passar dos anos e as transformações sociais e econômicas, passaram a ser especificamente para mulheres, que foram denominadas de Normalistas, pelo fato de estudarem nas Escolas de Ensino Normal, é o que se demonstra nessa pesquisa, com a mesma admiração do seu início, já que essa temática encontra-se imbricada nas questões do processo de formação das professoras do Brasil.

As demonstrações nos relatos das Normalistas nos proporcionaram detalhes que permearam a formação dos professores no Brasil, contribuindo para a manutenção da memória dessas professoras, não exclusivamente deste grupo que foi objeto dessa pesquisa, mas de outras mais, com essas e outras vertentes, porque além de achá-las também se teve como desafio maior a delimitação do foco. Assim como se apresenta inúmeras narrativas para esse estudo, outras produções e matérias poderão surgir, fazendo com que se mantenha parte da memória educacional do Brasil e de Pernambuco.

Ao longo de todo o texto, foi focalizada a inserção das Normalistas nas Escolas de Ensino Normal, tendo como objetivo geral a compreensão dos ensejos que expressaram, em meados do século XX, a implantação do Ensino Normal em Niterói/RJ e em Recife/PE para a formação de professores. Nesse propósito, foram demonstradas particularidades do cotidiano da escolarização das Normalistas nas instituições estudadas. Pressupõe-se que as demonstrações das entrevistas que se encontram ao longo dos textos e nos apêndices desse estudo, tenham contribuído para o fortalecimento da história e memória da educação Brasileira.

Parafraseando a estrofe da música: Lá vem o Brasil descendo a ladeira - Moraes Moreira. "[...] Quem desce do morro não morre no asfalto[...]," chega-se a conclusão que não foi nada fácil descer o "morro" e encontrar um asfalto acadêmico com várias direções e caminhos a seguir, estradas extensas com a produção do conhecimento, inúmeras ruas com várias casas de categorias e subcategorias, um desafio de múltiplas escolhas com autores que pudessem subsidiar a pesquisa, e quantas outras denominações poderiam relacionar-se com a metodologia, com a justificativa da escolha das instituições e das colaboradoras. Porém, por mais árduo que seja o caminho e decisões que se teve que tomar, não se nega o prazer, o entusiasmo e a felicidade de ter descido o morro e não ter morrido no asfalto.

Ressalte-se que ao conhecer cada Normalista, encontrar cada documento, ao fazer as transcrições, as leituras, as correções, a tradução do livro de Masson, e a construção de cada capítulo, percebeu-se junto as Normalistas o carinho e o orgulho de terem estudado nas referidas instituições. Mesmo relatando que o ensino era rigoroso, que o pai não podia pagar, as restrições e os castigos que permeavam o bom-mocismo, essas jovens Normalistas superaram todos os modelos que foram ditados na sociedade através de decretos-lei que se inseriam no seio da família, tornando-se obrigatório seguir esse padrão de educação, ante a representação que se tinha de uma moça bem educada. Mesmo com esse formato, não era questionado pelas Normalistas como um processo restrito e dominador. Para essas estudantes, foi uma conquista pessoal e familiar, que consequentemente inseriu as mulheres na vida profissional.

Porquanto dentro das normatizações e dos modelos pré-estabelecidos do primeiro decreto de 1835, não se tinha nenhum resquício da possibilidade da inserção da mulher, sendo aluna, professora, gestora ou que pudesse ocupar algum cargo nas escolas de Ensino Normal. Os outros documentos do século XX, demonstrados nessa pesquisa, abrem o leque para o sexo feminino de forma restrita, com funções e ou disciplinas com o menor peso. Inclusive pela documentação, o valor do salário era pago de acordo com a importância dada ao cargo ou disciplina. Porém, esse modelo de diferenciação de salário só foi percebido no início da instauração do Ensino Normal. No século XX, analisando os relatos, não foi perceptível essa diferenciação.

Fazendo um comparativo entre as três instituições estudadas, em relação ao seguimento do conservadorismo e das tradições, a Escola Normal Oficial de Pernambuco transparece ser a que mais permaneceu com esse perfil, mediante a conotação das colaboradoras, a ausência de gestora e o maior percentual de professores atuando nesta instituição. Quando se denotava uma situação de submissão, é relacionada ao sexo feminino. Proporcionalmente, a diferenciação quando se trata de conotação de poder, é relacionada ao sexo masculino: diretor, pai, e professor.

Como dito e demonstrado ao longo dos capítulos, incluiu-se como complemento da oralidade as mais diferentes fontes, como: as imagens, que nos demonstrou o cotidiano das Normalistas; os documentos oficiais das quatro instituições; os quadros que foram apresentados de forma sintética e específica, com os detalhes oriundos das entrevistas e coletas de documentos; e nas tabelas com as frequências, isto é, pode-se fazer uma análise das categorias realçadas de acordo com o objetivo da pesquisa. Esse contexto de elementos que

contribuíram para as especificidades dessa modalidade de ensino, nos remete ao argumento da formação dos nossos primeiros professores no universo da vida pessoal e profissional.

Foi compreendido nesta pesquisa que independente da autarquia de instituição escolar, e do nível social das Normalistas, todas queriam ter uma formação profissional, independente se iriam ou não seguir a carreira de Professor. Os moldes da época "exigiam" uma formação que permeava-se do bom-mocismo, e um dos caminhos era o Ensino Normal.

Constatou-se também, que um ensino que inicialmente era voltado para os rapazes, foi aos poucos se moldando para as moças, mas permaneceu com a vertente masculina, da qual todos os decretos e decisões sobre o Ensino Normal, foram promulgadas por homens. Nos relatos das Normalistas, foram poucas as diretoras e professoras para tal modalidade de ensino.

A homogeneização da escolarização perpassou pelas demandas legais, pela organização administrativa e pedagógica. Observou-se que cada instituição pesquisada teve sua característica, mas a essência da formação das professoras foi mantida nos três *locus* da pesquisa, de acordo com sua temporalidade: disciplina e ensino exclusivo para o sexo feminino. Porém, fazendo uma análise geral da escolarização das Normalistas, as palavras mais contextualizadas foram: menina; pai; professora e trabalho no sentido da profissionalização, demonstrando-nos que as jovens no final da década de 1960, estavam inseridas no mercado de trabalho como professoras ou com outras profissões que foram relatadas na oralidade, como: Enfermeira, Secretária, Contadora e Empresária. Toda a formação das Normalistas aqui estudadas, que rendeu esse contexto histórico, produziu mudanças e cooperou com a construção de uma sociedade mais digna e conhecedora de seus valores, voltados para a inserção da mulher no mercado de trabalho, que até a presente data se constituiu com diferenças de classes.

Desde o título até aqui nas considerações, a música também proporcionou seus contornos, o próprio título foi baseado na música "Meus Tempos de Criança" (1956), de Ataulfo Alves. Outras duas músicas trazidas aqui na pesquisa foram a música de Benedito Lacerda e David Nasser, interpretada na voz de Nelson Gonçalves, "Normalistas" e "Lá vem o Brasil descendo a ladeira", de Moraes Moreira.

Porém, no encerramento desse ciclo, admito que desde a especialização em 2009, utilizo a música "Normalistas" nas minhas pesquisas, pois desde a minha infância escuto essa música na voz da minha mãe, de forma bastante saudosista e conseqüentemente ela relata os fatos que aconteciam na Escola Normal. Quando passamos na frente desta instituição, ela relata mais fatos... Sendo assim, este foi o gatilho inicial para a minha inspiração deste estudo.

Também deixo aqui o disparo chamado "Tudo outra vez", interpretada pelo recém falecido cantor Belchior. Igualmente, também faria tudo novamente, porque pesquisa e vida acadêmica por mais árduas que sejam, trouxeram-me prazer e alegria de percorrer as sendas plissadas da historicidade da escolarização das Normalistas.

Valorizo todo o processo da pesquisa, motivação inicial, orientações, leituras, encontros com as colaboradoras ("visitas"), transcrições, análises, escrita, formatação e impressão. Contudo, as alegrias e as dificuldades ao longo do caminho, só fizeram com que houvesse o fortalecimento e a promoção da melhor compreensão da temática, pois a mesma é abrangente e pesquisa na área da humanidade consiste na permanência do foco e de um olhar amplo e sensível nas suas variáveis.

Portanto, falar da história e memória da escolarização das Normalistas niteroienses e recifenses no período de 1946 a 1972, é realçar com laços e fitas um formato de educação visto pelos documentos e pelas colaboradoras como centralizador, rigoroso, disciplinador, de excelência no ensino, e de um orgulho que ultrapassavam os muros escolares e entrelaçavam a sociedade, com a denominação: Normalista.



ECLÉA BOSI

MEMÓRIA E
CIDADANIA

Guia prático de
história oral

para empresas
e instituições

HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL

NORBERT ELIAS
& JOHN L. SCOTSON

Estabelecidos
e os Outsiders



PRÊMIO
JABUTI

CASA GRANDE
& SENZALA

REFERÊNCIAS

As escolas normais no Brasil
DO IMPÉRIO À REPÚBLICA

ANÁLISE DE
CONTEÚDO

Laurence Bardin

COM TEXTO
IMAGEM E
SOM

História
Oral

José Carlos Sebe Bom Meili

FONTES: A AUTORA (2017)

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: porque educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007. 238 p.

ALMEIDA, Jane Soares de. MULHERES NA EDUCAÇÃO: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p.59-94.

ALVES, Ataulfo. **Meus Tempos de Criança**. [S.1]: Philips, 1968. Disponível em: <http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI00586>. Acesso em: 23 mai.2017

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006. 384 p.

ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho Lopes. **As escolas normais no Brasil**: do império à república. Campinas, SP: Alínea, 2008. 374 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011, 279p.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607-639.

BELCHIOR. **Tudo outra vez**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/belchior/44462/>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BÍBLIA. Novo Testamento. Filipenses. Português. In: BÍBLIA sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e cor. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira; São Paulo: Vida, 1997. p. 230-231.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 484p.

BRASIL. **Collecção das leis Império do Brazil de 1881**. Rio de Janeiro Typographia Nacional. parte I. Tomo XXVIII, parte II Tmo XLIV, v.I, 1882.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em: 01 jun. 2017.

BRASIL. Decreto-lei nº 10 de 1835. **Collecção de leis, decretos e regulamentos desde 1835 a 1837 da província do Rio de Janeiro**. Tomo 1º. Nictheroy: Typographia Nictheroy de M.G. p.22-26.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.502 de 15 de março de 1937. **Diário Oficial da União** - Seção 1, Rio de Janeiro, RJ, 24 mar. 1937. p. 6546. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-1502-15-marco-1937-449763-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.810 de 19 de março de 1932. **Collecção de Leis Municipais Vigentes de 1932 a 1935**. 5º v. Rio de Janeiro: Oficinas gráfica do jornal do Brasil. 1937. p.364-378.

BRASIL. Decreto-lei nº 8025 de 16 de março de 1881. **Collecção das leis império do Brazil de 1881**. Parte 1. Tomo XXVIII. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. p.189-210.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 4 jan. 1946. p. 19-29. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sicon/index.jsp>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 out. 1827. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-J_14.pdf>. Acesso em: 30 maio 2015.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em:
<<http://www6.senado.gov.br/sicon/index.jsp>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

BRASIL. Regulamento para a Escola Normal da Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aprovado pelo decreto nº 407 de 17 de maio de 1890. **Decretos governo provisório dos Estados Unidos do Brazil**. Quinto fascículo de 1 a 31 de maio de 1890. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. p.1002-1020.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 248p.

CRIAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS. Disponível em:

<<http://seden.to.gov.br/desenvolvimento-da-cultura/tocantins---historia/l-criacao-do-estado-do-tocantins---1988/>>> acessado em 25/04 de 2017.

DIAS, Marcia Hilsdorf. Escola Normal de São Paulo do Império: entre a metáfora das luzes e a história que publicana. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho Lopes. **As escolas normais no Brasil**: do império à república. Campinas, SP: Alínea, 2008. p.75-90.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 312p.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a. 201p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2.ed. v.I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b. 277p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. v.II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 307p.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder sociedade de corte: investi a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 312p.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação e Sociedade**, CEDES, Campinas-SP, v. 23, n.79, p.257-272, Agos.2002.

FIGUEIRÔA, Ana Paula Rodrigues. **A educação do corpo das Normalistas na década de 50, no Instituto de Educação de Pernambuco**. 2009. 41 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 168p.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Da "Normalistas-Espera-Marido" ao exercício profissional no magistério: trajetórias de ex-alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa (ARACAJU/SE - 1920-1950). In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar. **Feminização do Magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p.141-162.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George.(orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagens e som: um manual prático. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.64-89.

GATI, Hajnalka Halász. **A educação da mulher no Recife no final do século XX**: ensino normal e anúncios de progresso. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003. 152p. (Coleção Educação Física).

GONÇALVES, Nelson. **Normalistas**. [S.l.]: Sony, 2001. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/nelson-goncalves/261107/>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013. 231p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. - 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011. 277p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011. 297p.

LIMA, Edison Rodrigues de. **Modulando**: notas e comentários: arquitetura e urbanismo. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985. 183 p.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: UNESP, 2008. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes (org.). Pedagogia da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.7-34.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010. 133p.

MASSON, Nicole. **L' école Normale Supérieure: les chemins de la liberté**. Paris: Editions Gallimard, 1994. 96p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral**. 4 ed. revis. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. 246p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. **História oral: como fazer como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. 175p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011. 208p.

MONTEIRO Ivanilde Alves, GATI Hajnalka Halasz. A educação da mulher em Pernambuco no século XIX: recortes sobre a Escola Normal da Sociedade Propagadora. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 14, n. 1 (34), p. 99-126, jan./abr. 2014.

MOREIRA, Moraes. **Lá vem o Brasil descendo a ladeira**. [S.1]: Série bis, 2005. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/moraes-moreira/discografia/serie-bis-moraes-moreira-2005/>> Acesso em: 20 jun.2017

NEVES, Fátima . **O MÉTODO LANCASTERIANO E O PROJETO DE FORMAÇÃO DISCIPLINAR DO POVO (SÃO PAULO, 1808 – 1889)**. 2003. 293f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis-SP, 2003.

PERNAMBUCO. Projecto 55. **Diario de Pernambuco**, Recife, ano, n.128, p. 1, jun. 1864

.

PERNAMBUCO. Decreto nº 2.631, de 26 de outubro de 1972. Reestrutura o INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO, nos termos da Lei Federal n. 5.692, de 11.08.1971, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 59, n. 208, p. 4769, out. 1972.

PERNAMBUCO. Decreto-lei nº 1.448, de 3 de setembro de 1946. Criação da Escola Normal Oficial de Pernambuco. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 23, n. 197, p.3722-3723, set. 1946.

PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura. **Regulamento:** do ensino normal do Estado de Pernambuco. Recife, 1952.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994. 112 p.

QUEM SE LEMBRA DA PINTO JÚNIOR? Diário de Pernambuco, Recife, 17 set. 1975.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 578-606.

RÁTIVA, Marlén. Método Lancaster no Brasil e na Colômbia. **Revista brasileira de pesquisa sobre a formação docente**. v. 05, n. 09, p. 96-103, jul./dez. 2013. Disponível em << <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>>. Acesso em 03 fev. 2017.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e Beleza. In: BASSANEZI, Carla Pinsky; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p.105-125.

SAVIANI, Dermeval. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584.

SAVIANI, Dermeval et al. Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007. 266p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação em realidade** v.16, n.2, p.5-22, jul/dez, 1990.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Profissão: Professora. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; Silva, Vera Lucia Gaspar. **Feminização do Magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p.95-121.

TANURI, Leonor Maria. **Contribuição para o estudo da escola normal no Brasil**. 1969. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969.

TERRAGNI, Laura. A pesquisa de gênero. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p.141-163

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 385p.

VIANNA, Cláudia. Contribuições do conceito de gênero para a análise da feminização do magistério no Brasil. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; Silva, Vera Lucia Gaspar. **Feminização do Magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p.39-67.

VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. A primeira escola normal do Brasil: Concepções sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho Lopes. **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Alínea, 2008. p.29-45.

VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. **A PRIMEIRA ESCOLA NORMAL DO BRASIL UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSOR**. 1990. 286 f. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 1990.

ROCHA, Lucia Maria da Franca. A Escola Normal na Província da Bahia. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho Lopes. **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Alínea, 2008. p.47-60.

REFERÊNCIAS DAS TESES E DISSERTAÇÕES DO PRIMEIRO CAPÍTULO

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **MEMÓRIAS DA RURAL: narrativas da experiência educativa de uma Escola Normal Rural Pública (1950-1960)**. 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

AMORIM, Simone Silveira. **CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM SERGIPE NO SÉCULO XIX (1827-1880)**. 2012. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2012.

ANUNCIAÇÃO, Ana Luzia. **PEDAGOGIA LIBERAL NA INSTRUÇÃO PÚBLICA DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS: a Escola Normal de Ouro Preto 1835-1852**. 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.

AQUINO, Luciene Chaves de. **DE ESCOLA NORMAL DE NATAL A INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PRESIDENTE KENNEDY (1950 - 1965): configurações, limites e possibilidades da formação docente**. 2001. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

ARAÚJO, Rose Mary de Souza. **ESCOLA NORMAL NA PARAIBYBA DO NORTE: movimento e constituição da formação de professores no século XIX**. 2010. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **MULHERES LETRADAS E MISSIONÁRIAS DA LUZ: formação da professora nas Escolas Normais do Ceará - 1930 a 1960**. 2007. 234 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

BALÃO, Regina. **CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS: vida e morte, a experiência de uma Escola Estadual - 1964-2004**. 266 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARROSO, Cristina de Almeida Valença Cunha. **REFORMAS EDUCACIONAIS E A PEDAGOGIA MODERNA: mudanças no pensar e fazer pedagógico da escola normal (1911-1931)**. 2011. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BATISTA, Eliana Evangelista. **A NORMALISTA COMO INTERSEÇÃO: escola, literatura, imprensa e estratégias políticas no estado novo (Alagoinhas / 1937-1945)**. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

BORGES, Kátia Franciele Correa. **SANTA, ESPOSA-MÃE E PROFESSORA: revista Flor do Lácio e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943 - 1957)**. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2011.

CARDOSO, Mayra Paniago Spínola. **DE NORMALISTAS A PROFESSORAS: um estudo sobre a trajetória profissional feminina em Feira de Santana (1950-1960)**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2011.

CARVALHO, Paula Frassinetti Chaves de. **VOZES FEMININAS NA DÉCADA DE 1930: as contribuições educativas da associação paraibana pelo progresso feminino DISSERTAÇÃO**. 2011. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

CONSIDERA, Marcela Loivos. **"QUE SEJAM AS MÃES DA PÁTRIA" - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO CURSO NORMAL RURAL DE CANTAGALO**. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DANTAS, Marta Bezerra Rodrigues. **CONCEITOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NOS REGIMENTOS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO NORTE (1910 1930)**. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ECAR, Ariadne Lopes. **CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS COMO ORIENTAÇÃO PARA A "MISSÃO DOCENTE": a formação na Escola Normal de Niterói na primeira República (1893-1918)**. 2011. 281 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FIGUEIRÔA, Ana Paula Rodrigues. **O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas**. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

FRANKFURT, Sandra Herszkowicz. **DA ESCOLA NORMAL À HABILITAÇÃO ESPECÍFICA PARA O MAGISTÉRIO EM 2º. GRAU: práticas e apropriações (1961-1981)**. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **"VESTIDAS DE AZUL E BRANCO": um estudo sobre as representações de ex-Normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério, 1920-1950**. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas: da Faculdade de Educação, Campinas, 1995.

GATI, Hajnalka Halász. **A EDUCAÇÃO DA MULHER NO RECIFE NO FINAL DO SÉCULO XIX: Ensino Normal e anúncios de progresso**, 2009. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

GEMI, Cassiane. **A PRIMEIRA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PATO BRANCO 1960-1986, E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E EDUCACIONAL DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ**, 2012. FALTA FÔLHA. Dissertação (Mestrado em educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2012

GRAÇA, Rogério Freire. **CIVILIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-SE, 1949-1955)**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2012.

HERVATINI, Luciana. **A ESCOLA NORMAL REGIONAL E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: dois retratos de um mesmo cenário no interior do Paraná**. 2011. 256 f. . Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.

HONORATO, Tony. **ESCOLA COMPLEMENTAR E NORMAL DE PIRACICABA: formação, poder e civilidade (1897-1923)**. 2011. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2011.

MALHEIROS, Rogério Guimarães. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ: os discursos de seus administradores acerca da necessidade de se instaurar uma Escola Normal (1838-1871)**. 2012. 254 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

MENESES, Marcelo Figueiredo de. **CIRCULAÇÃO DOS PROFESSORES DIPLOMADOS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO PELA INSTRUÇÃO PÚBLICA (1890-1910)**. 2012. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **CAMINHOS DA DOCÊNCIA: trajetórias de mulheres professoras em Sabará - Minas Gerais (1830-1904)**. 2011. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

NOGUEIRA, Adalcia Canedo da Silva. **MARCOS POSSÍVEIS PARA RECONSTITUIR A HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR JULIA DE SOUZA WANDERLEY: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procopio-PR (1953-1967)**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, 2012.

OZELIN, Jaqueline Rampeloti. **PERIÓDICOS EDUCACIONAIS DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS: educação moral, civismo e higiene (1911-1923)**. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2010.

PEIXOTO, Flávia Maria. **A ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PERNAMBUCO: a inserção das mulheres**. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

PEREZ, Tatiana Tanaka. **HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SÃO PAULO (1875 -1894): intersecções entre os ideais de professor e de escola**. 2012. 333 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo da Faculdade em Educação, São Paulo, 2012.

PESTANA, Marina Gugliotti. **COLECIONANDO LIVROS, FORMANDO MESTRES: a Biblioteca Pedagógica da Escola Normal de São Paulo (1883)**. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

RODRIGUES, Fabiana de Moura Maia. **A REESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS DE PEDAGOGIA E NORMAL NA DITADURA MILITAR (1964-1985): o caso da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto de Educação do estado da Guanabara**. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, Fernanda Lopes. **A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA MARANHENSE NO ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DA PROFESSORA NA ESCOLA NORMAL PÚBLICA EM SÃO LUÍS (1930-1945)**. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2011.

ROSSO, Graziela Pavei Peruch. **FINALMENTE... TEMOS UMA ESCOLA NORMAL!: saberes e práticas na formação de Normalistas na Escola Madre Teresa Michel (1958-1973)**. 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

ROZETTI, Izabel. **COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: a história do Curso Normal (Tupaciguara-MG, 1961 - 1977)**. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SANTOS, Erinalva Lopes dos. **EDUCAÇÃO FEMININA: ideias e concepções sobre a formação da mulher veiculadas na imprensa da Parahyba do Norte (1912-1927)**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SANTOS, Débora Pereira dos. **PRÁTICA(S) DE ENSINO NA ESCOLA NORMAL PADRE ANCHIETA NA DÉCADA DE 1930: o museu didático nas proposições da professora Leontina Silva Busch**. 2014. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo da Faculdade de Educação, São Paulo, 2014.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. **CONGREGAÇÃO DA ESCOLA NORMAL: da legitimidade outorgada à legitimidade (re)conquistada (1880-1910)**. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **AS GURIAS NORMAIS DO CURSO NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE**. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, Andrea Carla Agnes e. **O ESPÍRITO DE (IN)TOLERÂNCIA NA REPÚBLICA LAICA: um olhar na formação da(o)s aluna(o)s -mestres da Escola Normal de Pernambuco (1890-1915)**. 2005. 271 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SILVA, Diana Rocha da. **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES NO MARANHÃO (1903-1920)**. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2011.

SILVA, Eunice Maria Ferreira. **ESCOLA NORMAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA BAIXADA FLUMINENSE: práticas político-pedagógicas cotidianas**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, FALTA CIDADE, 2011.

SILVA, Paulo Sergio Pereira da. **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) NA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE/CE SOB UMA PERSPECTIVA ETNOMATEMÁTICA**. 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Anhanguera de São Paulo, 2011.

SILVA, Maria da Conceição Farias da. **O CURSO NORMAL DE 1º. CICLO EM ASSU/RN (1951- 1971)**. 2011. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVA, Francinaide de Lima. **A ESCOLA NORMAL DE NATAL (RIO GRANDE DO NORTE, 1908-1971)**. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SOUSA, Maria Cleide Soares de. **COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: caminhos da escola normal em Catolé do Rocha/PB - 1939 a 1959**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

TAVARES JUNIOR, Raimundo William. **UM VIVEIRO DE MESTRES: a Escola Normal e a cidade de Belém do Pará em tempos de modernização (1890-1920)**. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

VARELA, Sarah Bezerra Luna. **MITOS E RITOS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

VAROTTO, Michele. **AS APROPRIAÇÕES DAS IDEIAS EDUCACIONAIS DE JOHN DEWEY NA ANTIGA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS-SP**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

VIEIRA, Nelma Bernardes. **A QUESTÃO DE GÊNERO NO MAGISTÉRIO: a presença masculina no Curso Normal**. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, 2012.

ZANETI, Patrícia Silveira. **A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)**. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, 2012.

CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE (CASA DE JOSÉ MARIANO)

RECIFE CITY COUNCIL (JOSÉ MARIANO'S HOUSE)

O prédio, em estilo eclético, é datado de 1920 e homenageia o jornalista José Mariano Carneiro da Cunha, parlamentar abolicionista que liderou, junto com Joaquim Nabuco e João Alfre-
as campanhas em favor da Abolição.

The building in eclectic style, was built in 1920 and honors the journalist José
Carneiro da Cunha, parliamentarian and abolitionist who led along with Joaqui-
and João Alfredo, the slave abolition campaigns.

ANEXOS

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PROFESSOR ISMAEL CORREIA
SESQUICENTENARIO
DA
PRIMEIRA ESCOLA NORMAL DO BRASIL
1935
DIRETOR
SÉ DA COSTA AZEVEDO
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO YARA LOPES VARGA
GOVERNADOR DO ESTADO DE LEONEL DE MORAES
1985
DIRETOR
LAURA RIBEIRO DE ANDRADE

ANEXO A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____ declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada na pesquisa intitulada: **QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA: história e memória da escolarização das Normalistas niteroienses e recifenses (1946 – 1972)**, desenvolvida por ANA PAULA RODRIGUES FIGUEIRÔA. Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. EDILSON FERNANDES DE SOUZA.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é da TEÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

Minha colaboração se fará de forma anônima ou não, por meio de descrever o tipo de abordagem em entrevista gravada de forma oral, com disponibilização de imagens, a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e o seu orientador, podendo o mesmo ser divulgado afim de gerar fontes para futuras pesquisas.

Fui ainda informada de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recife, ____ de _____ de ____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

ANEXO B - Autorização da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

 Governo do Estado do Rio de Janeiro Secretaria de Estado de Educação Subsecretaria de Gestão de Ensino	SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL Processo: <i>E.03/002/6252/2014</i> Data: <i>23/07/2014</i> Fls.: <i>58</i> Rubrica: <i>[assinatura]</i> ID: 3991524-7
---	---

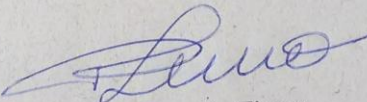
À Regional Baixadas Litorâneas,

solicitando verificar preliminarmente se persiste o interesse da doutoranda Ana Paula Rodrigues Figueirôa em realizar a pesquisa no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho - IEPIC, tendo em vista a decorrência do tempo.

Em caso afirmativo, acompanhando os pronunciamentos da Diretoria de Articulação Curricular e da Coordenação de Ensino Médio, ratificados pela Superintendência Pedagógica desta Subsecretaria, autorizamos a realização da pesquisa, tendo em vista o atendimento às exigências formalizadas pela requerente no presente processo.

Enfatizamos que a realização da pesquisa deverá respeitar horário e condições estabelecidas pela direção do IEPIC, sem prejuízo das atividades de rotina de professores e alunos.

Rio de Janeiro, *21* de *setembro* de 2015

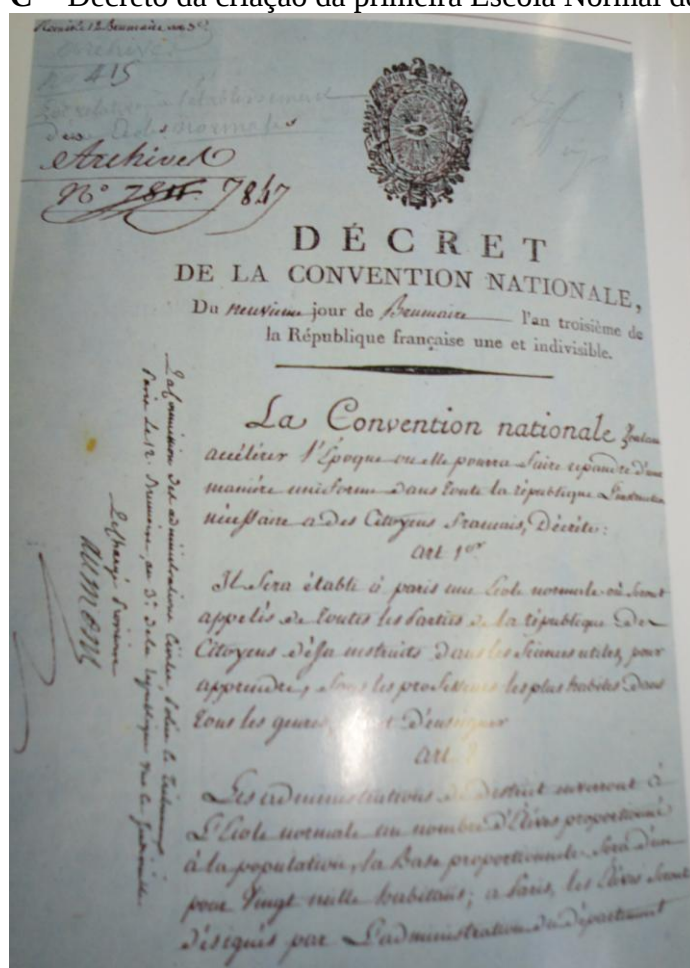

Patrícia Carvalho Tinoco
 Subsecretária de Gestão de Ensino
 Matrícula: 255.731-2
 ID: 3320644-9

REG. BAIXADAS LITORÂNEAS
 EQUIPE DE PROTOCOLO
 RECEBIDO EM
25/09/15

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
 Av. Professor Pereira Reis, 119 - Santo Cristo
 Rio de Janeiro - RJ - CEP.: 20220-901 - TEL: 2380-9349

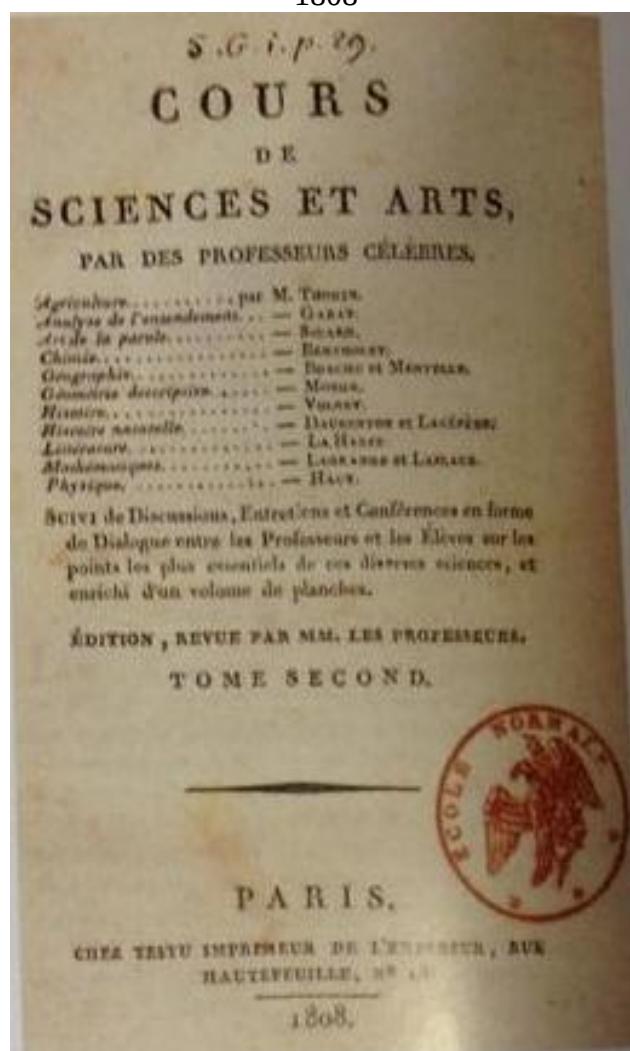
Fonte: Secretaria de estado de Educação do Rio de Janeiro, (2015).

ANEXO C - Decreto da criação da primeira Escola Normal de Paris-FR

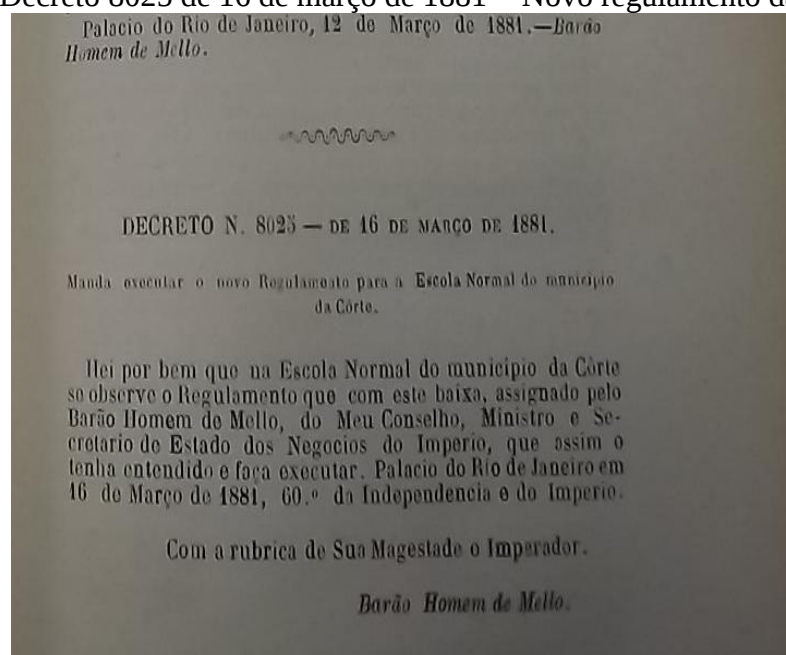


Fonte: Masson, (1994).

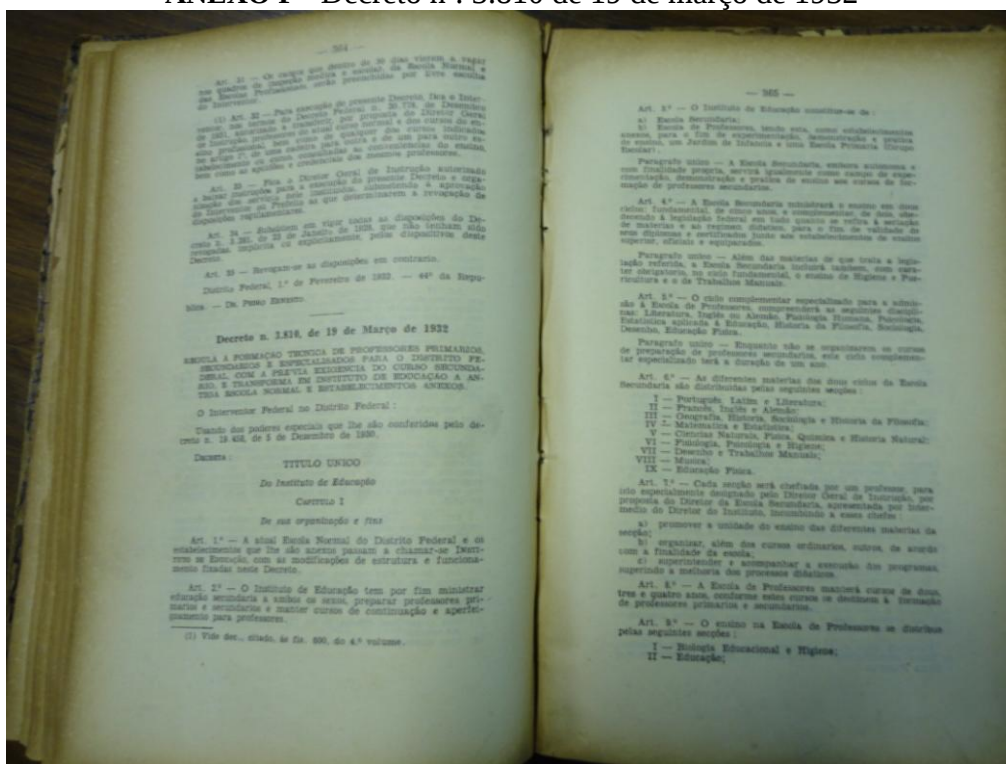
ANEXO D - Título de cursos da Escola Normal do Ano III reeditado, pelo decreto 17 de 1808



Fonte: Masson, (1994).

ANEXO E - Decreto 8025 de 16 de março de 1881 - Novo regulamento da Escola Normal

Fonte: Biblioteca nacional, (2014).



Fonte: Biblioteca Nacional, (2014).

ANEXO G - Projecto 55

São nomeados os Srs. Gonçalves da Silva, Benedicto França, e Arminio.

O Sr. SÁ PEREIRA (pela ordem) pede que seja posto em discussão dispensando-se as informações que foram pedidas e ainda não vieram.

Consultada a casa decide em favor do requerimento do honrado membro.

1ª PARTE DA ORDEM DO DIA.

Segunda discussão do projecto n. 55 que crea uma escola normal nesta cidade.

Art. 1.º Fica creada uma escola normal na provincia, que funcionará na cidade do Recife, e allí serão recebidos como alumnos todos aquelles cidadãos que se quizerem propôr á missão de mestres publicos de instrucção primaria.

O Sr. JACOBINA :—(Não devolveu seu discurso.)

O Sr. ARMINIO TAVARES :—Sr. presidente, como membro da commissão de instrucção publica, a quem foi incumbida a missão de formular um projecto de lei tendente a melhorar a instrucção publica da provincia, como um dos signatarios do projecto offerecido por essa mesma commissão á consideração da casa e que acaba de ser impugnado pelo nobre segundo secretario, corre-me o dever de fazer algumas observações em refutação ao nobre orador, a quem succedo na palavra, e á demonstrar a utilidade de ser o mesmo projecto elevado á cathegoria de lei.

Sr. presidente, o espirito, como o corpo, tem suas necessidades vitaes : o espirito carece do ensino como o corpo do pão ; e, como sem o pão, o corpo definha e morre, assim, sem o ensino, o espirito não vive.

Instruir, pois, senhores, um povo é dar-lhe vida, é moralisa-lo, é civilisa-lo. E eis por que na ordem dos tempos como na ordem das idéas, os governos livres e moralisados, os governos que não querem fundar o seu dominio na ignorancia e estupidéz dos governados, téem convergido toda a sua attenção para o ensino publico, téem reconhecido a necessidade de difundir luz nas massas populares, onde reside o poder soberano do estado.

O povo deve, antes de exercer, comprehender os seus direitos : em boa logica, a intelligencia do direito deve preceder o exercicio do mesmo direito.

Victor Hugo, esse astro brilhante que erra no céu da litteratura franceza, diz que a camara, ou antes o throno, deve ser o ultimo degrão de uma escada, cujo primeiro degrão seja uma escola.

Assim, senhores, o estado, facultando, facilitando, promovendo o ensino popular, não só exerce um direito, se não também cumpre um dever, um preceito divino.—*Docete omnes.*

Fonte: Acervo de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco, (2013).

ANEXO H - Tabela de vencimentos de todas as categorias da escola

1020

DECRETOS DO GOVERNO PROVISÓRIO

Tabela de vencimentos dos empregados da escola

	OLDENADOS	GRATIFICAÇÕES	TOTAIS
Director.....		2.000\$000	2.000\$000
Professores de portuguez, de geographia, chorographia e historia, de mathematica elementar, de mecanica e astronomia, de physica e chimica, de biologia e de sociologia e moral, cada um.....	2.400\$000	1.800\$000	4.200\$000
Professor da escola de applicação.....	2.666\$667	1.333\$333	4.000\$000
Professores de francez, de desenho e de musica, cada um.....	1.800\$000	1.200\$000	3.000\$000
Professores de calligraphia, de trabalhos manuaes, de trabalhos de agulha e de gymnastica.....	1.200\$000	800\$000	2.000\$000
Secretario.....	1.600\$000	800\$000	2.400\$000
Amanuense.....	1.200\$000	600\$000	1.800\$000
Preparador.....	1.200\$000	600\$000	1.800\$000
Conserador.....	800\$000	400\$000	1.200\$000
Inspector ou inspector.....	800\$000	400\$000	1.200\$000
Porteiro.....	1.200\$000	600\$000	1.800\$000
Continuo.....	640\$000	320\$000	960\$000
Servente.....		720\$000	720\$000

CONSIGNAÇÕES	
Secretaria (expediente).....	700\$000
Illuminação.....	3.000\$000
Gabinetes.....	4.200\$000
Aula de trabalhos manuaes e museo.....	2.400\$000
Despezas de prompto pagamento e impressa.....	1.000\$000

Capital Federal, 17 de maio de 1890. — Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

1021

DECRETOS DO GOVERNO PROVISÓRIO

DECRETO N. 408 — DE 17 DE MAIO DE 1890

Approva o regulamento para o Instituto Nacional dos Cegos.

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve approvar o regulamento para o Instituto Nacional dos Cegos, que a este accompanha, assignado pelo General da brigada Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Instrução Publica, Correios e Telegraphos, que assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio, 17 de maio de 1890, 2ª da Republica.

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Regulamento do Instituto Nacional dos Cegos

CAPITULO I

FIM DO INSTITUTO E SUA ORGANIZAÇÃO

Art. 1.º O Instituto Nacional dos Cegos tem por fim ensinar-lhes:

1. A instrução primaria;
2. A educação physica, moral e civica;
3. A instrução secundaria;
4. O ensino da musica vocal e instrumental;
5. O ensino do maior numero possivel de artes, industrias e officios fabricas que estejam ao seu alcance e lhes sejam de reconhecida utilidade;
6. Officinas e casas de trabalho, onde os cegos, educados no Instituto, encontrem occupação decente e sejam utilizadas as suas diversas aptidões;
7. Todo auxilio e protecção de que careçam para facilitar-lhes os meios de dar livre expansão as suas diversas aptidões physicas, moraes e intellectuaes, e a todas as suas legittimas aspirações em proveito seu, de suas familias e da patria.

Capital Federal, 17 de maio de 1890.— Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve approvar o regulamento para o Instituto Nacional dos Cegos, que a este accompanha, assignado pelo General de Brigada Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Instrução Publica, Correios e Telegraphos, que assim o faça executar.

Palacio do Governo Provisorio, 17 de maio de 1890, 2ª da Republica.

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Regulamento do Instituto Nacional dos Cegos

CAPITULO I

FIM DO INSTITUTO E SUA ORGANIZAÇÃO

Art. 1.º O Instituto Nacional dos Cegos tem por fim ministrar-lhes :

1. A instrução primaria ;
2. A educação physica, moral e civica ;
3. A instrução secundaria ;
4. O ensino da musica vocal e instrumental ;
5. O ensino do maior numero possível de artes, industrias e officios fabris que estejam ao seu alcance e lhes sejam de conhecida utilidade ;
6. Officinas e casas de trabalho, onde os cegos, educados no Instituto, encontrem occupação decente e sejam utilizadas as suas diversas aptidões ;
7. Todo o auxilio e protecção de que careçam para facilitar-lhes os meios de dar livre expansão as suas diversas aptidões physicas, moraes e intellectuaes, e a todas as suas legittimas aspirações em proveito seu, de suas familias e da patria.

Fonte: Biblioteca Nacional, (2014).

www.bibliotecas.ufu.br

- consulta ao acervo
- catálogo online
nº de chamada

Dissertação:

Por trás dos muros escolares:
Luzes e sombras na educação
feminina

Instituto de Educação Professor
Ismael Coutinho

iepic1835@gmail.com

núcleo de memória

F: 36011892 - Beth Elizabeth Fernandes
36012501
Biblioteca Nacional
(21) 30953879

REPROCENTER LTDA
Sherlock - Administrador de Copiadoras
RUA GERVASIO PIRES, 435
FONE(S): 81-3423-7611 - E-MAILS: plotagem@reprocenter.net, graficas@reprocenter.net

CLIENTE: ANA PAULA
REÇO: CUPOM: 197569 DATA DO SERVIÇO: 13/01/2015

DESCRICAO DO SERVIÇO
SCANNER A4
GRAVACAO EM CD REPROCENTER

VISTO: REPROCENTER LTDA
erlock - Administrador de Copiadoras
A GERVASIO PIRES, 435
E(S): 81-3423-7611 - E-MAILS: plotagem@reprocenter.net, graficas@reprocenter.net

CLIENTE: PINTO JÚNIOR
REÇO: CUPOM: 190037 DATA DO SERVIÇO: 21/09/2015 OPERADOR: ARI

DESCRICAO DO SERVIÇO	QUANTIDADE	VR. UNITARIO
SCANNER PRETO E BRANCO M2	01	0,800 x 0,400=0,320 M2
GRAVACAO EM CD REPROCENTER	00001	25,00
		3,00
		TOTAL 11,00

Copiadora
Reprocenter
SIMPLEMENTE QUALIDADE
81 3423.7611

ORDEN DE SERVIÇO
nº

CLIENTE: DATA: 21/09/15 TELEFONE P/ CONTATO: DATA DE ENTREGA:

SERVIÇO RECEBIDO: QUANT. 03 ESPECIFICAÇÕES: 03 cópias EXECUTADO: PREÇO:

FONTE: A AUTORA (2017)

00.044.144-9
V435,21,10

Collecção das leis
Império do Brazil de 1881
Parte I. Tomo XXVIII - Parte II
Tomo XLIV, Volume I, Rio de
Janeiro
typographia Nacional
1882

Decreto n. 8025 - de 16 de
março de 1881 189-210

ANA PA

Tipos c Arqui
word excel PDF JPG/IMAGENS
Auto cad outros

NOME DO ARQUIVO: Final

digitalização de fotos
analista: Ingrida. de

Gravadas

(15 imagens)
199200
45

RODRIGUES FIGUEIRA
E E SETE REAIS E
CENTAVOS

30 pias para digitalização

PEDIDO Nº: 05111 PDS
PROF: ANA PAULA
Data: 05/11/2015

Quant.	Descrição	Valor
690	Cópias	0,10 69,00
90	Copistas	0,50 45,00
05	ENC	3,00 15,00

APÊNDICE A - Entrevista realizada com a Normalista Áurea Lúcia Bonnard

Transcrição da entrevista de Áurea Lúcia Bonnard Dias



Fonte: A autora, (2014).

Ana Paula: Bom dia dona Áurea.

Áurea: Bom dia.

Ana Paula: Veja só, dentro de todo esse sistema que a gente está passando, de processo... essas coisas, essas questões todas... primeiramente eu gostaria de me apresentar a senhora né! A nossa apresentação foi relativamente tumultuada né... no sentido ali... com Beth até minha apresentação... veja só, meu nome é Ana Paula. Eu sou professora do Estado de Pernambuco, hoje eu me encontro na Universidade Federal de Pernambuco fazendo doutorado. Minha temática inicialmente, quando eu fiz... deixa eu voltar mais um pouquinho pra eu não pegar tanto no mestrado, na minha mãe... porque eu estou entrevistando as Normalistas... porque essa... de onde é que surgiu essa ideia... essa influência da Escola Normal? Porque minha mãe foi uma Normalista. Então assim, o que ela passou pra mim, foi muito forte. Forte no sentido mesmo de história de vida. Em que sentido? Primeiro ela estudou de quarenta e dois a quarenta e sete na Escola Normal do Recife; aí se casou... quando ela se casou ela não fez o pedagógico, porque meu pai veio pra São Paulo. Quando veio pra São Paulo ela parou os estudos. Aí se separou do meu pai e voltou pro Recife com quatro filhos.

Áurea: É uma história...

Áurea: A Escola Normal de Recife é antiga?

Ana Paula: É antiga, é de 1947. Então eu não posso deixar de estudar tanto na minha própria cidade, quanto do Rio de Janeiro, pois foi a primeira Escola Normal do Brasil, na minha vai ter um capítulo que é falando só dessa escola. Porque a de Recife ela se inspirou no modelo da daqui. Então como é que eu vou falar de lá se eu não conheço nada aqui?

Áurea: Com certeza.

Ana Paula: Então esse é meu objetivo da minha vinda aqui a Niterói. Vim como a senhora percebeu... assim... na emoção, no coração... porque desde de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril deste ano, que eu venho falando com Beth.

Áurea: Ela comentou comigo

Ana Paula: Eu comecei a pesquisar a internet porque eu também não podia vim na cara e na coragem. Vou lá, de todo jeito! Eu tinha que fazer um planejamento.

Áurea: Agora como é que você soube dessa escola, já falavam...

Ana Paula: É... aí sim... Muito!

Áurea: É?

Ana Paula: Eu já peguei três dissertações e teses, que vem falando sobre essa temática, inclusive uma dissertação que também foi o caminho, é daqui da Universidade Federal Fluminense, Campus Grogatá.

Áurea: É aqui pertinho.

Ana Paula: É aqui pertinho. Aí logo quando eu entrei no doutorado ano passado, eu peguei essa dissertação da professora Heloísa Villela, a senhora conhece?

Áurea: Conheço! Ela foi aluna daqui, tem retrato de formatura dela, da mãe, da avó, todas foram daqui, e ela ainda foi professora daqui! Depois é que foi pra UFF.

Ana Paula: Pronto, aí foi um dos caminhos... olha aí.

Ana Paula: Na hora que eu peguei essa dissertação, que eu vi na internet, eu disse: nos pensamentos né... nunca que eu vou chegar lá! Como é que eu vou pegar essa dissertação meu Deus do céu! Aí fui, tem um sistema entre as bibliotecas que o nome desse sistema é COMUTE.

Áurea: Hum...

Ana Paula: Aí da minha biblioteca que é da Universidade Federal, a gente pode pedir pra qualquer biblioteca que seja federal, em todo país. Aí eu fui, pedi a minha biblioteca, mesmo pagando, eu paguei uns quarenta reais mais ou menos... aí eu fui e paguei para eles tirarem cópia e digitalizam e enviaram pra mim. Aí eu comecei a ler a dissertação de Heloísa. Aí foi quando eu vi que a primeira escola normal foi aqui em Niterói... que ela fala disso aqui. Aí eu

disse: agora sim. Eu já tenho a base, agora eu vou atrás da fonte propriamente dita. Aí foi quando eu comecei a entrar em contato com Beth.

Áurea: Beth.

Ana Paula: Com a Beth. Uma das minhas primeiras ligações quem atendeu foi Beth. Aí eu fiquei extremamente maravilhada, porque eu tava vendo que o caminho que eu estava trilhando estava dando tudo certo. Eu estava no caminho certo, eu estou no caminho certo. Aí resultado, eu liguei pra Beth umas duas ou três vezes, aí eu disse: tenha coragem! Aí eu respirei e disse: vou comprar a passagem. Vou lá. Aí Beth: Ta em recesso! Por conta da copa né, e nisso eu já tinha comprado a passagem. Se eu lhe disser Áurea... eu comprei a passagem a cento e nove reais. Eu consegui. Aí eu ligo pra Biblioteca Nacional, que eu também vou à Biblioteca Nacional, quando eu ligo... tá em greve, meu Deus do céu.

Ana Paula: Porque eram os Técnicos Federais. Técnico Administrativo Federal. E nisso, a outra universidade que eu ensino, que é a Maurício de Nassau, particular, ela me chama pra dar um curso nesse período que eu to aqui. Aí digo: não. Se lá na Biblioteca Central... Nacional... ta de greve, eu não tenho o que ir pro Rio de Janeiro. E nesse meio termo eu comprei passagem pra ele também (filho Iago). Eu vou pra não ficar esses dez dias sozinha e pra ele me ajudar. Ai quando eu liguei de novo para biblioteca... disse que não estava mais em greve. Aí eu digo: eu não vou dar o minicurso, e realmente eu vou atrás da minha pesquisa. É tudo ou nada. Pra você ter uma ideia como eu ainda tava nesse domingo passado... minha passagem tava pra seis horas da manhã, de segunda-feira. Domingo eu ainda tava reservando estadia.

Áurea: Aí você ta aqui em Niterói?

Ana Paula: Não, eu to no Catete, no Rio de Janeiro.

Ana Paula: Aí é isso... eu gostaria primeiramente de lhe agradecer, de ter confiado na minha pessoa.

Ana Paula: Então Dona Áurea, é tempo de lembrar!

Áurea: Confiança né, que a gente dá... e pra mim é um prazer e uma honra. eu também morava aqui perto... eu estudei... eu fiz aqui como se diz antigamente, terceira e quarta série do primário, eu e meus irmãos. Em cinquenta e quatro e cinquenta e cinco. Em 1954... quer dizer, era terceira série primária. Seis, sete, oito anos... então e mais dois... eu tenho três irmãos... eu e mais dois irmãos menores que eu estudamos aqui. Então eu vim do colégio Santa Rosa, depois nós mudamos aqui pra perto... aí eu fiz aqui a terceira série e o quarto, naquele prédio... prédio antigo que era o grupo escolar Getúlio Vargas. Grupo escolar Getúlio Vargas. Aí quando eu terminei a quarta série a gente fazia até a quinta né, mas naquela época

tinha quinta série... aqui tinha até a quinta série... e admissão. Mas aí da quarta série, eu fiz o curso de admissão junto nas férias e passei pro Liceu, porque aqui não tinha a continuação. Eles tinham aqui: do Jardim de Infância, tinha até a quinta série, depois o ginásio né... como a gente chamava. O ginásio não tinha aqui, depois voltava pra fazer o Curso Normal. Então eu terminei aqui em cinquenta e cinco. Aí de cinquenta e seis a sessenta... não... de cinquenta e seis... cinquenta e sete... cinquenta e oito... de cinquenta e seis a cinquenta e nove, eu fui pro Liceu. Fiz prova, fui pro Liceu Nilo Peçanha. Aí fiz o ginásio lá, depois de lá... voltei para aqui. Aí fiz prova pra vim aqui fazer o Curso Normal.

Ana Paula: Isso em que ano?

Áurea: Sessenta. Sessenta a sessenta e dois, eram três anos. Porque teve uma época que eram quatro anos né... sessenta a sessenta e dois. Aí eu fiz o Curso Normal aqui... então a minha vida foi em função disso. Aí quando terminei, eu terminei com nomeação prêmio.

Ana Paula: O que é nomeação prêmio?

Áurea: Nomeação prêmio é quem tirava mais de setenta durante o curso todo. Mais de setenta em cada disciplina e mais de oitenta na global. Entendeu? Então nós... aí quem não fazia aquela prova pra dar aula... que era como um vestibular naquela época né? Terminava o Curso Normal e o pessoal fazia ingresso, aí ia pra longe... era uma coisa difícilíssima aquela prova naquela época. E nós daqui do instituto de educação que passava nesse critério, você escolhia a escola que queria trabalhar. Eu aí, eu mais umas cinco... acompanhando as colegas, ao invés de ficar aqui... nós fomos pra outra escola. Aí eu fui trabalhar no colégio estadual Raul Vidal, que é ali perto da rodoviária... por ali assim. Fui trabalhar no Raul Vidal... aí lá nesse colégio, eu fiquei minha primeira matrícula toda lá, trabalhei lá de sessenta e três a noventa e um. Trinta e poucos anos só lá. A matrícula inteira fiquei lá nesse colégio. Mas em oitenta e... depois do meio disso e tal, aí eu me casei... tive filhos... aí não fiz faculdade nessa época. Só mais tarde que eu fui fazer faculdade.

Ana Paula: Em que ano mais ou menos?

Áurea: Na faculdade... eu fiz em oitenta mais ou menos. Oitenta... eu fiz Psicologia. Aí fiz Psicologia, depois fiz na UFF, fiz pós-graduação em Educação Especial, aí fiz outros cursos também... assim tudo. Aí quando eu fiz o curso... aí eu já tinha uma segunda matrícula... em oitenta e cinco eu fiz um outro concurso. Aí passei, aí fui trabalhar, comecei e fiquei seis meses no Caramujo, uma escola no Caramujo... aí no ano seguinte a diretora do Raul Vidal falou assim: *olha, porque é que você não vem aqui, acumula aqui, você fica aqui acumulando que é mais prático e eu te ponho no SOE*. Porque eu tinha formação. Aí eu fui pra lá com ela, aí ela saiu e eu não fui pro SOE, fiquei com turma também, com crianças de segunda e

terceira série, aí fiquei com turmas também. Aí eu fui pra UFF fazer essa pós-graduação, mas era uma pós-graduação assim... longa... aí uma colega minha que era de Friburgo falou que conseguiu licença para estudo. Naquela época ainda estavam dando licença pra estudar. Aí ela falou: *olha, porque você não tira também?* Porque eu dava aula em dois colégios, tinha criança pequena, tava estudando... e era um curso muito puxado, porque era na UFF a manhã inteira... um ano e tanto... aí eu falei: *é, boa ideia!* Aí fui lá e consegui. Fiquei um ano fazendo estudo.

Ana Paula: Só estudando?

Áurea: Só estudando. Quando eu retornei, quer dizer, eu ia retornar lá no Vidal... quando eu retornei eu fui lá no Rio pra retornar... mas eu nem sabia de nada. Aí quando eu cheguei lá a moça falou assim pra mim: *você trouxe a carta da sua diretora pedindo a... dizendo que tem ainda a sua vaga?* Eu falei pra ela: *não! Eu não sabia que precisava disso! Eu achei que fosse só voltar...* Aí ela falou assim pra mim: *não, você tem que voltar lá, pedir uma carta a sua diretora pra ver se tem vaga lá pra você.* Aí eu fiquei assim né. aí ela começou a me olhar uns papéis e disse assim pra mim: *olha aqui, tem vaga no Instituto de Educação... você não quer não?* Eu já morava aqui perto... aí eu disse pra ela... aí eu já achei: *ta na hora de voltar!* Que eu pensei sabe? Aí minha cabeça já estava muito dentro daquela coisa de educação. Aí eu falei: *quero!* Aí eu voltei pra aqui em noventa e dois... noventa e um... ou noventa e dois... aí que eu vim pra aqui. Aí quer dizer, trabalhando aqui então, eu não levei muitos anos. Aí vim pra aqui, e fiquei vindo no meio do ano, aí fiquei seis meses com uma turma lá de segunda série, que a professora ia casar... eu fui pra lá. Logo no final do ano, a diretora Laura ligou pra mim e falou assim: *Áurea, eu não quero você na turma não, eu quero você na coordenação de turno.* Aí eu vim pra esse bloco aqui trabalhar com Chica... entendeu? Chica era da... trabalhava aqui...

Ana Paula: Na disciplina né...

Áurea: Ela era aqui na disciplina mas ajudava muito, aquele jeito dela... ela ajudava muito, aí eu vim aqui ficar na coordenação com ela. Aí nós ficamos muitos anos trabalhando junto. Eu na coordenação e ela era mesma coisa né... aí que a gente fazia essas coisas todas que ela falou, promover as festas de reencontro... aí nós começamos a fazer isso. Eu na coordenação era mais fácil encontrar alguns professores todo dia. Então a gente escuta as coisas e tal... junto a isso também, eu tinha formação em Arte e Terapia, eu ainda consegui... eu ainda fiz uma época de contrato em Artes aqui também. Entendeu? Então eu me dava muito com a coordenadora que por sinal até apareceu aqui hoje, ela ta aí. Ela falou: *Áurea, queria que você me ajudasse na parte de Arte.* Aí no curso normal, que já não era aquela Arte, mas já com

aquela visão de Arte Terapia... aquela coisa assim. Mas aí na coordenação, a gente fazia assim... eu gostava de arrumar os murais dali. Aqueles murais ali... eu sempre arrumava os murais. Agora o pessoal arruma, mas naquela época não tinha... aí eu sempre arrumava, botava as coisas. Aí uma época nós entramos em greve, pra você ver como é que são as coisas, nós entramos em greve... uma greve violenta. Aquela greve que não vem professor, não vem aluno... mas a gente ali na coordenação... eu não entrava em greve. Eu era da direção...

Ana Paula: De confiança né...

Áurea: De confiança! Aí a gente ficava ali... aí um professor colocou umas fotos do Instituto falando sobre a greve, colocando as fotos do Instituto... aí todo mundo que chegava e via as fotos falava assim: *ah, minha mãe estudou aqui! Minha vizinha estudou aqui! Minha vó estudou!* Todo mundo que chegava contava uma história de alguém... as alunas mesmo... de alguém que tinha estudado aqui. Aí Ana Luzia que trabalha na UFF, trabalhava aqui conosco... foi aluna também...

Ana Paula: Ana Luzia o que? O nome...

Áurea: Purger. Acho que é Marconi... Marconi Purger, eu acho. Aí nós duas conversando, ela também muito assim com o Instituto, aí nós pedimos pra um professor de didática que tinha feito uns cartazes sobre o Instituto, aí nós arrumamos. Ele tinha feito assim... a sequência, desde da inauguração... tudo. Aí nós duas conversando naquele vai e vem de conversa, a gente disse assim: *puxa! A gente podia juntar isso tudo né? Vamos começar a juntar.* Então saiu desse papo meu com ela... aí nós duas começamos! Juntar as coisas... aí Chica disse: *ah eu tenho umas fotos!* Que essa coordenadora que eu disse que apareceu aqui hoje também, deu pra Chica... então aí começamos a juntar as coisas! Aí Liema... não sei se chegou a ver Liema aqui... professora de Português... foi diretora também... aí nos cedeu aquela salinha lá, penúltima salinha dali. Aí nos cedeu aquela salinha e nós começamos a guardar as coisas! Aí a gente começou fazendo... isso foi em 2004! Aí começamos a juntar as coisas, a fazer as coisas... aí levava os alunos lá... essa professora da parte pedagógica... então ela incentivava, levava os alunos lá... fazia trabalhos com as alunas dela... entendeu? Aí tem foto da inauguração, tem tudo. A gente começou por aí! Então disso nós fizemos parte uma vez da semana... semana pedagógica não... esqueci o nome... semana científica... iniciação científica... alguma coisa assim da UFF, aí já fomos lá...

Ana Paula: É muito importante essa escola...

Áurea: A UPPEES também... entendeu? Então aí a gente começou. Trouxemos a Heloísa Vilela para inauguração...

Ana Paula: Meu sonho é conhecer Heloísa Villela!

Áurea: Entendeu? Como você diz... as coisas foram acontecendo. E aí depois quando eu fui pro SOE, aquela sala era encostada a minha... então eu fazia o trabalho do SOE mas aí tudo eu atendia ali! Eu já atendia tudo junto! As pessoas chegavam... ou eu marcava a hora... e já atendia ali. Então eu fui fazendo isso. Aí agora como eu vou me aposentar, aí eu passei pra Benilson. Benilson é um professor... já conheceu?

Ana Paula: Não.

Áurea: Ele é professor de História, artista plástico... tem tudo haver, e ele é assim... interessado... aí eu falei: *ah, vai ficar em boas mãos!* Aí passei pra ele! Aí Renata arranhou essa sala aqui. Quer dizer, precisa de um espaço maior porque ainda tem material! Pode recolher os móveis mais antigos... tem dois pianos ainda lá... dizem até que Villa Lobos tocou num desses pianos... entendeu? Então tem uma infinidade de coisas, muita história! Tinha até... eu até deixei aí e não sei onde é que tá... uma... como é que fala quando a gente... gincana! Pronta! Tinha uma que foi ex-aluna, a mãe dela foi minha colega de turma, ela trabalhou aqui, fez doutorado pela UERJ, faleceu a menina, uma menina nova, trinta e poucos anos, faleceu, mas ela me deu uma gincana. Ela disse: *Áurea toma isso aqui pra você fazer!* Mas eu falei: *uma gincana vai ser pra fazer?*

Ana Paula: Porque a senhora escolheu a carreira de professora, de ser Normalista? O que representa ser Normalista pra senhora?

Áurea: Olha, na época... eu acho que era quase que uma profissão... eu acho que era quase que automático. Meu pai falava assim quando eu era criança: *ah, quando a pessoa não estuda é costureira, quando estuda é professora.* Eu acho que aquilo ficou... entendeu? Eu acho que aquilo ficou. E as minhas colegas, a maioria delas do Liceu que é uma escola maravilhosa... inclusive como se diz... filhote daqui... na época quando você estudar você vai ver que tem uma época aqui que elas se unem, depois sai o Liceu. Elas vieram pra cá comigo! Não foi uma ou outra, a maioria veio pra cá! Nós viemos pra cá, entendeu? Então era assim, fazer o Curso Normal era uma coisa assim quase que óbvia. As meninas praticamente não terminavam e... a gente não tinha aquela ideia de dizer: *ah, eu vou ser advogada... vou ser médica!* Você quando terminava... você era professora. Pelo menos a maioria foi assim. Depois, minhas colegas, só uma ou outra que não tinha namorado ou filho... é que começou a continuar estudando. A maioria assim, casou e depois fez faculdade. Então fazer o Curso Normal era uma formação como se diz... era a melhor formação na época. E eu gostava, dava aula... desde os treze, catorze anos eu tinha aluno particular em casa... aluno particular... o pessoal fazia admissão né... porque admissão era como se fosse uma prova né?

Ana Paula: Fazia admissão pra entrar...

Áurea: Do quinto pro primeiro ano né... admissão não era pra qualquer... pra você ir pro Liceu que era uma escola mais assim... você tinha que fazer um curso! Então eu dava aula, dava aula em casa. Dava aula para aqueles alunos... aquela meia dúzia de alunos... por horário... eu dava aula em casa. Então aquilo já foi fazendo parte entendeu? Da minha vida, ser professor era uma coisa assim... boa... conceituada. Era uma profissão bem conceituada, entendeu?

Ana Paula: E o que é ser Normalista pra senhora?

Áurea: Você diz o que... da minha... do pensar da minha época?

Ana Paula: Sim, sim.

Áurea: Ah, era uma coisa assim... maravilhosa! Era uma coisa assim... de você além de estar conhecendo o mundo, você estava abrindo as portas pro outro mundo do saber.

Ana Paula: Você está abrindo portas pro outro.

Áurea: Você está abrindo portas pro outro. E você saber que você vai acompanhar, que você vai lidar com aquilo... hoje mesmo eu tenho um neto, um netinho que tá com dois anos e meio e foi pra uma escola perto da casa da minha filha... eu fui... ela disse: *mamãe vamos comigo pra você dar uma olhada!* Toda escola das crianças né... *mamãe vamos comigo dar uma olhada!* A outra eu cheguei... a outra também já tá... aí nessa ela quis botar mais perto porque o dela nasceu pequenininho. Quando eu cheguei lá, a professora olhou pra mim e disse assim pra mim: *a senhora é do instituto do EPIC?* Elas falam Instituto, antigamente... eu gosto de falar Instituto. *A senhora não é do EPIC? Eu fui do EPIC, eu fui sua aluna no EPIC.* Ela hoje é professora do meu netinho!

Ana Paula: Vai dizer mais o que né?

Áurea: Ela me conheceu assim na hora! Eu ainda fiquei meio assim... depois... assim, o modo dela eu fui lembrando. Mas ela me conheceu na hora... como professora daqui. Entendeu? A referência... minha filha... minha filha é Fonoaudióloga. As minhas filhas não quiseram fazer o Curso normal. Aí... mas ela mesmo diz: *mãe, vamos comigo! Primeiro nós vamos dando uma olhada nas escolas...* entendeu? Quer dizer, aquela é uma referência! Aí ao mesmo tempo eu fiquei satisfeita, porque tem gente que diz... quando as vezes brinca assim: *você vai querer que ela der aula pro seu neto ou pro seu filho?* As vezes no conselho de classe né... *porque fulano vai passar, nota pra fulano... você quer que ela dê aula pro seu neto ou pro seu filho?* Aí agora eu já achei engraçado...

Áurea: Jorge... a irmãzinha dele é a minha neta mais velha, numa outra escola a menina foi minha aluna também! Olha que coincidência!

Ana Paula: É uma referência né?

Áurea: É uma referência.

Ana Paula: É... me conte assim... como foi passar esses três anos de sessenta a sessenta e dois como aluna? O universo de ser aluno daqui da antiga Escola Normal...

Áurea: Aí eu estudei naquele prédio também quando não tinha esse prédio aqui né. Ah... mas foi muito bom. Era maravilhoso! Os professores, você dizia que eram referência. Todos os professores eram considerados assim, uma referência, eram catedráticos. Tinha uns que eram daqui, era da Universidade Federal Fluminense, professor de Biologia era médico. Naquela época que podia exercer a profissão de professor, porque eram os melhores da área, estavam ensinando as futuras professoras.

Ana Paula: Como era o nome dele?

Áurea: Alberto Mota. Ele ainda é vivo! Alberto Mota, doutor Alberto Mota. Tinha dona Romanda, que foi diretora daqui! Tem um retrato dela ali naquela sala, você vai ver. Romanda Gonçalves. O pai dela foi um dos diretores, Armando Gonçalves, você vai ver também na galeria de diretores. O pai dela foi um dos diretores daqui. Ela foi diretora daqui e foi minha professora de didática. O livro dela era uma bíblia! Tem lá um livro dela... tem um exemplar do livro que ela escreveu na época... professora de didática. Então os professores eram assim... tinha a Léia Rodrigues... que era um coisa... era psicóloga, era professora de Psicologia... depois eu ainda reencontrei com Léia aqui! Eu já na coordenação e ela ainda dando aula. Entendeu? Então, era uma coisa assim... maravilhosa! Era assim uma elite... pensando agora... era uma elite de escola... de alunos... sabe? Os professores... os alunos... as alunas... só tinha menina, na minha época só tinha menina. Não eram muitos alunos, quarenta e poucas divididas em duas turmas. Quer dizer, então foi um curso assim... bom, sabe? Eram muitas disciplinas, a gente tinha muita coisa. Professor Colé de Matemática... então... tudo assim. Tinha Didática, Matemática, de Ciências... de... eu não sei se falava Português, era Português...

Ana Paula: Língua Portuguesa?

Áurea: Eu não me lembro se falava... eu sei que era dessa área, mas não lembro se falava assim... é... Estudos Sociais né... sabe? Era tudo muito assim... tinha Puericultura... que era uma médica também... doutora Sinese... era uma médica também... Puericultura... dava Puericultura e depois dava Biologia.

Ana Paula: Lá no Recife também tinha Puericultura e era um médico.

Áurea: Depois foi Biologia que era outro médico também... doutor Cleber.

Ana Paula: Cleber o que?

Áurea: Eu não sei agora... a esposa dele era professora do outro bloco, eu não lembro muito do sobrenome, mas era doutor Cleber. Era Alberto Mota de Anatomia e depois passava pra ele. Primeiro ano tinha Puericultura, depois você vai ver pelos diplomas, que tem atrás as disciplinas. Tinha... oh, pra vim para aqui, pra fazer: eu fiz prova de Francês! Você podia escolher, Francês ou Inglês. Na época eu escolhi Francês... fiz prova de Francês pra fazer o vestibular aqui. Quer dizer, prova pra vim pra cá... você vê o nível né?

Ana Paula: De exigência...

Áurea: O nível de exigência. Tinha música! Música, tinha dona Clores... dona Clores Galvão... e dona Carmen Auch. Dona Carmen é até uma das autoras. A gente vinha além da aula, a gente vinha todo sábado de manhã... a gente passava a manhã inteira treinando os hinos, ela dividia primeira, segunda e terceira vozes... aí a gente treinava aqui. Não era pra dizer: ah, porque era aula de música... vinha todo mundo! A gente ficava lá naquele salão lá e ela com o piano e a gente cantando aqueles hinos! Era assim. Então era uma formação mesmo ali... entendeu?

Ana Paula: Não formação só didática... de conteúdo, mas uma formação para vida né...

Áurea: Uma formação para vida. As aulas, no dia de preparar as aulas eu ficava tremendo. No dia de aula prática, ficava a professora sentada, uma outra professora... as vezes umas colegas assistindo... você primeiro fazia um estágio nas turmas, aí você passava em todas as séries. Hoje eu vou dar aula pra quarta série. Não, aí fazia estágio na quarta série. Aí quando fazia estágio era com duas... duas colegas, eu e outra. Aí a gente fazia estágio durante uns dias, aí a professora dizia o que a gente podia dar na prova... é... no dia da nossa aula. Aí a gente escolhia, a professora orientava mais ou menos... aí a gente preparava o material e vinha dar aula. Mas aquele dia de dar aquela aula era como se fosse... num sei... uma coisa mesmo! Você tinha que ta com aquilo tudo preparado. Você dava aula em todas as disciplinas! Todas as sete. Então era uma coisa muito... assim... uma exigência... mas era uma exigência que a gente considerava normal. Não era uma coisa absurda, entendeu? Era uma coisa que a gente conseguia acompanhar... e minhas colegas que terminaram... eu até nem fiz, na época eu não fiz... na época eu ia fazer vestibular. Aí comecei a namorar o meu marido e ele falou: *não faz agora não! Deixa pra fazer depois...* acabei que não fiz. Aí as minhas colegas que fizeram Pedagogia, todo mundo passou! Pra UFF, todo mundo passou. Então a gente tinha essa formação sabe, o professor de Português era muito bom, foi diretor daqui, doutor professor Antônio Viana. Então era tudo assim, os professores todos de gabarito, eu acho.

Ana Paula: E como era o comportamento dessas moças, dessas Normalistas?

Áurea: Ah... tinha aquela coisa da época né? Década de sessenta... tinha aquelas coisas, aquelas brincadeiras da saia... de enrolar a saia... mas nada assim absurdo não. Entendeu? Tinha isso... aí na época de formatura a gente fazia aquelas festinhas nas casas das colegas que tinham as casas maiores... aí a gente fazia pra angariar dinheiro para formatura... mas coisa assim natural. Então era um comportamento assim... não tinha nenhuma ação com comportamento... a gente tinha assim umas mais levadas... fulana era mais levada... mas nada assim absurdo, sabe?

Ana Paula: Era tudo dentro dos padrões...

Áurea: Dentro dos padrões! mais saída, mais alegre... isso existe em tudo quanto é lugar! Mas não tinha nada assim de uma coisa absurda... mesmo pensando hoje, não tinha nada assim... era aquelas coisas normais, de brincadeira, de tudo. Todo mundo investindo mesmo... sabe? A gente fazia aqueles trabalhos, cada um... cada equipe né? A gente tinha muito trabalho em equipe também. Se reunia assim na casa dos colegas né, aí tinha todo mundo... cada qual fazia o melhor... aqueles desenhos... eram trabalhos bem apresentados.

Ana Paula: Como era a vestimenta? A roupa?

Áurea: Era esse uniforme mesmo.

Ana Paula: A saia...

Áurea: Saia pregueada e a blusa de manga comprida com estrelinha e com gravata. Entendeu? Sapato...

Ana Paula: Preto?

Áurea: É... tinha uns que a gente falava que era tanque colegial.

Ana Paula: Tanque colegial?

Áurea: Tanque colegial era um sapato preto assim como um conga. e meia

Ana Paula: Meia branca?

Áurea: Meia branca... é. Na parada de sete de setembro a gente usava luva nos dias mais assim... importante, é isso. O uniforme não mudou muito.

Ana Paula: Ainda permanece o mesmo uniforme...

Áurea: Praticamente o mesmo. Então aquela época de enrolar... isso aí era da época, também tem hoje né? Hoje já tem liberação maior de bermuda, de tudo... mas naquela época nem se pensava nisso.

Ana Paula: Nem se pensava né?

Áurea: Não, nem se pensava! aqui tem que ficar tomando conta pra vim de uniforme, tem que ficar naquela cobrança né, aquilo já fazia parte da vida da gente então o uniforme era o uniforme e acabou! Não tinha ninguém que viesse assim, com outra roupa, não tinha.

Ana Paula: E o que representava pra sociedade ser Normalista?

Áurea: É isso que eu falei, presentava o bom, positivo.

Ana Paula: Sair com a farda na rua!

Áurea: Ah é... era uma apresentação. Isso mesmo, se é Normalista era uma apresentação.

Ana Paula: Qual o nível da classe social das meninas que estudavam aqui?

Áurea: Olha, tinha de tudo, mas predominava a classe média, mas aquele médio assim... não sei como é que eu vou falar. A gente não fala só em termo financeiro, mas aquele médio assim bem...

Ana Paula: Médio estabilizado.

Áurea: Estabilizado. Entendeu... médio estabilizado. Tinha meninas uma ou outra assim de uma situação...

Ana Paula: Um pouco menos abastada...

Áurea: Menos abastada... mas tinha outras também...

Ana Paula: Elevada.

Áurea: Elevada. Tinha ministra de tribunal, advogada... se é que a gente fala assim... pra dar um exemplo né, tinha colegas assim, entendeu? Então era uma... tipo assim.

Ana Paula: Ok.

Áurea: Era uma situação financeira bem elevada

Ana Paula: É... pra gente finalizar, eu gostaria que a senhora deixasse uma palavra do que representou realmente... eu sei que tudo que a senhora falou, e tudo realmente que a senhora viveu, mas é para deixar uma palavra para a Escola Normal. Os três anos de ensino Normal.

Áurea: Pensando nos três anos de escola...

Ana Paula: Nos três anos... de sessenta, sessenta e um e sessenta e dois.

Áurea: Eu acho que foi um patamar pra mim, entendeu? Foi assim... uma coroação, um coroamento do que eu já vinha estudando... que eu também só passei aqui... o Liceu também era a mesma coisa... e aqui. Então, de escola pública, eu praticamente só estudei em escola pública... e eu... você quer que eu deixe uma mensagem?

Ana Paula: É, tranquilo.

Áurea: Não... eu acho assim... olhe... eu fico assim muito tranquila, muito feliz de pensar que a minha formação foi uma formação de escola pública, e que eu... e que foi o que me pautou a minha vida inteira, entendeu? A minha formação, o que eu fui por aí, tanto que eu fiz Psicologia depois. Mas mesmo a Psicologia, eu voltei pra educação, porque eu fui psicóloga de creche, na época que creche tava começando... eu fui psicóloga de três creches. Então assim, eu até comecei, ajudei a montar a creche. Então eu assim... eu sempre fui ligada a

educação. Porque eu fiz Psicologia, eu comecei na parte de consultório mas depois eu vi que não era... então eu voltei lá e fui fazer a parte de Educação Especial, fui a parte de creche... então eu vim ali sempre buscando a parte de educação e o alicerce meu foi a escola normal. Eu acho que foi a minha formação que eu pude fazer... foi sempre em função dessa Escola Normal que eu procurei resgatar e vou me aposentar agora né... mas dentro dessa escola...

Ana Paula: Já na segunda matrícula!

Áurea: Já na segunda matrícula! A segunda matrícula. A primeira... quer dizer, então eu trabalho a cinquenta e dois anos...

Ana Paula: É isso que eu ia dizer. Quase sessenta anos...

Áurea: Cinquenta e dois anos. Eu comecei e agora esse ano eu estou de licença...

Ana Paula: Prêmio...

Áurea: Licença prêmio... quando terminar a licença prêmio eu vou me aposentar. Então foi mais de cinquenta anos...

Ana Paula: Da minha vida né...

Áurea: Da minha vida né... eu comecei antes dos dezoito anos, eu me formei em Dezembro... e em Fevereiro eu fiz dezoito anos. Quer dizer... aí foi minha vida inteira na área de educação. Fiz psicologia... voltei pra aqui! Entendeu? Então eu voltei fisicamente né, porque eu vim pra esse espaço...

Ana Paula: Sim

Áurea: Mas aí voltei emocionalmente porque eu sempre resgatava parte da educação, eu sempre voltei... voltei pra essa parte, então minha vida inteira foi educação... sabe? Então isso aqui pra mim é a minha base mesmo. Desde a terceira série... os sete ou oito anos por aí... eu fui e voltei. Eu não fiz o ginásio porque não tinha. Fui pro Liceu, que também era uma coisa espetacular... o Liceu na época.... e depois voltei pra aqui e aqui eu acho que eu fico feliz. Agora você falando isso que a gente... as vezes são coisas que a gente nem tinha pensado... agora eu fico pensando assim em final de carreira... lembrar que eu fui...

Ana Paula: Que tudo começou aqui.

Áurea: Que tudo começou aqui. Eu fui resgatando... eu ia e voltava, eu ia e voltava... eu quando saí daqui, minhas colegas: *ah, não vamos ficar aqui não! A gente já ficou aqui três anos, vamos pra outro espaço!* É diferente... sabe como é adolescente né? Aí eu fui... eu me lembro que na época que minha mãe e meu namorado... que eu casei com ele né...

Ana Paula: Seu esposo...

Áurea: Hoje em dia... aí eles queriam que eu ficasse aqui né, ficasse aqui nessa escola. Aí as amigas: *elas querem pra você ficar perto ali... mas vamos fazer outras coisas!* Aí eu fui pra

outro espaço fazer outras coisas! Mas era só sair pro espaço né? Porque era uma escola muito boa também. Mas aí voltei... quer dizer, acabei né... voltando...

Ana Paula: É um ciclo né...

Áurea: Foi um ciclo! Mas você parando agora pra pensar, você vê que tudo eu ia e voltava... e sempre ligado a isso aqui, ligado ao espaço físico né... e a educação. Aí foi isso.

Ana Paula: O que é que a senhora me diz... que agora ta passando assim pela minha cabeça... porque só foi o que eu ouvi o tempo todinho... a referência que eu tenho de Áurea é que foi a aluna nota dez. É a referência... a aluna nota dez.

Áurea: Pelo que eu falei você tá notando... ta lendo isso?

Ana Paula: Não! As colegas! *Porque Áurea foi a aluna nota dez...*

Áurea: Ah, eu procurei... eu não sei se eu fui nota dez. Eu procurei assim sempre... como você tava conversando... eu procurei fazer o melhor que eu podia, né? Eu sempre procurei fazer o melhor. E eu dei sorte de procurar, porque as vezes você está num lugar e procura fazer o melhor mas não é bem o que você ta afim né... eu acho que eu dei sorte porque eu procurei fazer o melhor e dentro de um espaço que cada vez que eu... as vezes a gente nem entende... a cada vez que eu falo eu vejo um lugar que eu sempre amei né?

Ana Paula: Sempre amei né...

Áurea: Que eu sempre me dei bem. Quer dizer, eu fui feliz nisso. Porque eu consegui voltar... você vê... quase que por linhas tortas, na hora de voltar a moça falou: *você não trouxe o papel?* Eu disse: *eu não sabia que precisava papel!* Ela disse pra mim: *então eu tenho uma vaga no Instituto.* Quer dizer, como é que surgiu... como é que ela me deu essa vaga... quer dizer, aquilo... eu não procurei voltar pra aqui... aquilo... eu voltei. Você vê que eu fiquei uma matrícula toda, trinta anos na outra escola!

Ana Paula: Já pensou?

Áurea: Entendeu? Agora você fazendo a comparação, foi uma escola maravilhosa... eu me dei bem... mas como se fosse assim, se tivesse namorando... se fosse um namorado eu diria que a minha paixão, eu sinto que o meu coração é daqui!

Ana Paula: E como era assim... tirar tantas notas boas num Curso Normal, uma vez que era uma escola de referência dos professores... visto dos nossos dias atuais? Com os professores exigentes... catedráticos... rigorosos... então qual era sua dinâmica de estudo para ter essas notas... esse brilhantismo nos estudos?

Áurea: Eu acho assim... eu acho que eu tive uma boa formação.

Ana Paula: Escolar e familiar!

Áurea: Graças a Deus.

Ana Paula: A sua mãe tinha estudado?

Áurea: Não... a minha mãe não tinha... meus pais não tinham...

Ana Paula: Formação acadêmica.

Áurea: Formação acadêmica não. Meus pais não. Eles estudaram assim... até... o primário todo... naquela época, o primário todo equivalia... sabe né? Então era essa a formação deles. Aí minha mãe era dona de casa né... com quatro filhos...

Ana Paula: Minha mãe também... quatro filhos...

Áurea: Quatro filhos... dona de casa... e meu pai trabalhava com propagandista de remédios. Farmacêuticos... essas coisas assim. E era super interessado também nesses estudos... negócios de farmácia, dessas coisas...

Ana Paula: As fórmulas né? Porque aqui...

Áurea: É... isso! Porque o meu avô, o pai dele, era farmacêutico... entendeu? Mas ele era do interior aí depois ele veio pra aqui e começou a... acabou não estudando mais... mas era voltado pra essa área.

Ana Paula: O que é que a senhora fazia para essas notas? O seu nível de estudo...

Áurea: A gente era como assim... uma formação família classe média. Mas meu pai era assim... se você chegasse em casa e dissesse: *ai... eu não to bem...* ele dizia: *precisa de aula particular de que?* Mesmo que ele fosse fazer um sacrifício... mas ele pagava aula particular. Livro... entendeu? Tudo que fosse pra educação... ele investia mesmo. Mandava minha mãe providenciar e não queria saber. Ele queria que... fosse estudar. Ele era assim mesmo. Meus irmãos então se formaram também... meu irmão... meu irmão mais velho... ele... no fim ele fez Pedagogia, porque ele foi trabalhar no centro educacional, que é um colégio bem conceituado daqui, ele lá era como um diretor, entendeu? Ele fez essa área, foi diretor do CEN. Foi assim... ficou muito bem bem conceituado, como professor e diretor, o pessoal gostava muito dele. O outro irmão, fez o curso técnico de Eletrônica, naquela época tava começando Eletrônica...

Ana Paula: E hoje vale muito!

Áurea: Hoje vale, mas se você ver naquela época... ele foi fazer no Rio. Meu pai chegou em casa contando que o filho de um amigo dele... e meu irmão era assim... *e conserta num sei o que...* sabe aquela criança que mexe em tudo e conserta tudo? Aí todo mundo achava que ele dava pra consertar essas coisas! Aí ele ia fazer Elétrica ou Eletrônica. Tinha aquele CEFET... que é uma escola...

Ana Paula: Colégio Federal... Escola Técnica Federal.

Áurea: Ele aí fez a Escola Técnica Federal. Olha... foi um espetáculo. Ele fez aquela Escola Técnica Federal... ele foi brilhante na escola! Ele depois foi do... do TELERJ! Naquela época era TELERJ né? Hoje em dia...

Ana Paula: É OI...

Áurea: É OI! Ele foi da TELERJ, aí foi professor da escola... muitos anos, se aposentou como professor, entendeu? Foi uma coisa... foi brilhante. Aí depois fez outros cursos, mas ele ficou... a formação dele foi segundo grau! E foi assim... disparou nisso aí, entendeu? Aí eu tenho outro irmão também... esse é o único que tá vivo agora é esse... ele fez... aí fez também... fez um curso na UERJ também, dentro da área de educação... mas o que ele se deu melhor foi negócio de laboratório... foi representante de laboratório... essas coisas assim.

Ana Paula: Engraçado... a senhora é a única filha!

Áurea: Eu sou a única filha. Eu sou a segunda... são quatro. Eu sou a única filha. Você não pensou né?

Ana Paula: A única né... eu achava assim... que não era a única, eu não sei... eu pensei que não era a única filha.

Áurea: A única filha... de um irmão mais velho cinco anos que eu... depois eu... depois os outros dois logo depois. Hoje em dia só temos eu e meu irmão caçula.

Ana Paula: Que legal...

Áurea: É...

Ana Paula: Que é o representante de laboratório...

Áurea: É, de laboratório... que hoje em dia é aposentado... mas hoje em dia é mais envolvido com negócio de vídeo... porque aí o filho nessa parte de informática...

Ana Paula: De editar vídeo... essas coisas...

Áurea: Aí ele agora ajuda muito o filho nessa área.... entendeu? Então já tá aposentado e tudo. Então você vê... todo mundo de escola pública né? E...

Ana Paula: Então sua base dessas notas boas...

Áurea: É... eu era estudiosa! Eu sempre fui assim mais quieta e num sei o que... então eu era estudiosa. Mas eu acho que foi essa coisa da família, esse apoio... se precisasse de uma aula... pagava na hora né? Pai mandava... era isso aí... eu tive aula de Inglês, uma professora particular... numa época eu não tava bem em Inglês, aí comecei com uma professora particular e depois daí fiquei com ela mais um tempo pra... aí já não era nem pra essa aula particular... assim, pra desenvolver mais. Então teve isso. Aí fui pro Liceu... que era uma escola puxadíssima, uma coisa o Liceu! Aí vim pra aqui... então eu acho que eu devo as escolas que estudei, porque era tudo assim... exigia né... então você... eu era estudiosa...

Ana Paula: E quando é que veio o prêmio... quando veio o prêmio... qual foi a sensação... a emoção de quando veio o prêmio?

Áurea: Olha, nós éramos assim boas alunas... que fomos dezessete assim... na época! Quer dizer, eu não fui sozinha! Você vê que a turma era de um nível...

Ana Paula: Muito elevado.

Áurea: De um nível elevado que chamava de nomeação prêmio. Então era uma beleza né... aí todo mundo: *ah mas elas estudaram três anos.. foi uma beleza... não vai fazer concurso né... não vai fazer prova agora...* realmente né, vocês fizeram prova durante três anos!

Ana Paula: Três anos... não só foi uma vez!

Áurea: Não foi só uma vez! Então foi isso. Quer dizer, era uma coisa assim...

Ana Paula: A senhora se lembra o nome das meninas... dessas dezessete meninas?

Áurea: Olha... eu me lembro até! Nós nos encontramos ano passado, a gente vai até se encontrar outra vez. Não sei se eu lembro de todas!

Ana Paula: Sim... mas umas duas ou três...

Áurea: Ah!

Ana Paula: Nome completo. Nome assim...

Áurea: Hoje em dia eu não decoro o nome do marido né? É Edwiges Zaccur, ela já fez doutorado e já fez pós-doutorado na França. Ela era da minha equipe, pra você ver!

Ana Paula: Qual o nome dela?

Áurea: Edwiges Zaccur.

Áurea: É. O marido dela é de família Árabe. Edwiges Zaccur... tinha Ana Maria Muniz... tem muitos! Tinha Alzira Duncan, que é tia da Zélia Duncan... essa cantora; Eliane Araújo... professora da UFF; Olga... Oliveira... professora da UFF também; Sônia Kelly professora da UFF; Só aí você vê quantas... tudo da UFF... essas daí são todas da UFF. Ana não... Ana não... foi trabalhar no INSS, foi ser assistente social lá. Tinha... Azurita Moreira... foi aluna aqui, trabalhou aqui com a gente muito tempo... Gilma... Jorgina... Isabel Bragança... trabalhou aqui também... foi lá do SOE também muito tempo. Iêda... quem mais... tem muita gente! É... Elma... Elis... Elma... é... tem mais... Maria Odila... Jarlene... que é mãe dessa que eu te falei que era... que foi aluna nossa também... Jarlene; Barbara... Maria Auxiliadora... é muita gente assim.

Ana Paula: Tranquilo! Ta satisfeita?

Áurea: To! E você?

Ana Paula: Ah, maravilhada! Isso aí eu acho que não é nem mais uma dissertação, uma tese, vai pra um pós doutorado! Em nenhum livro tem esse relato maravilhoso. Como é o seu nome todo dona Áurea?

Áurea: Meu nome era Áurea Lúcia Bonnard Dias, quando eu era estudante. Agora é Áurea Lúcia Dias Vidal. Naquela época a gente tirava o nome da mãe, né?

Ana Paula: É!

Áurea: Aí sobrou o nome do meu marido! Áurea Lúcia Dias Vidal

Ana Paula: Ok. Muito obrigada, viu? Obrigada mesmo! Obrigadão mesmo, a senhora não sabe o quanto foi importante pra mim.

Áurea: Que bom...

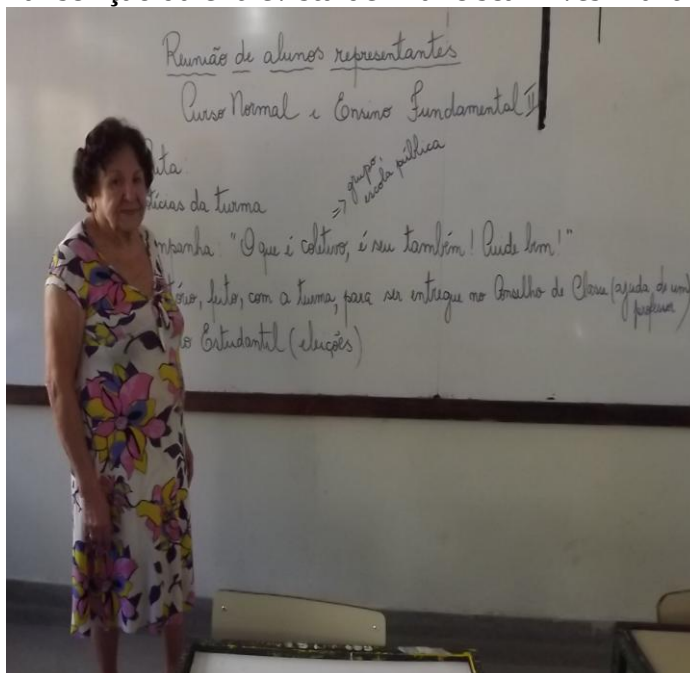
Ana Paula: Viu? Muito obrigado!

Áurea: Eu desejo... eu acho que você já é vitoriosa, até pelo seu empenho né... em fazer as coisas... eu acho que você tem essa garra...

Ana Paula: Obrigada!

Apêndice B - Entrevista realizada com a Funcionária Francisca Alves Martins

Transcrição da entrevista de Francisca Alves Martins



Fonte: A autora, (2014).

Ana Paula: Bom dia dona Francisca!

Ana Paula: Oh dona Francisca, veja só... Francisca...

Francisca: Alves... Martins.

Veja só, como eu me apresentei... o meu nome é Ana Paula, eu estou estudando a Escola Normal... as duas escolas Normais de representação do Recife. Eu moro em Pernambuco...

Francisca: Ah, sei!

Ana Paula: Aí estou estudando as duas Escolas Normais...

Francisca: Eu sou de Natal!

Ana Paula: De Natal? Também é Nordestina!

Francisca: Mas eu sou... eu sou de cidade do interior.

Ana Paula: Qual a cidade?

Francisca: Açu!

Ana Paula: Açu...

Francisca: Rio Grande do Norte... Açu.

Qual o seu nome todo?

Francisca: Francisca Alves Martins.

Ana Paula: A senhora já trabalhou aqui?

Francisca: Trabalhei. Eu entrei aqui no Instituto de Educação em sessenta e seis, início de sessenta e seis... abril de sessenta e seis. Quando eu cheguei aqui não existia ainda esse prédio, eu comecei a trabalhar no outro prédio. Quando eu entrei aqui... já entrei... já vim pra cá em 26 de maio...

Ana Paula: De que ano?

Francisca: De sessenta e seis. Então primeiro eu fiquei lá onde é uma cantina hoje, embaixo... era um consultório dentário... e a diretora da época era dona Teresinha Lanquernal Guerrante, Guerrante Lanquernal... a diretora da época que eu entrei. Então como a turma já estava assim... completa, porque eu sou inspetora... só trabalhei com segundo grau durante todo tempo aqui, aí dona Teresinha pediu pra mim ficar... as turmas já tinham sido distribuídas para as inspetoras que já eram do colégio, então ela pediu pra mim ficar no gabinete dentário durante aquele ano. No ano seguinte então, é que eu pegava turma. Lá trabalhavam três dentistas né... tinha dentista para o primeiro grau, pro jardim e pro segundo grau. Eu então marcava, fazia a fichinha das crianças, marcava o atendimento pro dentista de acordo com o grau, né? Tinha segundo grau que era um, primeiro grau era outro... e o jardim era outro... alfabetização... por aí. No ano seguinte eu peguei turma... e quando eu peguei turma esse prédio aqui já tinha iniciado a construção. Então já estava assim... bem adiantado, porque durante sessenta e seis ele já tava indo, já tava sendo construído. Quando eu vim pra cá, em sessenta e sete, ele já tava bem adiantado. Veio turmas pra cá já no tijolo, porque o colégio tava crescendo muito. Naquela época, era uma coisa linda, linda, linda, linda! Esse colégio era um colégio tão importante que aqui estudava filha até de deputado. Não era porque fosse deputado que a filha entrava de qualquer jeito! Aqui tinha exame de seleção.

Ana Paula: Como era o nome desse exame de seleção?

Francisca: Olha, assim... não me lembro se era exame de admissão... eu acho que era exame de admissão. Então... entrava assim... de acordo com o aproveitamento do exame né? Era tão forte a escola que fazia fila lá fora... dormia pais nas filas lá fora pra conseguir uma vaga aqui. Essa escola era uma escola muito linda! Muito importante! Eu cobrava muito a disciplina, porque eu só trabalhei com a disciplina já de adulto né... de meninas de segundo grau... já mocinhas.

Ana Paula: No segundo grau quais eram os cursos que elas faziam? Em sessenta e seis... qual era o nome do curso?

Francisca: Normal. Curso Normal. Então essas meninas já se formaram já nesse prédio aqui. Eu vim pra cá porque muito embora eu fosse a mais nova inspetora na escola (não quero dizer que fosse a mais nova na idade!), mais nova na escola... então quando eu peguei o segundo

ano que trabalhei com elas já no segundo ano, quando elas vieram pra cá... não... antes de elas virem pra cá, dona Teresinha me botou pra cá e deixou a ela lá. Dona Teresinha me passou pra cá com dona Iraci que era professora de Português... muito muito...

Ana Paula: A senhora se lembra do nome de dona Iraci?

Francisca: Iraci... Eu tenho tudo... o nome dela... tudo em casa direitinho. Até fui agora aos noventa anos dela... festa de noventa anos... ela fez noventa anos agora, esse ano. Uma coisa linda! Ta inteirinha... linda, linda linda! Então, lá as meninas não gostaram que me tirassem de lá das turmas delas. Fizeram um abaixo assinado a dona Teresinha pra que eu voltasse pra turma. Aí tinha uma que era dirigente, que era Zuleica, chamada Zuleica... que já faleceu... e a Zuleica então abafou a lista, não mostrou a ela... e as meninas resolveram fazer uma festinha lá e vieram aqui me chamar pra mim ir, porque elas queriam fazer esse pedido a dona Teresinha. Eu relutei pra não ir, porque eu não podia deixar as turmas aqui só... era uma caixa de caderneta enorme, eu tinha que carimbar aquelas cadernetas todas... faltou e quem não faltou, compareceu e quem não compareceu, domingo, sábado, botar feriado e tudo nas cadernetas né... e ainda botar separado os bloquinhos de cada turma separada na ordem numérica... pra saber quem não veio e pra também ter cuidado com as cadernetas pra elas não roubarem! Porque se elas pudessem elas tiravam pra fugir!

Ana Paula: Essa caderneta não era a caderneta do professor...

Francisca: Não, era caderneta de Aluno!

Ana Paula: De aluno...

Francisca: Elas tinham caderneta! Era nessa caderneta que tem o hino da normalista, o hino do Instituto... é... o hino nacional, o hino da bandeira... tem os hinos todos. Inclusive tem a caderneta no arquivo ali... do memorial do colégio né? E dona Teresinha ouviu as meninas e me botou pra lá. Isso causou uma revolta muito grande nas inspetoras antigas né... sabendo que cheguei a tão pouco tempo e ter essa coisa assim de ficar... é... sendo procurada pra continuar na turma né... eu vim. Eu tenho foto dessas turmas todas, eu tenho tudo porque é coisa muito bonita. Era assim uma coisa... então eu... as diretoras sempre confiaram muito no meu trabalho. Dona Iraci, trabalhou aqui comigo como dirigente, dona Iraci até hoje ela fala que eu sou mais diretora do que todas as diretoras que já passaram aqui! Porque as garotas me ouviam, me respeitavam... eu fiz muito papel de mãe, de madrastra, de fera, de tudo. Umas me chamavam até de Sargentona. Mas era tudo muito organizado, com muito respeito... tudo tudo tudo. Chegaram a fazer até música pra mim! Por causa da caderneta... da cobrança de caderneta! Muito engraçado... aproveitaram aquela da Severina Chic Chic e fizeram uma música pra mim assim: *vocês conhecem a inspetora Chica na escada do IEPIC... todo dia ela*

*fica recolhendo a caderneta mesmo que seja perneta não entra sem caderneta! Ela ta de olho nas caderneta dela, ela ta de olho nas caderneta delas... porque eu não deixava ninguém subir sem caderneta! Tinha que botar na caixinha para poder subir. Então era uma época assim... muito linda! Muito respeito... muita coisa, muita coisa mesmo. E todos eles acreditavam muito no meu trabalho. Todos os diretores que passaram aqui pediam para que eu tomasse conta do ponto... do andar... é... então era assim, eu era tudo. Fazia tudo, levava pro SOE quando precisava... nunca levava sempre pra direção, porque eu acho que direção geral é a última coisa que a pessoa deve fazer. Mas eu conversava muito, por isso que eu digo que eu fazia papel de tudo... de madrastra... mas fazia também... elas diziam assim: *você faz um trabalho de todas as atividades!* Porque eu aconselhava, vinham chorando pra mim... eu aconselhava... aquela coisa... então eu me sentia mais mãe do que tudo! Mas eu sempre dizia pra elas: *eu não sou mãe, sou madrastra! Pode deixar!* E... pode falar o que você quer mais...*

Ana Paula: Qual a representação do IEPIC, da escola normal, naquela época de sessenta e seis para a sociedade de Niterói?

Francisca: Era tão importante, mas tão importante que um dia eu chamando atenção de uma aluna aqui na escada, tava subindo umas senhoras que já tinham sido alunas aqui da escola... até antes de mim entrar... e ela me assistiu chamando atenção de uma aluna... aí ela falou pra mim assim: *senhora, a senhora está muito certa, não deixe esse colégio a vontade porque esse colégio é uma escola de renome! Minha família toda se formou nessa escola! Essa escola é uma escola de renome, não pode deixar cair!* Ela me elogiou, elogiou o meu trabalho... e falou. Foi dito por pessoas que já tinham sido alunas daqui antes de mim, antes de eu entrar aqui. Ela via, ela assistiu o meu trabalho com o aluno... e ela mesma falou! *Essa escola aqui é uma escola de renome!* E realmente é uma escola de muita importância, de muito respeito, muito respeitada em Niterói! Não só em Niterói como em todo Rio! Aonde entrasse uma normalista daqui da escola pra estágio... atrás de estágio em outro lugar... podia ter cem alunos na frente! Se a do Instituto de Educação tivesse aqui atrás... a vaga era da do Instituto de Educação. Aquela época, aluno não passava de ano sem saber. Eu acho, num sei quem... num sei atribuir o nome a quem... mas sei dizer que todos esses que já passaram por autoridade do ensino... menos as diretoras que cumprem o que mandam... só fizeram bobagem. Só perderam. Porque... como o aluno passar de ano sem se interessar de estudar? Sem se interessar pra se preocupar com o futuro dele? Pra fazer uma coisa bem feita... pra sair daqui e ter facilidade pra arranjar um emprego... todas as meninas daquela época era uma exigência muito grande! Professor daqui era senhor professor! Tinha professor aqui que cobrava se o aluno esquecesse de colocar uma vírgula! Já morreu esse professor... Alberto

Ferreira... era aquele professor naquela época... OSPB... ele dava OSPB... então... não passava na prova dele se esquecesse de botar uma vírgula! Teve um professor de Química daqui, chamado José Nilson... que ele podia aplicar a prova toda e sair de sala quando ele quisesse. Aluno não tinha... não tinha a coragem de olhar nem pro outro do lado! Ele era muito sério e o trabalho dele era muito sério, muito rigoroso... e o aluno que passasse por ele passava porque sabia. Tinha uma professora de Português chamada Cassandra

Ana Paula: Cassandra o que? A senhora lembra do sobrenome?

Francisca: Cassandra Melo Guimarães. Era professora de Português. Aluna fugia, tinha medo de saber se no próximo ano quais as turmas que a Cassandra ia pegar... pra ver se escapava pra ficar em outra turma que ela não fosse professora! Ela era aquela professora exigente, que cobrava pro aluno saber mesmo! O aluno tinha que fazer até um livro de tudo da aula dela. Era uma coisa linda, linda, linda! Tem alunos que tinham medo de pegar Cassandra que depois vinham pra mim e falavam assim: *Chica, eu tinha pavor de Cassandra... e foi por Cassandra Melo Guimarães que eu consegui entrar no estado! Por causa das aulas de Cassandra consegui entrar no estado.* Então tinha isso! Era uma... uma escola forte! Mas eu acho que a culpa não tá na direção, a culpa está em cima de quem passa a mão pra acontecer essas coisas... pra essas mudanças, né? Porque essas mudanças não adianta nada... aluno aí tá no segundo grau mas não sabe de nada! Escreve errado, fala errado, não sabe. É um péssimo funcionário depois! Mas naquela época não! Saíam daqui e iam pra todos colégios melhores... São Vicente é um dos colégios particulares que foi muita aluna daqui pro São Vicente! Professora aluna do São Vicente. Então tem isso, essa escola foi uma escola assim... de alto nível. Alto nível! Eu fico triste hoje... eu trabalhei trinta e poucos anos aqui.

Ana Paula: Qual a sua formação dona Chica?

Francisca: Segundo grau incompleto.

Ana Paula: Quando a senhora entrou aqui... a senhora já entrou com o segundo grau...

Francisca: Já entrei... tinha iniciado o segundo grau... mas como eu trabalhava aqui, eu fui secretária de uma escola da campanha durante vinte anos. Eu tenho elogio de trabalho dado pela supervisora federal... por escrito. Tá entendendo? Então... eu trabalhava aqui de manhã, de tarde eu trabalhava em casa de costura... e a noite eu trabalhava num colégio da campanha na Engenhoca, que é um bairro afastado daqui... é um bairro que o pessoal achava que eu era louca em trabalhar lá! Trabalhei vinte anos, fui querida por todos os alunos. E aqui também! Então graças a deus meu trabalho sempre foi um trabalho com honestidade, com respeito... mas com cobrança.

Ana Paula: E as alunas, o que é que a senhora falaria assim... do comportamento das alunas?

Francisca: Era com muito respeito! Se fizesse uma baguncinha era uma baguncinha até engraçada... coisa boba de mocinha, de fazer besteira. Querer pegar uma caderneta pra fugir... querer meio enganar que botou a caderneta sem botar... essas coisinhas assim. Querer... eu

exigia muito o uniforme, não deixava entrar sem o uniforme... muitas vezes elas quando se formavam deixavam o uniforme comigo pra mim ter no colégio pra emprestar pra umas... que queria subir com roupa e eu não deixava... emprestava a saia... emprestava e blusa e falava: *vai lá! Vai lá e troca de roupa! Depois você entra em sala e na saída você me devolve a roupa.* Teve uma... teve até que dá prega assim na saia de tão grande que ficava nela, mas não deixava. Então... era muito respeito, e até hoje onde elas me encontram é o maior carinho... maior carinho que eu recebo delas, em toda parte! Outro dia disse que saiu até... eu não sei quem viu... não sei se é internet... facebook num sei o que é... sei que disse que tem lá assim: *quem não se lembra das broncas de Chica por causa da saia curta?* Até isso elas faziam! Então... quanto a isso eu acho que...

Ana Paula: Como era a roupa?

Francisca: Saia... até hoje eu de vez em quando pego as meninas que vem de uniforme e falo pra elas: *devia existir uma nota de conceito na escola.* Porque aquelas alunas que vem com o uniforme perfeito... até hoje a sainha, a blusinha branquinha da escola... manguinha curta pra diária, manguinha comprida pra quando tem uma festa... uma atividade qualquer que elas tenham que sair. Eu cheguei a ir a Barra Mansa com... não... Barra Mansa não, é outra... onde tem aquele negócio de usina... é...

Ana Paula: Em Angra?

Francisca: Não não não, antes de Barra Mansa... outra... eu fui com esse professor Alberto e uma turma... lá... Volta Redonda... cheguei a ir até Volta Redonda com turma. Então... elas tinham respeito por mim em todo... em toda parte. Não precisava nem falar, bastava olhar pra elas sério que elas já me entendiam. Então era outra época, uma época muito linda... e aquelas meninas... teve meninas que passaram... que saiu daqui e não foi trabalhar com professor não, passou no Banco do Brasil... foi trabalhar no Banco do Brasil! Muitas meninas... tinha uma aí que eu não sei se ela ainda tem essa escolinha... porque ela disse que abriu uma escolinha lá em São Francisco, na rua da Caixa Econômica... e ela me achava muito durona... então ela dizia que ela não gostava de mim porque eu era muito dura, muito durona... então ela não gostava de mim. Quando terminou, que ela abriu essa escolinha lá, ela veio aqui me procurar. Falou: *Chica, eu vim te procurar pra te pedir desculpa, porque eu achava você chata... não gostava de você, mas agora eu quero te dizer que eu abri uma escolinha em... lá em São Francisco... e quero te dizer que eu consegui hoje ser mais chata do que você.* Assim, quer dizer... foi aí que ela valorizou meu trabalho. Entendeu? Depois que saiu e foi trabalhar. Teve muitas meninas daqui que... tem muita menina que já deve ter se aposentado lá no São Vicente, mas tem muitas alunas daqui que ainda devem estar trabalhando lá. Inclusive, é...

tem uma... Irlene... que saiu daqui, era doidona! A gente guarda os nomes até das mais levadas, né?

Ana Paula: Como era o nome completo? A senhora se lembra?

Francisca: Não. O nome completo dela eu não me lembro. Só me lembro que o nome dela era Irlene.

Ana Paula: Irlene...

Francisca: Irlene. Ela deve tá lá até hoje no São Vicente. Ela, umas meninas também...

Ana Paula: Então Irlene hoje trabalha no São Vicente...

Francisca: No São Vicente. Ela sabe dizer melhor do que eu como era meu trabalho, mas também como era o Instituto. Mas se você por exemplo, chegar no São Vicente e Irlene tiver se aposentado, pode perguntar assim: *ainda tem aqui alguma professora que foi aluna do Instituto de Educação?* Eu acho que tem... as filhas de... umas filhas de um cara que tinha um Kombi... eu me lembro agora... Sabino! Filhas de Sabino, que foram todas professoras que se formaram aqui e foram trabalhar lá, no São Vicente! Os colégios particulares só pegavam ex-alunas daqui do colégio! Não adiantava se formar em outra escola porque não entravam nesses colégios.

Ana Paula: Mesmo colégio particular?

Francisca: Entrava não. Era Instituto de Educação. Isso aqui era lindo demais! Eu lamento...

Ana Paula: Como era o nome em sessenta e seis? Como era o nome realmente da escola?

Francisca: Olha, é...

Ana Paula: Em sessenta... logo assim...

Francisca: Não, sessenta eu não me lembro porque eu cheguei aqui em sessenta e seis. Era Instituto de Educação, mas só não era assim... Professor Ismael Coutinho... Professor Ismael Coutinho foi depois que pegou o nome de um professor né... mas que eu me lembre era Instituto de Educação, porque eu tenho até uma caderneta daquela época! Tem tudo na caderneta. Tem um professor, que é quem tem a chave do núcleo, e tem tudo... tem muitas fotos lá de professores... tem eu com turma... tá entendendo? Tem muita coisa, tem muita coisa mesmo! Eu tenho... não sei se eu vou achar em casa assim... rápido... porque tem tanta coisa guardada que... mas tem festa de quando as meninas fizeram vinte e cinco anos de formada, fizeram uma festa no... ali no... Clube Português, e eu fui convidada pra essa festa de vinte e cinco anos de formada delas! Você vê como é que era essa escola! Aniete foi ex-aluna daqui! Porque aqui ainda tem algumas que foram... professoras que foram ex-alunas, ainda tem algumas. Assim eu só me lembro mais quando eu encontro elas, mas tem muitas muitas meninas ainda que vieram...

Ana Paula: A senhora teve filho... filha?

Francisca: Tenho uma filha que estudou aqui, um filho que estudou aqui, e... tenho três filhos. Um é pastor, só estudou o primeiro grau em colégio... Pinto Lima... essa escola... o segundo grau, fez... o mais velho né... fez no... aí meu deus... aquele colégio... agora vou demorar mas vou me lembrar o nome do colégio que ele estudou! Meu filho estudou num colégio que tinha na Zé Clemente, não se ainda existe. E faculdade ele fez no Rio, na Santa Úrsula. O mais velho. O outro estudou mas não quis continuar, não quis se formar em nada... e a menina terminou e hoje já fez direito e ta fazendo agora por onde tirar a carteira de...

Ana Paula: Da OAB...

Francisca- Da OAB. Ta fazendo prova...

Ana Paula: E ela estudou aqui...

Francisca: Estudou aqui.

Ana Paula: Fez o magistério?

Francisca: Não. Ela saiu daqui no segundo ano e foi terminar no Liceu. Ela não fez o Normal, ela não fez. Ela ficou até o segundo ano, aí depois ela sofreu um acidente em 1980... ficou um tempo sem estudar e depois ela não quis mais voltar pra cá. Foi pro Liceu. Liceu, aquele tempo, a diretora de lá... Maria Ivone, chamada Maria Ivone... naquela época... não sei hoje quem é, mas professor Ricardo teve lá agora a pouco tempo trabalhando lá! Ele é daqui também, agora ele veio pra cá novamente. Professor Ricardo. Então, Maria Ivone vivia mandando recado pra mim, queria muito que eu fosse pro Liceu. Falei: *não vou de jeito nenhum pro Liceu!* Eu já tava costumada aqui e sempre as turmas que eu pegava eu apanhava muita amizade... amizade sem fazer nenhuma vontade, sempre falava pra elas: *pense que você me compra com nada não! Eu to aqui pra trabalhar!* As vezes ficava aborrecida comigo, saía de cara feia... eu falava: *vem aqui um estantinho! Você fica aqui três, no máximo quatro anos! Eu vou ficar trinta! Então você vê, eu tenho que fazer meu serviço direito, porque se não... como é que vai ser pra mim trabalhar trinta anos se eu não trabalhar direito? Ah Chica... você ta certa, pode deixar!* Mudava completamente! Precisava levar pra SOE e nem nada, era só conversa. E eu sou grata a Deus até hoje por isso, porque aonde elas me vêem elas vem correndo. A poucos dias eu encontrei uma, Ana Cláudia Lisboa, é dessa época. Até o nome de muitas eu nem esqueci, de tanto carinho que elas tinham! Então, teve uma chamada Denise Tortelli, essa daí falou assim: *Oh Chica, olha só... o meu... o nosso... o convite da nossa turma vai ta seu nome numa folha exclusiva só pro seu nome!* E tem.

Francisca: Você entendeu tudo minha filha?

Ana Paula: Entendi.

Francisca: E meu nome saiu numa folha do convite dessa turma. Essa turma eu acho que foi sessenta e oito também, que se formou em sessenta e oito também. As primeiras turmas que terminaram nesse prédio aqui, elas se formaram em sessenta e oito. Esse prédio eu acho que foi inaugurado em sessenta e sete... tem lá embaixo a placa... e elas se formaram em sessenta e oito. E foi lindo! Eu era convidada em toda formatura, tudo! E se fosse a turma descer pra tirar foto lá embaixo... eu tinha que descer também, tinha que participar! Tinha que sair na foto! Tem turma que eu to numa foto da turma que tá lá no...

Ana Paula: No memorial...

Francisca: No... né. Olha, mas era assim uma coisa delas comigo. Botaram lá na turma... botaram: *a inspetora mais badalada do instituto!* Era um carinho muito grande né! E eu tenho tudo isso guardado... as vezes eu olho... choro... porque né... mexe.

Ana Paula: Aí veja só, se Deus quiser... se Deus permitir, essa não tá sendo só minha primeira vinda aqui na escola. Eu vou tá aqui do dia 21 ao dia 31. E acredito que no próximo ano eu vou tá voltando aqui na escola. Então assim, é... não sei o que isso vai causar... em que sentido: se a senhora tem alguma foto com as meninas...

Francisca: Tenho, tenho muitas!

Ana Paula: Algum documento, a caderneta... por que... porque aí a gente marcava, marcava...

Francisca: A caderneta eu não sei se ainda encontro, eu sei que tá guardada no meio dos documentos.

Ana Paula: Assim, se tem... é... algum histórico escolar, algum convite daquela época...

Francisca: Tem muita coisa, muita coisa! Eu vou precisar...

Ana Paula: Tem jornal...

Francisca: Eu tenho jornal que eu saí no... dando uma entrevista, numa festa daqui... tem um jornal que eu to no jornal...

Ana Paula: Festa da escola... festa comemorativa... qualquer documento ou imagem, foto, o que a senhora tiver da escola e que possa ceder... não pra eu levar, em hipótese nenhuma, mas pra que eu tirasse foto desses documentos.

Francisca: Posso, posso!

Ana Paula - Certo? Aí daqui...

Francisca: Você vem que dia agora?

Ana Paula: Não, eu fico... sou eu que preciso da senhora! Veja só, eu não quero lhe trazer nenhum transtorno em nada...

Francisca: Olha só, deixa eu te falar... pra mim tudo que eu faço é com muito amor e com muito carinho, tá? E eu não me nego a fazer nada, eu tenho prazer em falar sobre a minha escola.

Ana Paula: Mas assim, a senhora pode tá ocupada... com outro compromisso...

Francisca: Não, isso aqui eu tenho hora todo dia... eu trago umas roupinhas... vendo... por que? Salário de estado... emprego de estado é engano! É muito pouco! O que uma professora dessas ganha, tá arriscado as domésticas hoje estarem ganhando praticamente igual! Né? É preciso fazer com amor, porque os alunos de hoje não é mais os alunos de antigamente!

Ana Paula: É... eu sou professora e eu sei disso!

Francisca: Os alunos de hoje são agressivos, não respeitam... sabe, nem respeitam... não tem amizade, nem tem carinho... não tem nada! Apesar de que eu tô falando isso porque eles escutam falar no meu nome... eles sabem por aí... eles sabem muito bem! Eles sabem que eu trabalhei aqui, que foi duro... porque muita gente fala. Aqui tinha professoras que usavam muito meu nome na sala pra dar aula pra turma... é ex-aluna que saiu daqui... trabalha na UFF! Ana Luzia foi quem ajudou a fundar o núcleo! Ana Luzia, ex-aluna daqui...

Ana Paula: A senhora sabe o sobrenome dela?

Francisca: Eu trago o sobrenome dela. Pundi... Punde... não sei, eu tenho que trazer o sobrenome dela... eu tenho em casa. Ela trabalha na UFF, eu tenho os telefones dela também... ela é excelente! Tem a Áurea que foi professora... que é professora daqui que tá aposentada... que foi... que eu trabalhei com ela... ela trabalhou uma época como dirigente, me queria do lado dela e eu tinha que tá do lado dela. Tudo que eu resolvia mais pra ela do que ele!

Ana Paula: A senhora trabalhou quantos anos aqui na escola? Trinta e...

Francisca: Trinta e pouco! Trinta e poucos anos... só saí daqui pela compulsória, tá? Porque eu amo tanto isso aqui que eu ficaria a vida toda! Sabe? A vida toda... enquanto vida tivesse.

Ana Paula: Então é um orgulho?

Francisca: É um orgulho. Eu tenho orgulho dessa escola. Esses alunos não me fazem mal criação. Primeiro grau... pode tá bagunçado, pode tá tudo no pátio... eles me respeitam. A única coisa quando eles me veem entrando, eles oferecem: *tia, você quer ajuda?* Assim. Então eu não tenho o que dizer dos alunos, mas eu sei que aqui dentro tem acontecido brigas, coisas terríveis. Mas só quando eu tenho a oportunidade eu converso com um... converso com outro e falo assim: *oh, não entre em bagunça, estude pra você saber mesmo... pense no seu futuro! Você queira... amanhã ou depois você quer ser um funcionário de alguma empresa importante... você tem que saber, você tem que prestar uma prova ou um concurso... você tem que saber. Não vá em bagunça, não participe de bagunça porque não te leva a nada! Você*

perde seu tempo aqui dentro! Converso muito quando eles me procuram. Quando me ajudam eu digo: obrigado! Você é muito educado! Por isso que a gente tem que botar pra cima, nunca pra baixo! Era isso que eu sempre fazia com meus alunos, com todos que eu trabalhava.

Ana Paula: Então qual seria o melhor dia...

Francisca: Se quiser amanhã eu já trago umas fotos... você vê... umas fotos aí... é... de turma e tudo, aí depois eu vou trazendo outras coisas! Você vai ficar mais dias aí né...

Ana Paula: Eu pretendo ficar vindo aqui na escola até a sexta-feira!

Francisca: Até sexta...

Ana Paula: Porque eu ainda vou também na biblioteca nacional...

Francisca: Então você vem aqui de manhã ou é sempre de tarde? Porque de tarde...

Ana Paula: Pela manhã!

Francisca: De manhã... porque de tarde...

Ana Paula: Qual o melhor horário pra senhora?

Francisca: Eu nunca chego aqui antes de dez e meia!

Ana Paula: Pronto, então em torno de umas dez horas...

Francisca: Porque eu sou dona de casa também, né? Tem o meu filho que tem problema de saúde... eu só saio de casa depois de dar café a ele, esperar ele sair pro trabalho, tudo... pra poder vim pro colégio.

Ana Paula: Então amanhã...

Francisca: Mas todo dia eu venho. Agora se você quiser qualquer informação minha, pergunte a qualquer um aí da secretaria... daqui da escola... do outro bloco... desse... todo mundo. Sai um, se aposenta um, entra outro... que me conhece trata assim.

Ana Paula: Pronto, então amanhã umas dez e meia eu to por aqui pela escola.

Francisca: Ta bom. Vou trazer primeiro os albumzinhos de foto das festinhas... que até isso eu fazia! Laura foi uma diretora daqui, foi a diretora que trabalhou mais tempo aqui na escola... que foi diretora mais tempo, saiu uma época... depois voltou de novo, trabalhou muitos anos. Laura...

Ana Paula: Qual o sobrenome?

Francisca: Laura Ribeiro. Ela é uma pessoa maravilhosa, ela tinha muita, mas muita confiança no meu trabalho. Inclusive, ela falou pra mim assim: *Chiquinha, faz uma festinha esse ano e o ano que vem!* Aí eu falei: *Laura, então você vai me dizer o seguinte... eu posso convidar os aposentados? Sabe por que Laura? Todo aposentado... o pessoal que vinha aqui se queixava comigo! Não se queixava em secretaria não, se queixava comigo! Oh Chica... eu não gosto de vir mais nessa escola! Eu não quero vir mais nessa escola, porque a gente*

chega aqui parece que a gente é um qualquer que nunca trabalhou aqui! Tratam a gente com tanta indiferença... eu não quero... Eu: não, não faça isso! Pode deixar, se não mudar eu vou fazer uma festinha aqui e vocês vão vim todos aqui! Fiz uma festa que Laura me autorizou... é... sabe quantas pessoas participaram? Cento e setenta e uma! E não tinha... eu falei assim: cada um trás um prato de alguma coisa! Não tem nada não, hein? Cada um trás um prato de alguma coisa! Olha... mas choveu prato! Deram de tudo, tudo! Foi farta mesmo! Foi onde tem um salão de Educação Física hoje... lá atrás não tem um salão?

Ana Paula: Não... eu não cheguei a ver...

Francisca: Perto do refeitório, um salão grande que tem lá... foi lá a festa. Cento e setenta e um. Eu tenho o livro assinado por eles. Olha, muitos até já morreram, né? Eu peguei os professores que eram ex-alunos daqui, falei: *vocês que são ex-alunos eu vou dar...* eu vou ver se tenho pra te dar também... *vocês que são ex-alunos da escola eu vou dar a vocês o hino da escola...*

Ana Paula: Eu gostaria!

Francisca: *E o hino da normalista... porque vocês vão cantar!* Tinha catorze meninas que nunca passaram por outra escola, que eram alunas daqui desde o jardim. Eu chamei essas meninas... as catorze... tem até lá em casa a relação de que turma era uma, que turma era a outra... as vezes eu demoro até a achar, né? Porque é muita papelada, né...

Ana Paula: Mas eu gostaria de ver muito esses documentos...

Francisca: Aí então chamei as catorze, aí: *não Chica, nós somos daqui desde do jardim...* Você nunca passou por outra escola? *Não Chica, nós estamos aqui desde o jardim!* Se formaram aqui. Qual a professora que você guarda mais lembranças dela? Que você gostou mais de ser sua professora... desde o jardim até agora? Ela dizia o nome da professora. Professora tava aposentada... eu ligava pra ela: *olha, tal dia vai ter essa festa... formatura dessas meninas... e ela lembra a professora que ela guarda mais recordação é sua. Eu faço questão que você esteja aqui pra dar um abraço nela, porque você trabalhou com ela no jardim... e elas guardam mais lembranças de você!* Ela vinha. Eu comprei com meu dinheiro botão de rosas pra dar a cada uma pra dar a professora. Elas se abraçaram... choraram as duas! Outra guardava mais recordação do primeiro grau... de professora do primeiro grau. Vinha. Essas festinhas eu fazia todas ali embaixo! Na semana do... na semana do Instituto de Educação... Semana Pedagógica, depois ganhou Semana Pedagógica... mas antes não era, né? Eu fazia ali embaixo a festinha da Semana Pedagógica! Falava pras meninas assim: *olha só!* Chamava cada representante de turma! *Olha só, vocês vão fazer o seguinte: vocês vão fazer sua festinha, cada uma faz sua mesa e convida os professores de vocês e os professores que*

vocês guardam mais recordação... pra ir a sua festinha lá. Pra servir... pra vocês servirem a eles salgadinhos, docinhos... essas coisas que vocês trazem. Elas faziam! As mesinhas lá e tudo! E depois da festinha lá, que a gente cantava... cantava o hino das normalistas... normalista formosa esperança! É porque eu não sei assim decorada...

Ana Paula: Pode cantar!

Francisca: *Trabalhar pelo bem da criança... seja tua razão de viver! Normalista o Brasil sempre espera, que combatas as forças do mal! Eu fico emocionada até hoje! Muito! Na cidade, no lar, na tapera... mostra ao mundo que tens ideal! Na cidade, no lar, na tapera... mostra ao mundo que tens ideal! Trabalhar é missão muito nobre, é preciso lutar e vencer... trabalhar pelo bem da criança... seja tua razão de viver! Normalista o Brasil sempre espera, que combatas as forças do mal... na cidade, no lar, na tapera... mostra ao mundo que tens ideal! Na cidade, no lar, na tapera... mostra ao mundo que tens ideal! Não importa se ao longo da estrada, suas mãos em espinhos ferir, o que importa... agora eu esqueci o pedacinho do verso.... que é o último! Que não importa ferir as mãos nos espinhos... importa cumprir o dever. Ver o dever da pátria surgir! É um negócio assim. É muito lindo o hino da normalista. Do Instituto também é muito lindo, mas eu só me lembro só da estrofe: do Instituto, pela escola, na educação varonil... a certeza nos consola, somos filhos do Brasil! É um hino grande né... muita coisa assim a gente para de trabalhar muitos anos...*

Ana Paula: Para de ouvir...

Francisca: Para de ouvir...

Ana Paula: Então vai fugindo um pouco da memória.

Francisca: É... mas muito lindo. As meninas, elas vinham... faziam questão. Fiz poesia pra professor, pro dia do professor... e mandava uma recitar como se tivesse sido ela que tivesse feito. Até um dia desses me pediram: *ah, arranja uma poesia daquela...* eu falei: *não! Não arranjo!* É uma menina que trabalha lá em casa... eu disse: *não arranjo não, sabe por que? Porque se eu quiser amanhã ou depois até fazer um livro...*

Ana Paula: Isso!

Francisca - A autoria é minha! Então como não ta registrado, qualquer um pode dizer que da autoria...

Ana Paula: Da autoria do outro.

Francisca - Né? Então eu não cedi, mas tem muita poesia feita. Dia das mães, dia do professor... fazia muita coisa assim.

Ana Paula: Então vamos fazer o seguinte: pelo levar das horas, a senhora também continua trabalhando... amanhã mais ou menos umas dez horas eu estou por aqui.

Francisca: Não não, mas eu nunca consigo chegar antes de dez e meia!

Ana Paula: Não, mas aí eu venho porque eu vou vendo outras pessoas... tirando outras fotos. Eu to hospedada lá no Catete...

Francisca: Ah, você vem do Rio pra cá!

Ana Paula: Eu venho do Rio pra cá... então realmente, quando eu chegar aqui vai ser essa hora!

Francisca: Você andou no Instituto de Educação do Rio?

Ana Paula: Não... não andei porque eu...

Francisca: Lá tem o Instituto de Educação do Rio, também já foi muito bom também. Não sei como é que ta agora...

Ana Paula: É... mas o meu objetivo da minha pesquisa...

Francisca: É Instituto de Educação...

Ana Paula: É porque esse aqui foi o primeiro da América Latina!

Francisca: É... esse é muito importante!

Ana Paula: Muito importante!

Francisca: Os alunos, antigamente a escola tinha uma aula com as professoras de... orientação. Isso era muito importante pra os alunos conhecerem a história também da escola, conhecerem tudo! Saber valorizar o que merecia tanto valor! E não deixar vim de qualquer jeito... comigo se eu tivesse aí até hoje... não entrava de qualquer jeito! As vezes elas vinham aqui em cima me chamar. *Chica, vamos lá embaixo!* Diziam assim pra mim as professoras: *não deixa elas te chamar de Chica não.* Eu: *deixo sim! Deixa elas me chamarem de Chica, elas me chamam de Chica com respeito!* Hoje todo mundo me chama de Chica, por causa delas mesmo. Todo mundo hoje... professor... todo mundo me chama de Chica. Ninguém chega aqui e: *ah, você viu Francisca?* Não. *Você viu Chica? Chica ta aí? To.* Teve uma vez até que me contaram... que não sei se são esses funcionários ou se são funcionários anteriores... deve ser anteriores! O pessoal chega no colégio, vem pegar um documento... até hoje! Vem pegar um documento... a primeira pessoa que eles perguntam assim: *e Chica?*

Ana Paula: Cadê dona Francisca...

Francisca: *E Chica? E Chica?* Aí disse que teve uma vez que falaram uma coisa assim: *engraçado... ninguém chega aqui perguntando por diretor... perguntando por professor... por funcionário da secretaria... só chegam aqui perguntando por Chica!* Eu falei: *eu não dava nada pra ninguém! O que eu dava era gratuito, o que eu tinha! Atenção, carinho, a dureza também... né?* Por isso! Elas guardam mais porque eu chamava atenção!

Ana Paula: Como era a disciplina aqui na escola? Já que a senhora era inspetora disciplinar... como era a disciplina na década de sessenta que a senhora entrou?

Francisca: Ah, era muito rígida, muito rigorosa. A gente tinha... não entrava sem uniforme de maneira alguma! Sem a caderneta... também não, tinha que ter a caderneta. Pra entregar a caderneta a gente tinha uma mesa enorme cheia de compartimentozinho assim pra botar as turmas de cada um botar nas suas turmas, a caderneta. Se misturasse na hora que eu tivesse botando em ordem... achava e passava pra outra turma. Tinha esse rigor, era... levava pra casa se tivesse recadinho pros pais... ia na caderneta. Se o aluno tivesse faltado... ia na caderneta. O pai via logo: faltou!

Ana Paula: Era só de menina?

Francisca: Era só de menina, a princípio. Depois... começou a entrar menino, mas antes disso teve um básico que os meninos ficaram aí só até o primeiro ano. Quando terminava o segundo ano eles tinham que sair pra outra escola. Aqui eles só podiam ficar até o primeiro ano. Muitos meninos que tentaram fazer o normal aqui na época, não conseguiam ficar porque ficava um menino no meio das meninas... da turma toda de menina! Acabava desistindo, mas depois... começou a ficar.

Ana Paula: Então não era exigência só menina... normalmente...

Francisca: Não, a princípio quando eu entrei, não tinha... foi isso... foi depois, muito depois... muito depois... muito depois mesmo que começou a se interessar menino pelo curso normal.

Ana Paula: Então a princípio era feminino mesmo... só tinha menina...

Francisca: Só tinha menina. Antigamente só tinha menina, depois... eu até gostaria muito que Áurea... eu vou ver se Áurea pode vim aí amanhã... porque Áurea é ex-aluna daqui, de antes da minha época de eu entrar aqui... quando eu entrei Áurea já estava aqui como professora, porque ela foi aluna daqui que se formou com nota... só nota alta e teve nomeação prêmio.

Ana Paula: Foi nomeada direto!

Francisca: Nomeação prêmio é porque...

Ana Paula: É por conta das notas dela...

Francisca: Só tinha nota... do princípio ao fim do curso... nota alta.

Ana Paula: Pronto, tá bom. Como é o nome de Áurea? É assim mesmo o nome... dona Áurea?

Francisca: Áurea... ai meu deus... num sei o que Vidal, mas eu tenho... tenho... mas pega no setor pessoal o nome dela. Áurea... num sei se é Áurea Lúcia... Áurea... acho que é Áurea Lúcia num sei o que Vidal. Mas pega no setor pessoal, pede pra confirmar o nome de Áurea.

Ana Paula: Certo, se a senhora puder trazer dona Áurea... eu lhe agradeço muito.

Francisca: Eu só não posso trazer...

Ana Paula: Eu não sei... algum problema de locomoção...

Francisca: Não, não! Ela mora aqui nessa rua atrás, aqui atrás! Ela ta aposentada já, tá?

Ana Paula: Certo...

Francisca: É muito minha amiga! Nós trabalhamos junto... ela tinha uma confiança em mim... *Chica, vê isso!* Eu fazia mais o serviço dela!

Ana Paula: E ela foi aluna daqui nessa época de sessenta...

Francisca: Foi. Essa época antes da minha entrada... é ela e Azurita. As duas que fizeram o normal aqui... que só tiveram nota alta do princípio ao fim do curso... tiveram nomeação prêmio, só elas duas. E essa menina que trabalha na UFF... Ana Luzia, vou te dar o nome dela todo.

Ana Paula: Jóia...

Francisca: Porque ela é maravilhosa! Trabalha na UFF ali na Icaraí. Gente boa! Foi ex-aluna daqui também, tem uma coisa comigo... é um doce de pessoa, ela. Pra elas eu nem sou Chica, sou Chiquinha!

Ana Paula: Ta bom dona Francisca, muito obrigada, viu?

Francisca: De nada!

Apêndice C - Entrevista realizada com a Normalista Hanriete Conceição Souza Alves

Transcrição da Entrevista de Hanriete Conceição Souza Alves



Fonte: A autora, (2014).

Ana Paula: Bom dia Hanriete! Meu nome é Ana Paula, sou pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco, hoje eu tenho a honra de estar aqui no Instituto Ismael Coutinho, a primeira Escola Normal da América Latina e consequentemente do Brasil. É uma honra muito grande de estar aqui conversando, conhecendo a escola... então Hanriete... sinta-se a vontade em todos os sentidos para comentar a escolha de ter vindo pra essa escola como professora... como aluna inicialmente e hoje como professora... então assim... quais foram os motivos pra escolher a profissão docente? A profissão de professor? Porque escolheu vim estudar aqui na primeira Escola Normal do Brasil?

Hanriete: É... eu acho que eu já nasci com esse desejo de ser professora. Primeiro ponto: É... eu sempre tive o desejo de ser professora, desde de sempre. Sendo que eu estudei aqui no fundamental e antigamente era o primeiro grau... é... fiz a sétima e a oitava série... mas minha mãe não queria que eu fosse professora. Minha mãe não tinha esse desejo...

Ana Paula: Ela não era professora...

Hanriete: Ela não era.

Ana Paula: Qual a formação dela?

Hanriete: Minha mãe estudou até o antigo adimensional.

Ana Paula: Aqui? Não?

Hanriete: Não, no Rio de Janeiro. É... ela dava muito valor a educação, ela achava que nós tínhamos que estudar, mas ela queria que eu fosse secretária. Então eu fiz aqui a sétima e a oitava... quando eu passei pro ensino médio ou o segundo grau, eu fiz a prova... porque aqui nós tínhamos a prova de admissão. Não fui aprovada nas primeiras classificações, mas como

eu já estudava na escola, eu tinha o direito a fazer uma segunda chamada. Ela não me deixou fazer e me fez estudar no Aurelino Leal. Lá eu fiz técnico de secretariado e contabilidade. Eu terminei o segundo grau aos dezessete anos, trabalhei durante um ano como secretária... como recepcionista... secretária depois. Aí quando eu fiz dezoito anos, perguntei pra minha mãe: agora eu posso fazer o que me deixa feliz? Porque o que é que acontecia... eu trabalhava nos escritórios e eu vinha todos os dias chorando... porque não era isso que eu queria! Aí no dia em que eu fiz dezoito anos eu fiz essa pergunta pra mamãe! Posso fazer o que me deixa feliz? Aí ela falou: agora você é maior de idade... se manda... então você pode fazer. No ano seguinte eu vim e vi os trâmites legais de como poderia entrar para fazer o pedagógico... e aí eu precisava só entrar no segundo ano. Vim, fiz todas as avaliações e aí me matriculei. Foi a felicidade da minha vida! Fiz o segundo ano devendo matérias do primeiro, que eram matérias relacionadas a educação... cumpri isso tudo e fiz estágios. Quando eu fiz estágio, eu entrei na escola Manoel de Abreu e me puseram numa turma de alfabetização... onde essa turma tinha uma professora que estava grávida de oito meses. Três dias depois de estágio a professora entrou de licença e eu precisei assumir essa turma de alfabetização. Em princípio eu fiquei louca, eu cheguei aqui na escola de manhã e: professora! Eu estou tendo que assumir uma turma de alfabetização... como é que eu faço? Sim! Porque caramba! Me deram a oportunidade mas também confiaram no que eu tinha... mesmo sendo somente três dias... mas eu mostrei alguma coisa de bom pra eles me ofertarem isso. Eu acredito que tenha sido uma oferta... né? E desde então eu nunca mais deixei a educação... fiz o meu curso pedagógico assim com muito afinco... muito feliz... muito gratificada por cada coisa que acontecia na minha vida naquele momento. E para minha sorte, um ano depois que eu estava formada, eu fiz... eu voltei pra cá pra fazer o curso adicional em educação infantil. E nesse ano que estava completando... terminando o curso... o quarto ano adicional, eu fiz o concurso pro estado e passei numa das primeiras colocações. Aí fui... trabalhei durante três anos num CIEP, que naquela época... naquele momento tava o fervor dos CIEPs.

Ana Paula: O que é CIEPs?

Hanriete: CIEPs são Centros Integrados de Educação Pública. Foi na época que o Brizola era governador e ele tinha esse pensamento da educação integral... onde os alunos ficavam de oito da manhã as cinco da tarde na escola. Eles tinham desde o café da manhã até o jantar... e não só atividades em sala de aula. Tinha uma gama enorme de coisas para se fazer na escola, era a coisa mais linda que eu já vi na educação! Onde as crianças tinham oportunidade de estudar, de se alimentar, de fazer exercícios físicos e de ter uma relação muito próxima dos colegas e do professor... dos professores. Se trabalhava numa única turma vários professores. Aí

passou-se esses três anos e eu me transferi pra cá pro IEPIC. Aí foi outra alegria, porque o meu desejo... o meu objetivo maior era vir trabalhar aqui. Aí eu vim no ano de... oitenta e quatro? Ou noventa e quatro? Noventa e quatro. Vim pra cá... chorei muito quando eu consegui vir pra cá! Aí foi uma felicidade muito grande, já estou aqui a vinte e um anos. Estou só esperando agora a idade pra me aposentar! Já trabalhei com tudo aqui na escola... já trabalhei desde a educação infantil a coordenação... passei por vários anos escolares... e agora como estão terminando com a educação infantil... terminaram educação infantil... estão terminando com primeiro ano fundamental, ano passado eu vim assumir uma turma de Autonomia...

Ana Paula: O que é uma turma de Autonomia?

Hanriete: Autonomia são turmas em que a gente trabalha do sexto ao nono ano... fundamental II... com alunos que estão com a defasagem muito grande idade/série. Eu tenho aqui alunos de quinze a dezoito anos que ainda estavam no sexto ano. Aí a gente está fazendo uma aceleração desses meninos... e se Deus quiser agora em dezembro de 2014 a gente está encerrando essa turma e ano que vem eles estarão no ensino médio... se Deus quiser.

Ana Paula: Então assim... a gente percebe que há um orgulho de ter sido normalista. Na época que você estudou ainda era?

Hanriete: Era normalista! Era...

Ana Paula: E como era a roupa...

Hanriete: Ahhh! Isso aí era a coisa mais linda do mundo! Aquela saíinha azul pregueada... e saia mesmo, não essas micro saias que as meninas usam hoje! A blusa branca com o botãozinho azul e a estrelinha correspondente ao seu ano do pedagógico. Sapatinho preto, meias brancas 3/4... e a gente ainda tinha aqui a tia Chica que era a coordenadora de turma que vigiava os nossos uniformes! E a gente ainda tinha outro uniforme, que era o uniforme do estágio... que era um jaleco rosa. Era um orgulho você sair daqui de dentro da escola... porque nós também fazíamos estágio fora, em outras escolas como eu falei antes... e já saímos daqui de jaleco rosa! Porque... era o maior orgulho em dizer que éramos normalistas e que éramos as professoras!

Ana Paula: E a família? Como é que viu tudo isso?

Hanriete: Aí depois que minha mãe viu minha felicidade e meu empenho... ela ficou super feliz. Depois dizia: ah, me arrependo de não ter deixado você fazer antes. Mas eu acho que tudo tem a sua hora certa e o seu momento de acontecer. E... assim... super feliz com tudo, principalmente a minha mãe porque... eu não morava com meu pai... e aí eu virei o orgulho da família! A primeira professora da família... agora temos outras... mas eu fui...

Ana Paula: Então houve essa representação pra família...

Hanriete: Sim. Mas eu fui a primeira... eu tenho esse orgulho. Mais esse orgulho de ter sido a primeira professora da família.

Ana Paula: E a sociedade? Como é que via vocês? A sociedade de Niterói...

Hanriete: Olha, eu tenho uma história bem peculiar... porque eu sou oriunda de uma das comunidades aqui de Niterói. Eu morava no morro do palácio, que é aqui no Ingá também. Então... eu fui a primeira professora a se formar da comunidade.

Ana Paula: E essa comunidade era uma comunidade carente? Ou era uma comunidade de classe média?

Hanriete: Carente. Completamente carente. Nós éramos carente de tudo... hoje em dia não. Hoje já é... eu ainda frequento lá, hoje em dia tem... as pessoas tem telefone, tem televisão a cabo... tem internet... mas naquela época nós não tínhamos nem luz. Nós pegávamos água no balde. Eu fui assim... até hoje eles dizem que tem muito orgulho de mim, porque eu fui uma das pessoas que abri portas pra as outras pessoas se espelharem no que eu fazia. Primeira professora, primeira a fazer faculdade morando na comunidade, primeira a se casar na igreja com tudo bonitinho... então até hoje eles falam, me chamam ainda de tia Anri. Tia Anri... volta a morar aqui! Você faz falta... Então eu acredito que eu tenha sido e continuo sendo modelo pra eles, porque depois disso muitas pessoas vieram a se formar... temos lá divulgados outros professores... e foi muito bom. Desculpa...

Ana Paula: E pra sociedade geral de Niterói... como é que a sociedade em geral aqui de Niterói via a escola? O Instituto... a escola normal.

Hanriete: Ah... com muito orgulho. Dizia-se que estudava no Instituto... que era normalista daqui... você tinha portas abertas em todos os lugares. Até mesmo na universidade.

Ana Paula: Mas aí mesmo assim precisava fazer o vestibular pra entrar...

Hanriete: Sim, sim. E era muito difícil! Muito mais difícil do que é hoje em dia. Mas a gente tinha abertura, nós éramos a única escola que tínhamos cursos dentro da universidade! Nós podíamos fazer cursos lá... tinham professores que abriam as portas.

Ana Paula: Então paralelo ao curso normal... a universidade... qual era a universidade?

Hanriete: Universidade Federal Fluminense... a UFF.

Ana Paula: A Universidade Federal Fluminense oferecia cursos para as alunas independentes de terem passado no vestibular ou não... essas alunas podiam fazer o curso lá?

Hanriete: É. Concomitante ao curso pedagógico... nós tínhamos atividades extra curriculares na UFF.

Ana Paula: Tu te lembra assim quais eram os cursos que ofereciam?

Hanriete: Ah... logo assim que começou-se a falar de Educação Especial, eu fiz algumas... participei de algumas palestras... de algumas oficinas lá... é... tinha um curso que era dado pela professora Olga...

Ana Paula: Olga o que?

Hanriete: Oliveira. Era... “a TV que você olha mas não vê”. Ela trazia alunas do curso de pedagogia que faziam disciplinas dela pra aqui pra dentro da escola até alguns anos atrás... pra colaborar com a comunidade escolar do IEPIC, trazendo isso. Por que? Porque nós tínhamos uma representatividade muito grande em toda essa comunidade de Niterói.

Ana Paula: Aí vem outra pergunta... e o mercado de trabalho? Vocês saiam... se formavam no pedagógico... e como era o mercado de trabalho pra vocês trabalharem?

Hanriete: Na minha época, muitas de nós já saíamos daqui da escola empregadas. Por que? Porque quem fazia curso pedagógico no IEPIC. Tinham uma grande abertura em todas as escolas particulares. Em todas não, mas em sua grande maioria. Principalmente Abel... São Vicente... que são essas escolas grandes...

Ana Paula: Tradicionais...

Hanriete: E tradicionais do município. Muitos professores também eram professores daqui e dessas escolas. Então já faziam esse intercâmbio levando essas alunas (nesse momento ainda alunas) para fazerem estágio nessa escola e depois quando nós nos formávamos já éramos chamadas para trabalhar nessas escolas.

Ana Paula: Na época a escola era mista ou só era do gênero feminino?

Hanriete: Somente feminino.

Ana Paula: Ela passou... tu se lembra assim... passou a ser mista a partir de que ano?

Hanriete: Olha... eu não posso te precisar, mas acredito que de uns quinze anos pra cá.

Ana Paula: Noventa...

Hanriete: Noventa e nove... dois mil. Acredito que tenha sido mais ou menos nessa época.

Ana Paula: Então todo esse tempo agora ela sempre foi do gênero feminino...

Hanriete: É. Anteriormente sempre no pedagógico.

Ana Paula: Existiam outros cursos aqui?

Hanriete: Aqui...existia o fundamental. Nós trabalhávamos com a educação... da educação infantil, o antigo jardim de infância, até a oitava série que hoje é o nono ano.

Ana Paula: E aí depois fazia o pedagógico?

Hanriete: As meninas faziam o pedagógico.

Ana Paula: E nesse primeiro grau né... vamos falar primeiro grau porque era o linguajar da época né... a estrutura da época... aí era só menino ou era menino e menina?

Hanriete: Meninos e meninas.

Ana Paula: Aí só quando partia para o pedagógico... aí ficava exclusivo para as meninas...

Hanriete: Para as meninas. Era verdade.

Ana Paula: Aí logo em seguida que você terminou de estudar, aí já passou no concurso...

Hanriete: Passei no concurso e já comecei a trabalhar no estado.

Ana Paula: E como foi consiliar a vida de estudante e consiliar a vida de casa? A vida de estudante... depois a vida de trabalho com a vida de casa...

Hanriete: Olha, era uma loucura... mas a gente concilia! É tudo uma questão de organização, então...

Ana Paula: Já naquela época... já assim que você se formou, na década de oitenta...

Hanriete: Sim... era... trabalhava o dia inteiro, chegava em casa e ajudava nas coisas pra fazer.

Ana Paula: Mas aí já trabalhava o dia inteiro, não só trabalhava as seis horas... um turno...

Hanriete: Não, não. Já trabalhava o dia inteiro. Nessa época logo assim que eu me formei, trabalhava no estado, trabalhava na escola pública do estado... e trabalhava em escola particular.

Ana Paula: Já era casada nessa época?

Hanriete: Não, não. Me casei alguns anos depois.

Ana Paula: Depois...

Hanriete: Sim.

Ana Paula: Então aí ainda dava pra conciliar né? Era solteira, não tinha tanto...

Hanriete: Tantas responsabilidades.

Ana Paula: E aí? Depois que casou... como é que ficou a questão?

Hanriete: Da mesma forma. Eu já tinha... eu casei aos vinte e seis anos...

Ana Paula: Ah...

Hanriete: Eu casei já...

Ana Paula: Já madura.

Hanriete: É, já. Já estava fazendo faculdade... então... mas sempre conciliando. Sempre conciliando.

Ana Paula: Aí vê, assim que você terminou o pedagógico... fez logo o vestibular?

Hanriete: Não. Eu levei... eu até fiz o vestibular mas eu não tive como continuar o curso universitário por questões familiares. Aí só com vinte e cinco anos que eu retornei pra faculdade.

Ana Paula: E fez... qual foi o curso que você fez?

Hanriete: Fiz Letras. Português e Literaturas. Aí foi quando nasceu... ao término do curso da graduação, eu fiquei grávida da minha filha mais velha... e quando eu tive o meu segundo filho é que eu fui fazer minha pós-graduação.

Ana Paula: Aí fizesse pós-graduação em que?

Hanriete: Fiz Psicopedagogia.

Ana Paula: Psicopedagogia. Aqui na...

Hanriete: Aí eu fiz a Psicopedagogia na Candido Mendes, uma universidade particular.

Ana Paula: E o curso de Letras?

Hanriete: Fiz na Plínio Leite, também na faculdade particular. Porque infelizmente, naquele momento ainda eram os cursos na UFF... UERJ... em horário integral. E como eu sempre precisei trabalhar, não dava pra conciliar. Então eu optei por fazer uma universidade particular porque tinha o curso noturno. Já dava pra organizar a vida.

Ana Paula: Ok minha amiga, muito obrigada viu? Amei!

Hanriete: Obrigada você! Desculpa mas eu sou sempre emotiva!

Ana Paula: Não não não! É como ele diz: não é que a gente ta ficando velho né... mas é a questão mesmo da gente... do que a gente faz por amor. As questões fluem na verdade...

Hanriete: Com certeza.

Ana Paula - E o que a gente faz por amor só nos trás o que? Emoção.

Hanriete: Isso.

Ana Paula - Né? O orgulho de ter estudado aqui na...

Hanriete: É. Eu tenho assim... um orgulho muito grande. Eu... esse ano depois de vinte... não... depois... é... depois de vinte anos trabalhando aqui o dia inteiro, esse ano a tarde eu trabalho em outra escola.

Ana Paula: Mas do Estado?

Hanriete: Do Estado também. Eu fui convidada para ir pra outra escola assumir uma outra turma de Autonomia. É muito difícil trabalhar com esses meninos... são geralmente meninos com problemas de drogas... tráfico e tudo mais. Então, eu fiquei assim... ai... eu vou ou não vou? Vou ou não vou? Vou ou não vou? Fui, to feliz lá... mas quando a diretora aqui falou: Ri, quando chegar o final do ano e você querendo voltar... você volta... eu falei: volto! Ai... eu gosto muito dessa escola.

Ana Paula: Vinte anos... não! Vinte e nove!

Hanriete: Vinte e um anos trabalhando aqui.

Ana Paula: É tempo viu?

Hanriete: Esse ano... em setembro... eu completo vinte e dois.

Ana Paula: Na escola! Fora...

Hanriete: Fora as outras escolas.

Ana Paula: Que já veio né...

Hanriete: Unrum.

Ana Paula: Aí vê só... como é que eu faço pra encontrar dona Francisca?

Hanriete - Chiquinha? Deixa eu ver se eu tenho o...

Ana Paula: Porque dona Francisca trabalhou aqui por muitos anos, né isso? Como você... você como aluna e ela já era...

Hanriete: Já era coordenadora de turno.

Ana Paula: Lá no nosso município chamava-se Bedeu.

Hanriete: Aqui é coordenadora...

Ana Paula: Coordenadora de turno. É... uma auxiliar na disciplina... fardamento... num é isso?

Hanriete: Isso!

Ana Paula: Colocar os alunos pra dentro da sala...

Hanriete: Foi a pessoa que eu comentei né...

Ana Paula: Quando eu vi eu disse: eita... Dona Chica... Ela tem uma representação muito forte aqui na Instituição...

Hanriete: Ela é o IEPIC... ela é o IEPIC. Ela só saiu na compulsória.

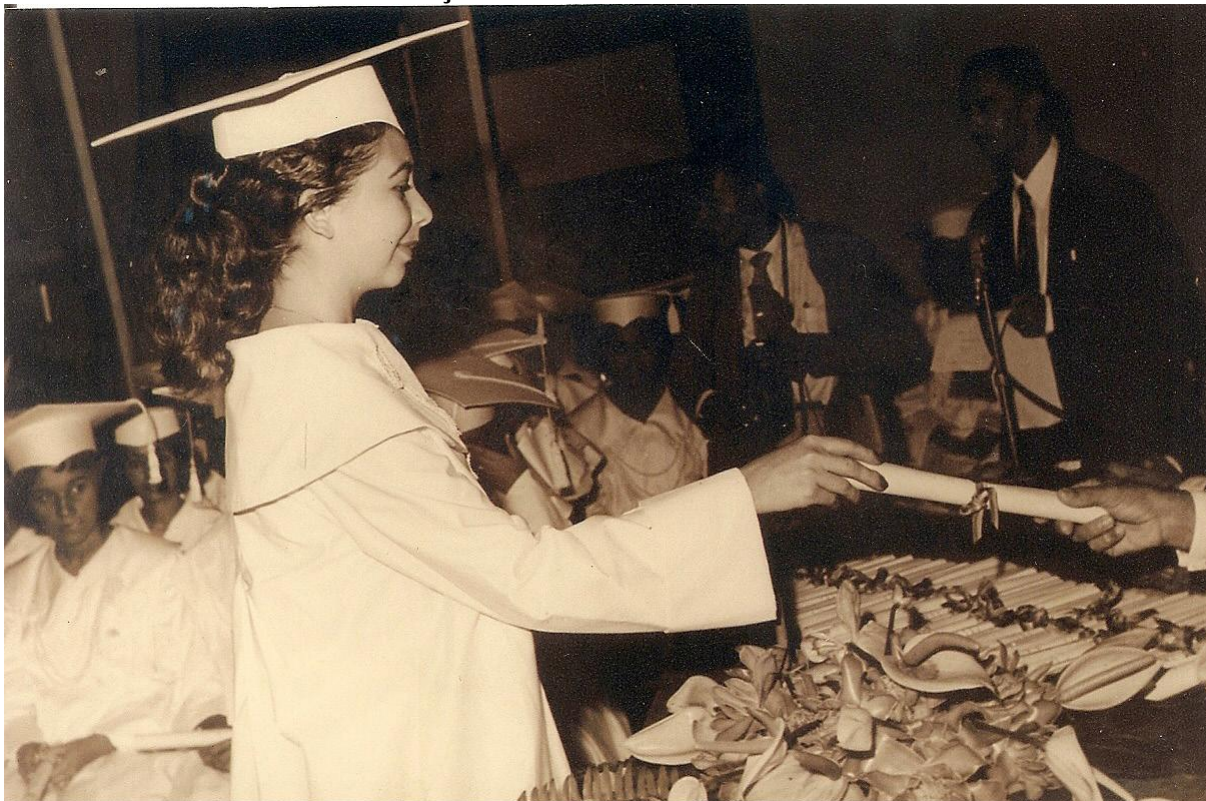
Ana Paula: Então ela hoje tem em torno... tem mais de setenta anos de idade...

Hanriete: Tem! Eu acho que ela oitenta... oitenta e dois... alguma coisa assim.

Ana Paula: Gente... tem... muito boa, viu?

Apêndice D - Entrevista realizada com a Normalista Iolete Barros de Araújo

Transcrição da entrevista de Iolete Barros



Fonte: Arquivo pessoal de Iolete Barros.

Ana Paula: Pronto Iolete, é tempo de lembrar!

Iolete: Vou puxar pela minha memória de quando nós chegávamos na escola, havia o roll de entrada, onde ficava a sala do Dr. Bastos Rabelo e o acesso para a Secretária que era Dona Yuda, morena, baixinha e tinha uma chefe de disciplina dona Luzia essa daí era durona mesmo, né então ela ficava ali pé perto da escada olhando todo mundo que entrava pra vê a farda porque a gente não podia entrar de farda diferente, tinha que ser tudo completinho nem o tênis a gente podia mudar era aquele sapatinho, né tipo boneca nem a cor se mudava. Teve uma ocasião que uma garota de nossa turma, ela teve um problema com o sapato dela e ela veio com um tipo de sapatinho, tênis baixinho, então Luzia viu, olhando, olhando entrou no bolo da turma pra passar, aí dona Luzia viu com o sapato diferente, aí chamou ela. Eleonora venha cá! Aí Eleonora subiu as escadas correndo porque a nossa sala era lá em cima do lado esquerdo, aí ela correu pra dentro da sala e de lá ela passou pra outra sala e as meninas ficaram trocando os sapatos com ela pra poder passar. Pronto até por conta disso, nós fomos suspensa, a turma toda foi suspensa, entendeu? Porque deu cobertura a menina, aí pronto aí ficou alguns dias aí. Pra você vê a disciplina né.

Ana Paula: O que havia de importante nos espaços físicos da escola?

Iolete: Havia o salão que era grande, era o auditório no qual a gente tinha aula de música com Fittipaldi, Maestro Fittipaldi. Era salão nobre e salão de música, e o auditório

Ana Paula: Existia mais algum evento nesse salão? Por ele ter sido um auditório existia algum tipo de apresentação?

Iolete: Rapaz eu não lembro que tinha apresentação por que eu gravei bem que a gente tinha aula de música nele, as aulas de música era no auditório.

Iolete: havia outro espaço que gostava muito, que era o pátio, a gente ficava sentada na hora do recreio, ficava conversando, fazendo qualquer coisa não era proibido não!

Ana Paula: O que era proibido fazer nesse pátio?

Iolete: Não podia fazer nada! Proibido era tudo né! Não podia fazer barulho, não podia cantar, não podia fumar, não podia fazer nada era só conversar, conversar conversas normais, corriqueiras!

Ana Paula: Quais são as recordações, as lembranças que lhe vem?

Iolete: A gente ia lá pra baixo pelo menos tinha umas salas embaixo, tinha umas amigas nossas que eram muito animadas que às vezes pulavam as janelas pra ficar no pátio, olhando para o Parque Treze de Maio namorando, isso ai tinha.

Ana Paula: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Iolete: A escola Normal, era um exemplo de organização né! tinha a diretoria, coordenação, funcionários preocupados com a ordem e o bem estar das alunas, com o ensino e o nosso preparo para a vida futura, tanto que o currículo escolar, constava de matéria bem diversificadas. Nos orientavam para leituras variadas. as pessoas de nossa época até hoje gostam de ler. O nosso corpo docente era constituído pelos melhores professores do estado. eram médicos, engenheiros, geógrafos, historiadores, filósofos e escritores.

Ana Paula: Qual a importância da Escola Normal na época?

Iolete: Era a principal escola pública do estado na época, o quadro docente era composto por professores de alto nível. O ensino era para todo o restante da nossa vida, tanto que vários anos após terminar os estudos na Escola Normal, resolvi fazer vestibular para o curso de secretariado executivo e passei na Universidade federal de Pernambuco, sem fazer curso preparatório para tal finalidade.

Ana Paula: Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal Oficial de Pernambuco?

Iolete: Por ser mais indicada para o Ensino Normal e por ser pública, uma vez que naquela época o ensino público era referência, quem estudava na rede pública era visto como excelente profissional.

Ana Paula: Como eram as vestimentas, as roupas?

Iolete: As roupas?

Ana Paula: Que vocês usavam? O fardamento?

Iolete: A farda era uma saia azul marinho prensada de tropical, prensadinha que de noite quando chegava em casa a gente botava debaixo de colchão pra não desmanchar as pregas, era uma blusa branca de mangueira curta, um laço aqui escuro também com o emblema da escola, a meia com aquele sapato tipo boneca, a farda era essa. Ai não podia andar fora disso porque se não Luzia botava a gente pra trás.

Ana Paula: Tinha caderneta pra carimbar a presença de vocês?

Iolete: Tinha e era o maior controle para que não fugíssemos, além disso todos os professores faziam chamada antes e ao final das aulas, todos eles!

Ana Paula: Correu muito nessa escada Ió?

Iolete: E então, subi muito na carreira, desci muito na carreira na hora de ir embora então.

Ana Paula: Como foi o seu ingresso na Escola Normal Oficial de Pernambuco?

Iolete: Através do chamado "Exame de admissão", realizado no Colégio do Atheneu Norte Riograndense, como meu pai foi transferido para Recife, a minha transferência também foi solicitada para a Escola Normal. O Atheneu era como a Escola Normal, só que em Natal- Rio grande do Norte. Foi uma alegria enorme, quando fui informada por Dr. Dárcio Rabello, diretor naquela época, que daquele dia em diante eu passava a fazer parte do corpo discente da Escola Normal de Pernambuco.

Ana Paula: Qual foi o ano que você começou estudar aqui?

Iolete: Eu comecei em 1954 e terminei em 1960, o Normal né?

Ana Paula: Quantos anos aqui?

Iolete: Quantos anos? Sete!

Ana Paula: Sete anos!

Iolete: É que eu fiz o ginásio e fiz o Normal, quando eu entrei tinha quatorze anos.

Iolete: Pera aí, também havia o pátio! Agora, tinha um muro, tinha a quadra de vôlei, vôlei, de "espinhão", não sei o que eles jogavam, eles jogavam não sei que chegava em casa imunda, a blusa só era um dia! Eu ficava o tempo todo jogando!

Ana Paula: Nesse pátio além das aulas de Educação Física vocês faziam outro tipo de atividade?

Iolete: Não, quando era hora do recreio a gente tudo ficava sentada embaixo das árvores conversando bobagem!

Ana Paula: Como eram as aulas de Educação Física?

Iolete: Ah, era uma beleza! Era, era mais jogos não é? Não fazia os exercícios normais, mas tinha os jogos tipo aquele barra bandeira, não sei o que eles faziam naquele tempo ocorria. Pronto, aí tinha professoras que eram duas irmãs Mana, Mana e Bau, Bado, Mana e Bado. Tinha outras duas irmãs, estou voltando a fita, Clory e outra pessoa e tinha uma que passou pouco tempo com a gente que depois ela foi pras Damas era Carmem, ela era técnica mais técnica não era muito professora era técnica de porque aquela época os jogos escolares eram muito acirrados. Então era a gente, Damas e Vera Cruz e a gente brigava mesmo nos jogos não é? Aí tinha atletismo, tinha voleibol, tinha basquete, tinha essas coisas assim, aí tinha os professores, tinha um médico que ficava numa sala na escola, aí ele fazia o exame pra poder a gente saber se a gente podia ou não fazer Educação Física e jogar né? Aí ele dava o atestado se a gente podia ou não podia fazer, como era o nome dele Ricardo não sei do que, sei que era Ricardo o nome dele na minha época, era um moreninho alto.

Ana Paula: Bonito?

Iolete: É era dava pro gasto!

Ana Paula: E como era a farda de Educação Física?

Iolete: Era, num era short era como se fosse uma sunga fofa de elástico na cintura, elástico na perna ficava aquele negócio fofinho, pronto tênis, a meia e a blusa o resto era normal. Somente o short que não era short.

Iolete: Perto do pátio, também havia umas duas salas de aula, mas era aula de arte, então tinha a professora dona Naíde, aí ela ensinava crochê, tricô, pintura em tecido, bordado aquele em é tamine, ponto de cruz tinha uma sala dela lá que tinha uma mesa bem grande que a gente fica em volta da mesa e ela lá ensinando a gente fazer as coisas.

Ana Paula: E qual era o objetivo dessa aula de arte, dessas atividades?

Iolete: Fazia parte do currículo antigamente em tudo que era colégio era um, essas prendas não seria prendas domésticas, mas eram artes e principalmente em colégio feminino, no colégio masculino não sei o que eles ensinavam, mas nos femininos todos os colégio tinha isso.

Ana Paula: E no final do ano?

Iolete: O que quer tem?

Ana Paula: Com esse material?

Iolete: Tinha, fazia uma exposição, tinha uma exposição, aí levava pra casa, dava, fazia o que quisesse, mas era da gente aquele material!

Ana Paula: O material era comprado?

Iolete: Comprado!

Ana Paula: Por vocês?

Iolete: Era, era comprado!

Ana Paula: Ela dava a relação e vocês compravam?

Iolete: É cada uma trazia seu material pra poder trabalhar né, pra fazer a aula e tinha nota é claro de prendas domésticas, arte. Dona Naíde, ela morava naquela Rua Matias de Albuquerque em frente ao naquela rua do Hospício onde tem aquele cinema parque, naquela rua ela morava na casa que tinha na segunda casa.

Iolete: Só sei lhe dizer que mudaram tudo, mudaram tudo é!

Ana Paula: É!

Iolete: O estudo era bem mais avançado né, então nós tínhamos professores que eram solidários vamos dizer assim porque veja bem Mauro Mota tá fazendo cem anos agora aqui ontem. Mauro Mota foi meu professor de Geografia, eu estudei com Mauro Mota, Salomão, Souza Leão, André Souza Leão, Reinaldo Oliveira, Valdemar de Oliveira, Valdemar Valente.

Ana Paula: Reinaldo Oliveira.

Iolete: Reinaldo este que tinha medo, tinha medo é.

Ana Paula: Que é ator também?

Iolete: É ator um dos fundadores do, do teatro aí e tinha José Lourenço, tinha Lucilo Ávila em latim e tinha Auto, Auto Nadler em francês, tinha Arnaldo em química, tinha José Brasileiro Vila Nova era de português, Moacir Albuquerque que dizer que a gente tinha aqueles, esses que até fez esse livros de geografia, história é Manuel Correia e outro, eram os dois. Esse pessoal todo eram os professores que o Estado tinha né? Então, quando eles entravam na sala isso aí já era, aí quando eles chagavam a gente se levantava! Eles davam aula de paletó e gravata ou então de gravata e manga comprida e um jaleco. Hoje em dia a turma vai da aula de bermuda e camiseta e sapatinho tênis quer dizer isso nem impõem respeito pra criançada de hoje porque a criançada de hoje em dia não tem limite! A criançada de hoje, o jovem de hoje faz o que quer e entende quer dizer se o professor quer ser mais jovem então não tem moral pra essa turma por isso que a gente vê tanto problema nas escolas porque não tem orientação em casa, não tem orientação nas escolas. Então é isso que a gente tá vendo, no rádio, na televisão, no jornal essas aberrações porque não tem. Quer dizer o professor entrava a gente se levantava e só se sentava quando ele mandava! Mas não era por que a gente tinha medo deles não era respeito que a gente tinha!

Ana Paula: Como devia se comportar uma moça na época que você estudou?

Iolete: Na nossa época a educação doméstica era completamente diferente do que assistimos hoje em dia, havia o respeito para com o próximo, as moças só andavam acompanhadas por

pais ou responsáveis. Atualmente a maioria dos pais mandam os filhos para os colégios e querem que a escola forneça a educação que eles por falta de tempo. As moças usavam saias abaixo dos joelhos e blusas compostas.

Ana Paula: Como era a disciplina na Escola Normal?

Iolete: A disciplina na Escola Normal era rígida. a começar pelo uso da farda, só podíamos entrar para assistir aulas com o uniforme completo. quando professor chegava para dar aula, toda a turma se levantava em sinal de respeito ao mestre. A chamada de presença era efetuada em todas as aulas.

Ana Paula: Tinha disciplina!

Iolete: Tinha disciplina é claro! Eu já fazia o Normal à noite, porque à noite eu inventei de trabalhar durante o dia, papai ficou por conta! Eu fui trabalhar a tarde e passei a estudar a noite e nós tínhamos um professor Puericultura.

Ana Paula: Puericultura.

Iolete: Puericultura que cuida de criança, aí esse professor era Dr. Armando Meira Lins era um médico famoso dessa família Meira Lins que hoje em dia ainda existe, graças a Deus! Pois bem e quando foi um dia ele chegou pra dá aula nós estávamos na maior bagunça, à noite a gente já tinha mais idade, mas tava tudo numa maior bagunça, aí ele entrou quando ele entrou ninguém. Boa noite! O pessoal nas janelas tava aí pra lanchonete aquele negócio aí ele falou boa noite duas vezes, duas vezes nós ficamos meio assim ele não teve dúvida pegou a cadernetinha porque ele fazia a chamada diariamente e tinha outra coisa e tinha também umas perguntas surpresas ele dava aula e na aula seguinte ou então no final da aula ele fazia perguntas que era pra nota, entendeu? Sobre a matéria que foi dada, hoje em dia não que o professor pega a matéria puxa no computador e entrega não tem nem o deslante de passar a mão, a limpo na letra cursiva inclusive querem acabar o com a letra cursiva agora também! Aí já escreve mal e vai piorar mais ainda, pois bem! Ai ele não teve dúvida botou a cadernetinha debaixo do braço deu meia volta volver e foi pra secretaria aí quando chegou lá devolveu aí professor o senhor não vai da aula não? Não porque as meninas lá tão numa bagunça maior do mundo aí a pessoa chegou devia tá com alguns problemas dele não sei, aí a pessoa disse não é possível, não acredito! Aí foi o que aconteceu ele achou que a pessoa, quando ele falou com outra pessoa mais influente aí vice-diretor não sei quem foi na época, aí a pessoa disse não acredito umas moças fazerem um negócio desses, Doutor! Aí ele foi embora pra casa e não veio mais, só vinha quando agente tivesse uma suspensão, tivesse alguma coisa porque em função de nossa turma ele foi chamado de mentiroso. Porque quando a pessoa disse não acredito quer dizer que tava chamando ele de mentiroso.

Ana Paula: Ah, entendi!

Iolete: Entendeu?

Ana Paula: Se sentiu ofendido!

Iolete: Se sentiu claro né, aí aquela confusão e a gente uma semana, quinze dias sem aula dele, aí nós reunimos uma turma, nós fizemos uma comissão e fomos a casa dele. Ele morava na Av. Boa Viagem, onde hoje têm dois prédios enormes, e ali no terceiro jardim. Aí quando a gente foi lá falar com ele à noite, a noite era o horário que ele tava em casa. Aí pronto ele não eu vou pensar, não sei o que, realmente, não nós estamos sendo assim é porque, mas a culpa não foi nossa porque a pessoa foi que não acreditou no senhor porque se a pessoa, nós jogamos a culpa na outra pessoa, claro né. Se a pessoa tivesse acreditado no senhor né? Então tinha ido lá brigava com a gente fazia alguma coisa, mas não foi isso, né! Aí pronto nós ficamos sem aula prejudicando a carga horária essas coisas todas né! Aí tá vou pensar no caso de vocês! Aí quando foi na outra semana aí ele voltou dar aula pra gente!

Ana Paula: A disciplina na sala de aula Ió?

Iolete: Nem precisava que quando, só teve a rebelião foi essa porque quando o professor chegava era todo mundo quieto prestando atenção, né!

Ana Paula: Sem conversar?

Iolete: Não, uma vez ou outra dava uma conversadinha assim alguma coisa, coisa e tal, uma prova qualquer coisa, mas não tinha esses negócios dessas bagunças não! É não tinha na nossa turma era bem classificada de pessoas mais simples até pessoas chiques. Tinha uma menina ela é filha do dono da Usina Massauassu, a usina que tinha aqui inclusive ela foi vendida, ultimamente ela foi vendida e pertence a outro grupo não é mais da família dela, mas ela estudava com a gente, o carro vinha buscá-la, vinha trazê-la tudinho, motorista e tudo pra você ver! Aquela menina que foi miss de Pernambuco é Zayra Pimentel. Zayra era da turma a gente no ginásio aquela turminha que estudava no primeiro andar! Tinha um bocado de gente assim mais ou menos, mas era bem diversificada a turma da gente!

Ana Paula: Como era a postura, o corpo de vocês aqui na escola, como era esse respeito, esse comportamento do corpo de vocês aqui na escola?

Iolete: Do corpo como?

Ana Paula: O corpo, a forma?

Iolete: Corpo físico?

Ana Paula: O corpo físico, a forma de se comportar, a forma de vestir, a forma de andar?

Iolete: A forma de se vestir era aquela farda né! A famosa farda não podia ser, não era curta, era abaixo dos joelhos né, mas tinha colega nossa que quando saía enrolava na cintura pra a

saia ficar mais curtinha, mas era abaixo do joelho né! Então a gente andava normalmente não tinha outra coisa, não se dizia palavrão hoje em dia cinco palavras, seis são palavrões né, na época da gente não tinha isso! E primeiro a criança era outra ninguém foi criada para dizer palavrões no meio da rua e tem o respeito né pelos professores e pelos outros colegas né! Conversava normalmente né contava as novidades, as fofocas da época, mas tudo tranquilo, sentado lá nas suas cadeiras sem botar as pernas em outro ou nas cadeiras nem em coisa nenhuma não, graças a Deus nós estudamos no período que se dava valor ao estudo, as amizades aos colegas, não tinha briga!

Ana Paula: Vocês cruzavam as pernas, as pernas sempre juntinhas?

Iolete: Não, às vezes a gente cruzava as pernas, mas sentava normalmente sem fazer escândalo, ninguém saía mostrando coxa, nem coisa nenhuma não, era tudo dentro dos conformes, era tudo tranquilo!

Iolete: Tinha também a questão de pular pro Parque Treze de Maio, a turma que queria pular, pulava pro outro lado.

Ana Paula: E quando pulava o que quer acontecia nesse retorno desse pulo?

Iolete: Não, a turma quando pulava não voltava não, porque não tinha conferencia de voltar né, geralmente pulava quando tava na última aula, antes da última aula assim, aí porque queriam passear, às vezes ia pro cinema uma vez ou outra, mas aí trazia uma blusa porque não podia entrar no cinema com a farda porque entregavam mesmo né, não é como hoje em dia que vai caminhar na praia de manhã cedo tá alunos tudo com a farda do colégio já de manhã cedo, sete horas da manhã tomando cerveja na beira da praia é isso que a gente vê.

Iolete: E outras coisitas mais! Mas naquela época não tinha isso né! É assim mesmo!

Iolete: Pois é!

Ana Paula: Pra você o que era ser Normalista nessa época?

Iolete: Ah, pra gente entrar aqui era difícil, o exame pra entrar, o exame de admissão, era bem puxado e pra gente era uma glória desfilar na cidade com a roupinha de Normalista, aí os meninos do colégio tudinho vinham nos ver. Agora tinha isso aí fugiu né, fugia não, mas sempre gostei muito dessas bandas de músicas escolares, e quando começava a ensaiar pro sete de setembro, aí quando a gente saía daqui a gente saía nas carreiras porque as melhores bandas era a daqui do CEPE, do masculino.

Ana Paula: Ginásio Pernambucano?

Iolete: Heim?

Ana Paula: Ginásio Pernambucano?

Iolete: É, é que antigamente ser não era ginásio era colégio, Colégio Estadual de Pernambuco!

Ana Paula: Colégio Estadual de Pernambuco!

Iolete: Era o CEPE que era o masculino, então a gente saía daqui e ia ver o ensaio dos meninos naquele pátio lateral não sei se tem ainda ou então daqui a gente ia pro Marista, a do Marista era maravilhosa a banda do Marista ensaiavam inclusive na rua aí a gente saía acompanhado, chegava em casa mais tarde da noite, no começo da noite não sei o que, que papai fica por conta! Ah tava vendo a bandas dos meninos!

Ana Paula: Não entrava menino nenhum?

Iolete: Não, aqui era o feminino não entrava não!

Ana Paula: Homem só os professores?

Iolete: Era ou então quando! Viu, era uma coisa que a gente fazia muito, a gente fazia turma pra ver a banda dos meninos pra acompanhar, sempre fazia! Tem ensaio de tal banda a gente ia embora era as melhores bandas que a gente tinha hoje não existe mais isso!

Ana Paula: E o desfile de sete de setembro?

Iolete: O desfile era muito bom, muito bom, muito bom ele inclusive não era no dia dos soldados, a dos soldados era no dia sete e a nossa era no dia cinco e a gente se reunia na Rua da Aurora era ali ficava todo mundo formado ali pra os desfiles!

Ana Paula: Todas participavam?

Iolete: Não, não era obrigado não, tinha uma quantidade "x" normalmente eram dois, três pelotões no máximo que desfilava e a turma da noite não desfilava, só a turma, a turma da...

Ana Paula: Do dia.

Iolete: ... do dia né? Ah é! E no dia treze de maio era nossa páscoa então a gente ensaiava aqui a páscoa a gente saía daqui tudo em grupo né, tudo formalizado direitinho que a páscoa era dada na Igreja do Nóbrega, na capela do Nóbrega, aí a gente ia pra lá e lá tinha a páscoa à gente vinha e depois a gente voltava porque aí tinha o lanche! Aí o lanche era cada sala fazia o seu lanche né, com bolo confeitado e tudo, se trocava santinhos, trocava santinhos na época da páscoa essas coisas todas, pronto!

Ana Paula: Então era dispendioso estudar aqui?

Iolete: Não, não era não era bem mais em conta do que esses colégios de hoje, não era! Qual a despesa que a gente tinha? Tinha o estudo, o ensino era excelente, maravilhoso e de graça, nós só pagávamos o material escolar e o fardamento

Ana Paula: Vocês só pagavam o material escolar e os materiais da farda?

Iolete: O fardamento.

Ana Paula: Sim e o dá arte culinária, né?

Iolete: Era, não era arte culinária era arte essa arte doméstica, era bordado, artes manuais essas coisas, arte culinária a gente tinha não!

Ana Paula: E nesse lanche vocês também...

Iolete: O lanche das salas!

Ana Paula: Vocês traziam?

Iolete: Era trazia era o que cachorro-quente, um bolinho, um refrigerante e pronto não era essas coisas assim tinha um bolinho, isso que era o café da gente porque antigamente a gente ia comungar e não se comia nada era todo mundo em jejum né, só quando terminava a missão lá pras dez, dez e meia tava todo mundo azul de fome, aí tinha que alguma coisinha né, mas a gente fazia. Não era dispendioso estudar aqui eu mesmo eu mesmo não achava não!

Ana Paula: Quando vocês iam pra Nóbrega vocês iam em fila?

Iolete: Não, não ia em fila ia naqueles grupo, aí botava primeiro A, primeiro B, não sei o que reunia aquela turma e ia aquela turma né.

Ana Paula: Andando?

Iolete: É a gente ia andando né, agora ia professores, o pessoal da secretaria o pessoal tomava conta da gente ia todo mundo né, aí a gente ia.

Ana Paula: Conversando entre as classes?

Iolete: Conversando claro, conversado tudo tranquilo até lá quando chegava lá sentava, sentava lá na igreja que a igreja lá é enorme né por sinal foi à primeira igreja construída no mundo em função de Nossa Senhora de Fátima depois da aparição dela, foi à primeira, a mais antiga do mundo é a nossa né e não dão o devido valor, não fazem propaganda em quanto em outros locais, o que mais têm é o turismo religioso coisa que infelizmente no Brasil não se explora e muito menos em Pernambuco porque o nosso acervo religioso é riquíssimo se brincar, se brincar não é mais do que o de Minas porque o de Minas têm muita igrejas, muita igreja bonita com ouro e nós temos também, mas nós temos as primeiras igrejas que vieram pra cá, tem essa do Nóbrega a primeira igreja do Brasil é nossa, a segunda do Brasil é nossa lá em Paulista só que está em ruínas. Então nós temos a primeira igreja de, dos Carmelitas, dos Franciscanos tudinho isso nós temos, mas ninguém mais faz propaganda disso se a gente quiser fazer um turismo religioso.

Iolete: O que você quer mais saber?

Ana Paula: Como devia se comportar uma moça na época que você estudou?

Iolete: Na nossa época a educação doméstica era completamente diferente do que assistimos hoje em dia, havia o respeito para com o próximo, as moças só andavam acompanhadas por

pais ou responsáveis. Atualmente a maioria dos pais mandam os filhos para os colégios e querem que a escola forneça a educação que eles por falta de tempo. As moças usavam saias abaixo dos joelhos e blusas compostas.

Ana Paula: Tranquilo! Muito obrigada!

Iolete: De nada precisando disponha se eu me lembrar de mais alguma coisa, eu escrevo.

Apêndice E - Entrevista realizada com a Normalista Maria Lindete Oliveira

Transcrição da entrevista de Maria Lindete

Ana Paula: Pronto, é tempo de lembrar!

Ana Paula: Como era ser Normalista Dona Lindete? Por que a senhora escolheu a Escola Normal Oficial de Pernambuco?

Dona Lindete: Primeiro porque naquela época gente pobre só ia para a Escola Normal e gente que queria estudar. Eu não era muito estudiosa não, mas eu me esforcei pra conseguir sempre aprovação.

Ana Paula: Certo. Mas ai assim, a escolha foi do seu pai, da sua mãe...

Dona Lindete: A escolha foi minha, a escolha foi minha. Porque naquela época tinha a Escola Normal e a Pinto Júnior. A Pinto Júnior era paga, então eu, meu pai não tinha condições de pagar o colégio. Então, eu mesma escolhi uma escola pública pra estudar e graças a Deus me dei muito bem, porque fui muito bem. Tive os melhores professores de português, de geografia, de história, só matemática que eu quebrava a cabeça, eu quebrava muito a cabeça, mas consegui vence-la com muito esforço.

Ana Paula: Ai como era? Em que ano a senhora estudou? De que ano a que ano lá na Oficial de Pernambuco?

Dona Lindete: De cinquenta à cinquenta e três.

Ana Paula: Ai fez todo o normal?

Dona Lindete: Fiz, terminei o ginásial e terminei o clássico.

Ana Paula: Era clássico, que são os três anos, né?

Dona Lindete: Três anos depois do ginásial

Ana Paula: Uhum. Que aí dá direito a ser professora.

Dona Lindete: Não. Esse curso de clássico, naquela época, tinha o curso clássico que fazia literatura, línguas latinas e direito. E tinha o científico, que era direcionado para, medicina, engenharia, matemática e outras coisas assim, ligada mais a ciência, as ciências, outras ciências que não sejam as ciências de linguística, não é?

Ana Paula: Uhum. As ciências humanas.

Dona Lindete: Era mais ligado a ciências humanas.

Ana Paula: Ai como era ser normalista? Como era a farda, o professor?

Dona Lindete: Ser normalista pra mim era um orgulho. A farda azul e branca, sapato preto, meia branca, um lacinho aqui e um emblema assim... tinha: IEN, depois ficou IEP - Instituto

de Educação de Pernambuco. Manga aqui, e nos trinques mesmo, que eu creio que naquela época toda normalista tinha orgulho naquela farda.

Ana Paula: Como era o comportamento? Tanto dentro da escola como fora...

Dona Lindete: Aaah, era conduta rígida. Tinha o nosso diretor, graças a Deus foi professor Dárcio Rabello, ele era diretor e era professor de geografia geral. Muito rígido na educação, no comportamento, dentro e fora do colégio. Nós não podíamos usar cabelinho enroladinho, brinco espalhafatoso, tinha que ser tudo bem comportado.

Ana Paula: Discreto?

Dona Lindete: Delicado... Muito disciplina, muita disciplina.

Ana Paula: A senhora se lembra o nome da pessoa que tomava conta da disciplina?

Dona Lindete: Dona Berta! Dona Berta. Eu me lembro como se fosse hoje. Porque o professor de matemática era meio hilário e dizia assim: *Quando se abre a porta berta, quando Berta entra...risos...*

Ana Paula: Como era o nome desse professor?

Dona Lindete: É Carneiro Leão, professor de matemática.

Ana Paula: A senhora se lembra o nome dos outros professores?

Dona Lindete: Me lembro. Professor Mauro Mota, que era diretor do Diário de Pernambuco e também era professor de geografia do Brasil. Professor Zé Lourenço, que era professor de latim. Professor Zé Brasileiro, que era professor de português.

Ana Paula: De Educação Física?

Dona Lindete: Educação física era Carmem. Eu não me lembro o sobrenome dela, só Carmem, era uma loura. Naquela época, a gente corria, jogava bola, voleibol, basquete, era mais... era mais simples, porque hoje ta muito evoluído, né?

Ana Paula: Uhum.

Dona Lindete: A Educação Física em colégio.

Ana Paula: Ai a senhora passou esses três anos lá no...

Dona Lindete: Estudei o curso clássico todo lá e o ginásial também. Terminei o ginásial lá e o clássico também lá. Tudo que eu sei de português hoje, de Machado de Assis que eu amo, é graças a Escola Normal e Instituto de Educação de Pernambuco, de saudosíssima memória.

Ana Paula: Ta vendo? Não tinha um professor também de música não era?

Dona Lindete: Tinha esse professor, era Bacopebas.

Ana Paula: A senhora já foi da época de Bacopebas...

Dona Lindete: É.

Ana Paula: Que vocês tinha canto orfeônico...

Dona Lindete: Canto orfeônico, hoje é coral, naquela época era canto orfeônico.

Ana Paula: Português, quem era?

Dona Lindete: Zé Brasileiro.

Ana Paula: Português, matemática a senhora disse.

Dona Lindete: Carneiro Leão.

Ana Paula: Carneiro Leão. História... Tinha história?

Dona Lindete: Tinha história, e história era Potiguar Matos. Professor Potiguar Matos, se eu não me engano, ele é filho de Pesqueira. Tinha uma linguagem bonita, pronuncia bonita, Potiguar Matos.

Ana Paula: Geografia era professora Dárcio Rabello, num é?

Dona Lindete: Geografia geral. E geografia do Brasil era professor Mário Mota.

Ana Paula: Ciências?

Dona Lindete: Ciências era Ivan Alecrim e biologia era professor Valdemar Valente.

Ana Paula: Ai depois que a senhora estudou esses três anos na Escola Normal, que hoje é a Câmara.

Dona Lindete: É, isso mesmo.

Ana Paula: Né isso?

Dona Lindete: Infelizmente.

Ana Paula: Perder um espaço daquele, né?

Dona Lindete: era linda aquela escola, muito bonita.

Ana Paula: A senhora sabe que ainda tem as escadarias? Eu fui lá. Ainda tem a escada...

Dona Lindete: Conservaram tudo.

Dona Lindete: É... tinha a biblioteca, a biblioteca tinha aqueles espaços, a sala de aula era grande, tinha uma sala de história natural, química, eu estudei com o professor Figueiredo, química, nós estudamos química com Figueiredo e física com Arnaldo Carneiro Leão, física.

Ana Paula: Ai depois que a senhora passou lá pela Escola Normal...

Dona Lindete: Foi o vestibular. Terminamos o curso clássico e eu fiz o vestibular. E fui pra Faculdade de Filosofia do Recife, aqui na rua da Soledade, Nunes Machado, número quarenta e dois, que ainda, que eu acho que ainda tem alguma coisa ai, né?

Ana Paula: Ai a senhora fez que curso lá?

Dona Lindete: Curso era o bacharelado em história natural e licenciatura também.

Ana Paula: Ai a senhora fez dois cursos?

Dona Lindete: É, porque tem o bacharel que tem o grau e tem a licenciatura que dá direito a você lecionar, aí eu tenho direito a lecionar e a pesquisar. Eu fui também pesquisadora e professora.

Ana Paula: Ai daí a senhora foi pro Pinto Júnior como professora...

Dona Lindete: Não. Quando eu terminei o curso, já no curso de licenciatura que era a noite, então o professor Valdemar Valente, que foi meu professor de biologia, ele tava doente e me chamou pra ficar dois dias de licença dele ensinando biologia educacional na Pinto Júnior, curso de formação dos professoras. Ai eu passei dois anos ensinando biologia educacional nesse curso enquanto ele se recuperava.

Dona Lindete: Foi em cinquenta e sete e cinquenta e oito.

Ana Paula: Então assim, muito prestígio, né? Um professor já catedrático, né? A senhora não sente esse orgulho não? Porque um professor catedrático lhe convidar.

Dona Lindete: Minha filha, eu me sinto tão feliz, que todo dia eu rezo! Todo dia eu dou graças a Deus ter tido professores maravilhosos, que todo mundo assim, na minha idade, quando eu disse assim: Vou pra meu face! E a senhora usa computação? Digo: Uso, por que não? Aí, eu não aprendi, eu não tenho capacidade de aprender, eu não aprendo nada! Eu tenho um professor de computação na minha casa, tenho professor de português na minha casa, eu fico lendo Machado de Assis, olhando... Eu fico, meu Deus do céu, eu to me lembrando, o Primo Basílio, hoje eu vou ler alguma coisa sobre ele, ai vou... fico olhando assim...Eça de Queiroz, eu tava lendo, vendo Os Maias. O Primo Basílio, Eça de Queiroz, Os Maias, de quem é? É também de Eça de Queiroz. Machado de Assis, quem é? Ai eu vou ver quem é Helena... eu acho que é... Depois eu vejo assim, Senhora, eu acho que... eu fico olhando assim, depois eu pego a coleção todinha e vou ler, vou vendo, porque a memória de oitenta e dois anos não é a memória de quarenta, cinquenta.

Ana Paula: Mas a senhora, né? Muito... ai é muito orgulho um professor...

Dona Lindete: É. A Mão e Luva, meu Deus de quem é? Ai eu fico olhando. As vezes eu vou na médica, diz assim: Oh, Dona Lindete, a senhora diz alguma coisa de Machado de Assis? Ai eu digo assim: Leia Dom Casmurro, que eu ainda não sei se Dom Casmurro foi corno.

Ana Paula: Ai assim, é muita intelectualidade, é preciso ser uma aluna muito aplicada pra um professor catedrático chamar a pessoa pra ela o substituir.

Dona Lindete: Mas também eu tinha, eu fazia muita amizade, eu gosto de fazer muita amizade, entendeu?

Ana Paula: Ai como era ser professora no Pinto Júnior? Olha, foi uma experiência tão interessante, que eu ainda hoje me lembro. Eu não tinha sapato, ai uma parenta minha disse

assim: No primeiro mês você tem que ir nos trinquês pra se apresentar. Ai eu lá, ia eu de sapato alto, mas consegui, passei dois anos, fiz muita amizade com muitas alunas, entendeu? E me dei muito bem, e também eu por intermédio do professor Mauro Mota que era amigo de Valdemar Valente, muito, eles eram muito amigos, Valdemar Valente ia também tirar férias do Ginásio Pernambucano, ai ele disse: Por que você não chama Lindete pra ficar no seu lugar? Ai ele me chamou e eu fiquei uma temporada no Ginásio Pernambucano depois continuei.

Ana Paula: Como era a postura do professor no Pinto Júnior?

Dona Lindete: Maravilhosa. Os professores eram respeitados, os alunos quando a gente entrava se levantava, a gente se benzia, rezava e também na Escola Normal, também que muito mais rigoroso. Eu amava a disciplina, eu tenho saudade, de os alunos de hoje e de ontem. Hoje os alunos não querem usar farda, eu achava maravilhoso usar farda, eu tinha, meu pai dizia: Parece um Marechal, com aquelas fitinhas

Ana Paula: As tirinhas de lado, né? As fitinhas...

Dona Lindete: As fitinhas que tinha.

Ana Paula: Quem era primeiro ano era uma fita só

Dona Lindete: Era uma fita, dois eram... E quando foi no último ano eram as três

Ana Paula: As três... Ai a senhora como professora, quem era os seus companheiros lá? E professores? A senhora se lembra quem era os professores de lá da Pinto Júnior que ensinaram junto com a senhora...

Dona Lindete: Nelson Saldanha.

Ana Paula: Era professor de quê?

Dona Lindete: Filosofia. Ei me lembro muito desse... Realmente, eu me lembro muito dele, porque conversava comigo. Tinha também um professor de cabeça branca, que era doutor Mota, eu não me lembro muito bem dele. E tinha também o diretor que era doutor Heitor, cabelinho bem branco, Heitor, eu não me lembro o sobrenome dele, era o diretor da Pinto Júnior. Tinha disciplina as moças, as meninas, as moças usavam farda amarela, a saia amarela preguiada, a blusa branca, sapato preto e meia branca.

Ana Paula: E uma gravata.

Dona Lindete: E uma gravata com os anos, com a classificação do anos.

Ana Paula: já no IEP a classificação dos anos...

Dona Lindete: Era na manga. Nas duas mangas.

Ana Paula: E a das meninas da Pinto Júnior a classificação.

Dona Lindete: Era na gravata.

Ana Paula: Na gravata. Como era o comportamento dessas...

Dona Lindete: E era manga comprida.

Ana Paula: Onde? No Pinto Júnior?

Dona Lindete: No Pinto Júnior.

Ana Paula: Manga comprida?

Dona Lindete: Manga comprida. Quantos anos faz isso? Mais de sessenta anos ou mais?

Ana Paula: É, sessenta anos.

Dona Lindete: Sessenta anos.

Ana Paula: Sessenta anos, entorno de sessenta anos. Muito tempo. Ai, assim, como era o comportamento dessa alunas? Como era a atividade delas dentro da escola, no nível de estudo... Uma vez que essa escola era mista de dinheiro, né? É uma parte...

Dona Lindete: Não.

Ana Paula: Era uma sociedade...

Dona Lindete: Tinham meninas que eram muito interessadas, mas tinha as outras também que não eram, né? Que só iam mais pra poder ver se terminava o curso pra satisfazer a mãe, o pai, a família, ter uma formatura, porque lá só era formação de professoras, lá... na Pinto Júnior. Tanto que na Escola Normal era formação de professoras, é... o clássico e o científico.

Ana Paula: Ai nessa formação de professora, a senhora era também professora de lá né? Do Pinto Júnior.

Dona Lindete: Mas eu já era formada.

Ana Paula: Já era formada. Ai eu pergunto assim: Quem era que pagava, porque se ela era mista, era de uma sociedade propagadora, ai que era que pagava o salário de vocês lá na Pinto Júnior?

Dona Lindete: Eu não sei, eu sei que eu recebia todo mês. Agora, quem pagava eu não sei.

Ana Paula: Mas recebia direitinho?

Dona Lindete: Recebia.

Ana Paula: Todos os professores da Pinto Júnior?

Dona Lindete: Eu creio que sim.

Ana Paula: Eram formados?

Dona Lindete: Eram formados, eram formados. Eram formados em direito, filosofia, engenheiro.

Ana Paula: Tinha... além da senhora tinha outra professora?

Dona Lindete: Não, eu não me recordo não. Não me recordo não. Eu creio que não tinha não. Tinha...

Ana Paula: Então, em sua maioria era professores?

Dona Lindete: Poderia ter professor... professora nos dias que eu não ia, porque eu não ia todo dia. Eu ia, parece, que três vezes na semana, não tenho certeza que era segunda, quarta e sexta, eu ia três vezes. Agora, tinha o curso da manhã e tinha o curso da tarde, não tenho conhecimento.

Ana Paula: A senhora já ensinava a noite?

Dona Lindete: A tarde.

Ana Paula: A tarde. Mas naquela época tinha a noite? Tinha normal a noite?

Dona Lindete: Não. Tinha... tinha o normal a noite, tinha curso a noite na Escola Normal, tinha a noite. Científico, clássico, tinha.

Ana Paula: Mas na Pinto Júnior...

Dona Lindete: Na Pinto Júnior não, só era durante o dia.

Ana Paula: Na Pinto Júnior tinha o auxiliar de disciplina?

Dona Lindete: Tinha auxiliar de disciplina, mas não me lembro não...

Ana Paula: O nome da.. da pessoa.

Dona Lindete: Não me lembro não.

Ana Paula: O Comportamento das meninas da Pinto Júnior era parecido com o da Escola Normal oficial?

Dona Lindete: Eu creio que na Escola Normal era mais rígido, porque doutor Dárcio era... pegava no pé.

Ana Paula: E doutor Dárcio me parece que também era professor de lá, não era?

Dona Lindete: Da Pinto Júnior?

Ana Paula: Da Pinto Júnior.

Dona Lindete: Não, não tenho muita certeza não. Eu sei que doutor Dárcio foi diretor da Escola Normal, na minha época era ele, e era professor de geografia geral.

Ana Paula: E na Pinto Júnior era Heitor!

Dona Lindete: Era Heitor, doutor Heitor.

Ana Paula: Ai ele passou muito tempo lá como diretor?

Dona Lindete: Eu não se ele passou, porque eu só passei dois anos ensinando.

Ana Paula: Então esse dois anos...

Dona Lindete: Mas ele é muito conhecido e é muito honrado lá, era muito honrado, e outra coisa, ainda é, depois que foi embora, entendeu? Depois de muito tempo, quando eu falo assim, ai todo mundo: ele era um homem integro, decente, Doutor Heitor. Tinha Doutor Mota também, tinha outros professores, mas eu, faz muito tempo e eu não muita... eu tenho muita

lembrança da Escola Normal. Porque eu peguei assim, o meu irmão era jornalista e por intermédio do meu irmão os professores tavam me chamando pelo nome, sobrenome de meu irmão, ai fiz essa amizade mas...

Ana Paula: Como era o sobrenome do seu irmão?

Dona Lindete: Não, o meu irmão era José do Patrocínio. Ai meu irmão era muito, gostava muito de estudar português com José Brasileiro, com Mauro Mota, ai era jornalista, ai tinha muita amizade com esse povo, entendeu? Ai dizia: Essa menina daqui é irmã daquele jornalista e batia na cabeça... Ai eu era mocinha nera?

Ana Paula: A senhora se casou, não?

Dona Lindete: Não.

Ana Paula: Por opção mesmo? Porque assim, naquela época, as moças...

Dona Lindete: Porque ninguém quis.

Ana Paula: Óia! (risos) E perderam, né? Não sei,

Dona Lindete: Não sei, Deus é quem sabe.

Ana Paula: Perderam. Porque naquela época o que era o normal? Era estudar, né? A moça ser professora, e logo em seguida... Porque quando eu venho fazendo as entrevistas Dona Lindete, eu ouço muito das alunas, né? Porque a primeira professora que eu to entrevistando é a senhora, porque elas disseram: Ah, na maioria da gente, só tinha noiva, se pensava muito em casar, porque estudar na Escola Normal era um privilégio muito grande pra sociedade.

Dona Lindete: Não, porque no meu caso era diferente, porque eu queria fazer universidade. Eu não era uma Normalista de fato, eu era uma Normalista que almejava fazer universidade, fazer mestrado, ir adiante, né? Agora, tinham aquelas que queriam fazer aquele curso de professora, magistério e se preparar pra casar. No meu caso era prosseguir.

Ana Paula: E por que a senhora escolheu ser professora? carreira docente...

Dona Lindete: Porque na época que eu via em brancas nuvens, sabe o que é brancas nuvens?

Ana Paula: Não.

Dona Lindete: Sem dinheiro. Com quatorze anos, quando alguém ia fazer admissão, que tinha admissão eu procurava gente, assim, pra ensinar, pra ganhar um dinheirinho, pra ajudar no lanchinho, em alguma coisa, ai eu me habituei. Ai quando foi quinze anos, dezesseis anos, ai também tinha esse...

Ana Paula: A senhora antes mesmo disso, já dava, como a gente pode chamar assim... de reforço, né? Pra o teste de admissão.

Dona Lindete: É, eu tinha essa mania. Meus primos também quanto estavam atrasado iam lá pra casa, pra eu ensinar, meus vizinhos...

Ana Paula: Então a senhora há de aceitar o que eu vou afirmar. Senhora tem um nível intelectual muito grande, né?

Dona Lindete: Eu queria ter muito grande, eu queria ter, realmente ter.

Ana Paula: Porque veja, já, como é o nome... Antes mesmo de se formar já dava aula de reforço, como é que a gente pode chamar? Preparatório para o teste de admissão.

Dona Lindete: Admissão.

Ana Paula: De admissão. Se formou em uma universidade, foi convidada pelo professor. Então, assim, realmente, a senhora era uma pessoa bastante quista, né? Com as pessoas, as pessoas...

Dona Lindete: Amizade, com amizade.

Ana Paula: Mas também se não tivesse tanto conhecimento de dar aula, a senhora não passava nem dois anos, né?

Dona Lindete: É, e fiquei trinta né?

Ana Paula: Na educação como um todo.

Dona Lindete: Na universidade, trinta anos, fiz mestrado no Rio de Janeiro.

Ana Paula: A senhora quando terminou aqui de fazer faculdade, ensinou lá na Pinto Júnior e da Pinto Júnior foi pra o Ginásio Pernambucano, né isso?

Dona Lindete: É, passei uma temporada só deixei o Ginásio Pernambucano quando eu fui fazer meu mestrado, que aí eu fui com bolsa e não podia acumular.

Ana Paula: Aí deixa eu te perguntar... lá na Pinto Júnior era só menina?

Dona Lindete: Só. Só menina

Ana Paula: Não, estudava menino? E lá na Normal Oficial?

Dona Lindete: Não, só era moça. Só era mulher, era feminino.

Ana Paula: Aí depois de lá a senhora foi ensinar no Ginásio Pernambucano só era menino.

Dona Lindete: Lá só era menino. Lá de manhã era só homem e a tarde só mulher, e de noite só homem.

Ana Paula: Lá o Ginásio. Em que ano? A senhora se lembra mais ou menos?

Dona Lindete: Acho que cinquenta e oito à setenta e cinco. Só sai porque eu fui pra fazer o mestrado.

Ana Paula: A senhora trabalhou de cinquenta e oito à sessenta e cinco, meia cinco?

Dona Lindete: Sete. Setenta e cinco.

Ana Paula: Setenta e cinco no Ginásio Pernambucano? E esse tempo de serviço

Dona Lindete: Não, não teve importância não, porque eu, o mesmo tempo era da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), não prejudicou nada não.

Ana Paula: Ai a senhora passou trinta anos na UFPE?

Dona Lindete: Na universidade. Cinquenta e oito, trinta anos.

Dona Lindete: Eu passei mais de trinta, eu me aposentei com trinta e dois, porque eu não tava, eu não contei, eu não tava preocupada em me aposentar, tava pensando em permanecer, passei mais de trinta. Trinta e dois.

Ana Paula: Na Universidade Federal de Pernambuco.

Dona Lindete: Na universidade.

Ana Paula: Sempre ali na Cidade Universitária?

Dona Lindete: É.

Ana Paula: Ai lá a senhora foi professora da universidade.

Dona Lindete: Fui professora, professora, ai me aposentei como professora na ultima carreira, que equivalia se existisse a cátedra, mas não existe mais cátedra, agora é professor titular. Eu ganho como professor titular.

Ana Paula: Ai foi até o ultimo nível de progressão?

Dona Lindete: É.

Ana Paula: Ai o que é ser professora pra senhora? O seu sentimento, do que é ser professora...

Dona Lindete: É muito amor, abnegação, paciência, muita paciência, porque a gente pega aluno de todo tipo, né? Aluno que não quer estudar, aluno que só pra ficar o tempo todinho pra ver se consegue um diploma, mas também tem aluno muito sacrificado, muito esforçado, ai vale, eu ajudei muito aluno, ajudei demais, muito aluno, a conseguir se formar e tinha muitos que iam sem comer.

Ana Paula: Lá na federal?

Dona Lindete: No Ginásio.

Ana Paula: Ah, no Ginásio Pernambucano. Naquela época, tinha merenda, tinha lanche, essas coisas?

Dona Lindete: Tinha uma... se eu não me engano, tinha uma sopa. Se eu não me engano tinha uma sopa. E também os professores eram sacrificados também. Ai, nós éramos também sacrificado, mas valeu o esforço, tudo que a gente passou, pra mim valeu. Valeu, né? Porque hoje to aqui, né? Contando a minha história.

Ana Paula: Literalmente contando a história

Dona Lindete: Contando a trajetória, a Odisseia.

Ana Paula: De ser professora, né?

Dona Lindete: A Odisseia, é...

Ana Paula: E lá no Pinto Júnior, quais são suas lembranças, suas recordações?

Dona Lindete: Na Pinto Júnior foi dois anos, porque na Pinto Júnior foram dois anos. Agora, como na Pinto Júnior forma dois anos, dois anos passaram, porque eu só ia dar aula e ia embora. Na universidade a gente ensina e faz pesquisa, a gente passa mais tempo, entendeu? Dá aula de manhã, de tarde, dia de sábado, trabalha com pesquisa dia santo, dia de domingo, feriado não tem, quem trabalha com seres vivos, faz pesquisa, faz domingo, dia santo... Eu ia, porque era a única solteira da equipe, aí tudo era... Lindete vem porque Lindete não tem marido, não tem filho. Aí, ia eu sábado, domingo, ver como as pesquisas iam. Eu trabalhava com ser vivo, né? Tinha que dar...

Ana Paula: Tinha que tá lá, tinha que ver como tava o andamento, né?

Dona Lindete: O andamento...

Ana Paula: O que a senhora gostaria de falar, assim, Dona Lindete, da carreira de professor, de aluna da Escola Normal...

Dona Lindete: Saudades. Saudades, da Escola Normal eu tenho muita saudade, foi a época que eu aprendi mais em todos os sentidos, disciplina, português, literatura, religião, respeito, da Escola Normal eu tenho muita saudade.

Ana Paula: De professor, também relatam muito assim, do professor chegar e todas as alunas e levantar...

Dona Lindete: Se levantava e depois rezava. Fazia o nome do Pai, do Filho e rezava, toda aula.

Ana Paula: Aí assim, a senhora rinha motivação em casa pra ter, pra ir estudar?

Dona Lindete: A minha motivação era eu querendo ser alguma coisa. A minha mãe, nota mil incentivadora, meu irmão que era jornalista também, minhas irmãs, todo mundo. Agora, quem mais me incentivou, foi minha mãe e eu querendo ser alguém na vida, querendo melhorar de vida, querendo ajudar meus pais, que viviam numa situação delicada, entendeu? E eu querendo progredir para ajuda-los.

A senhora era a mais nova em casa, não?

Dona Lindete: Não, eu era a penúltima.

Ana Paula: Os outros irmãos, já estavam todos encaminhados?

Dona Lindete: Mais ou menos, né?

Ana Paula: Tinha outra professora na família?

Dona Lindete: Na minha família?

Ana Paula: Sim. Assim, das suas irmãs...

Dona Lindete: Tinha. Prima tinha, prima tinha professora, tinha.

Ana Paula: Que estudaram na mesma época que a senhora?

Dona Lindete: Que estudaram na mesma época que eu. Tenho uma até que mora em Caruaru.

Ana Paula: Olha... Ai, deixa eu dizer, assim... E seu pai, como era que, nessa história...

Dona Lindete: Muito rígido. Ele queria que a gente, ele queria... ele dizia assim: Homem pega qualquer trabalho, mulher é diferente. Então mulher tem que estudar muito pra ser alguém, porque mulher não vai carregar peso, não vai carregar saco, não vai ser motorista de ônibus, de avião, de trator, e homem pode pegar qualquer coisa. Era a linguagem daquela época, né?

Ana Paula: Vocês moravam onde?

Dona Lindete: Eu morava, a gente... eu me lembro que eu vim de Caruaru com doze anos, fui alfabetizada lá, aprendi tabuada, ainda sei tabuada. Aprendi tabuada em Caruaru e tenho loucura pra me lembrar a professora que me alfabetizou pra todo dia rezar pra ela, porque eu acho que uma professora que alfabetiza divina, maravilhosa. E tabuada minha filha, eu aprendi tabuada em Caruaru, não lembro com quem, estudava em colégio público, era escola Reunidas, depois eu vim para aqui e estudei no Amauri de Medeiros em Afogados, também muito bom, e depois foi ginasial...

Ana Paula: Ai foi pra Normalista. Então a senhora morava lá pro lado de Afogados?

Dona Lindete: Morava.

Ana Paula: Ai como é que fazia pra sair de Afogados pra o centro da cidade?

Dona Lindete: Trem.

Ana Paula: Era o bondinho?

Dona Lindete: Trem e bonde, trem e bonde.

Ana Paula: Porque também o pessoal fala muito que ali na frente da Escola Normal Oficial de Pernambuco, passava o bonde.

Dona Lindete: Passava o bonde. Bonde pra Olinda

Ana Paula: Já pensou?

Dona Lindete: Era, bonde pra Olinda. A gente vinha pra cidade, e quando eu fui estudar na Escola Normal eu já morava aqui no centro da cidade, eu já morava na cidade, no bairro de São José, ai ia andando. Mas, quando eu morava em Afogados era o Amauri de Medeiros, depois a gente foi morar aqui na cidade.

Ana Paula: era a profissão de seu pai?

Dona Lindete: Era comerciante, ele teve loja em Brejo da Madre de Deus, depois foi pra Pesqueira, Caruaru ele foi o primeiro fabricante de vinho, foi o meu pai. Depois, nós voltamos, fomos morar em Altinho, na cidade que ele nasceu. Não deu certo, voltamos pra

Caruaru, e quando a gente tava tudo crescendo, tudinho, minha mãe disse: *A gente não vai ter futuro aqui!* Caruaru não tinha nem luz elétrica. Ai minha mãe disse: *Nós não vamos, nós não temos condições de continuar aqui. As minhas filhas tudo mocinha, sem ter condições de estudar aqui, a gente não pode pagar colégio, lá no Recife tem colégio do governo.* Ai nós viemos, mil novecentos e quarenta e quatro.

Ana Paula: Que cabeça boa, assim, da sua mãe!

Dona Lindete: Dezembro de mil novecentos e quarenta e quatro, me lembro como de fosse hoje

Ana Paula: Vieram de que? Desculpa a curiosidade.

Dona Lindete: Ta...

Ana Paula: É porque hoje tem a estrada toda, toda normal, toda ampliada, você vai e volta.

Dona Lindete: Meu pai era viajante e minha mãe tinha, em Caruaru não tem, esse negócio ai quando eu falo, eu vou..

Ana Paula: Não, faça isso não. Não, não, faça isso não.

Dona Lindete: A gente morava, tinha o quartel do exército.

Ana Paula: Sim, Duque de Caxias.

Dona Lindete: Na época da guerra, na época da guerra, e minha mãe... meu pai viajou e minha mãe foi falar com o comandante. Ai peguei um caminhão pra vir embora pra Recife, que os filhos estavam ficando tudo rapazinho e já não tinha condições. Ai minha mãe disse que meu pai era do exercito. Ai meu Deus! Ai ele disse: Olhe, eu sei que não é verdade não, mas eu sei que a senhora ta inventando uma mentira pra melhorar a vida dos seus filhos, eu vou dar, o caminha vai sábado de manhã levar a sua família pra Recife. Vou mandar dois soldados pra ajudar na mudança. Eu me lembro, coronel Ari... eu não vou dizer não, porque ele disse que eu nunca dissesse, o coronel de lá. Ai a gente veio, me lembro como se fosse hoje, minha filha.

Ana Paula: A gente tá aqui pra ser feliz, isso é felicidade, né?

Dona Lindete: É.

Ana Paula: Porque a partir disso foi que transformou tudo

Dona Lindete: A vida.

Ana Paula: A vida de vocês, né?

Dona Lindete: Ai quando chegou, ai pronto, graças a Deus, todo mundo, meu irmão só gostava de boas amizades e gostava de estudar, de ler, ele era novinho e minha irmã já era formada em, em contabilidade lá no colégio de Caruaru. Ai quando a gente chegou aqui já foi melhorando, graças a Deus.

Ana Paula: Cada um já foi trabalhando.

Dona Lindete: Foi trabalhando...

Ana Paula: Estudando...

Dona Lindete: Ai foi...

Ana Paula: Eram quanto irmãos?

Dona Lindete: Seis. Éramos seis. Éramos seis. Na época que nós viemos éramos eu, minha irmã, meu irmão, minha irmã, meu irmão, eu e minha irmã mais nova, porque eu tenho duas irmãs que moram na Bahia, uma mora em Salvador e outra mora em Porto Seguro.

Ana Paula: Ai veio todo mundo no caminhão.

Dona Lindete: Caminhão do exército.

Ana Paula: E o seu pai não tava sabendo?

Dona Lindete: Não.

Ana Paula: Eita, que mulher valente a sua mãe!

Dona Lindete: Quando o meu pai chegou, aí o vizinho disse: Oh, dona Carminha botou, encostou um caminhão do exército e dona Caminha foi morar em Recife, olha o endereço aqui. Aí a gente já tava morando aqui, eu não me lembro como meu pai chegou, eu não me lembro não, eu lembro que houve isso, agora...

Ana Paula: E já tinha casa aqui?

Dona Lindete: Tinha. Minha mãe tinha alugado casa, minha mãe alugou casa, mandou um senhor alugar a casa, o senhor alugou, disse: É uma casa muito humilde, mas depois vocês vão melhorando. E foi o que aconteceu.

Ana Paula: Pra senhora. Aí, assim, a senhora gostaria de dizer mais alguma coisa sobre a época que a senhora foi professora, que estudou, a questão do seu pai mesmo, né? Como um homem, de ver a filha se formando, a filha trabalhando...

Dona Lindete: Ah, eu me lembro quando eu me formei, minha irmã mais velha era a maior incentivadora, que comprava os livros com dificuldade, minha mãe também, e lutava pra comprar, conseguir bolsa de estudo, caderno, fardamento, tudo! eu me lembro dessas histórias todinha porque minha mãe ia, pedia, era numa loja azul, que o governo mandava buscar os livros.

Ana Paula: O nome da loja? Loja azul

Dona Lindete: Loja azul. Lá em Olinda, naquela época... Aí pegava os livros de lá, dessa loja.

Ana Paula: E o fardamento?

Dona Lindete: O fardamento, minha mãe conseguiu com uns parentes que era da família, eles ajudaram muito a gente, eles tinham um armazém, de fazenda, a minha mãe pediu pra ele.

Ana Paula: Ah, uma casa de tecido.

Dona Lindete: Tecidos. eu digo fazenda...

Ana Paula: É, porque minha vó também chamava fazenda. Que fazenda é essa, né? Pra saber a qualidade do...

Dona Lindete: Olha, era Armazém Triunfo. Ai minha mãe mandava, ai ele... Escolha ai, qual é ai...é quantos metros? Tal.. .Pra mim e pra minha irmã mais nova, ele dava, dava a blusa, duas blusas e a saia.

Ana Paula: De que tecido, a senhora se lembra qual é? De brim era?

Dona Lindete: Era tropical, parece, acho que era tropical. Nera brim não, acho que naquela época era tropical, não tenho certeza absoluta não. Era pregueadinha, era aquela...

Ana Paula: Azul, né? Toda pregueada.

Dona Lindete: Pregueada. Agora, o tecido...

Ana Paula: Abaixo do joelho?

Dona Lindete: Era. Ninguém usava aqui não!

Ana Paula: E as meninas falam muito também, como é o nome... quando saiam da escola... porque dentro da escola era abaixo do joelho, porém quando saiam elas enrolavam.

Dona Lindete: Não, mas agente não enrolava não, na época da gente, a gente não enrolava não, era aqui.

Abaixo do joelho. E tinha uns rapazes lá na frente esperando por vocês?

Dona Lindete: Não, era assim... na escola de engenharia, quando a gente vinha assim, era que aquele rapaz que estudava engenharia, ficava esperando a gente assim..

Ana Paula: Ali pela calçada...

Dona Lindete: Pela calçada.

Ana Paula: É no sentido de ir pra Conde da Boa Vista.

Dona Lindete: É.

Ana Paula: Porque a escola de engenharia ficava pro lado direito, né isso? No sentido...

Dona Lindete: Em frente as Lojas Americanas. Ai naquela parte ali tinha a escola de engenharia, quando a gente passava, ai ele ficavam soltando graça, soltando gracinha, era.

Ana Paula: As meninas falam muito, elas falam dos rapazes de engenharia...

Ana Paula: E também quando chegavam o navio, os marinheiro, num sei quê... muitos iam ficar ali pela frente da Escola Normalista.

Dona Lindete: Eu sei que teve duas amigas minhas que casaram com americano, agora não sei se foi desse tempo, deve ter sido, foi da época da guerra.

Ana Paula: Elas diziam que ficavam muitos ali pela frente.

Dona Lindete: Já tinha a guerra se acabado, porque já era mais de quarenta e quatro.

Ana Paula: E a censura pra vocês como moça?

Dona Lindete: Mas não existia censura, só casava se fosse donzela, se arrumasse barriga o pai botava pra fora, se namorasse homem casado era o fim do mundo, era o fim do mundo, sua mãe deve contar pra você, né?

Ana Paula: E se fosse separada nera?

Dona Lindete: Se separasse era pior.

Ana Paula: Era como se você dissesse assim: *tava estragada pro resto*.

Dona Lindete: Ainda é, né?

Ana Paula: Ainda é mal vista, né? Ainda é muito difícil pra uma mulher separada continuar com a vida dela normalmente, né?

Dona Lindete: É.

Dona Lindete: É, porque fica morando só, fica abandonada, né?

Ana Paula: É, e principalmente com filho. Ai a senhora trabalhou desde quantos anos? Eu acho que era uns quatorze, quinze anos...

Dona Lindete: Não, eu fazia esses trabalhos, mas era um trabalho também... eu ajudava minhas tias, ia pra lá ajudar na cozinha, nas coisas, assim, lavar prato, panelas, quando eu ia pra lá elas davam um dinheirinho, meu tipos, fazendo essas coisinhas tinha como se virar.

Ana Paula: Ai me diga, eu fiquei curiosa, porque a senhora falou da história da roupa, pra ir bem arrumada pra ser professora.

Dona Lindete: Sim.

Ana Paula: Ai assim, toda história de vida, com um pouco de sacrifício e tal.

Dona Lindete: Com lutas.

Ana Paula: Com lutas, isso. Ai, como foi pra senhora passar esse primeiro mês lá na escola Pinto Júnior, de arrumar essas roupas pra senhora ir trabalhar.

Dona Lindete: Eu usava das minhas irmãs, e o sapato que eu tinha um pé maior, dessa minha amiga, quando eu falo nisso ela acha graça. Te lembra do sapato? Até cinzento, alto, bem alto.

Ana Paula: Muito assim mesmo?

Dona Lindete: Era muito alto.

Ana Paula: Ai tinha que andar, a professora tinha que.

Dona Lindete: Era, bem penteadinha, bem ajeitadinha, toda pintadinha, a menina vizinha vinha me ajeitar, era a maior... eu achava até engraçado.

Ana Paula: Diante da postura.

Dona Lindete: Diante dos acontecimentos da época, né?

Ana Paula: Da postura que tinha que ter... sem decote.

Dona Lindete: Não! Não botava os peitos de fora não.

Ana Paula: A blusa sempre fechada...

Dona Lindete: É.

Ana Paula: De manga.

Dona Lindete: De manga.

Ana Paula: Podia ir sem manga, não?

Dona Lindete: Não, ninguém ia sem manga. Nem quando a gente foi pra trabalhar na universidade era de jaleco.

Ana Paula: Sim, na Pinto Júnior era de jaleco?

Dona Lindete: Não, era de roupa.

Ana Paula: Roupa normal, né?

Dona Lindete: Roupa normal.

Ana Paula: Só na universidade que se colocava...

Dona Lindete: O jaleco.

Ana Paula: O jaleco. E outra coisa que eu fiquei curiosa, e sua ida para o Rio de Janeiro? Pra fazer o mestrado lá...

Dona Lindete: Foi, eu fiz seleção. Eu soube, ai fui, fiz a seleção, voltei da seleção, fiquei aguardando, ai me telegrafaram dizendo que eu tinha sido aprovada e que eu fosse, me apresentasse lá pra fazer o curso.

Ana Paula: Ai a senhora passou quanto tempo no Rio de Janeiro?

Dona Lindete: Quatro. Na época era quatro anos, quatro anos.

Ana Paula: Quatro anos? Sozinha? Sem família, sem nada?

Dona Lindete: Morando em quarto.

Ana Paula: Foi uma lutadora, viu?

Dona Lindete: Morando em quarto, ai aprendi até a fazer a minha sobancelha. Lavar minha calças, meus sutiãs.

Ana Paula: Quatro anos só estudando?

Dona Lindete: estudando. Porque Tinha o sistema de crédito.

Ana Paula: Quer que eu feche?

Dona Lindete: Não, tá bom.

Ana Paula: Diga.

Dona Lindete: Se chover mais eu fecho.

Ana Paula: Ai tem o sistema de crédito...

Dona Lindete: Créditos, o sistema de créditos... olhe, primeira seleção foi a língua, eu fiz inglês, depois teve a seleção da biologia, da história da natural, aí eu também fui aprovada. Depois, eu fiquei lá, esperando a da língua, depois da língua, fiz a de ciências, de biologia, depois quando terminou, que.., aguarde em casa, aí eu aguardei, aí veio. Aí, eu fui me preparar pra ir pra, eu fui conseguir bolsa de estudo, bolsa da CAPES, aí tempo integral, dedicação exclusiva, tudo isso, pedi licença.

Ana Paula: A senhora gostaria de falar mais alguma coisa Dona Lindete?

Dona Lindete: Eu gostaria de dizer o seguinte, que tudo vale a pena quando a pessoa tem um objetivo de vida e tem esperança de um futuro melhor. Eu sempre dizia, meu pai um dia chorou, um dia meu pai chorou quando a situação tava delicada, eu disse: *Meu pai, o senhor vai chorar hoje, mas amanhã o senhor não vai mais chorar, porque quando eu for trabalhara, eu vou dar tudo que o senhor precisar*. E eles tiveram uma morte maravilhosa, todos dois. Morreram bem, bem assistidos, pelos netos, pelos filhos, pela situação, graças a Deus melhorou bastante. Todo dia quando eu perco o sono, eu fico rezando, meu Deus, obrigada senhor por tudo. Eu sei que me esforcei, humilhação, porque quando a gente não casa fica, muita gente marginaliza, né? Basta tá junto, que... aquela dali é solteira, cuidado, né?

Ana Paula: Achando que quer pegar o marido dos outros, que vai...

Dona Lindete: Ai depois de um certo tempo, todo mundo viu que eu tava querendo viver minha vida. Viajei também muito, fui pra países da Europa, fui pra México, fui a Israel, fui a Grécia, fui ao Egito.

Ana Paula: Pela universidade ou....

Dona Lindete: Não, eu fui em excursão e fui de férias, né?

Ana Paula: Por que o povo ali na universidade também viaja muito, né?

Dona Lindete: Eu viajava muito a trabalho. Eu viajava muito para congresso.

Ana Paula: Uhum.

Dona Lindete: Viajava pra congresso. Porque eu era a única solteira, não tinha filhos e minhas amigas eram casadas, tinha filhos, aí o professor dizia assim: Lindete vai, porque Lindete não tem filho, pode ir. Eu achava assim, porque era de última hora, eu não tinha nem condições de me preparar, mas eu fazia um esforço e ia, não saía muito bem, maravilhosamente bem, mas

apresentava o trabalho. Na época da ditadura, eu fui apresentar um trabalho num circo, sabe onde? Em São Paulo, Campinas, eram dois trabalhos, era até um circo, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Apêndice F - Entrevista realizada com a Normalista Norma Rodrigues de Figueirôa²⁴

Transcrição da entrevista de Norma Rodrigues de Figueirôa



Fonte: Arquivo pessoal de Norma Rodrigues Figueirôa.

Ana Paula: É tempo de lembrar? Vamos!!!

Ana Paula: Qual a importância na época, da Escola Normal Oficial de Pernambuco?

Norma: Como uma das melhores escola pública estadual do Recife

Ana Paula: Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Norma: A estrutura física, era um prédio antigo, bem conservado, assim como todos os móveis, não se via nada quebrado, tinha sala para as aulas de música, educação doméstica, sala de ciência, e bons professores

Ana Paula: Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Norma: Fui estudar na Escola Normal, por ser perto de casa. Era localizada perto do centro da cidade. O bonde passava bem na porta.

Ana Paula: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Norma: Foi a qualidade do ensino, com excelentes professores.

Norma: Aqui na Escola Normal a gente se sentava nos banquinhos da frente e ficava depois das aulas, ou antes, das aulas começarem. O bonde passava na frente da escola. A gente

²⁴ Com muita honra ela é minha mãe.

gostava, às vezes não tinha uma aula, não tinha outra a gente atravessava vinha embora passear pra cinema, pra sorveteria, mas era tudo muito gostoso, cheio de alunas sentadinhas esperando a entrada ou a saída de aula. Aí subia tudo correndo... logo na entrada da escola havia a sala da Secretaria, e quem ficava sentadinha era uma senhora com o nome Dona Benvinda baixinha, gordinha que olhava os fardamentos da gente. Você não viesse adequadamente vestida de do sapato, a blusa, a blusa viesse um pouquinho dobrada voltava pra casa, não entrava! Sapato preto, meia branca, a saia azul de preguinha, laço azul... toda arrumadinha, isso não entrava aqui voltava pra casa. Chamava Dona Benvinda! Ao lado da secretaria tinha a sala do Diretor que na época era Dr. Dárcio Rabelo. Ele ficava sentado e a gente via ele por uma porta de vidro, pra fora também era outra porta de vidro. Aí tinha uma sala lá em cima que era aula de música tinha um... Qual era o nome dele? Maestro Vicente Fittipaldi, era o nosso professor de música, a gente assistia aula lá. Ele regendo, escutando a voz da gente essas coisas toda. Atrás e ao lado da escola, tinha uma sala que dava pra uma área aí que era onde a gente ficava para o voleibol, pra Educação Física e naquela época tinha recreio, né! O pátio... cheio de pé de mangueira jogava voleibol tudo que era de atividade a gente fazia lá. Aqui eu participei de voleibol dos campeonatos nós fomos campeões de... de voleibol. A professora morava ali do outro lado, ali não tem uma pensão, um negócio! Ela era uma carioca.

Ana Paula: Como era o nome dessa professora?

Norma: Não me lembro to esquecida! Era uma senhora bonita, morena, atlética morava no prédio azul ao lado da escola.

Ana Paula: Quais eram as outras atividades que eram praticadas?

Norma: Só Educação Física

Ana Paula: A aula de Educação Física era no horário de aula ou era com outra turma?

Norma: Era antes da aula, era antes da aula no primeiro horário.

Ana Paula: Qual era o horário do primeiro horário?

Norma: Antes das sete porque a aula daqui começava de sete horas.

Ana Paula: Vocês chegavam pra Educação Física de que horas?

Norma: Umas cinco e meia seis horas dependia do que ia fazer. Agora na hora do recreio como se chamava o intervalo era um pega-pacapá medonho ficava aí à vontade jogava voleibol, aquele de bola ficava muito a vontade.

Ana Paula: Quantas vezes era Educação Física durante a semana?

Norma: Lembro não! Não lembro não! A carga horária agora é quantas vezes por semana?

Ana Paula: São duas vezes.

Norma: Ia de vez em quando, mas não me lembro não.

Ana Paula: E no físico o que se praticava?

Norma: Voleibol e como é o nome daquele que... que é pra matar quem fica...?.

Ana Paula: Queimado.

Norma: Queimado não sei se hoje é queimado que fica uma turma aqui e a da ponta e a da ponta de cá pra matar, jogar a bola, pronto!

Ana Paula: E os exercícios físicos como eles eram praticados?

Norma: Iguais os de hoje em dia só que eram assim mais priorizados, sabe! A professora dava mais valor a gente por que botava uma aluna na frente pra gente acompanhar aquela que esta fazendo, sabe! Ela dava os primeiros itens da educação, como ia ser o exercício e agente acompanhava todinha pela menina que ela escolhia na hora e ficava aqui na frente.

Ana Paula: Esses exercícios eram leves, harmoniosos?

Norma: Não, eram levantar braços baixar, fazer isso baixar que hoje em dia são praticados só que eu acho tipo assim mais rígidos se você não tivesse fazendo os exercício correto ela vinha atrás arrumava sua postura, arrumava seu braço não, não é assim, Entendeu como é que era! A gente fazia Educação Física e era mais observado, mais exigida como diz a história.

Ana Paula: Essa exigência era a favor de que?

Norma: Da aluna só que a gente, né!

Ana Paula: Mas qual era o objetivo dessa exigência?

Norma: Que as aulas fossem bem que a gente aproveitasse bem as aulas.

Ana Paula: Para que?

Norma: Aí eu acho que era pro bem estar da gente, né!

Ana Paula: Como eram as roupas de Educação Física?

Norma: Ah! Era um shortzinho aqui, oh!

Ana Paula: Aqui.

Norma: Nessa altura, ahahaha!

Ana Paula: Aqui, oh?

Norma: Não, não aqui bem justinho.

Ana Paula: Na altura dos joelhos?

Norma: Na altura dos joelhos e a camisa de malha, Pronto!

Ana Paula: E essa camisa tinha alguma representação?

Norma: Não me lembro se tinha.

Ana Paula: Algum emblema, algum símbolo?

Norma: Mas devia ter, mas eu não me lembro, não lembro.

Ana Paula: Como eram os fardamentos de Educação Física as cores, os tamanhos...?

Norma: A de voleibol a gente entrava tudo de branco: bermuda branca, blusa branca, sapato branco, tênis branco e de Educação Física era azul, era azul.

Ana Paula: Toda azul....

Norma: não!

Ana Paula? Ou com branco?

Norma: branca e azul.

Ana Paula: O que era branco?

Norma: A camisa, a camiseta de malha e a bermuda, short, né azul.

Ana Paula: E as escadarias o que lhe faz lembrar?

Norma: O tempo que eu subia para as minhas aulas! Naquele tempo que era uma atrás da outra, mas sempre bem comportada sem poder, sem poder sair da linha.

Ana Paula: Quando vocês subiam, subiam em fila?

Norma: E outra coisa aqui e o IEP na época que eu estudava eram extremamente feminino. Hoje em dia lá desde quando eu cheguei masculino e feminino aqui era só feminino não tinha me..., rapaz no meio não.

Ana Paula: Quando vocês subiam essa escadaria com esse extremo rigor, eram em fila?

Norma: Não, eram à vontade, à vontade. Agora lá embaixo a gente se organizava na área de lazer como se diz! Lá a gente ficava arrumadinho pra poder subir pra cada um ir pra sua sala de aula.

Norma: Ah! Minha filha setenta anos não são vinte dias não!

Norma: A sala de música...era assim, assim subindo.

Ana Paula: Feito auditório?

Norma: É feito auditório aonde o professor de aula dava e outra coisa as provas era prova oral, prova escrita e era tudo sorteado na hora da aula ele dava todos assim pra gente estudar e botava os papeizinhos dentro da urna e você sorteava o assunto.

Ana Paula: E isso em....

Norma: E feito aqui!

Ana Paula: qualquer disciplinas?

Norma: Qualquer disciplina a gente tinha prova oral.

Norma: Aí tenho muitas recordações! É mas matei minha saudade sessenta anos depois estou por aqui contando a história.

Ana Paula: E o que é que lhe faz lembrar mais?

Norma: Oh, os tempo que eu estudei na escola Normal, ficava na janela, olhando lá para baixo o movimento de um e de outro correndo aí o dia todinho entrando numa aula saindo, professor que chegava professor que saía. Muito bom, muito bom mesmo dá muita saudade. Eu tinha catorze anos quando entrei nessa escola.

Ana Paula: Hoje a senhora têm quantos anos?

Norma: Setenta e quatro anos fazendo hoje. Meu presente de aniversário, sessenta anos depois! É uma vida, né!

Ana Paula: Tudo mudado?

Norma: Tudo, tudo não é isso que to dizendo, né

Ana Paula: Tudo...

Norma: É isso, aqui tá tudo diferente mesmo, muito diferente mesmo.

Norma: Eu me lembro da gente correndo e descendo pra ir pra casa, tudo conversado cada um que tivesse uma história pra contar.

Ana Paula: Vocês podiam sair sozinhos?

Norma: Saía, saía até por que é minha mãe nunca mandou nada de bilhetinho pedindo pra eu sair cedo, nada.

Ana Paula: E a questão do namoro?

Norma: Ah, tinha muito namoro eu tinha colegas aqui que namorava com jogador do Náutico que acho que até hoje é casada com ele era Socorro. Socorro, ela era como é o nome daquela que vai...

Ana Paula: Remadora?

Norma: Remadora do náutico não do Sport.

Ana Paula: E namorava....

Norma: E namorava um jogador, mas só que eu to esquecida o nome dele.

Ana Paula: Gostaria de lembrar mais algo?

Norma: Sim!

Norma: Gostaria de falar do dia do resultado, no dia do resultado de admissão que era muito difícil passar, entrar aqui, aí o diretor deu o resultado nominal de cada pessoa que tinha passado no exame de admissão da sacada do prédio da escola.

Ana Paula: Ele deu esse resultado

Norma: Botou todos os alunos para lhe esperarem.

Ana Paula: Os alunos estavam acompanhados por quem?

Norma: Os que fizeram admissão. Eu estava sozinha eu não me lembro que tinha pais não. Aí ele saiu dizendo os nomes dos alunos que passaram nos exames de admissão.

Ana Paula: Falando oralmente?

Norma: Oralmente, oralmente com a relação na mão, fulano passou, fulano à nota foi tal.

Ana Paula: Todos os alunos?

Norma: Todos os alunos.

Ana Paula: A nota?

Norma: A nota e dizendo quem passou e quem não passou.

Ana Paula: Ele parabenizava esses alunos?

Norma: Isso era difícilimo para o aluno passar no exame de admissão e muitos deles tinham que fazer cursinhos, estudar com professores particulares por que era muito difícil entrar aqui. A seleção era muito grande, os professores daqui todos eram é como é que dá o nome de alto grau.

Norma: Nós tivemos aqui Mauro Mota, Mauro Mota que é o mais conhecido, Moacir Albuquerque, Dárcio Rabello, Dr. Ruy Belo, Milton Mello de Francês.

Ana Paula: Quantas Moças?

Norma: Umas quarentas, de trinta a quarenta pessoas. Carneiro Leão, André Carneiro Leão pai e filho outros professores aqui.

Ana Paula: Sylvio Rabelo?

Norma: Sylvio Rabelo era professor daqui também, mas eu me lembro mais de Dárcio Rabelo porque ele era professor de Geografia.

Ana Paula: Só tinha homem era?

Norma: Tinha mulher, tinha uma professora Heloísa que ensinava francês, latim tinha professor de latim, francês, português, é espanhol, desenho, matemática, educação artística.

Ana Paula: Quantas professoras que você se lembra eram professoras do sexo feminino?

Norma: Eram poucas a maioria eram homens.

Ana Paula: Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Norma: Na década de 1950, as moças eram responsáveis com o objetivo de ser alguém do futuro.

Ana Paula: Você era do tempo de Eliezer?

Norma: hem! Como era o nome eu não me lembro de Eliezer não tinha, mas era professor Fittipaldi que era professor de música. Eu não me lembro de Eliezer aqui não pode ser que professor de outra época que tinha mais professoras por que eu sai daqui em cinquenta e sete pra sessenta e sete, dez anos, né? Que se passou muito anos pode ter passado muito mais professores por aqui, entendeu.? Sai daqui em cinquenta e sete em dezembro de cinquenta e sete. Eu fiz aqui meus exames de admissão passei, fiz o ginásio de quinta a oitava e aqui tinha

três, dois cursos não três curso do segundo grau. Curso científico pra quem queria seguir a área de saúde, né e ou clássico que queria seguir a área de letras e pedagogia pra que queria ser professora, professora de criança, professora de primeiro grau.

Ana Paula: E quais foram os cursos que você fez?

Norma: Sim, aí eu fiz só até o primeiro clássico, aí eu arrumei um namorado com esse namorado me casei e abandonei meus estudos e fui morar em São Paulo. Aí passei dez anos em São Paulo quando eu voltei, quando eu tinha o primeiro ano feito aqui eu vim até aqui buscar meus documentos que já estavam lá aí eu entrei no segundo ano lá.

Ana Paula: Lá onde?

Norma: No antigo, no novo IEP lá no treze de maio lá do outro lado e lá eu fiz segundo, o terceiro e o quarto que já é quatros anos de como é que dá o nome pedagogia, mas.

Ana Paula: Não, não Magistério.

Norma: Aí lá terminei, aí fiz, fui fazer cursinho, fiz vestibular o primeiro vestibular que eu fiz eu passei. Dez anos sem estudar viu! Tudo com isso aqui, tudo com base nisso aqui.

Ana Paula: Isso aqui o que?

Norma: A base dos estudos que eu aprendi na escola Normal e no IEP.

Ana Paula: Na Escola Normal?

Ana Paula: Você seguiu a carreira de professora?

Norma: Sim, seguir a carreira de professora e coordenadora escolar.

Norma: Nessa época eu já trabalhava, trabalhava em escola.

Ana Paula: Qual escola que a senhora trabalhou?

Norma: Colégio Municipal Pedro Augusto. Aí o diretor de lá me incentivou a continuar estudando. Mas professor, eu o chamava de professor, eu não vou passar não sem estudar nada vendo todo mundo fazendo cursinho pra passar no vestibular e no passo mudava e me incentivou a fazer vestibular e em primeira opção, primeira opção eu botei pedagogia e em segunda botei letras que eu não tinha esperança de passar, sem estudar! Aí passei em primeira opção na segunda entrada em mil novecentos e setenta e quatro entrei na Federal na Universidade Federal de Pernambuco e lá fiz todo o meu curso de pedagogia.

Ana Paula: Gostaria de dizer mais algo.

Norma: Não!

Ana Paula: Gostaria de dizer mais algo?

Norma: Do que eu esteja me lembrando não!

Ana Paula: Obrigada viu!

Apêndice G - Entrevista realizada com a Normalista Rosenilda de Paiva Diniz

Transcrição da Entrevista Rosenilda de Paiva Diniz



Fonte: Arquivo pessoal de Rosenilda Diniz.

Ana Paula: Vamos lá Dona Rosenilda.

Ana Paula: Pronto, vamos começar? é tempo de lembrar!

Ana Paula: Qual o motivo que lhe levou a estudar na escola Normal?

Rosenilda: Era um colégio de boas referências na cidade.

Ana Paula: Qual a importância na época?

Rosenilda: Formar boas profissionais

Ana Paula: Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Rosenilda: Era de estrutura rígida

Rosenilda: Vamos! Na entrada ficavam tantos rapazinhos que a gente paquerava né!

Rosenilda: A Secretaria, a biblioteca era tudo no térreo, na entrada ficava o birô de Dona Benvinda, parece que era Ondina, era pra olhar a gente se tava fardada, era durona Dona Benvinda. No térreo também havia a sala do Dr. Bastos.

Ana Paula: Como era Dr. Bastos?

Rosenilda: Dr. Bastos era alto, barrigudo, sério, cabelinho branco e tinha uma filha que ensinava na escola normal, era a professora de francês, era Dona Inês. Tinha o professor de matemática que era Dr. Carneiro Leão que tinha um filho que ensina também, era bonito ele, ele tinha até um defeito nos pés.

Rosenilda: Lembro também da Mangueira, essa mangueira quando eu passo pela escola eu sempre falo nela, porque o fim de ano nos aqui todas no pátio e esse manguito é era uma delícia, aí uma amiga subiu quando ela tava tirando chegou era Dona Benvinda oh, meu Deus! Era Benvinda a outra que era outro nome, era Dona Benvinda, aí ela chegou e pegou a menina lá em cima suspensão, aí cada uma tava com um bocado de manga correu pra se esconder e a pobrezinha foi que levou!

Ana Paula: E o pátio?

Rosenilda: No pátio ficavam àquelas barras, com tronco de coqueiro pra gente fazer ginástica, andar né! Ficavam as quadras de voleibol, era muito bom, adorava fazer ginástica, adorava jogar voleibol!

Ana Paula: Como eram as aulas de Educação Física?

Rosenilda: Eita, não me lembro mais do nome da professora, era pra correr, era pra pular aquela distância, era muito bom fazer exercícios mesmo assim era gostoso!

Ana Paula: Como eram as roupas, os fardamentos na Educação Física?

Rosenilda: Era o short e a blusinha branca né!

Ana Paula: De que cor era o short?

Rosenilda: De que cor era esse short? Era azul e branco da cor da farda, aí eu já nem me lembro bem.

Ana Paula: Era curto?

Rosenilda: Era, não era curtinho como agora estão usando né, era um short mais comportado, a blusinha, tênis, meias.

Ana Paula: Era aquele short fofo ou soltinho!

Rosenilda: Você me pegou agora! Eu acho que era fofinho, era fofinho!

Ana Paula: De que horas se fazia Educação Física?

Rosenilda: Era pela manhã né porque estudava e fazia antes de entrar né de manhã logo cedo e depois à gente entrava e ia pra trocar de roupa, quem quisesse tomava banho e houve um campeonato no fim do ano foi muito bom, foi muito bom é de voleibol né, aí a nossa turma, aí levamos tanta pedrada, tanto saco de areia na costa porque ganhamos. O colégio todo, porque depois houve participação da manhã e da parte da tarde né e depois juntou pra ver saber quem é quem era os campeões do colégio e nossa turma que ganhou aí a turma da tarde massacrou! Tá tudo diferente, aqui tinha, era maior e tinha sala de trabalhos manuais não me lembro mais o nome da, não me lembro mais o nome da professora, mas ela era um tanto negligente, era um tanto negligente! Ela pedia um bocado de coisa pra gente fazer, quando a gente começava a fazer o trabalho chegava na metade mudava tudo, eu fiquei em casa com muitos trabalhos

pra terminar aí eu nunca tinha terminado, só era pra botar a nota! Eu também me lembro que era baixinha, gordinha não me lembro mais o nome dela, lembro não.

Ana Paula: O que vocês faziam nesse pátio?

Rosenilda: Eu nunca fiz nada, ficava conversando, não me lembro de ter feito nadinha não!

Ana Paula: O quer que faziam? Brincavam?

Rosenilda: A gente brincava muito era, eu era muito, gostava muito de correr, de pular, de ficar assim, de jogar voleibol agente ia brincar.

Ana Paula: Ficavam mais conversando?

Rosenilda: Conversando era às vezes, ou nas sociais essas coisas de meninas!

Ana Paula: Como era a vestimenta da aula?

Rosenilda: Era saia, saia bonita azul, sapato preto e meia branca.

Ana Paula: Como foi o seu teste de admissão?

Rosenilda: Meu teste é eu sair da escola, eita até o nome Manuel Borba é aqui minha mãe fez a inscrição pra mim e eu fiz o teste de admissão e de primeira eu passei, o primeiro ano que eu fiz fui aprovada, fiz a matrícula, passei um ano, depois meu pai foi transferido para o Rio Grande Norte, então eu pedi transferência para o Rio Grande do Norte, mas eu terminei o ano aqui e em seguida fui pra Natal. Pronto lá eu terminei, aliás, não terminei porque o marido quis casar, quis casar e você não pensa né, eu no segundo ano, eu vou me casar e deixei pra lá, ainda fui chamada pra terminar o ano, mas não quero você trabalhando, os homens de antigamente eram assim mulher, não quer que as mulheres trabalhassem né, terminei depois que tive os quatro filhos aí fui trabalhar, ele comprou a lojinha e fui trabalhar, mas antes não!

Ana Paula: E aquele o como foi que a senhora ficou no processo de exame de admissão?

Rosenilda: Eu até que não tive muito medo não! É você fala assim o sistema nervoso?

Rosenilda: Ah, não ali foi no fim do ano do primeiro ano! É eu fiquei chorando não sei eu deu uma crise de riso no fim do ano mesmo aí na prova porque não tinha prova oral e depois escrita né, na prova oral com Dr. Bastos eu quando olhei pra ele, quando ele me fez a pergunta que eu olhei pra ele não pude parar mais e Mauro Mota era o examinador que estava na banca e depois até foi falar com Dr. Bastos que não deu pra mim ouvir, não era pra você ter feito isso porque ficou forçando quantas perguntas, quanto mais ele falava, eu sorria, eu não conseguia ficar séria de jeito nenhum, eu por dentro queria me calar mais não conseguia, aí ele disse a menina tá tendo uma crise nervosa você devia sair com ela no pátio, você devia sair com ela conversando aí você conseguia o que você queria, mas ela assim não vai. Eu nem me lembro qual foi a minha nota que eu tirei, eu sei que eu passei que ele me deu uma nota pra mim passar não sei, sei que aí eu fiquei nervosa, eu tinha medo dele, tinha muito respeito

com ele, ele era durão, ele era rígido que ele queria tudo correto, tava certo né, mas a gente temia, eu tinha medo dele, achava ele bonito, com aquele porte assim, aquele barrigão assim muito branco, muito corado com aquela cabeçinha branca, mas eu tinha medo dele e dessa vez, era meu professor, fazia provas com ele, mas no fim do ano acontece isso e eu só vim parar depois de muito tempo de ter tentado, sai da classe tudinho aí foi que eu melhorei, fui melhorando, melhorando, depois chorei porque pensei que fosse reprovada.

Ana Paula: E o teste de admissão propriamente dito?

Rosenilda: É eu acho que eu não tirei nota muito baixa não, eu não me lembro mais não!

Ana Paula: Mas como foi o seu comportamento no teste de admissão?

Rosenilda: Foi normal, foi normal eu acho que estava preparada, a escola me preparou e não tive muito problema não, procurava chegar sempre na hora, ter lápis sempre não só lápis mais! Também tudo normal!

Ana Paula: E as Escadas?

Ana Paula: As escadas o que lhe lembra?

Rosenilda: É a nossa fila pra subir!

Ana Paula: Como vocês subiam?

Rosenilda: A gente não podia fazer muita algazarra porque Dona Benvida estava aí né nos olhando, tinha que entrar tudo direito, comportado não era pra fazer muita, apesar de sair já saia na bagunça.

Ana Paula: E no salão nobre?

Rosenilda: Nobre?

Rosenilda: Lembro das cadeiras tenho a impressão que era alta né? Aí os degraus altos, grandes onde colocava as cadeiras, onde a gente descia e a gente via tudo embaixo.

Ana Paula: O quer que acontecia nesse salão?

Rosenilda: Era reuniões eu nem sei, sinceramente agora eu...

Ana Paula: As aulas de canto?

Rosenilda: Dr. Fittipaldi não é?! e Dr. Fittipaldi alto magrinho.

Rosenilda: Geralmente eu ficava na sala, a gente ficava na sala olhando revista, gostava sempre de ler aquelas revistas.

Ana Paula: Quais eram as revistas?

Rosenilda: Eu não me lembro mais!

Ana Paula: Mas eram de que assunto?

Rosenilda: De amor, de amor né como capricho essas coisas, era o que eu gostava, trocava, comprava uma, comprava outra pra troca.

Ana Paula: Era como se fosse tipo fotonovela?

Rosenilda: É fotonovela!

Ana Paula: E o pátio?

Rosenilda: O pátio eu recordo!

Ana Paula: Se lembra de nome de mais algum professor?

Rosenilda: Não só Dr. Bastos, Carneiro Leão, Lino Castro, Linei e Fittipaldi só me recordo desses nesse momento! Dona tinha a baixinha que era no canto ofeônico que era uma baixinha tinha parece até um defeito nas costas a do menino lá, não me lembro mais o nome dela.

Ana Paula: O quer que mais lhe marcou aqui na Escola Normal?

Rosenilda: Amizade, a gente tinha uma turma de amigas era gostoso tudinho, gostei do ambiente, tive saudades quando fui embora, mas tive que ir, mas gostava daqui.

Ana Paula: Como era a disciplina?

Rosenilda: Ele, Dr. Bastos, ele queria tudo direito, tudo direito ele não queria nada de anarquia, as alunas mal vestidas, é livros, todos os livros, tudo organizado e tínhamos que seguir se não a nota em conduta não era bom.

Ana Paula: Existia a nota em conduta?

Rosenilda: Existia, eu acredito que sim, comportamento não é? Comportamento eu acredito que sim, eu não me lembro bem, mas acho que sim, isso chamava muita atenção que tinha não era zeladora qual é o nome que dar, servente não era...

Ana Paula: Colaboradora?

Rosenilda: Não!

Ana Paula: Inspetora?

Rosenilda: Não! É outro nome que dava que ela sempre ficava na sala, saía professor ela entrava!

Ana Paula: Monitora?

Rosenilda: Era pra não deixar fazer balburdia dentro da sala.

Ana Paula: Coordenadora, Bebel, supervisora?

Rosenilda: Ah, acho que era bebel que chamava, era um nome assim, mas não era desses nomes atuais não era outro nome!

Ana Paula: Sempre tinha uma pessoa na sala?

Rosenilda: Sempre tinha uma pessoa na sala era quando saía ela ficava olhando a sala, olhando a outra era danadinha assim.

Ana Paula: Como era que vocês se comportavam, como era que esse corpo se comportava em sala?

Rosenilda: Bem eu não me lembro de anarquia, de jogar papeizinhos essas coisas não, era bom comportamento! A gente quando saía era o recreio nerá que a gente tinha parece dez, quinze minutos aí a gente ia brincar no pátio. Aí eu era meio machão gostava de jogar bola, de pular, de correr nunca ficava por dentro sempre por lá, pegava uma bola e ia brincar, adorava jogar.

Ana Paula: Esse comportamento como vocês se sentavam, a postura das moças, como era a postura do corpo de vocês?

Rosenilda: Quanto a isso eu não me lembro não, não me lembro não!

Ana Paula: O comprimento da saia, a forma de se sentar?

Rosenilda: Ah, isso aí a gente por regra de casa mesmo se sentava bem né não tinha essas coisas de sentar com as pernas dobradas não, com as perninhas direitinha, tudo direitinha, a saia não era curta, a saia era um pouca abaixo do joelho, era tudo direito não tinha esse negócio de se sentar a vontade não já trazia de casa né o jeito naquele tempo ninguém sentava como hoje em dia né ver uma atriz pega um programa de auditório vai dar uma entrevista, uma coisa pega as penas bota lá em cima né toda a vontade né naquele tempo não tinha isso a pessoa tinha que se sentar direito. Então era tudo assim dentro dos padrões da moral.

Ana Paula: Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Rosenilda: Se fazer respeitar, ser íntegra

Ana Paula: Como era a disciplina na escola Normal?

Rosenilda: Era rigorosa para o nosso próprio bem, nossa educação.

Ana Paula: A escada, a decoração da escada, o jeito da escada?

Rosenilda: Eu acho que era mais ou menos o mesmo, Ana Paula! Já passaram tantos anos que a gente vai, eu de outras escolas posso até misturar né uma escola com a outra!

Ana Paula: Seus pais vinham lhe buscar, como era essa relação?

Rosenilda: Meu pai!

Ana Paula: Como é que era?

Rosenilda: Meu pai, minha mãe me preparava, papai tinha carro, aí papai vinha me deixar e vinha me buscar, agora quando ele não vinha saía eu, Norma e como era o nome daquela menina?

Ana Paula: Luizinha!

Rosenilda: Luizinha, nos três, às vezes de manhã nos vínhamos a pé, a gente já fazia sempre a pé.

Ana Paula: Como vocês vinham do caminho da escola?

Rosenilda: A gente vinha conversando, geralmente a pé!

Ana Paula: Aí vinham conversando?

Rosenilda: Conversando era, umas bobagens de moça mesmo, de menina moça né!

Ana Paula: E qual era o tipo de conversa?

Rosenilda: Coisa banal que eu não me lembro mais! Um flertezinho, uma coisa assim.

Ana Paula: E na volta?

Rosenilda: Na volta às vezes a gente ia a pé ou papai ia buscar, não sei se seu avô vinha buscar Norma, eu não me recordo, sei que papai vinha e ate às vezes diziam que papai era magrinho aí pensavam que papai era meu namorado, visse esse homem namora com essa menina, aí papai uma vez ouviu e ficou todo vaidoso. Às vezes quando ele podia ele vinha me buscar senão ia pé e saia parelando, falando dos professores, falando das aulas, falando da paquera, menina enxerida.

Ana Paula: Tinha muita paquera?

Rosenilda: Ah, dos meninos que ficava aí na frente.

Ana Paula: Quem eram esses meninos?

Rosenilda: Era do Ginásio Pernambucano, ou das Faculdade de Direito e de Engenharia! Aí ficava ali passava agora a gente via muito quando passava uma Normalista, eles olhavam para o nosso emblema e muitas vezes tocavam e diziam: isto é Instituto de Educação, isto é Peito. as meninas ficavam por conta. Eu graças a Deus era magrinha não levava nada dessas coisas mais quem tinha mais peito e chamava atenção eles faziam muito isso.

Ana Paula: Quando vocês vinham da escola?

Rosenilda: Era a gente vinha era, IEP aí eles diziam Instituto de Educação de Pernambuco, IEP.

Ana Paula: Agora isso na frente da escola?

Rosenilda: Era, era quando a gente saia ficava muito meninos por ai não sei de onde eles eram sei que ficavam na frente da escola. Aí papai quando podia vinha me buscar.

Ana Paula: Qual era o nível das amizades, do pessoal, das meninas que estudavam na escola?

Rosenilda: Olha eu acho que aqui era menina pobre, média e menina rica era tudo junto, eu acredito que sim. Eu era de família pobre e estudava com meninas de até classe alta, mas tudo bem nenhuma menosprezava a outra nem nada era tudo por igual não tinha o que tem hoje em dia orgulho né minha filha naquela época não tinha estudávamos tudo junto, agora tinha uns grupinhos que todo colégio é assim você tem aquela, aquele grupinho de mais amizade, mas tudo bem.

Ana Paula: Tinha fila, uma colava da outra, não?

Rosenilda: Tinha fila, tinha quando a gente podia filava e eu que era meio preguiçosa, sempre precisava, me ajuda aí.

Ana Paula: Tinha coragem?

Rosenilda: Hum-rum!

Ana Paula: Aquela disciplina que era, o rigor?

Rosenilda: Quando era possível, quando não era sofria calada mesmo.

Ana Paula: Vamos?

Rosenilda: Vamos! Quando fui fazer admissão não podia nem olhar de lado assim, não podia!

Ana Paula: Quando?

Rosenilda: Quando fazia o exame de admissão. Aliás, era assim, toda prova era muito rigorosa né? ficava professor na classe, a vou dizer a monitora ficava na porta também observando quem filava essas coisas, era difícil, era difícil não tinha passividade.

Ana Paula: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Rosenilda: Estudei uma ano, achei maravilhoso, bons professores e boas colegas.

Apêndice H - Entrevista realizada com a Funcionária Edivalda Porfírio de Albuquerque**Transcrição da entrevista de Edivalda Porfírio de Albuquerque**

Fonte: A autora, (2015).

Ana Paula: Bom dia, meu nome é Ana Paula, estou fazendo doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco. Veja só, o que representa a Pinto Júnior pra senhora?

Edivalda: Bom dia, meu nome é Edivalda Porfírio de Albuquerque.

Edivalda: A Pinto Júnior não é minha mãe, mas também não foi minha madrastra, porque eu sou filha da Escola Normal Oficial. Lá é que eu me formei. Eu amo a Pinto Júnior como se tivesse me formado aqui, por tudo, e mais pelo apoio que eu tive desde que cheguei aqui. Fui convidada pelo doutor Rui de Melo, que era o diretor da escola. Era o meu diretor da Escola Normal e me trouxe para aqui em setenta e quatro para ensinar sociologia no lugar de Amaro Quincas. Eu estava ainda no terceiro ano de Pedagogia pela Federal e doutor Rui me convidou para substituir Amaro Quincas que era o professor catedrático de sociologia aqui na escola, então, eu vim ainda como terceiranista de pedagogia enfrentar as feras, como há muito tempo, mas graças a Deus que desde a hora que eu entrei, que eu sempre me expus, mesmo como aluna, tive respeito de todas alunas, não só o respeito, pois eu eduquei

Ana Paula: Como eram as alunas, o ensino naquela época?

Edivalda: Olha, primeiro, as alunas que faziam magistério eram especiais. Por que? Elas escolhiam magistério porque queriam ensinar, ser professora. Então, eram alunas dóceis, obediente, e que amava os professores.

Ana Paula: Em qual ano a senhora ensinou aqui? Até que ano?

Edivalda: Mil novecentos e setenta e quatro até... Qual foi a última turma? E eu deixei, eu acho, que em 2002, quando eu comecei a ficar rouca e fui deixando.

Ana Paula: E a senhora estudou lá na Escola Normal Oficial de que ano a que ano?

Edivalda: Eu cheguei lá na Escola Normal Oficial em cinquenta e sete, não, em cinquenta e seis até cinquenta e oito.

Ana Paula: Então, de cinquenta e seis a mil novecentos e cinquenta e oito a senhora fez o magistério?

Edivalda: Isso. Olhe, eu já vinha de um curso normal rural do colégio Santa Maria em Timbaúba. De freiras franciscanas.

Ana Paula: Então, assim, veja só, Dona Edivalda, pelo o que eu vejo, a profissão professora vai muito além de um amor. Vai mais do que uma escolha, uma vocação.

Edivalda: Pronto, vocação. O que é vocação? Amor a profissão porque eu dizia sempre em sala de aula: Se eu morresse, eu seria professora novamente.

Ana Paula: Me diga, por qual razão você escolheu a carreira docente?

Edivalda: Olhe, pra escolher ser professora eu não tive escolha. Por que? Na cidade do interior, Timbaúba, chegaram as freiras franciscanas que vieram da Alemanha correndo da guerra. Então, elas se instalaram em Timbaúba, Limoeiro e Triunfo. Dividiram-se em três. Pronto, naquela época, uma moça que se dizia de família não podia estudar em um colégio que se dizia masculino, e Timbaúba tinha um ginásio José Mendes só para homens. Então, começaram as meninas indo estudar, mas com restrição, porque uma moça direita não ia estudar no José Mendes. Aí eu fui para o Santa Maria que era um colégio de moças e começamos o curso do magistério em mil novecentos e trinta e nove, mas eu só fui para esse colégio em mil novecentos e quarenta e um.

Ana Paula: A senhora começou a estudar no Colégio Santa Maria em mil novecentos e quarenta e um?

Edivalda: Isso. E me formei como professora normal rural em mil novecentos e quarenta e quatro.

Ana Paula: Ah, então quando a senhora veio de lá de Timbaúba a senhora já veio formada em professora normal rural.

Edivalda: Vai chegar, vai chegar... Olhe, a professora normal rural só podia ensinar até Olinda, Paulista, Jabotoatão, jamais no Recife. Chegando aqui, eu me matriculei na Normal antes, para não ficar rodando em técnico, que eu já estava nomeada em técnico, fiz o curso de

Educação Física, e fui ensinar no grupo escolar Dom Sebastião em Água Fria. Fiquei lá em Educação Física, depois de dois anos fui fazer Escola Normal.

Ana Paula: A senhora fez o curso de Educação Física onde? Como a senhora se formou em Educação Física?

Edivalda: Na Escola Oficial de Educação Física do Recife. Eu fiz o curso em mil novecentos e quarenta e quatro, era um ano para se ensinar o ensino primário da época . Quem queria ensinar para o curso superior ia fazer 4 anos, e eu não quis.

Ana Paula: Onde ficava esse curso?

Edivalda: Lá na Avenida Portugal, onde ficava a Escola de Educação Física.

Ana Paula: Na avenida Portugal?

Edivalda: Ali pertinho do hospital.

Ana Paula: Do Hospital Português?

Edivalda: Isso.

Ana Paula: E por que a senhora escolheu fazer o curso de Educação Física?

Edivalda: Não tive escolha. Ou fazia Educação Física e ficava aqui na cidade com minha família ou ia ficar no interior até casar e ficar por lá mesmo. E era o medo... era o medo, que professora no interior achar casamento assim de desocupados. Todo mundo quer ser marido da professora na época;

Ana Paula: Aí a senhora não queria isso pra senhora.

Edivalda: Não queria isso, queria ir embora ficar com minha família. A única opção foi o curso de Educação Física. E me dei muito bem.

Ana Paula: Aí depois que a senhora fez o curso de Educação Física?

Edivalda: Fiquei ensinando no grupo escolar Dom Sebastião Leme de Água Fria. Eu acho que eu tive uns seis anos por lá. Aí minha diretora me incentivou para eu fazer pedagogia que achava que eu estava me perdendo no curso de Educação Física.

Ana Paula: Aí depois a senhora fez o Normal Oficial?

Edivalda: Não, eu já tinha feito Educação Física e o Normal Oficial, e em seguida, vim pra Federal.

Ana Paula: Aí depois foi fazer pedagogia?

Edivalda: Na Federal, que ficava na Nunes Machado, sabe onde é?

Ana Paula: Não...

Edivalda: Junto a Soledade

Ana Paula: O curso de pedagogia da Universidade Federal era na Nunes Machado próximo a Igreja da Soledade. Em que ano isso?

Edivalda: Mil novecentos e sessenta e quatro. Nós terminamos o vestibular no dia que rompeu a revolução de sessenta e quatro. Foi quando nós terminamos o vestibular e eu ingressei na faculdade.

Ana Paula: Aí a senhora ingressou de mil novecentos e sessenta e quatro...

Edivalda: Até mil novecentos e sessenta e sete.

Ana Paula: Aí quatro anos de curso de pedagogia.

Edivalda: Isso.

Ana Paula: E o que é ser Normalista pra senhora?

Edivalda: Ser Normalista lá em Timbaúba no Santa Maria foi a glória, porque a gente se achava o máximo. O colégio tinha começado e nós éramos as primeiras. Foi bom demais.

Ana Paula: E aqui no Normal Oficial?

Edivalda: Olhe, o Normal Oficial, eu sou sincera, eu fiz por necessidade. Que eu não queria ficar a vida toda com Educação Física. Que Educação Física chega a um ponto que você envelhece e não dá mais. Aí eu fiz.

Ana Paula: E como era o comportamento de uma moça nessa década de cinquenta e sessenta?

Edivalda: Eu vou lhe contar só uma coisa muito engraçada. Quando eu estava no curso Normal em Timbaúba eu tinha na época uns dezesseis anos, nessa faixa, fiquei noiva. As freiras me proibiram de usar aliança na escola, não podia. Mas um dia eu não sei porquê cargas d'água eu entrei na escola com a aliança no dedo e a madre superior me chamou no parlamento, tirou minha gravata, e tirar a gravata era uma prova de que você estava de castigo. Então eu fiquei uma semana sem usar a gravata, que era comprada, por sinal, pelo colégio, a gente não podia ter segunda via. E na frente dos colégios ficavam só os rapazes... você sem a gravata faziam piada com a gente.

Ana Paula: Meu Deus...

Edivalda: Agora, porquê eu fiquei de castigo? Outro engraçado... Abriu uma igreja evangélica que na hora se chamava Igreja Protestante e lá, eu não sei porque eu fui ver a inauguração, uma coisa diferente que era da católica e aprendi um hino que se chama: Deixa a luz do céu entrar. Esse hino hoje eu sei que é domínio público e não pertence a nenhuma religião. Pronto, cheguei no outro dia no colégio muito feliz e cantando o hino. Mandaram me chamar para o parlamento mais uma vez porque nossa coordenadora era muito santa e me denunciou que eu sendo católica e estava cantando o hino protestante. Mais uma vez fiquei sem a gravata. Pra minha ilusão, ou desilusão, quando eu chego aqui no Recife anos depois,

vejo a igreja católica cantando o hino todo dia. O hino é de domínio público, não é de autoria nem católica e nem protestante.

Ana Paula: Uma aliança não se podia usar?

Edivalda: Não. Passei seis anos noiva, mas o azar foi tão grande que acabou.

Ana Paula: Desculpa eu perguntar, mas a senhora se casou?

Edivalda: Não, não...

Ana Paula: Sempre seguiu a carreira docente?

Edivalda: Tanto quanto aluna e como professora. E hoje eu digo que se renascesse, professora de novo seria.

Ana Paula: A senhora de lembra dos nomes dos seus professores e das disciplinas lá do colégio Normal Oficial?

Edivalda: Olha, eu me lembro de Carneiro Leão que ensinava matemática, eu me lembro de dona Meri que ensinava didática e prática de ensino, eu me lembro de Dulce... parece que era Dulce Campos.

Ana Paula: Dulce ensinava o que?

Edivalda: Sociologia... Tadeu Rocha que ensinava geografia, Souto Maior que ensinava história. Esse, o filho dele, foi reitor, não lembro o nome... Ensinava português.

Ana Paula: E aqui na Pinto Júnior? O nome dos professores e a época mais ou menos?

Edivalda: Quando eu cheguei aqui? Deixa eu ver... Tem a Teresinha Botelho que estou esperando até agora e não chega, tinha a Alda Lucas.

Ana Paula: Alda Lucas era de que?

Edivalda: Era coordenadora a noite. Nizan? era coordenadora da manhã e Alda da noite. A tarde tinha outra, Silvinha, que eu não me lembro o sobrenome. Depois Silvinha saiu e ficou Nizan a tarde e manhã. Nizan já morreu. Tinha Tânia Alcôforado.

Ana Paula: Tânia era de que?

Edivalda: Era diretora. Foi professora de história e depois diretora da escola. Lourdes Correia que ensinava didática da matemática. Tinha Suelly que ensinava biologia, tinha Vera que ensinava português, tinha Aluísio Albuquerque que ensinava português. Quem era mais?

Edivalda: Eliane Campos, história, e religião.

Ana Paula: Eu perguntei a senhora como era ser Normalista. E como era ser professora da escola Pinto Júnior?

Edivalda: Primeiro eu fui professora da escola do Instituto de Educação de Pernambuco (IEP).

Ana Paula: A senhora também foi professora lá?

Edivalda: Foi. Eu comecei lá no terceiro ano. No dia oito de Maio, no dia que fazia um ano que a segunda guerra mundial acabou. Nunca esqueço essa data.

Ana Paula: Qual foi o ano?

Edivalda: Em quarenta e cinco. Mas eu não cheguei lá nesse mil novecentos e quarenta e cinco, eu cheguei em sessenta e oito.

Ana Paula: Pra professora?

Edivalda: Professora, fiquei lá ensinando, eu tava no terceiro ano. Em sessenta e quatro vim para aqui. Minha filha, ser professora no IEP era tudo o que se queria, que era uma escola de elite. Só chegava lá quem era escolhida pelo diretor. Então, ser convidada pra ensinar na Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora foi a glória da minha carreira. Pronto.

Ana Paula: Como era o comportamento, a vestimenta, a postura? Tanto o pessoal como de roupa?

Edivalda: O Instituto de Educação era considerado de elite, então, nós professoras, eram muito bem vestidas, muito bem comportadas.

Ana Paula: Tanto lá no IEP quanto no Pinto Júnior?

Edivalda: Aqui eu já cheguei em setenta e quatro, já formada e já tinha uma estrutura.

Ana Paula: Dona Edivalda, eu entrevistei esses dias, não sei se a senhora se lembra, de Maria Lindete, ela agora chegou a ser professora da federal. Ela conta, de forma bem espontânea, ela como era uma pessoa mais humilde, e também foi convidada, não lembro o nome do diretor da época, para ser professora daqui do Pinto Júnior.

Edivalda: Devia ser Rui Belo, foi muito tempo... Doutor Rui de Aires Belo.

Ana Paula: Doutor Rui de Aires Belo. Aí, resultado, ela disse que não tinha roupa ao nível da escola Pinto Júnior. Aí teve que comprar roupa nas pressas e a vizinha emprestou sapato ela. Ela ficou de roupa emprestada e de sapato até recebesse o salário para poder comprar roupa.

Edivalda: Como é bom ser professora do Pinto Júnior.

Ana Paula: E a senhora, assim, a questão da roupa e vestimenta?

Edivalda: Olhe, a questão da roupa, para mim, não foi novidade, pelos meus retratos você vê que eu sempre fui muito bem vestida e já ensinava no interior, já tinha o meu dinheiro, e antes de eu ter meu dinheiro eu era uma pessoa pobre, e tinha uma família rica que me manteve no Santa Maria, colégio pago, colégio, chique, bem vestida porque a família da minha mãe era gente que tinha uma higiene. Eu fui criada numa higiene com tudo e era fartura ao meu redor.

Ana Paula: É outra visão, não é?

Edivalda: Outra estrutura. Eu não tive aquela história de dizer que eu não tive roupa, não tive sapato, não posso me apresentar, porque os parentes da minha mãe, que eram meus padrinhos,

mantinha:me tudo que era chique. Sempre fui chique, apesar de pobre, mas tu sabe, padrinho rico, e madrinha rica.

Ana Paula: E sua mãe, sua família? Mãe e pai?

Edivalda: Pai morreu comigo bem pequenininha. Eu fui criada pelos meus padrinhos que eram primos legítimos de minha mãe. Aí, pronto, eu era o centro das atenções, em um engenho que só tinha gente adulta. Eu, criança...

Ana Paula: E quer queira, quer não, com o pai falecido eles queriam dar toda a proteção.

Edivalda: Isso, a mim e meu irmão, só tinha a gente. Agora, uma coisa engraçada, olhe, quando eu tinha cinco anos, como lá no engenho eles eram assinantes do Diário de Pernambuco na época. Quando eu tinha cinco anos eu forrava o Diário aqui no chão, fazia a minha casa de boneca e o diário está aqui. Aí passava alguém e eu perguntava: Que letra é essa?

Ana Paula: E quem passasse?

Edivalda: As meninas da cozinha, o povo de casa. E respondiam... D... I... E, assim, um belo dia eu fui juntando as letras e gritei pra alegria de todos com cinco anos: Diário de Pernambuco. Eu acho que eu não sabia ler outra coisa, mas o Diário Pernambuco, foi o meu primeiro livro.

Ana Paula: Foi sua primeira cartilha.

Edivalda: Foi, o Diário de Pernambuco. Hoje, eu sou assinante do Diário, acho, que há uns quarenta anos.

Ana Paula: Muito bonita sua história.

Edivalda: No dia que o Diário souber disso...

Ana Paula: Vai querer fazer uma reportagem de verdade. Aí, veja só pra a gente dar aquela finalizada eu vou fazer duas perguntas. Como era o fardamento na época que a senhora estudou lá no IEP?

Edivalda: Quando eu estudei no IEP, como eu estudei a noite, nós não tínhamos fardamento, era roupa comum. Mas, na época, fardamento da escola parece que era azul e branco. A saia com a blusa branca. ... Cor é essa, creme.

Ana Paula: Da Escola Pinto Júnior?

Edivalda: Isso, pronto. Da escola Pinto Junior era um caquezinho, com a blusa branca de mangas curtas. No IEP era azul e branco...

Ana Paula: A senhora sabe por que aqui era caque? A escolha da cor caque?

Edivalda: Não sei. Porque quando criaram a Pinto Júnior, a Normal, já existia, então, a Normal era uma escola só pra homem, mulher não entra, naquela época.

Ana Paula: Que foi criada a Pinto Júnior?

Edivalda: Aí foi criada a Pinto Júnior e mulheres entravam, lá só entravam homem e aqui só entrava mulher.

Ana Paula: A senhora sabe me contar, um pouco, sobre a história do Pinto Júnior?

Edivalda: Não sei, o que eu sei somente aqui. Eu não fui filha da Pinto Júnior, eu sou enteada, fui filha de lá, daqui não, muito bem tratada e bem querida pela madrasta .

Ana Paula: Que é a Pinto Júnior. Então, na sua época o diretor era o doutor Rui?

Edivalda: de Aires Belo

Ana Paula: A senhora chegou a conhecer Pinto Júnior? Não sei nem a idade dele.

Edivalda: Não, Pinto Júnior foi mil oitocentos e setenta e dois.

Ana Paula: Foi há mais de cem anos.

Edivalda: Só tem o retrato dele lá.

Ana Paula: Aí a senhora não chegou?

Edivalda: Quando Pinto Júnior criou essa escola, ele era estudante de direito, tinha 18 anos de idade e fundou essa escola. Dessa escola, da ideia de Pinto Júnior, nasceram algumas escolas. Dizem que a ideia da escola de medicina, parece que da escola de farmácia, a criação nasceu dos professores daqui. Isso é o que me disseram sempre, eu não atesto.

Ana Paula: Eu ia fazer outra pergunta sobre... Assim, dessa história, me passou agora... Eu fiquei tão encantada que... A senhora gostaria de deixar uma palavra para todos que estudaram no Ensino Normal. A representatividade do ensino Normal em Pernambuco.

Edivalda: Pra mim, a extinção do curso de magistério, como se deu, foi um crime contra a educação brasileira. Na hora que as autoridades passaram o Curso Normal para quatro anos sem direito da aluna fazer o vestibular no terceiro matou o curso do magistério. Eu amo o curso do magistério, quando se deu o fechamento dessa escola, eu preparei todo o material pra ser entregue ao estado. Então, naquela hora, eu estava matando uma história de cento e quarenta e oito anos. Mônica sabe que eu chorei muito aqui preparando todo o material do curso de magistério da Pinto Júnior para entregar na Gerência Regional de Ensino (GRE) no dia sete de outubro de dois mil e treze. Foi um dos dias que eu mais chorei na minha vida. Eu diria isso. As autoridades, inconscientemente, mataram o curso de magistério. Hoje ainda não, mas daqui há um ano, a professorinha primária vai fazer falta.

Ana Paula: Eu lhe pergunto, a didática de pedagogia é a mesma do curso primário pra quem vai ensinar as crianças menores de cinco anos?

Edivalda: Não.

Ana Paula: E a didática do magistério?

Edivalda: Era a primeira fase, resultado disso é que hoje não está havendo mais, se eu viver mais, vou viver a falta que a professorinha vai fazer. É muito triste terem acabado com o curso técnico de magistério.

Ana Paula: A senhora gostaria de falar mais alguma coisa, Dona Edivalda?

Edivalda: Não, só lhe dar um abraço! Outra coisa, que bicha corajosa de querer pra um doutorado e me entrevistar.

Ana Paula: A senhora não sabe da importância que a senhora é para a Educação de Pernambuco. É memória viva e vale mais do que aquela cópia que eu tirei. É memória viva.

Edivalda: Tá gravando?

Ana Paula: Tá gravando sim! É pessoa que fez e faz a história da Educação de Pernambuco.

Edivalda: Infelizmente, nossas autoridades não valorizam professor. Haja visto nosso queridíssimo governador, que eu votei nele para não votar mais. Tirou de nós o direito do piso nacional. Paulo Câmara não deu o piso ao professor que tem pedagogia, só deu ao que tem, simplesmente, o técnico. Então, isso é uma desvalorização do professor.

Ana Paula: Em vinte e seis de junho de quando que a senhora se aposentou?

Edivalda: Oitenta e seis. Aí eu fiquei na escola sentada duas semanas, eu ainda fiquei uns dez dias na escola terminando meu trabalho. Quando terminei tudo e entreguei, o diário de classe, aí saí da escola.

Ana Paula: A senhora saberia me falar sobre a Sociedade Propagadora?

Edivalda: Realmente se criou a Sociedade Propagadora da Instituição Pública uma mantenedora da Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora .

Ana Paula: Aí essa escola, ele criou....

Edivalda: A sociedade Propagadora da Instituição Pública é a Sociedade que existe até hoje, e está sociedade criou a Escola Normal Pinto Júnior da Sociedade Propagadora .

Ana Paula: E essa sociedade é mantida até por quê e por quem?

Edivalda: Olhe, isso é um grupo de abnegados sem fins lucrativos. Ninguém deu um tostão para ser sócio disso aqui, também não recebeu um tostão para ser sócio.

Ana Paula: E ela é mantida por quem?

Edivalda: Era a escola que mantinha, agora, a escola fechou. São salas alugadas que paga o salário de dois funcionários,, telefone, água, luz e pronto. O prédio pertence a sociedade.

Ana Paula: E, naquela época, as moças pagavam para estudar aqui?

Edivalda: Olhe, isso eu não sei, mas eu acho que não. Se eu não me engano, nesses papéis que você tem aí tem que começaram cobrar uma taxa só pra manter.

Edivalda: Uma taxa para manter a escola. Agora, no fim, quando eu já estava aqui, compravam uma mensalidade baratíssimo, metade dos colégios particulares.

Apêndice I - Entrevista realizada com a Normalista Ingracita Queiroz Bastos

Transcrição da entrevista de Ingracita Queiroz Bastos



Fonte: Arquivo pessoal de Ingracita Queiroz Bastos.

Ana Paula Hoje é quanto? Treze, né? Treze do um de dois mil e dezesseis, estou entrevistando Dona Ingracita. Dona Ingracita, bom dia!

Ingracita: Bom dia!

Ana Paula É... Me fale sobre o seu ingresso, todo o seu processo de entrada na Escola Normal. Normal Pinto Júnior.

Ingracita: Olhe, em 1954, eu estava chegando do interior de Barreiros, com meus pais e toda a família. Então ficamos sem estudar. Fui estudar na escola Manoel Borba como pré. Tinha 7 anos, eu não era alfabetizada ainda. Mas com 7, 8, 9... Com 10 anos eu terminei. Nesse período, meu pai era pintor, era encanador... Então foi convidado pra ir pro Pinto Junior, fazer um grande serviço lá, tanto de pintura quanto de hidráulica. Então, ele falou com o diretor na época, que era Armando Temporal. Ele falou que tinha uma filha que tava na quinta série, queria fazer o período de admissão. Eu e minha irmã. Então ele convidou e disse: “Bem, vamos fazer o seguinte, você traz suas duas filhas pra começarem a estudar o...” sexta série?

Naquela época não era sexta série. Era quinta, sexta... Era quinta série. Então eu entrei na quinta série do Pinto Junior, eu e minha irmã Ione. Ficamos estudando. Quando meu pai terminou o período de receber o pagamento, então ele disse assim: “Olhe, Ferreira, eu tenho uma proposta pra você, pras meninas não perderem o ano aqui, já que estão na sexta, na sétima série. Eu vou inscrevê-las em bolsa de estudo pela Educação de Pernambuco” Aí ele disse “Tá bom!” “Botei o nome delas, tudo, elas fazem um testequinho aqui... Quando passarem, elas ficam estudando até terminar o curso de desejo.” Pronto. Aí fizemos, foi aprovada a bolsa de estudo, das duas. Então ficamos estudando, estudando mesmo pra valer. Meu pai pobre, tinha dias que não tínhamos luz em casa, estudava a nível de candeeiro... Aí fizemos a quinta, sexta, sétima e oitava série. Quando terminamos a oitava série, Dr. Armando chamou e disse assim: “Ferreira, olhe, elas vão querer fazer o Normal?” Aí meu pai disse assim: “Num sei...” Aí eu disse “Eu quero ser professora!” Isso em 1966. Fizemos em 1966 então o primeiro pedagógico, aí foi primeiro, segundo, terceiro ano. No terceiro ano, meu pai já tava se separando da minha mãe. Aí a dificuldade foi aguentar o fardamento, minha mãe.. a saia da gente como era de pregas, já tava toda se rasgando, minha mãe teve que subir o abanhado pra cima, pra poder conservar as pregas, pra poder a gente se formar e terminar o curso pedagógico. Então em 1966, terminamos o curso pedagógico pelo Pinto Júnior. Então, eu não fui laureada, mas eu fiquei parece que em segundo lugar.

Ana Paula Com toda essa dificuldade?

Ingracita: Toda essa dificuldade... A gente não tinha nem lápis pra escrever. Era uma bolsa que davam, era um sapato emprestado, às vezes o sapato tava furado, tinha que colocar papelão pra poder terminar o ano. Mas terminamos, nos formamos. Pra gente ter essa... essa participação na formatura, minha mãe teve que costurar 1 mês ou foi 2, pra pessoas desconhecidas, pra poder, pra poder valorizar todo nosso fardamento pra formatura. Então nos formamos. Em 66 nos formamos, em 68 eu comecei como professora, lá no Pinto Júnior. Trabalhei 68, depois...

Ana Paula Nesses três anos, quando ele perguntou... A gente vai voltar um pouquinho, certo? Quando ele perguntou ao seu pai quando a senhora terminou a oitava série, que ele perguntou ao seu pai se vocês queriam continuar estudando no Pinto Júnior. Aí vocês...

Ingracita: Continuamos. Aí nessa dificuldade todinha perto da formatura, aí ele pegou outro serviço lá no Pinto Júnior.

Ana Paula Sim, mas continuaram como bolsistas?

Ingracita: Como bolsista, até o final!

Ana Paula Até o final. A bolsa que vocês receberam do governo...

Ingracita: Até o último ano!

Ana Paula Porque o Pinto Júnior era...

Ingracita: Era particular! Meu pai pagava as prestações pra eu e minha irmã estudar ao nível dos trabalhos que ele fazia lá dentro. Então Dr. Armando mandou chamar ele e disse: “Olhe, eu tenho um trabalho grande pra você, aí você pinta a escadaria, você renova, reboca na frente e tudo, e faz aquele projeto de luminária, tudo, pra poder crescer e montar um curso profissionalizante” Aí meu pai aceitou, nessa proposta que ele recebeu de 50 por cento foi justamente junto da minha mãe que ele cobrou toda a participação, né? Sapato, roupa de formatura, até os anéis, meu e da minha irmã meu pai comprou. Tudo patrocinado pelo Pinto Júnior.

Ana Paula Pelo trabalho dele...

Ingracita: Pelo trabalho dele! Quando ele terminou todo o trabalho, que nós nos formamos, aí nós tínhamos uma irmã de criação que morava lá nos Coelhos. Meu pai resgatou ela dos Coelhos, trouxe pra dentro de casa, ela com 7 pra 8 anos, ela foi também estudar no Pinto Júnior, como bolsista também. Dr. Armando Temporal trouxe pra ela um curso de... Aí ela não fez pra professora. Ela terminou a oitava série e foi fazer vestibular.

Ana Paula A irmã dos Coelhos?

Ingracita: É. Aí pronto. Aí cada uma terminou seus estudos, eu comecei a trabalhar como professora...

Ana Paula Agora me conte... Como foi toda a questão dos estudos, do comportamento de vocês, os professores, lá do Pinto Júnior, nesses três anos de ensino Normal?

Ingracita: Olhe, todos os professores eram todos muito... muito bem. Eram educados, aceitava... Num tinha aquela rivalidade que... Fulano estudava com bolsa, outra particular... não! Tá entendendo? Então tinha menina até que era filha de lavadeira, eles faziam o patrocínio e davam oportunidade pra cada uma de estudar. E aquelas que podiam pagar, pagavam. Meu pai ia lá na tesouraria e perguntava: “To devendo alguma coisa?” “Não, não está devendo nada” “Tem algum serviço que eu possa fazer pela escola, alguma coisa que esteja precisando...” Aí “Não, tem não!” Então nós terminamos o nosso curso dessa maneira. Quando terminou, deixou só saudade. Tempo bom! Tempo bom! Era o comportamento... Ele ia lá, saber das notas, não podia ter nota vermelha, entendeu? Tinha que passar por média... E a dificuldade era muito grande, porque tinha dia que a gente não tinha nem o que comer. Mas que a gente levou em consideração, levou a educação.

Ana Paula E qual foi o motivo maior da senhora ter escolhido o curso Normal?

Ingracita: Porque eu com 8 pra 9 anos eu já brincava, até com as formiguinhas, que eu morava... Depois que eu vim pra cidade, eu morava num sítio, e sentava no chão, jogava aquelas pedrinhas... E fazia contagem, somava, e achava que eu dava pra ser professora. Eu fazia até fantasias na parede como se eu tivesse sentada numa mesa e estivesse ensinando o be-a-bá. Entendeu? Aí fazia: “Vá, digam... o bê-a-bá... Tanto que eu tinha uma professora, Dra. Zulmira, ela era uma professora de didática de mão cheia. Ela sempre dizia assim: “Vem cá, Ingracita.. O seu encerramento aqui vai ser... “Você vai fazer um trabalho pra crianças que não sabem contar.” Eu fiz um jogo de baralho com o bichinho e a numeração. Fazia, um bichinho, igual a 1, dois bichinhos igual a 2 e com isso eu tirei 10! Só uma coisa que eu ainda hoje guardo, foi que ela disse assim “Você vai dar aula sobre os dias da semana..” Eu estudei, estudei, estudei, e achava que o primeiro dia da semana era a segunda-feira, que era o número 2. Só que, não tirei 10 na época por conta de ter sido corrigida, dizer “não minha filha, olhe, o primeiro dia da semana é o domingo!” Aí não esqueci mais nunca. Foi a única coisa que me deixou assim, marcado né? Marcado pelo nível de estudo que tive, muito bom. Tinha a merenda, eles davam a merenda, a gente comia lá, de tudo que a merenda favorecia. As colegas sabendo que umas eram mais pobres outras era melhores de situação, elas levavam, compartilhavam o lanche, com merenda, com tudo. Foi muito bom aí.

Ana Paula Aí o motivo maior foi essa sua...

Ingracita: É, a vocação e a solidariedade do pessoal de lá. Tanto da secretaria quanto do professorado, tá entendendo? Eram professores muito bons, no tempo de... aquele... Dornellas Câmara, o filho dele...Tinha...

Ana Paula Como era o nome do filho dele?

Ingracita: Me lembro não.

Ana Paula Dornela Camâra era professor de que?

Ingracita: Era professor de ciências. Tinha Marcos Freire, era do constitucional, ele ensinava noções de Direito, lá na turma da gente, tinha... teve uma que não foi nem convidada, que ela está até viva ainda, Zumira já faleceu, tinha aquela que foi professora de física, foi, ela estava presente, eu não me lembro, né? É porque agora, assim é o que eu posso lhe dizer, mas ainda existe lá na secretaria alguém ainda representante do Pinto Júnior na minha época.

Ana Paula A senhora se lembra de algum outro professor e o que é que ele ensinava?

Ingracita: Eu sei que tinha um que era de matemática, que ele era professor da universidade, mas eu não me lembro o nome dele não, eu sei que ele dizia assim: “Você não quer saber matemática não, né? Tome um cabo de vassoura!”, “Mas professor, cabo de vassoura, bote

um zerinho atrás pra eu estudar mais!”, “Tome um cabo de vassoura agora pra você estudar mais, que depois eu dou um dez pra você.”.

Ana Paula Você lembra o nome dele?

Ingracita: A filha dele mora lá perto de mim, mas eu dificilmente eu me encontro com ela, sabe?

Ana Paula Qual dos professores assim...

Ingracita: Olhe, tinha... professore de português, que ela é cunhada de Nilma, não sei se ela ainda está viva, mas eu não me lembro, só se depois você ligar pra mim eu posso lhe dar...

Ana Paula E como era a disciplina?

Ingracita: A disciplina quando tocava a campainha...antes de tocar a campainha era todo mundo brincando do lado de fora, uma suspendia a saia e ficava de mini saia, quando chegava a dirigente de disciplina mandava baixar, ai quando tocava a campainha todo mundo corria pra sala de aula, não havia indisciplina nenhuma, só quando faltava professor que tinha aquelas que jogava a bolsa pela janela pra baixo, do primeiro andar, e dizia pra secretaria: “Estou com dor de barriga, preciso ir embora que eu estou menstruada e não tenho absorvente.”, ai ela deixava, mas só que a bolsa já tava lá embaixo pra o namorado ir pro treze de maio com ela, mas só havia isso. Mas todas elas era numa disciplina, tudo igual, tanto que a união permanece até hoje, né? Agora tinha aquelas que se sobressaiu, que não queria muito... que era toda reservada, que até hoje a gente convida e elas não querem...

Ana Paula Como era o fardamento?

Ingracita: O fardamento era uma saia comprida abaixo do joelho, sete centímetros, todo em prega, com uma blusinha branca, tinha que ser a blusa por dentro, entendeu? Não podia mostrar o joelho, o sapato era branco de meias até o joelho, parecia uma freira.

Ana Paula (risos) Qual era a cor do fardamento?

Ingracita: Era amarela, cor de canário, cor de canário, e a blusa branca.

Ana Paula Era de manga comprida?

Ingracita: Manga três quartos.

Ana Paula Com gravata...

Ingracita: Tinha gravatinha amarela igual a cor da... logo no início, depois no segundo ano eles tiraram a gravata e deixaram somente a blusinha, ai foi até o final.

Ana Paula Tinha alguma condecoração, algum emblema que dissesse que vocês eram do Pinto Júnior?

Ingracita: Não, a gente só era reconhecida pelo fardamento.

Ana Paula Pela cor do fardamento....

Ingracita: É.

Ana Paula E tinha algum emblema dizendo que era primeiro, segundo ou terceiro ano?

Ingracita: A gente usava assim, uma...

Ana Paula Uma tirinha?

Ingracita: Uma tirinha...

Ana Paula Uma fitinha?

Ingracita: Era uma fitinha. Primeiro ano, depois segundo, terceiro, quando chegava no terceiro era uma vitória. E foi através do ensinamento da Pinto Júnior que eu aprendi português muito, professor bem preparado era Doris Monteiro.

Ana Paula Era homem ou mulher?

Ingracita: Era uma mulher. Ela era professora de linguística, ela ensinava português, inglês, entendeu? Doris Monteiro. E além do português, a matemática, a matemática era muito bem ensinada. Tanto que quando eu sai pra fazer vestibular passei de primeiro, na época.

Ana Paula Qual foi o curso que a senhora fez?

Ingracita: Eu fiz jornalismo, aí passei, mas depois tive que trancar, porque eu não podia estudar, pagar, aí fui ensinar, comecei a trabalhar como professora lá mesmo, porque lá tinha jardim, mas eu fiquei contratada porque eu procurei outro recurso lá fora, aí fiz logo em seguida o concurso do estado, aí passei.

Ana Paula Como professora?

Ingracita: Como professora do Pinto Júnior.

Ana Paula Do Pinto Júnior?

Ingracita: Do Pinto Júnior. Aí eu trabalhei, depois fui transferida, pronto...

Ana Paula Como era ser professora do Pinto Júnior? Primeiro, que ano foi isso?

Ingracita: Foi em 1969.

Ana Paula E a senhora fez o concurso e passou pra ser professora...

Ingracita: Passei pra ser professora, fui logo laureada. Como eu fui laureada, eu passei e fiquei esperando um ano mais ou menos e trabalhado lá particular, quando eu fui nomeada, aí eu pedi transferência pra ir pra escola Manoel Borba, pronto.

Ana Paula Mas como era ser professora do Pinto Júnior?

Ingracita: Ser professora do Pinto Júnior era como se tivesse ganho... uma vitória! Entendeu? Era como... Me orgulhava em dizer, “Eu sou professora daqui da escola Pinto Júnior”. E dizia pra todo mundo “Eu sou professora do Pinto Júnior!”. “Eu agora sou professora primária do Pinto Júnior, no dia que eu entrei pela primeira vez na Pinto Júnior foi como se eu tivesse ganho um troféu de um grande prêmio na minha vida.

Ana Paula Como é que as pessoas viam esse ser professor na Pinto Júnior? Na sociedade, sua família, como é que viam...

Ingracita: Via com muito respeito, e era considerada como se fosse uma mãe, era como se houvesse uma grande confiança naquela professora dentro do padrão de ensino, entendeu? Eu comecei alfabetizadora, e eu alfabetizava com uma dinâmica que aquela professora de didática me ensinou, trabalhando com reciclagem, entendeu?

Ana Paula Naquela época...

Ingracita: Naquela época. Usava aquelas tampinhas de coca cola, a gente fazia aquelas letrinhas, aquelas, aquelas tampinhas e fazia como se fosse jogo de dominó.

Ana Paula Como era o nome dessa professora de didática, a senhora se lembra?

Ingracita: Era Dona Sumira, agora o sobrenome eu não sei, mas se você procurar na secretaria elas tem no arquivo o nome dela completo, o nome dela é Sumira. Professora muito boa, eu aprendi todo manuseio didático com ela e até hoje, Ana Cláudia, se eu começar a pegar uma criança com dificuldade eu trabalho do mesmo jeito, associo todas as letrinhas, todos aqueles pastilhamentos da alfabetização, dentro do que ela me ensinou, não esqueço.

Ana Paula Ainda vou fazer duas perguntas, que uma... Uma vai ser: o comportamento da senhora como aluno do Pinto Júnior e depois eu vou perguntar o comportamento como professora. Como era o comportamento de uma aluna do Pinto Júnior?

Ingracita: O comportamento de uma aluna do Pinto Júnior, era uma comportamento de muita seriedade, era se muito respeito, eu sempre fui muito calada, eu entrava calada, aprendia tudo calada, fazia minhas anotações, ia pra casa e obedecia piamente todas as normas que o Pinto Júnior...

Ana Paula A senhora se lembra como era essas normas, o que eles enfatizavam mais, o que é que eles exigiam mais....

Ingracita: Nós tínhamos então uma caderneta de frequência, essa caderneta na entrada e na saída, a gente batia presente e na hora de sair botava o horário da saída, não podia sair antes, a não ser um caso de extrema necessidade de doença que elas abriam a concessão, mas depois que entrasse lá não tinha a liberdade de ficar na janela, não tinha a liberdade de ficar conversando com ninguém, era eu lá sentadinha esperando que a campainha tocasse pra entrar. Então, havia assim.... existia excessão, subia na mesa do professor fazia strip tease pra dançar, mas eu como aluna sempre me comportei com grande postura, não havia falta de respeito.

Ana Paula A escola era só das meninas?

Ingracita: Só tinha meninas.

Ana Paula A senhora se lembra o nome da dirigente de disciplina?

Ingracita: Não, faz muito tempo.

Ana Paula Quem era que pegava essa caderneta? Era a mesma?

Ingracita: Era a mesma. Ficava sentada, tinha uma borboleta, a gente passava, ela travava. E as vezes a gente queria picolé, aquela coisa toda, ela não deixava sair, ninguém nem descia, nem subia. Fora do horário tinha que falar na secretaria porquê tava chegando fora do horário, entendeu? A disciplina era muito rigorosa.

Ana Paula Nem saída antes, nem chegava depois?

Ingracita: Não. Chegasse atrasada tinha que dizer, voltava, vinha com o pai ou a mãe pra no dia seguinte dizer porquê foi que chegou atrasada.

Ana Paula Como foi a participação da sua mãe nos seus estudos?

Ingracita: Minha mãe, ela quase não teve participação, a não ser me casa. “Olhe, vamos tomar banho, almoçar, pra estudar, aí sentava tudo na mesa pra fazer os deveres, só vai brincar depois que os deveres estiverem todo pronto.”. Eu como era a mais sabida, eu ensinava os deveres dos dois, entendeu? A minha irmã, ainda ensinava a outra, nós éramos três, mas aqui chegou em casa quatro, aí depois a gente terminava, ela olhava assim pro relógio... “Duas horas! Podem ir brincar.”. Pronto, só era até aí. Mas nunca veio reclamação de dever que faltava, nunca levei reclamação porque tirei nota vermelha porque não estudava, entendeu? As vezes a ente não tinha nem luz, porque a luz tava cortada, aí botava um candeeiro aqui, todos estudando de candeeiro. Tanto que quando foi de treze pra quatorze anos comecei a usar óculos já de miopia, um sacrifício.

Ana Paula Mas deixa eu lhe perguntar, a participação da sua mãe nos estudos era mais com as obrigações....

Ingracita: Domésticas.

Ana Paula Doméstica.

Ingracita: É, e com aquela responsabilidade de saber dos deveres.

Ana Paula E do seu pai...

Ingracita: Meu pai era com rigor. “Se chegar com nota aqui vermelha vai apanhar! Tem que estudar pra não perder a bolsa de estudos.”. Tinha que estudar...

Ana Paula Ai quem era que ia em qualquer ocasião, quem era que ia mais na escola?

Ingracita: Era meu pai, ele estava sempre presente, porque além dele estar presente tinha os serviços de lá né, de pintura, de pintar as paredes, de fazer a parte hidráulica, do entupimento das descargas, então ele tava sempre presente. Na cozinha, na biblioteca que as vezes tinha vazamento, ele ia tirar as goteiras pra não prejudicar os livros que a gente consultava, e ia na

secretaria pra saber como é que a gente estava, “como é que as meninas estão? Como é que elas estão de comportamento? Olha lá viu... se ouvir qualquer coisas, elas vão tudo apanhar quando chegar em casa.”. Então era muito rigoroso.

Ana Paula Nas festas que houveram nesse tempo, o casal ia, ia só seu pai...

Ingracita: Ninguém ia, ninguém participava. A não ser meu pai que levava , festa de São João, quadrilha, vai tudinho se fantasiar, como não tinha roupa, vestia uma roupa em cima da outra, fazia matuto, botava uma meia rasgada, um sapato velho e a gente dançava e ninguém sabia que aquilo tudo foi uma criação de última hora, ta entendendo? E participava.

Ana Paula Mas os seus pais...

Ingracita: Minha mãe não, minha mãe era mais dentro de casa como doméstica.

Ana Paula E não trabalhava fora, não fazia nenhum outro serviço?

Ingracita: Não. Fazia outro serviço não, era aquela doméstica que queria tudo limpo pra quando meu pai chegar em casa, passar a mão no móvel, não ter uma poeira. Era muito radical, muito radical, ele chegava: “E ai, Maria, porque que aquilo ali tá sujo?”, “Ah, porque eu esqueci!”, “Vá limpar, vá!”. Era sempre muito radical, muito radical, e por isso ela se perdeu no tempo.

Ana Paula Por que não foi trabalhar?

Ingracita: Não, não.

Ana Paula Qual o grau de escolaridade da sua mãe?

Ingracita: Era primário.

Ana Paula E do seu pai?

Ingracita: Meu pai foi primário até quando ele descobriu que deixando de trabalhar com pintor ele poderia ter uma vida melhor, ai começou a estudar, ai ele começou a montar negócios, entendeu? Foi camelô, meu pai foi vigia, depois passou a ter uma barraquinha que vendia até mesmo lá no colégio, vendeu picolé, cachorro quente, ai depois proibiram, quando ele pegou mais serviço, ai melhorou de nível, ai foi quando ele chegou a ser comerciante. Teve um estabelecimento pequeno, até ainda hoje ainda existe, o estabelecimento quem toma conta é o pessoal da família dele, da outra família.

Ana Paula: Ai a senhora tinha orgulho que seu pai trabalhava na escola, qual era seu sentimento de seu pai trabalhar na escola?

Ingracita: Tinha respeito, tinha respeito e sabia que os nossos estudos dependia unicamente do trabalho dele ali.

Ana Paula E em relação as outras colegas quando ele trabalhava ali?

Ingracita: Naquela época, eles parece não queriam saber o porquê que meu pai trabalhava ali, o interesse era só de amizade, namorava, ir pra uma festa, naquele tempo não existia esse entrosamento de saber “por que seu pai trabalha ali?” Ta entendendo? Porque não gerava fofoca, era tudo unido como uns irmãos, entendeu? Irmãs, umas ajudava a outra quando tava com dificuldade, era aquela alegria toda.

Ana Paula A senhora na época morava aonde?

Ingracita: Eu morava na... eu vim de Barreiros, eu morava em Casa Amarela, de Casa Amarela, viemos pra Chã Verde, ali no sítio, perto do quartel do Derby, ai de lá fomos pra Boa Vista, pra uma casinha, essa casinha foi que a gente começou, ai foi quando ele... a gente ia tudo a pé ali andando pela Rua Gervásio Pires, atravessava, ai chegava até o colégio.

Ana Paula E como era essa questão de namorar os rapazes que ficavam na frente da escola?

Ingracita: Ah, não ficava, porque a gente era tudo retraída nesse tempo, só minha irmã Ione foi fazer um trabalho, que já estava precisando fazer um trabalho sobre Camões, ai foi pro IEP, pra biblioteca do IEP, porque no Pinto Júnior não tinha essa pesquisa até pela professora de português Doris, ai lá foi que conheceu meu cunhado, entendeu? Mas, não existia esse negócio de namorado não, de ficar esperando não, ai o rapaz que ficasse na frente do colégio esperando, quando chegava em casa e meu pai sabia, dava tudo no cacete, não era chinelada, era cacete mesmo, pau mesmo, entendeu? Puxavão de cabelo, tapa, o diabo a quatro, ai a gente tinha medo, respeito a ele, né? Ta gravando tudo isso ai, é? (risos).

Ana Paula Ai a senhora e o ano de formatura de vocês?

Ingracita: Ah, foi uma alegria, como fosse o dia... porque pra mim foi como fosse o dia do meu casamento, porque olhe... a roupa tava toda pronta na cama, toda passadinha, minha mãe tinha comprado esse cetim já há meses pra não tá devendo a ninguém, o sapatinho foi doado, uma pessoa doou de presente pra gente, entendeu? O cabelo da época, daquele de pega rapaz, entendeu? Pronto. Ai naquele dia todo mundo foi pro salão, todo mundo fez as unhas, tudo patrocinado pelo meu pai e chegou em casa de luvas, foi tudo alugadas, entendeu? As luvas... igual a roupa. Foi uma solenidade muito bonita.

Ana Paula Foi aonde a solenidade?

Ingracita: Foi lá no Teatro Santa Isabel. E não houve baile, não houve baile, e tudo foi feito lá, foi filmado, foi foto, tudo!

Ana Paula Lá no Teatro Santa Isabel. Aí com todas as outras alunas?

Ingracita: Tudo aluna. Ai eu me lembro como se fosse hoje, depois que houve a colação de grau, todo se abraçou, parecia que era uma festa, aquelas que a gente vê na televisão ai de troféu, entendeu? De prêmios, porque foi muito bom.

Ana Paula O que é ser Normalista pra você?

Ingracita: Eu acho que se existisse hoje uma educação de qualidade como existia na minha época, não existia tanta coisa na educação. Ser normalista é trazer nos ombros a responsabilidade de uma professora de qualidade, entendeu? Eu fui uma normalista que respeitei demais a farda que eu vesti por conta de aqui fora dizer assim: “Eu fui uma normalista, mas sei ser uma professora de qualidade.”.

Ana Paula Na questão do progresso...

Ingracita: Do progresso educacional. Por que naquela época nós éramos preparadas pra enfrentar aqui fora uma educação de qualidade, tanto que quando eu fui nomeada pra ser professora, eu fui nomeada e fui laureada com a minha cadeira e com uma cadeira especial, ta entendendo? Então, pra isso eu me sentia regozijada daqueles valores que eu consegui como normalista, e ainda hoje se eu tivesse de voltar eu gostaria de fazer tudo de novo.

Ana Paula Ô que coisa boa...

Ingracita: Tudo de novo. Porque na minha vida marcou muito todos aqueles ensinamentos, tanto educacionais como doméstico, como uma educação pra mulher, porque lá a gente falava de um tudo, tenho um bom vocabulário. Quem aparecia com alguém problema é porque não sabia levar a frente aqueles ensinamentos, mas era como nós tivéssemos no segundo lar.

Ana Paula Ai na educação para mulher, o quê que a senhora se lembra que aprendeu?

Ingracita: Cuidado pra não aparecer grávida e ser uma mãe solteira, ai dizia: “encostou, pegou!”, ai tinha medo, dizia que ficava grávida até pelas pernas, ta entendendo? Ai aquilo ó...

Ana Paula Na cabeça...

Ingracita: Vamos namorar quando for pra casar, ai todo mundo tinha medo. Tinha um pai rigoroso dentro de casa, minha irmã também dizia a mesma coisa, agora, embora quando chegava em casa... que morava numa casa pequenininha que tinha um sótão, nesse sótão era onde a gente extravasava todos nossos conhecimentos, tá entendendo? Um falava de uma coisa, o outro falava de outra e meu pai nunca deu muita educação a respeito da sexualidade, então ficava cada um na sua vida, quando chegava aquele professor, aquela professora, que ia falar de tal assunto, ai era que a gente... não perguntava não, fazia papelzinho e botava pra ele responder.

Ana Paula Ah, vocês não perguntava oralmente não...

Ingracita: Não, era tudo papelzinho. “Faça ai o papelzinho com a sua pergunta.”, ai botava dentro do cestinho e levava pra ele, ai ele perguntava, procurava saber quem foi que perguntou.

Ana Paula Bastante discreto, né?

Ingracita: Bastante discreto.

Ana Paula E a senhora se sentia constrangida pelo fato de botar no papel ou sentia confiança?

Ingracita: Não, confiante. Sabia que ia ter uma resposta, que ia deixar satisfeita pra não gerar outra pergunta.

Ana Paula E eles diziam sempre a verdade...

Ingracita: Sempre a verdade. Tanto que era professor que era médico e ginecologista.

Ana Paula A senhora se lembra o nome dele?

Ingracita: Lembro não. Sei que ele era da maternidade, uma que tinha na rua... Parque Amorim, ele era professor de lá, então ele dava aula de ciências, nessa aula de ciência entrava a parte ginecológica, por que que a mulher sentia dores, essas coisas todas que orientava. O fluxo, porque vinha daquele jeito, ai dizia assim: “Tenha cuidado pra não sair coado.”. Ai a gente já sabia o que era.

Ana Paula Deixa eu lhe fazer outra pergunta, e a educação doméstica dentro da escola?

Ingracita: Era boa, muito boa.

Ana Paula O que era que você aprendiam?

Ingracita: Aprendemos a não jogar o lixo no chão, aprendemos a ser cooperadoras, aprendemos a encontrar uma vasilha em cima da mesa e levar até uma lixeira, ta entendendo? Um respeito quando a outra ia no banheiro e dizer que não jogasse o moddes dentro da bacia pra não entupir, entendeu: Quando sentia que o banheiro tava sujo dizia: “olhe, dê descarga!”, então todo ensinamento até hoje eu me lembro de tudo, a casca de amendoim, se comer... as vezes eu tenho uma amiga... “mas meninas, tas comendo e já tas limpando a mesa?” Tá entendendo?

Ana Paula Mediante...

Ingracita: Aquele aprendizado, porque se caísse uma coisinha de farinha, porque eles ofereciam muito mel com farinha, as vezes era pão com doce, então a gente comia... aquelas migalhazinhas a gente limpava, botava num saquinho e levava, tudinho ficava limpinho.

Ana Paula mediante o rigor do ensinamento deles...

Ingracita: Doméstico.

Ana Paula Em artes, como era artes pra vocês?

Ingracita: Artes?

Ana Paula Sim.

Ingracita: Olha, artes pra mim...

Ana Paula As aulas.

Ingracita: As aulas pra mim foi aonde eu aprendi as cores, foi aonde eu aprendi a fazer, é... trabalhos com cordão, pegava o cordão, soltava assim em cima do papel, aí formava ali uma figura, como um lápis contornava, quando tirava, ela dizia: onde tem esse simbolozinho você vai pintar a sua maneira, então ali a gente já fazia um mural, tá entendendo? Tinha também os palitos que a gente fazia jarros, copos, tinha as tampinhas que a gente fazia pra colocar na mesa pra aquecer os pratos quentes, quer dizer, eu aprendi muita coisa.

Ana Paula Na sociedade propagadora cristã, a senhora sentia um vínculo religioso de lá?

Ingracita: Não.

Ana Paula Tinha padre, freira.

Ingracita: Não tinha. Na religião a gente aprendia a reza do Pai Nosso.

Ana Paula De que horas rezava o pai nosso?

Ingracita: Na entrada. Ao rezar o Pai Nosso, rezava automaticamente, automaticamente a gente sabia que o Pai Nosso era religioso, dentro de uma religião católica, entendeu? Pronto. Aí depois ia pra casa, no domingo se pudesse ir para a missa, se não pudesse não ia.

Ana Paula Mas aí, todo dia quando entrava na sala, e com qualquer professor, né?

Ingracita: Não.

Ana Paula Não? Era com quem que rezava?

Ingracita: Era o de religião, só o de religião.

Ana Paula Era o que rezava o pai nosso...

Ingracita: Era o que rezava o Padre Nosso. Rezava o Padre Nosso, pegava a cadeira e sentava. Aí a gente sabia, quando ele entrava, a gente já ficava de pé pra rezar o Pai Nosso.

Ana Paula Aí ninguém se opunha?

Ingracita: Não. Se fosse católico, se fosse evangélico, tudo era uma religião só.

Ana Paula Todas tinham que rezar o Pai Nosso. A senhora estudando lá no Pinto Júnior, fazendo curso normal, a senhora hoje, depois de tantos anos que saiu, a senhora acha o Pinto Junior se preparou, preparava também para o casamento, para o lar?

Ingracita: Não, nunca preparou não.

Ana Paula Assim, o que eles ensinaram lá, a senhora aproveitou algo pra sua casa.

Ingracita: Sim, só na parte doméstica, né? Manter seu ambiente limpo, fazer sua higiene, tomar o seu banho, entendeu? Não vim... porque tinha uma lá que... pronto, ela tava na festa, chamavam ela de Ivone “checheu”, porque quando ela levantava assim os braços era aquele odor horrível, aí diziam assim: “Chegou Ivone “checheu!””, aí na aula de higiene: “Olhe, minha gente, quem não pode comprar desodorante...”, naquele tempo não existia, “Vocês passem limão com sal, passem cinco minutos.”, ainda hoje quando a gente sente assim alguém

que tenha certo cheiro, a gente ensina, tá entendendo? Com moderação, com respeito, entendeu? Porque as vezes é um odor que não aguentava, era tão nesse nível, então mexe com a higiene corporal.

Ana Paula Ai deixa eu lhe dizer assim... como eram as aulas de Educação Física?

Ingracita: Educação Física não era lá no colégio, nós fazíamos ali perto do cemitério de Santo Amaro, era um campo reservado, exclusivamente pra física, tanto que quando a gente estudava pela manhã ou a tarde as aulas eram pela manhã, aí nós íamos e de sete horas da manhã encontrávamos lá, fazíamos a física, de correr, de corda, de pular, tudo. Quando a gente largava, a gente ia comer jambo no cemitério de Santo Amaro, tudinho... apanha manga, comer jambo que caia, tudo, ótimo! Que ainda hoje a gente procura um e não encontra, só encontra manga, né? Foi um tempo muito bom.

Ana Paula Como eram as aulas, era alongamento?

Ingracita: Era alongamento. A gente tinha alongamento.

Ana Paula Ginástica...

Ingracita: A gente tinha pulo, aqueles pulos com vara, a gente tinha o da corda, que bota, vai pulando, pulando até alcançar.

Ana Paula Era com aquela professora?

Ingracita: Aquela professora.

Ana Paula A senhora se lembra o nome dela?

Ingracita: Não.

Ana Paula Sim, a roupa de educação física?

Ingracita: Era uma short que a gente tivesse em casa.

Ana Paula Não precisava de short tipo fardamento não.

Ingracita: Não. Fazia até descalça.

Ana Paula Era um short...

Ingracita: Uma blusinha que não aparecesse os seios, né... e descalça.

Ana Paula Nem a barriga.

Ingracita: Nem a barriga.

Ana Paula E o short, o tamanho do short, o cumprimento do short...

Ingracita: Era curtinho.

Ana Paula Mas num...

Ingracita: Não prejudicava não.

Ana Paula Não podia aparecer nem nada, não era tão curto...

Ingracita: Não, porque só era ela e as alunas, não tinha nem professor.

Ana Paula Ai só era as meninas... Ai como que a sociedade via vocês normalista?

Ingracita: Olha, não havia preconceito não, havia muito respeito, sabia? Tanto que tinha uma pensão junto de rapazes que vinham do interior estudar, eles olhavam indiferente pra gente, só que alguém simpaticante deles é que se entrosava, mas havia muito respeito, “Olha, vai passando a normalista.”, a gente passava e ninguém mexia, entendeu? Muito respeito mesmo.

Ana Paula Ai a gente perguntou sobre as normalistas, e qual é a sua visão, como é que se comportava uma professora do Pinto Júnior? Porque a senhora foi as duas coisas, né? Foi aluna e foi professora, como era que se comportava uma professora do Pinto Júnior.

Ingracita: Olha, se comportava com muito respeito, quem eu via falar alto, quando você tinha nota assim que não estava de acordo ela chamava pra você fazer um trabalho, havia muito respeito, até mesmo os professores homens, porque existia muitos professores. Oa, aquele Mauro Mota... Mauro Mota foi um professor de pintura, ele fazia muita pintura em mural, Mauro Mota, entendeu? Ele estudava muito as cores da aquarela, então, havia muito respeito. Mauro Mota, era o outro... que era de matemática muito bom, moreno, que ele ensinava muito bom, aquele negócio de equação de primeiro e segundo grau, eu dizia: “Professor, eu não sei fazer essas equações!”, “Aprende a fazer!”, ensinava com todo respeito, dizia assim:” Olhe, vocês estão...”, e outra coisa, a classe era toda disciplinada, não havia barulho, entendeu? Era todo mundo, quadro e giz e caderno na banca. Eles eram muito disciplinados com os alunos.

Ana Paula Ai como era a vestimenta desses professores?

Ingracita: Era normal, do dia a dia deles.

Ana Paula Usava uma bata por cima?

Ingracita: Não. De palitó, se viesse do consultório vinha do jeito que vinha do consultório, se vinha de outra escola, vinha calça e camisa, não era jeans não, aquelas calcinhas, camisinha...

Ana Paula E a senhora, nos seus primeiros dias de professora, como era sua roupa? Como foi a história de ter comprado essa roupa pra ser professora....

Ingracita: Ah, foi difícil, fui numa loja comprar um tecidozinho pra mandar a costureira fazer uma roupa, era uma sainha justa, porque na época eu usava muito sainha justa, a saia era godê, minha mãe mesmo fazia pra trabalha, então vestia hoje uma blusinha, amanhã vestia outra, a outra ficava pendurada pro dia seguinte...

Ana Paula E a senhora nessa época ainda era solteira...

Ingracita: Era solteira

Ana Paula Seu marido a senhora conheceu...

Ingracita: Não, nunca tive não, marido não. Nunca me casei não. Eu sou solteira. Agora solteira por que há uns 10 anos atrás eu conheci uma criatura, mas que me separei. Mas eu nunca me casei não, só quem casou foi minha irmã.

Ana Paula A senhora nunca se casou, Dona Ingracita?

Ingracita: Não... Nunca, nunca me casei. Nunca tive marido não, eu sempre trabalhei sozinha, sempre adquiri minhas coisas sozinha, com muito sacrifício, entendeu? Eu com 18, 19... 21 anos! Eu comecei a trabalhar como professora, eu fui laureada como disse a você, tinha minha cadeira, tinha outra... E ainda arrumei uma... (não entendível) existia Mobral? Ainda ensinava o Mobral de noite... Pra poder juntar dinheiro, pra poder comprar uma casa.

Ana Paula Então de dia a senhora trabalhava lá no Pinto Júnior... Com duas cadeiras, uma da alfabetização e a outra do ensino especial?

Ingracita: Era, era... É que era o Mobral.

Ana Paula Isso como os deficientes...

Ingracita: O especial foi depois!

Ana Paula Foi depois, certo... Aí a noite, aí era onde que a senhora ensinava o Mobral?

Ingracita: Lá no colégio Joaquim Nabuco,

Ana Paula Na Madalena, né?

Ingracita: Não, Joaquim Nabuco ali perto da Central...

Ana Paula Hum...

Ingracita: Eu ia caminhando, de 5 horas...

Ana Paula E a senhora morava na Avenida da Boa Vista..?

Ingracita: Era, naquele tempo nem existia o perigo que existe hoje, né? Aí eu saía de 5 horas, ia andando, aí dava minha aula que era 1 hora só, aí voltava com uma turma de novo pra casa. Aí foi quando então eu fui ensinar no colégio, que eu ensinava... Professora de Alfabetização, e de ensino de Down... Tinha duas cadeiras. Mas eu achava que aquele salário não era o salário que eu queria pra mim, aí comecei a fazer concurso. Aí quando eu estava com 26 anos eu fiz concurso, aí passei. Passei no INSS... Sim, aí fiz um curso, nesse período, por que eu tinha feito vestibular, mas o vestibular que eu tinha feito não era o que eu queria. Eu queria medicina, e meu pai disse “Não. Medicina eu não posso pagar, nem pra você nem seu irmão, aí você escolha” Aí eu deixei ele fazer, ele foi fazer medicina, e eu continuei ensinando. Nesse período, apareceu um curso de Enfermagem, pra auxiliar de Enfermagem, aí eu fui e fiz. Eu fiz, fiquei trabalhando no D. Pedro II, num horário intermediário. Eu trabalhava de 7 às 10, na escola. Aí passei no concurso do INSS, fui trabalhar no D. Pedro II, de meio dia às 6. Aí saía 6 horas de lá, já ia pra o Mobral, foi quando o Mobral foi extinto. Aí eu fiquei só

com o hospital, aí trabalhei dois anos pelo INSS. Aí vi nesse período que meu salário não dava pra ajudar minha família, e nem pra realizar os meus sonhos. Aí eu fui, comecei a fazer concurso público. Aí passei, no INSS que já havia me chamado, passei na Embratel e passei na CHESF, e passei no HEMOPE. Só que o HEMOPE não chamou. Repara como era a vida, vê... O HEMOPE não chamou, a CHESF não me chamou, e quem chamou foi a EMBRATEL. Aí eu fiquei, com as duas cadeiras, e o INSS, no tempo de Figueiredo. Presidente Figueiredo. Que podia, quem era professor ter mais de um emprego. Aí quando eu passei na Embratel, aí eu disse comigo mesma: “Eu sou vou ficar como enfermeira até o dia que me chamarem...” Aí passou 2 anos, quando foi com 2 anos a Embratel me chamou pra eu ficar trabalhando em telecomunicações de Pernambuco, aí eu fui. Aí fui no INSS, depois que fiz todos os meus exames pra entrar... Aí eu fui no INSS, subi lá no JK pra dar baixa na minha carteira como enfermeira. Aí eles deram, mandaram passar 8 dias ainda estudando, porque era federal, né...

Ana Paula Eu estou pensando aqui a coragem de bicho da senhora...

Ingracita: É... Mas na época eu não media, eu queria era trabalhar pra ganhar o suficiente pra sobreviver, porque meus pais continuavam pobres, e eu tinha que ajudar em casa, entendeu? Olha, com a escola eu dava pra minha mãe fazer a feira, completar... Porque meu pai já tava com mulher na rua, o outro era pra mim, pra minha sobrevivência, pra eu juntar dinheiro, pra poupança, e o do INSS eu ajudava a pagar a empregada em casa da minha mãe, a comprar remédio quando se precisava, entendeu? Pronto, aí parei aí. Quando a Embratel me chamou, que disse que eu ia trabalhar em Telecomunicações de Pernambuco, Telpé... Aí eu fui no INSS, fiz todos os exames pra Telpé, dei entrada e fiquei esperando... Quando a Telpé me chamou, aí eu sai do INSS.

Ana Paula E foi pra lá?

Ingracita: Fui pra lá. Comecei trabalhando no balcão como atendente, depois de três meses me chamaram e disseram: “Você agora vai...” já tava estudando o curso de relações públicas, aí disse: “Você agora vai fazer um curso de línguas pra poder você assessorar todo pessoal que chega de viagem aqui, pra você recebê-los, você vai trabalhar como recepcionista.”, aí eu disse: “Quero.”. Aí eu ganhava na época 120 cruzeiro no INSS, passei a receber 380 cruzeiros.

Ana Paula Triplicou.

Ingracita: Aí com oito meses passei pro cargo de chefia.

Ana Paula O quê Dona Ingracita?

Ingracita: Aí trabalhei no cargo de chefia até me aposentar.

Ana Paula Mas a senhora não ta mal não viu?

Ingracita: Viajei muito pra São Paulo, Rio, fiz curso, terminei o quarto ano de inglês, mas não cheguei a conversação, por conta dessas mudanças de governo, né? Ai depois de João Figueiredo veio Fernando Henrique.

Ana Paula E acabou com tudo?

Ingracita: Acabou com tudo, que ainda hoje... essa semana mesmo falou na Telemar e Telve, Telemar, pronto. Eu fui uma das pioneiras na época de mil novecentos e setenta, fui funcionária da Embratel, vinculada a Telve, depois passou pra Telemar, a Telemar foi leiloadada ai eu passei pra Oi, e a Oi eu não fiquei no Rio de Janeiro porque meu salário estava já alto, entendeu? E me aposentei ta com cinco anos.

Ana Paula De aposentada? Que coisa boa.

Ingracita: Minha história toda é essa.

Ana Paula E a senhora deixou também o de professora?

Ingracita: Não, eu me aposentei.

Ana Paula Como professora também?

Ingracita: Quando eu completei quinze anos de professora eu já estava na Telebras, ai trabalhei dez ano a mais, e me aposentei do estado.

Ana Paula Certo. Ai depois zerou o tempo ai a senhora...

Ingracita: Fiquei só com a Telemar.

Ana Paula Ai a senhora hoje tem duas...

Ingracita: Tem duas, tenho INSS e o estado.

Ana Paula Menina que coisa boa, e solteira?

Ingracita: Solteira, mas solteira assim, porque eu arrumei um quebra galho, me quebrou mesmo, mas me separei já ta com nove anos.

Ana Paula Graças a Deus. Mas conseguiu naquela época comprar a sua casa?

Ingracita: Comprei, comprei pela “INOCOPE”, eu fiquei pagando, fiz poupança, dei entrada, recebi com dois anos, consegui com dois anos, me preparei dentro da casa dos meus pais com meus móveis, comprava num ano a geladeira, num ano uma cama, no outro ano o guarda-roupa, quando eu comprei tudinho recebi minha casa, ai passei a morar sozinha.

Ana Paula E sua mãe?

Ingracita: Minha mãe como morava perto, eu descia do apartamento e já tava lá na casa dela.

Ana Paula Aonde era o apartamento?

Ingracita: Era lá na Ponta Madeira, João Paulo Segundo, morei dezoito anos, dezenove anos, perto de dezenove anos eu vendi pra vim morar, porque meu pai fez uma negociação com o

banco, ai hipotecaram a casa da gente, mas hoje em dia ta lá, ele faleceu agora, eu to indo atrás pra ver como ta a situação da casa. Ta gravando?

Ana Paula Não. Ai hoje a senhora mora com que?

Ingracita: Ai eu moro com um sobrinho que é especial, aquele que lhe atendeu.

Ana Paula Muito inteligente, eu nem percebi que ele era especial, eu vi que ele era especial no dia do encontro dos cinquenta anos, mas eu não percebi ele como especial não.

Ingracita: Ele tem trinta ano, fez agora em dezembro, mora comigo desde que minha mãe faleceu.

Ana Paula: Ele é de quem?

Ingracita: Ele é filho de uma sobrinha, filha do meu irmão que faleceu, mas ela nunca aceitou ele do jeito que ele é, mas ele desde sempre ficou comigo.

Ana Paula: Ai hoje a senhora é formada em jornalismo...

Ingracita: Tenho agora especialização em Recursos Humanos para a Educação, e sou professora do técnico, porque com jornalismo eu fiz a graduação e só permite a ensinar técnico, que é publicidade e propaganda, redação, tem uma outra matéria que você trabalha, que as vezes estou assistindo televisão, ai eu vejo a cenografia... trabalhei muito voluntária nas escolas pela Telemar, eu trabalhava dando curso de pequenos empreendedores.

Ana Paula: Ó praí...

Ingracita: Eu trabalhei... naquela época pegava aqueles meninos que vendiam picolé, pipoca, ai levava pra sala de aula pra dar aula de pequenos empreendedores. Eu tenho uma aluno que hoje ele é dono daquelas lojas que vende pedra de mármore, e ele era menino de rua, tenho muitas histórias assim que agora eu não me lembro.

Ana Paula: A senhora gostaria de falar mais algumas coisas?

Ingracita: Ta sendo gravado tudo isso?

Ana Paula: Sim. Gostaria assim de dizer algum fato da época que era Normalista?

Ingracita: Não, todas foram ditas. Bem vividas viu? Todas foram bem vividas.

Ana Paula: Olhe, fez o ginásio e todo o pedagógico, de mil novecentos e sessenta e dois à mil novecentos e sessenta e cinco ou foi sessenta e nove?

Ingracita: Foi em noventa e dois e terminei em mil novecentos e sessenta e seis. Foi nessa data mesmo, porque fez cinquenta anos agora.

Ana Paula: Certo. E o ginásio?

Ingracita: O ginásio eu fiz, eu fiz o ginásio, comecei o ginásio no colégio Nossa Senhora do Carmo, ai passei, fiz o primeiro ano, ai no primeiro ano eu fui pra ele.

Ana Paula: Ai isso foi em que ano mais ou menos?

Ingracita: Cinquenta e quatro, cinquenta e cinco. Mil novecentos e cinquenta e oito. Nossa Senhora do Carmo, fiz admissão, estudei o primeiro ano, ai como eu fui reprovada, ai peguei os documentos...

Ana Paula: Lá no Nossa Senhora do Carmo?

Ingracita: No Nossa Senhora do Carmo eu fiz admissão e o primeiro ano, ai como lá precisa fazer teste de admissão...

Ana Paula: Lá no Pinto Júnior...

Ingracita: Ai eu fiz de novo tudo que eu tinha que fazer.

Ana Paula: Inclusive o teste de admissão. A senhora se preparou pro teste de admissão?

Ingracita: Me preparei.

Ana Paula: Fez o preparatório ou estudou em casa mesmo?

Ingracita: Estudei em casa com aquele livre antigo.

Ana Paula: Admissão ou ginásio?

Ingracita: Num tem aquele... Num tem aquele... admissão e ginásio, se você for no arquivo, livraria você encontra, livro grosso, que até hoje a gramática a diferença é muito pouca, se você for estudar a gramática daquela época...

Ana Paula: Então a senhora propriamente entrou no Pinto Júnior em mil novecentos e cinquenta e oito.

Ingracita: Foi.

Ana Paula: Ai fez a primeira série, segunda, não ou foi sexto ano...

Ingracita: Não, fiz sexto.

Ana Paula: Sexto, sétimo, oitavo... ó, em cinquenta em oito sexto, cinquenta e nove o sétimo, sessenta.

Ingracita: Ai meu pai foi fazer trabalho e aquela coisa toda, ai foi quando a gente ganhou a bolsa, em mil novecentos e sessenta e dois, sessenta e um, ai tinha que assinar, tinha que esperar que fez os testes lá no colégio pra ver se tinha sido aprovada, ai quando saiu, meu pai falou que a gente ia começar a estudar esse ano.

Apêndice J - Entrevista realizada com a Normalista Maria José da Luz Bezerra

Transcrição da entrevista de Maria José

Ana Paula: Aos doze de janeiro de dois mil e dezesseis estou entrevistando Dona Maria José. Eu gostaria que a senhora relatasse como foi sua vida na Escola Normal, mas todos os detalhes, tudo que aconteceu em relação ao seu ingresso da Escola Normal Pinto Júnior. A senhora só estudou na Pinto Júnior, né isso?

Maria José: Não, eu estudei...

Ana Paula: Não, O Ensino Normal, a senhora fez onde?

Maria José: Eu fiz o Normal, depois eu fiz o curso de pós-graduação, não chegou nessa improvisação, o curso de administração, certo?

Ana Paula: E no Normal a senhora fez lá?

Maria José: Eu fiz o Normal, o pedagógico e Normal. Olhe, eu estudava na Escola Isolada.

Ana Paula: O que é Escola Isolada?

Maria José: No Pina. Aquelas escolas públicas que só tinha o curso primário, certo? Era aquela que tinha até “bolo”, dava palmatória, nas tabuadas, mas eu nunca levei “bolo” não. Então, quando eu saí da escola, eu estava no terceiro ano, no terceiro ano da escola...

Ana Paula: Primário!

Maria José: Primário. Mas a professora disse que eu tinha, que o que eu sabia era muito mais e que eu não precisava estar naquela escola, que eu devia fazer o exame de admissão e passar por uma escola fora do Pina, morava no Pina, certo? E meu pai e minha mãe ficava assim preocupada, porque pra eu vim estudar fora do Pina, eu tinha que pegar bonde, era bonde naquela época, né? Andar a pé...

Ana Paula: Isso a senhora tinha quantos anos mais ou menos?

Maria José: Eu tinha onze anos.

Ana Paula: Pegar bonde sozinha...

Maria José: Ai meu pai... mas a professora insistiu tanto, foi comigo na escola, na Pinto Júnior, minha mãe também foi, naquela época o diretor era o Dr. Cândido Duarte, ele era um diretor muito rigoroso e ai eu me matriculei lá, ai eu fui estudar o exame de admissão lá, certo? Fiz exame de admissão, passei pro primeiro ano ginásial, que eram cinco anos. No primeiro ano ginásial que fiz, eram quatro provas parciais. A primeira prova e a segunda você tinha nota que as vezes até já tava passada, quando fizesse as outras provas já não interessava mais porque já tinha passado.

Ana Paula: Em que ano mais ou menos, a senhora se lembra?

Maria José: Me lembro, eu me formei em quarenta e dois, sete anos antes é quarenta e dois menos sete...

Ana Paula: Mil novecentos e trinta e cinco.

Maria José: Pronto. Ai eu comecei a... ai fiz o primeiro ano ginásial. A primeira prova parcial e segunda terminava em junho, mas em junho desse ano, do primeiro ano, eu achei minha mãe, comi uma qualhada e minha mãe também, comecei com diarreia, só que minha mãe tomou um remédio, num sei quê, o que foi teve nada, eu peguei tifo.

Maria José: Fiquei em coma três meses, não sei de nada, era remédio... quando eu me acordei a minha mãe tinha um armário grande assim olha... era cheio de caixa de injeção, porque naquela época era tudo quanto era injeção, quando eu me acordei eu dizia: “Ei! (chorando), eu só sinto daqui pra cima.”, não sentia as pernas. Minha mãe fazia um negócio de tal de mocotó, um negócio que me botava uma patinha assim na boca, e eu fui melhorando, né? E as promessas que ela fez, aquelas coisas todinha. Eu tive que ser transferida da casa onde morava pra outra casa, não podia ficar nessa casa porque meu pai tinha um comércio. Naquela época a saúde pública, tifo era tudo doença contagiosa.

Maria José: Doença contagiosa. Ai muita gente de manhã foi pro meu enterro pensando que eu tinha morrido, mas eu tava viva. Aí eu fiquei boa. Caiu meu cabelo todinho. Queriam pelar a cabeça, aí eu não deixei. Aí eu fiquei pálida, magra... Mas eu queria voltar pra escola, porque eu já tava passada.

Maria José: Isso foi... Junho, julho... agosto... setembro! Aí minha mãe não queria deixar me levarem. Mas o diretor da escola falou com meu pai, minha mãe e disse: Deixe ela vir pra escola! Ela não vai mais estudar nada, ela já tá passada... É só pra ela se distrair um pouco aqui na escola. Aí minha mãe ia comigo todo dia pra escola, ia me levar e ia me buscar. Era ali no Pinto Junior. E eu sei que aí passou o primeiro ano, né? Com “aqueles remédio todinho” que eu tomava, eu fui melhorando... Eu era “magra” assim, “magra”... Minha mãe dizia que eu só tinha as perna grossa. Aí... Pronto, fiquei boa! Fiquei boa e comecei a estudar. Eu estudava muito! Calada que só num sei quem, sentada na primeira fila da escola... As colega tudo gostava de mim, sabe? Eu num falava quase nada, eu não me pintava nem nada, porque eu era muito de ir pra igreja. Aí tinha um professor que me chamava Irmã. Irmã Paula.

Ana Paula: Ele lhe chamava, era? Como era o nome desse professor, a senhora se lembra?

Maria José: Doutor... Era... Tem o filho dele que mora lá em Boa Viagem! Júlio, Júnior... Júlio de Melo, não? Ele morava em Barbalho, atravessava num barco pra poder vir dar aula.

Antigamente era assim, aquele lado de lá, onde tem aquela ponte... Ali o pessoal vinha de barco. E o lugar que chama Barbalho! Aí... Eu sabia muita matemática! Aí tinha...

Ana Paula: Professor Júlio era professor de que?

Maria José: Hein?

Ana Paula: O Júlio era professor de que?

Maria José: Matemática... Doutor “Dajobe” (não consegui ouvir perfeitamente) era de Geografia, Dr. Waldemar Valente era de... Acho que é História Natural, parece... Dr. Sylvio Rabello era de psicologia, já foi no pedagógico aí... Tinha aquele Doutor... Porto Carrero que era português... Tinha aquele outro que... Era Francês, como era o nome dele, meu Deus? Tinha Piculino que tocava... era o negócio “da ferrão” (não consegui ouvir perfeitamente) Barcopeba, Piculino... Barcopeba... Baltazar! Da câmara, que era professor de Desenho. Rapaz... Suspendeu a turma da gente por três dias! Suspendeu! Porque uma deu uma vaia nele! Rapaz, a turma era tão unida, caladinha, que olhe! Ninguém denunciou quem foi. (risos) Suspendeu a turma toda. Mas ninguém denunciou não, era a turma assim...

Ana Paula: Eram só meninas?

Maria José: É! Como eu gostava muito de matemática, então... Tinha uma turma que não estudava... Ia lá pra casa, pra minha casa. Às vezes iam 10! Pra estudar. Minha mãe fazia almoço, lanche, tudinho... pra elas. E elas ia estudar matemática comigo. Ai, naquela época, era três pontos. Você tirava do ponto, né? Sorteava três quesitos, né? Três...

Ana Paula: Daquele assunto...

Maria José: Era. Mas era grande. Num era coisa pequena não. Aí as menina fazia assim: “Vai Maria José! Vai Maria José, que tu tem mão santa... Tu tira justamente o ponto que tu sabe” (risos).

Ana Paula: Aaaah, e a senhora era que sorteava?

Maria José: (risos) Mandava eu tirar porque disse que eu ia tirar o ponto que elas sabiam. Oh, era muito engraçado... (risos) Tinha uma, duas... que se casaram! Fazendo o curso... Aí o professor, Dr. Candido Duarte falava muito, ele dizia que “A pessoa que se casasse, não deixasse de ensinar, não deixasse de ensinar...” Porque às vezes casava, acontecia um desastre com o marido, o marido morria, a pessoa tinha aquele... que, naquela época, os homem dizia assim: “Mulher não trabalha!” né?

Ana Paula: Isso mesmo

Maria José: Meu pai não! Meu pai num era, dessa coisa não... Mulher não trabalha... Mas a maioria dos homem era... queria que quando casasse, a mulher... Nem que fosse professora! É! E ainda tinha outra coisa... Que professora que sustentava o marido! (risos)

Maria José: Que sustentava o marido... Aí quando foi em 1942, foi a minha formatura.

Ana Paula: Não! Mas aí, da história, a senhora foi pra escola, né? Doente... Foi até o final do ano... Né? Aí quando foi no outro ano...

Maria José: Já foi o segundo ano! Aí teve terceiro, quarto, quinto....

Ana Paula: Que é do...

Maria José: Eu era boa aluna!

Ana Paula: Parabéns!

Maria José: Já passava do quinto. Aí depois fui pro pedagógico! Aí o pedagógico já era outros professores... certo? O pedagógico. Era... ensinava ainda Doutor.. tinha... Dr. Mario Nunes, que era professor de Desenho... É, que Desenho sempre existiu... Mario Nunes! Tinha, professor de pedagogia... Tinha Dr. Waldemar Valente e Waldemar de Oliveira! Waldemar Valente parece que era História... É, estudava o homem... E Dr. Waldemar de Oliveira... Quem era mais? Tinha uma porção. Eram muitos professores!

Aí, eu era o terceiro ano... não, segundo ano! Do pedagógico... Vamos escolher a oradora da turma! Vamos escolher. Aí tinha umas colega minha, Elizete, Climéia... ela era alta bonita, loira... e eu era baixinha, pequeninha e feia! Eu... Aí foram eleger a oradora da turma. Aí chegou o professor Dr. Candido Duarte, ele era muito radical! Ele aí disse que “A professora, a oradora da turma devia ser uma professora alta, que tivesse presença, bonita, num sei o quê num sei o quê”. Que ela tivesse competência, mas também que ela tivesse assim. Aí fizeram a eleição. Mas eu ganhei a eleição por unanimidade.

Ana Paula: Eita meu Deus...

Maria José: Esse professor... Olhe, ele disse tanta coisa que eu chorei!

Ana Paula: Ai meu Deus...

Maria José: Foi... Que ele me botou lá embaixo... Chorei.

Ana Paula: Na sala?

Maria José: Todo mundo! A turma todinha ouvindo! Depois da eleição, porque ele assistiu a eleição. Eu chorei. Fiquei calada. Dr. Waldemar de Oliveira que até hoje eu rezo pra ele, Dr. Waldemar sabia, ele era teatrólogo também. Naquela época Dr. Waldemar disse: “Maria José, faça seu discurso, e você vai lá pra casa treinar comigo, porque eu lhe ensino a pronuncia...”... Eu gostava muito, de declamar, eu declamava... Tudo isso eu gostava, entendeu? E declamava muito! Aí Dr. Waldemar... “Faça seu discurso!” Aí fiz meu discurso... Eu ia pra casa dele, a mulher dele me dava lanche...

Maria José: Foi, eu me casei depois de formar... Foi... Eu num ia me casar não! Eu ia botar uma escola pra criança... Depois eu lhe conto a outra história.

Ana Paula: Vá, vá... É lá pra frente, né? Chegar lá.

Maria José: Aí Dr. Waldemar me levou pra casa dele, me dava lanche, a esp... Mandava eu fazer o discurso todinho... Eu fazia. Ele mandava toda vez... Como se fosse uma Escola de Teatro! Entende? Aí foi quando veio o dia da formatura. Foi no Santa Isabel. E passou uma peça que Waldemar era que... que... ‘O sonho de Iara’, linda peça! As minhas colega, umas colega tudo foi... O que a gente também desfilava no dia da juventude, dia 7 de setembro.

Ana Paula: Era dia da Juventude, é?

Maria José: Aquela... Eu tenho ali no meu face, vou mostrar pra você... Ela, ela... mostrou... 1935! A Escola Pinto Jr. Desfilando... Que a gente ganhava todo ano o desfile. Porque era um sargento que ensinava a gente, a marcha, os tambores e os negócio. Eu me formei em 1942, ele tava esperando que eu fosse fracassar mesmo, certo? Tenho o retrato da minha formatura, tem ali no quadro e eu tenho o álbum também. Aí ele.. Eu cheguei e fui pegar uma frutinha assim.. no Santa Isabel! No Santa Isabel! Aí na hora... ele falou aquelas coisa toda.. Aí agora a oradora da turma! Aí eu falei. Eu me levantei. Mas naquela hora que eu me levantei, deu uma... sei lá! Me lembrando das coisas que ele dizia.

Ana Paula: Do que ele tinha dito em sala, né?

Maria José: Aí eu fiz meu discurso. Minha filha... Todo mundo aplaudiu de pé! Ele me jurou! Levantou-se e disse assim: Há quarenta anos ele era diretor da escola. E nunca uma oradora tocou tanto o coração dele. Você vê as coisas... Uma humilde, feia, pobre...

Ana Paula: Baixinha...

Maria José: Baixinha... Eu não era rica, meu pai não era rico... Porque aquelas que tinha... Tinha nome de família! E tinham dinheiro, eram mais tratada assim... Tá entendendo?

Ana Paula: Uma regalia, coisa assim...

Maria José: É, na minha época era... Na minha época tinha uma... Hoje, tudo é, como é que chama? É... Como é que se diz?

Ana Paula: Tudo junto...

Maria José: É que, que... Não pode ser... Discriminação, num é?

Ana Paula: Isso mesmo

Maria José: Mas naquela época tinha.

Ana Paula: Mas num se dizia. Era tudo caladinho, né? Não podia...

Maria José: É, mas tinha, você não ser rica, ser baxinha, feinha... Tinha discriminação. Aquela outra que era de família nobre, que era alta, bonita... Tinha era muita coisa.

Ana Paula: Aí a senhora era a oradora da turma?

Maria José: Fui oradora da turma. Num é? Pronto. Aí, me formei. Me formei... Fiquei em casa, mas eu queria era ganhar dinheiro. Eu sempre fui doida pra ganhar dinheiro.

Ana Paula: E seu pai tinha o comércio, né?

Maria José: É, meu pai queria que eu me formasse em Farmácia... Pra ele botar uma farmácia pra mim. Mas eu nunca tive... Ainda fiz pra Direito, pra estudar Direito, mas depois deixei, me chamaram pra eu trabalhar lá em Águas Belas.

Ana Paula: Então...

Maria José: Meu pai disse “vai não”. Da terra de Lampião... (risos). Aí eu não fui. Aí quer dizer, eu só queria trabalhar. Aí eu saí procurando emprego, emprego em repartição, em coisa onde era... Fui ensinar particular. Criança, na casa da criança. Porque antigamente tinha assim: as meninas estavam na escola, mas os pais e as mães sempre arrumavam uma professora para ajudar nas tarefas

Ana Paula: Como um reforço...

Maria José: É, aí eu ia... Fui ganhar, não me lembro nem quanto era, se era 300 réis, num sei quanto era... Na casa dessa moça, família rica, lá em Boa Viagem. Uma menina bonita que só! E eu ensinei a menina. Né? Aí me davam um lanche, todo mundo gostava de mim. Olhe, você acredita que depois de eu casada, eu sei que eu fui numa festa no Internacional com meu marido, quando eu vi aquela moça... Me deu um abraço tão grande, a menina me conheceu! “Dona Mariazinha” Me chamava de Mariazinha... A senhora num se lembra de mim não? Eu sou aluna da senhora. A senhora ensinava na minha casa...

Ana Paula: Olha que lindo!

Maria José: Tu já visse uma coisa dessa?

Ana Paula: A melhor recompensa é essa!

Maria José: (risos) eu chorei. Porque foi uma emoção muito grande. Aí veio a mãe dela.. Acho que foi a mãe dela que disse, né?

Ana Paula: Deve ter reconhecido de longe...

Maria José: Deve ter sido né? Porque a mãe... Aí ela disse, vou me lembrar... Aí eu comecei a ensinar. Dando meu jeito de ganhar dinheiro. Aí eu disse, comecei a trabalhar, aí meu pai disse “Você não tá morrendo de fome! Você tem um pai que lhe sustenta. Pra que essa agonia de ganhar dinheiro?” Mas eu queria um dinheiro. Aí... Arranjei o emprego. Fui ensinar de noite... Repara bem... Eu ensinava de noite numa escola... Cozinheira, peixeiro, balaieiro, tudinho... Lá no Pina. Era um senhor que era bancário e ele tinha essa escola, pra ajudar esse pessoal. Aí eu era professora de noite. De sete horas da noite até as onze. Certo? De manhã, eu ensinava no Centro Educativo Operário, porque dessa época era Agamenom Magalhães e

ele tinha, propôs esses Centro, que era umas casa assim, de manhã, de tarde e de noite. Tinha médico! O médico dessa época, foi quem foi meu parceiro depois! O médico eu conheci, ele era novo... Ainda era estudante. E ele era médico desse Centro Educativo Operário. Aí tinha outro que era psicólogo... Tinha outro que era, tinha... Trabalhos Manuais. Tinha uma porção de coisas! Jovem, tudinho... E tinha a diretoria de reeducação aqui na Cruz Cabugá! Que hoje é até num sei quê do governo...

Ana Paula: A secretaria...

Maria José: Diria até que ação social!

Maria José: Pois é! Ali... Sabe porque esse dinheiro que a gente recebia? Era da verba do jogo do bicho, e hoje o bicho é contravenção penal. Entendeu? O bicho era regularizado, pagava imposto, e com essa verba eles pagavam as professoras dos Centros Educativos Operários. Eu dava aula de manhã, de tarde fui trabalhar num escritório de engenharia... Porque eu era Taquígrafa.

Ana Paula: Olha pra isso...

Maria José: Eu estudava português com Dr. Arlindo Lima, que foi meu professor de Português, me chamou depois pra ir ensinar na casa dele... E um grupo de alunas também, as alunas que eram mais estudiosas, ensinava Taquigrafia e Português a gente. E eu fui pra casa dele. Dr. Arlindo disse uma coisa comigo que eu nunca mais me esqueço... Eu estudava Taquigrafia e Português. Aí, a moça do Rotary Clube... Naquele tempo tinha Rotary Clube. Ela trabalhava há 10 anos. Ia tirar férias, queria uma pessoa Aí Dr. Arlindo disse... Sabe onde eram as reuniões? No Grande Hotel, na hora do almoço. Eles se reuniam lá e a taquígrafa ia, já ia almoçada, davam só uma sobremesa a ela, e ela taquígrafava tudinho. Certo?

Ana Paula: Toda a reunião...

Maria José: É. Aí ele disse “Olhe, a Dona Tônia, do Rotary, vai tirar férias, um mês de férias. E você vai taquígrafar as reuniões do Rotary.” Aí eu: “Vou não. Eu num vou não, que eu não terminei o curso... Como é que eu vou sem terminar o curso?” O velho disse um negócio comigo (risos) que até hoje eu me lembro. Ele disse assim “Olhe” Ele era paulista, né? Dr. Arlindo. Arlindo Lima. Ele disse “Olhe, ou você vai agora, assumir isso durante um mês, ou você é gente, ou senão você nunca mais você vai ser gente”.

Ana Paula: Eita meu Deus do céu...

Maria José: Nunca mais eu esqueci isso. Faz...

Ana Paula: Qual era a opção? Ser gente, né?

Maria José: É...

Ana Paula: Tava lá estudando, fazendo o curso...

Maria José: Nunca mais ele pode reclamar, nunca mais... porque paulista, eles são muito...

Ana Paula: Rígidos...

Maria José: Duro, né? Aí ele disse “olhe, ou você vai e é gente, ou senão você não será gente nunca mais”. Olhe, eu não esqueci isso nunca. Aí eu fui, eu tremia assim... E eu disse a minha mãe. Mas uma moça naquela época, com 20, 21 anos, subir naquele hotel, sozinha... Rapaz... Num era brincadeira não, né? Pois eu fui. Tremia que só num sei quê, mas... taquigrafei tudinho. Aí a gente ia ali pro escritório, ali onde é a Assembleia... Onde é a Assembleia.

Ana Paula: Assembleia dos Deputados...

Maria José: É, ali na Rua da Aurora. Aí passava aquilo tudinho ali, taquigrafava... Já entregava eles pronto. E assim eu passei um mês todinho, né? Daí já ficou sem medo, né? Aí eu taquigrafava, passei o mês todinho. Aí depois eu fui, fui trabalhar nesse escritório, que era taquígrafa também, como taquígrafa!

Ana Paula: Ensinando a noite ainda?

Maria José: Sim! Trabalhava... Eu ia pro Centro Operário, saia 11 horas...Aí...

Ana Paula: Como professora?

Maria José: É. Aí eu ia pra esse escritório. Começava, parece que era... de Duas às Seis. Eu ia pro escritório aqui na Rua da Aurora. Era o escritório de... Dr. Mauro Borba. Que o tio dele, Dr. Manuel Borba, foi governador de Pernambuco. Eles eram engenheiros. Ele e Dr. Urbano. Borba era engenheiro. Trabalhava com ele. Trabalhava até seis horas, ia pra casa, tomava um cafezinho, um lanche e ia lá no Pina também o colégio. Ia pro colégio. Chegava em casa Onze horas da noite.

Ana Paula: E sem necessidade, né?

Maria José: Não, tinha necessidade não, que eu queria ganhar dinheiro. Oxe, primeiro dinheiro que eu ganhei, ainda me lembro, era 300 e num sei quê. Comprei um cabide pra meu pai, e esse cabide tá na casa da minha filha que é médica, bem na entrada assim, quando você abre a porta ele tá assim...

Ana Paula: Que lindo...

Maria José: O cabide. Minha filha levou o cabide pra casa dela.

Maria José: Pra botar o chapéu. Era num sei quantos chapéus que meu pai tinha.

Ana Paula: Mas a senhora num comprava nada pra senhora?

Maria José: Não, num era pra mim não, comprava pra mim não. Não, porque minha mãe comprava roupa, tudinho, né... A minha penteadeira... Tenho vergonha de dizer não. Uma caixa de sapato desse tamanho com tudo dentro...

Ana Paula: E a senhora era filha única?

Maria José: Olhe, eu era filha única, mas tinha sete homens na minha casa, minha filha. Sete... (risos)

Ana Paula: Quem eram esses?

Maria José: Eu era a mais velha.

Ana Paula: Aaaaah....

Maria José: Olhe, era assim, eram sete homens... Dois morreram pequenos. Ficaram cinco, né? Desses cinco hoje, só tem três vivo. Já subiu tudo. E eu. Eu sou a mais velha.

Ana Paula: E a mais velha...

Maria José: E a primeira! E a primeira... Aí, tem os dois pequenos, aí quando eu me casei, um tinha 10 anos, o outro tinha 8. Esses dois pequenos, né? Que hoje já tá tudo... E aquele outro que é esse que eu lhe mostrei que tá no colo, esse aí tá vivo, tem 88 anos.

Ana Paula: Coisa linda, né?

Maria José: Entendesse? Esse tá vivo. Que eu dizia assim pra esse “Você é o inteligente da família, eu sou a burra. Estude que só num sei quem... Você pega no livro como se você sabe tudo”. Eu dizia... Porque ele olhava pra você assim, pegava o crayon e desenhava seu rosto... Esse meu irmão. Ele é formado em Administração, Economia, Direito.

Ana Paula: Ele?

Maria José: Ele! Esse com 88 anos, é... Aí eu dizia... Ele era parecido com meu pai, cabeça redonda, chata, paraibano, de cabeça de paraibano... (risos) Meu pai era paraibano, minha mãe era pernambucana, Vitória de Santo Antão. Nascida em Vitória de Santo Antão. Aí era muito engraçado... Porque aí... Pronto, aí depois, eu trabalhando nesse escritório, eu começo a namorar com meu marido, depois da guerra. Não, na guerra. Não, ainda tava, segunda guerra mundial. Meu marido era paraense. Era filho único e era paraense. Veio convocado pra cá. Ele veio pra febre... Como ele já era funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) lá, e ele era formado em contabilidade, ele era contador. Naquela época não era contador, chamava guarda-livros... Né? Ele já era formado. Então, ele já era contador, comecei a namorar com ele. Aí... Na época da guerra. Mas eu tava trabalhando nesse escritório, continuei trabalhando. Aí depois noivei com ele, e esse pessoal do escritório foram meus padrinho de casamento, ganharam ali o retrato ainda. Os padrinho do casamento. Mas eu já tinha feito concurso no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), e tinha passado.

Ana Paula: Departamento...

Maria José: É.. É, o DASP. O concurso era o DASP que fazia. Qualquer repartição. Eu já tinha feito concurso no DASP, dois. Um como datilógrafa e outro como escriturária. Certo?

Tinha feito esses dois. Passei nos dois. Aí eu trabalhava no escritório, o pessoal não queria que eu saísse... Mas eu tinha que sair. Aí eu já tava casada quando me chamaram. Porque o concurso demorava, fazia, dois anos depois era que chamava... Aí me chamaram pra eu ir trabalhar no IAPI, certo? Porque depois de IAPI é que criaram Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC), comerciante, marítimo, transporte e carga... Isso foi depois que foram criando. Mas o primeiro era esse. Aí eu fui trabalhar lá, trabalhava de 7 horas até, 1 hora da tarde. Certo? Quando eu tava trabalhando já, eu fiquei grávida.

Ana Paula: Ai Dona Maria José, o que é ser Normalista pra senhora?

Maria José: Ser Normalista? Eu acho que foi um tempo bom (risos), pra mim foi um tempo muito bom, apesar da chuva, quando chovia a gente vinha a pé debaixo de chuva com guarda-chuva, com capa, com galocha da escola, andando naquelas coisas, né... saía tarde da noite... Dr. Dácio Rabello demorava tanto na aula de geografia porque chegava atrasado e demorava tanto que quando a gente saía dali era quase nove horas da noite, aí pra pegar o ônibus lá na Praça Sérgio Loreto, olha, era muito ruim...

Ana Paula: Pra ir pro Pina, né?

Maria José: Pra ir pro Pina.

Ana Paula: A senhora pra ir pro Pina, outras pessoas...

Maria José: E na época da guerra, tudo no escuro, apagavam as luzes por causa de submarino, de jogarem bomba e o submarino aparecer, atravessava a ponte no escuro lá dentro do Recife, aí descia pra pegar o ônibus por dentro do Recife, aí no escuro...

Ana Paula: Mas a senhora sozinha?

Maria José: Não, a gente andava com aquele grupo, a gente nunca tava só, era sempre aquele grupo, porque colega é assim, muito unido. A gente ia pra lugares separados, mas os poste eram no mesmo lugar. Ia todo mundo. A gente ia, até levava lanterninha.

Ana Paula: Vocês?

Maria José: É... Pra poder acender no escuro, né? Quando chegava na ponte, todas as luzes apagada. Foi um tempo ruim aquele, viu?

Ana Paula: Mas aí o que é que a senhora traz assim, de orgulho, sentimento, de ter estudado lá no Colégio Pinto Jr?

Maria José: Ah, eu tenho muita... muito orgulho de ter estudado lá! Eu acho que foi a escola... Eu tenho muita pena hoje por a escola não existir mais. Muita pena... Eu passo por aí pela escola, às vezes saio daqui passo lá, dá uma dor no meu coração. Porque naquela escola a gente tinha um Centro Literário, onde a gente apresentava trabalhos, onde a gente fazia discursos, onde a gente fazia... como é?... Aula de caligrafia, num sei o quê, era assim... A

gente tinha um jornalzinho... Certo? Acho que a vida de Normalista pra mim foi uma vida maravilhosa, eu guardo muitas lembranças! E depois que as a gente se formou, nós ficamos comemorando 30, 25 anos... todo ano. 30 anos, 40 anos, 50 anos, 60 anos... Só nos 70 anos que começou o pessoal a sumir. O último ano que a gente fez, só tinha 3. Eu e mais duas colegas. Aí a gente encerrou.

Ana Paula: Mas a senhora ainda tem contato com essas duas colegas?

Maria José: Só tem uma, a outra tá com mal de Alzheimer...

Ana Paula: Eita...

Maria José: Faz 10 anos que num conhece ninguém, num sabe de nada

Ana Paula: Aí me diga... Como era a disciplina lá no Colégio Pinto Junior? Como era o comportamento de vocês, a dinâmica de vocês em sala de aula? De entrar, de sair...

Maria José: Olha, tinha que se comportar direito na sala de aula... Se a gente não se comportasse... A disciplina era muito rigorosa. Tinha uma tal de uma diretora, de uma inspetora chamada Souza Leão. Essa mulher era parada. Ela que fiscalizava até as prova, as sala tudinho... Como era o primeiro nome dela? Era da família Souza Leão. Ela era bonita. Mulher bonita. Mas mulher braba que só num sei quê. Foi ela suspendeu a gente. Sabe porquê? Ó... Baltazar da Câmara, professor de desenho. Mas aquilo era um professor chato, aquele Baltazar da Câmara... Ela dava aula, assim, de uma maneira que as meninas não gostava, ele era muito rigoroso, com aqueles desenho, aquelas coisa que ele queria. Um dia, Baltazar da Câmara disse “num sei quê”, e uma menina deu uma vaia... Sabe aquela vaia “ê, num sei quê...”... aquele... coisa assim. Isso foi no primeiro ano ou foi no segundo ano do ginásial. A diretora chegou, essa inspetora. Era inspetora...

Ana Paula: Inspetora?

Maria José: É, inspetora... Souza Leão. Juntou-se com ele, foi lá e perguntou: “Quem foi que deu?” Todo mundo calado... Ninguém denunciou ninguém. Suspendeu a turma todinha por 4 dias ou foi 5 dias. A minha mãe foi na escola, saber o que era que eu tinha feito, foi... Que eu tinha feito pra ser suspensa...?

Maria José: Aí o professor disse: “Olhe, a sua filha é muito bem comportada, mas a turma toda... É uma que deu uma vaia, e elas são tão unidas que não denuncia” (risos). A gente sabe quem foi, mas ninguém denunciou até hoje.. (risos)

Ana Paula: Até a data de hoje?

Maria José: Até a data de hoje... Mas engraçado naquele tempo num é?

Maria José: Mas você veja, como essas pessoas, duvido que hoje aconteça isso, acontece não, mas naquela época você veja, todas ficaram caladas, ninguém nem comentou mais,

nunca, nunca se comentou e dizer: “foi fulana, foi você que fez a gente suspender!”, não. Você veja, como era, né... é isso que eu fico pensando assim... Hoje, eu vejo umas coisas que eu fico admirada, num é...

Ana Paula: Qual era a representação dessa moça na sociedade, como era que uma Normalista devia se comportar naquela época?

Maria José: Olha, a Normalista, ela devia se comportar, eu acho assim... tinha muitos que tinham namorado, mas elas não podiam tá se abraçando com namorado, porque ela podia até ser expulsa da escola, entendeu? Por mau comportamento, né? Tinha também a roupa, tinha que andar com a roupa bem limpa, bem asseada, todo o sapato era branco pra limpar tudinho, a bolsa bem asseada, cabelão grande solto também não tinha não, se tivesse solto tinha que prender o cabelo, tinha que prender o cabelo e namoro também não podia ser escandaloso, certo?

Ana Paula: Como era a roupa, a senhora se lembra do fardamento, da cor...

Maria José: O fardamento era assim: meia branca, sapato branco, todo dia tinha que passar “cré” no sapato pra ficar limpinho, era “cré”...

Ana Paula: Cré?

Maria José: É, chamava “cré”, um pote, botava um pouquinho de água, passava um pincel e limpava todinho, limpava ele, a saia prensada, saia caque, a da gente, a da Escola Normal era azul. Saia caque prensada, eu botava minha saia debaixo do colchão, levantava o colchão assim e botava ela lá que de manhã ela tava amanhecida toda...

Maria José: Manga comprida, o cabelo bem penteado...

Ana Paula: Num tinha uma história de uma gravata num era?

Maria José: Tinha uma gravata, uma gravata da cor da saia, a da gente.

Ana Paula: E a camisa era branca...

Maria José: Branca de manga comprida com uma golinha, uma golinha assim e tinha que ser de roupa limpa.

Ana Paula: Tinha algum emblema no bolso que identificasse que vocês eram da Escola Normal?

Maria José: Tinha não, porque o emblema da escola era a roupa, sabia que a blusa caque era da Escola Normal Pinto Júnior, a saia era azul, e o lacinho chamava até o apelido, tinha um apelido a Escola Normal, tinha um apelido, como é meu Deus... não me lembro agora mais, tinha um apelido, a Escola Normal tinha um apelido, e depois botaram um apelido com a história do navio e foi um escândalo muito grande.

Ana Paula: Ah, me conte a história do navio...

Maria José: Olhe, esse navio chamava Belmonte parece, aportou no Cais, então, não era acessível, não era bonito e agente saía da escola de farda pra ir sempre em determinados lugares, porque desonrava a escola, a Pinto Júnior era assim, e a Escola Normal também era. Só que essa meninas, eu não sei o número de meninas não, não era número pequeno não, e nem me lembro qual era... naquele ano eu sabia até qual era a turma, mas não me lembro mais não, elas forma pro navio, visitar o navio, e lá, dizem que algumas, não foram todas, umas beberam, não sei se foi cerveja, o que foi... ai denunciaram a escola, suspenderam essas, elas forma suspensas não quanto tempo, parece que uma foram demitidas eu acho, parece, nem me lembro mais e ai botaram um apelido na Escola Normal (risos). Elas ficaram chateadas, porque a Escola Normal ficou com um apelido, as Normalistas ficaram com o apelido, que da Pinto Júnior era medonha pra chamar (risos).

Ana Paula: Chamar de quê?

Maria José: Pra chamar elas pelos apelidos, sabe?

Ana Paula: Ai meu Deus!

Maria José: Era, era capaz de ter briga (risos), porque sempre tem uma né... afoita.

Ana Paula: Afoita é, de todo lado, né?

Maria José: Todo canto tem, ai... mas depois foi passando o tempo e caiu no esquecimento, porque tudo é assim, né?

Ana Paula: É a memória!

Maria José: A gente mesmo, toda semana, todo mês a gente se reúne ali no circulo militar, faz um almoçozinho, faz um bingo, é com o pessoal que foi da Escola Normal, sabe o quê? Elas eram da Escola Normal e ficou fazendo todo mês aquele encontro.

Maria José: Foi morrendo, só tem agora... uma tá em Gravatá não sai mais. Só tem três, três que foram da Escola Normal. Elas convidaram as outras amigas que eram da Pinto Júnior, como você encontrou a gente...

Ana Paula: Eu falei com todo mundo...

Maria José: Pronto, é aquela turma ali, toda mês se encontra, já houve o encontro desse mês, já houve.

Maria José: É a gente fez um almoço, um bingo, tudinho antes, já fez, certo? Então ela convidou as outras amigas, quer dizer, da Escola Normal mesmo só tem três porque a outra de Gravatá não sai mais de casa.

Ana Paula: Como foi assim... a reação do seu pai e da sua mãe da senhora estudar na Escola Normal? Seu pai?

Maria José: Ah, meu pai queria que eu estudasse, meu pai sempre foi assim de achar que, ele queria que eu fizesse um curso superior, meu pai. To dizendo a você que ele queria que eu fizesse farmácia pra ele botar uma farmácia, ele sempre foi e a minha mãe também, porque minha mãe morava no interior, mas era daquelas escolas do interior, aquelas escolas isoladas, sei lá... mas minha mãe sabia muito, minha mãe no primeiro ano ginásial ensinava equação, máximo divisor comum, tudo isso minha mãe me ensinava, quando eu chegava da escola ela me ensinava, minha mãe fazia a contabilidade do meu pai todinha, meu pai era comerciante, ela fazia aqueles fiscal de consumo, que existia, era um negócio de uns selo... Comprava aqueles selo, pregava naqueles livro, olha... Aquele pano de selo... Minha mãe fazia tudo, de fiscal, e ela nunca encontrou um erro dela...Minha mãe era muito inteligente.

Ana Paula: E ela apoiava a senhora a ter um estudo...

Maria José: Apoiava. Minha mãe é... Aliás, lá em casa, meu pai queria que todo mundo estudasse. Todo mundo. Tanto que eu tenho... só um irmão que não estudou. Eu chamo o bode preto da família. Era aquele que tá ali junto de mim, já subiu... Aquele deu muito trabalho a meu pai e a minha mãe. Só estudou até o segundo ano ginásial. Fechou. Mas os outros tudinho se formaram.

Ana Paula: Aí pra gente encerrar, né... só fazendo mais uma... Aí como era o comportamento de uma Normalista, né? Naquela época... como é que as moças se comportavam em relação ao corpo, a praticar uma atividade física... Tinha aula de Educação Física?

Maria José: Não, tinha aula na própria escola. Olhe, a gente tinha um professor... Eu mesmo, passei um tempo, porque eu sempre tive problema de coluna, e problema da visão... Então eu fui dispensada um tempo de fazer os exercícios. Mas tinha aula de ginástica. Tinha aula, tinha barra, pra você segurar na barra e era obrigatório, num era facultativo não. Que pra você se liberar, tinha que ter um atestado médico, com exame, para quem não podia fazer.

Ana Paula: Aula de Educação Física?

Maria José: É.... Aula de Educação Física dentro da escola.

Ana Paula: A senhora se lembra do nome do professor? De Educação Física? Era um professor ou uma professora?

Maria José: Era um professor, era homem. Esqueci o nome dele, me lembro não.

Ana Paula: E a senhora se lembra assim, se era um exercício pesado, se era um mais suave...

Maria José: Não, era assim esses pesado não. Era mais alongamento. Certo? Era mais exercício de barra, de alongamento, de levantar os braços... De movimentar, de relaxar um pouco.

Ana Paula: De postura, propriamente dito?

Maria José: É... Era mais assim. Era um exercício que fizesse com que você pudesse, Melhorar sua tensão. Num era exercício forte demais não, que ficava a cabeça no chão os pés pra cima... (risos)

Ana Paula: Tá vendo? Aí com isso você se sentiu melhor?

Maria José: É. Justamente... E também a gente aprendia a marchar...

Ana Paula: Hum...

Maria José: Pra desfilar... Pra desfilar no dia 7 de setembro. Era parece 6 de setembro ou 5... era o dia da juventude. A gente desfilava e a escola ganhava. Sempre a escola ganhava. Era o Pinto Junior. Desfilava a Escola Normal, Colégio Marista, Colégio Nóbrega, Salesiano. Todas essas desfilavam. Mas a gente da Pinto Junior, a gente ganhava primeiro lugar todo ano.

Ana Paula: Sim, e a roupa do desfile?

Maria José: Era a farda.

Ana Paula: De gala?

Maria José: Era a farda. Tinha farda de gala não.

Ana Paula: Muito obrigada, Dona Maria José por tudo!

Maria José: Por nada minha filha, fico esperando você voltar.

Apêndice L - Entrevista realizada com a Normalista Maria Lúcia Galiza de Oliveira

Transcrição da Entrevista de Maria Lúcia Galiza de Oliveira



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Lúcia Galiza de Oliveira.

Ana Paula: Boa tarde, Lúcia Galiza!

Lúcia: Boa Tarde!

Ana Paula: Lúcia, é... O que te levou, quais são as lembranças que você tem da Escola Normal Pinto Júnior?

Lúcia: Olhe, em primeiro lugar na época, ela era uma escola muito conceituada, então as garotas gostariam muito de estudar na Pinto Júnior, porque por ela ser uma escola é muito conhecida, ensinava muito bem, o fardamento dela era lindo, ele era até mangas compridas, de lingerie, de lingerie a blusa. Então, era uma escola muito conceituada na época, era umas das melhores escolas de Recife.

Ana Paula: Qual era a cor da farda?

Lúcia: Era, deixa eu me lembrar... era uma cor assim... uma cor assim... como é o nome dessa cor?

Ana Paula: Bege?

Lúcia: Bege. Bege.

Ana Paula: A blusa?

Lúcia: A blusa era creme, gravata.

Ana Paula: Qual a cor da gravata?

Lúcia: Também da cor da saia, que era creme de..

Ana Paula: Marrom?

Lúcia: Marrom, quase marrom, mostarda! A saia era prensada, e tinha que ser abaixo dos joelhos, não poderia ser acima, mas tinha umas mais danadinhas, inclusive lá do meu grupo morrem de rir quando se recordam disso, que virava o cós da saia pra ficar mais curta, aí quando chegava lá na escola, a moça que cuidava da gente mandava baixar

Ana Paula: Ai qual foi o ano que você estudou lá no Pinto Júnior ?

Lúcia: Na Pinto Júnior eu comecei com o ginásio, então eu me formei em sessenta e cinco, sessenta e cinco eram quatro e três, sete anos. Então, sessenta e cinco menos sete...

Ana Paula: Cinquenta e oito.

Lúcia: Cinquenta e oito. Em mil novecentos e cinquenta e oito, então eu comecei a estudar.

Ana Paula: Ai você fez...

Lúcia: Fiz quatro anos de ginásio e fiz lá também o Normal. Concluí, na época da Escola Normal Pinto Júnior, então era o Curso Normal ou pedagógico, que hoje é magistério, né?

Ana Paula: O magistério. Ai assim... o que foi o motivo maior pra você ter ido procurar a Pinto Júnior? foi indicação dos seus pais...

Lúcia: Não, porque era assim... papai tinha um cuidado muito grande, então ele se preocupava de levar a gente para as melhores escolas da época. Então, na época, as melhores escolas eram Nossa Senhora do Carmo, minha irmã estudava lá, o São Luiz, o meu irmão que estudava e depois eu. Porque a situação dele, financeiramente, na época, era muito boa, mas até chegar a mim, a situação dele estava muito boa, mais pra baixo começou a dificultar. Então, já minha irmã que vem depois de mim, foi pro IEP, que era público, entendeu? Então eu fiz, cheguei a estudar numa escola particular.

Ana Paula: Era paga o Pinto Júnior?

Lúcia: Era paga, era paga. Tanto o São Luiz, Pinto Júnior, como Nossa Senhora do Carmo. Era uma escola particular, eram escolas particulares.

Ana Paula: E os professores?

Lúcia: Os professores eram, o que me recordo, recorda bem, sabe Ana? Era que os professores eram antigos, professores de idade, eram pessoas de idade, já de cabelinho brancos, como Doutor Heitor Maia, me lembro muito.

Ana Paula: Era de quê, Heitor Maia?

Lúcia: Era de matemática. Tinha outro professor, deixa eu me lembrar, Aldo Rabello, pessoas já de idade, Aldo Rabello.

Ana Paula: Aldo Rabello, era de quê ?

Lúcia: Aldo Rabello, acho que era de geografia, era. Acho que Aldo Rabello era de geografia, ele inclusive foi o diretor, numa época ele foi o diretor. Ai vinham outros professores,

professor de português, que agora... eu só me lembro do sobrenome Lisboa. Tinha o professor de inglês também já de idade, professor Agenor, professor de inglês. Tinha, tinha professor de francês, não me lembro o nome dele, parece que era Alípio, as meninas devem saber, mas eu não me lembro, e assim foi... e até mesmo as cuidadoras de lá, da época, não sei o nome que se dava naquela época, que cuidavam das classes.

Ana Paula: Bedel?

Lúcia: Não.

Ana Paula: Auxiliar de disciplina?

Lúcia: Ou supervisora, né? Não sei, eu sei que eram também pessoas de idade, que cuidava da gente, eram muito exigentes, então tinha uma chamada Nelsina, aaaah era um terror! Olha, era um medo dessa Dona Nelsina, eu sempre muito quieta, eu sempre fui muito quieta, eu hoje, até me considero mais desembaraçada, mas avançada, mas na época eu só vivia para os estudos, entendeu? Então, eu me dediquei muito, uma estudante assim, muito calada e muito estudiosa, muito estudiosa, vivia para os estudos, unicamente para os estudos e levava muito a sério o meu curso, porque com dezesseis anos eu fui convidada a ser professora primária.

Ana Paula: Que coisa boa!

Lúcia: Porque na época, a gente não esperava se formar em professora. Antes, o diretor observava, porque eu trabalhei, trabalhei não, eu estudei no Grupo Escolar Maria Amália, eu estudei, desde pequeninha, então, o professor foi me observando, e quando eu estava no primeiro ano, no segundo, não me lembro do ginásio, aí ele me convidou, porque ele já me conhecia, eu fiz o primário todinho, que hoje é, como é que chama? O fundamental, né? Mas eu fiz o primário todinho até chegar na admissão, que era um pré-vestibular, nera?

Ana Paula: O teste de admissão.

Lúcia: Teste de admissão.

Ana Paula: Que você também fez, pra entrar...

Lúcia: Eu fiz o teste pra entrar no ginásio.

Ana Paula: No Pinto Júnior.

Lúcia: Na Pinto Júnior, exatamente. Então, eu terminei o primário todinho lá no Grupo Escolar Maria Amália, fiz a admissão pra entrar na Pinto Júnior, então quando eu entrei no segundo ano, eu acho, ginásial, ele me chama pra ser professora de lá.

Ana Paula: Quem foi que lhe chamou?

Lúcia: O diretor.

Ana Paula: Do Maria Amália. Como era o nome dele?

Lúcia: Professor Etelvino, Etelvino dos Anjos o nome dele, exigente! Era o auge! Ele era o auge da exigência, ele era de um jeito que as meninas não poderiam ir pra escola de rabo de cavalo, ele tinha um pedacinho de madeira, que ele vinha e fazia assim e as meninas tinham que soltar, as saias eram azul prensada, sapatinho preto, meinhas pretas, cabelo tinha que ser solto. Isso no Grupo Escola Maria Amália. Ele muito, mais muito exigente, muito exigente, de querer que a gente desse nas mão das crianças.

Ana Paula: Ai meu Deus!

Lúcia: Era ainda dessa época. Queria que a gente gritasse, queria que a gente colocasse de castigo, até com mungunzá, milho, de joelho, aí por isso eu tive até um desentendimento, porque eu não fiz, porque aí eu digo: Eu não faço.

Ana Paula: Mas aí com dezesseis anos, você foi chamada pra ensinar

Lúcia: Pra ensinar. Então, passei oito anos, foi quando me demitiram, porque houve uma mudança de diretor, porque lá era da fábrica, pertencia a fábrica Oton Bezerra de Melo.

Ana Paula: Isso mesmo

Lúcia: Te lembra? Então...

Ana Paula: Ali no bairro da Macaxeira.

Lúcia: Ali na Macaxeira. Ai papai exercia um cargo muito bom lá e ele tinha um bom conceito e tudo mais, então eu fui preferida por isso também, porque o diretor já conhecia papai, inclusive nós éramos vizinhos, o diretor e papai, né? Então ele chamou, ele sempre teve vontade que uma da gente fosse professora de lá, esse diretor, mas não deu certo, porque terminamos nos desentendendo exatamente por essa maneira que ele gostaria que eu ensinasse e eu não obedeci, então ali a gente começou a se desentender, porque eu disse: eu não faço da maneira como o senhor me manda, colocar de castigo, gritar, dar gritos, eu não fazia, aí eu já entrei em atrito, por conta disso, né? Mas passei oito anos assim. É, foi muito bom, valeu, foi um excelente aprendizado.

Ana Paula: Mas aí você escolheu trabalhar lá, por quê? Porque você escolheu trabalhar lá?

Lúcia: Assim, eu digo só que foi unicamente por ser obrigada pelo meu pai, porque ele disse inclusive do que ele falou, ele disse: “Ou você vai trabalhar agora como diretor ta chamando, ou então você vai sair da escola e vai pra escola pública. Vai sair dessa "escola particular". Olha, eu já gostava muito da escola particular, né? Ai ele disse: “Você vai trabalhar lá.” Aliás, aliás, minto. Não foi assim, ele não me obrigou não. O diretor me chamou e eu fui, eu não queria, mas como eu era muito independente, desde aquela época eu já era independente, eu queria um trabalho mesmo, exatamente pra ter minha liberdade econômica, aí eu fui. Mas eu

me lembro disso, que papai disse, não foi porque eu fui estudar não, com dezesseis anos, uma menina, e a educação que a gente tinha era de menina mesmo, né? De menina.

Ana Paula: Eu to querendo saber um pouquinho mais, porque naquela época como se permitia, como era visto pela sociedade uma mocinha trabalhando?

Lúcia: Trabalhando como professora, né? Porque professora era um cargo mais importante da época, você via que os homens procuravam a dedo pra casar com uma professora, porque era o nível mais alto de uma mulher da época.

Ana Paula: De educação...

Lúcia: De educação, era ser professora...

Ana Paula: De conceito...

Lúcia: Era ser professora. Então, ele... as professoras da época, na minha classe mesmo só tinham noivas na época. Quer dizer, todas eram assim, eram escolhidas para ser esposas, eram as mais indicadas para casar, mas eu nunca, na verdade desde nova eu nunca gostei de casamento. Ele, eu me lembro, que foi uma época que eu comecei a estudar, eu agradeço a ele, foi, ele disse algo que me magoou na época, mas hoje eu agradeço a ele naquela rigidez dele da época. Eu fui estudar, eu acho que eu tava no segundo ano, eu sempre achei o segundo ano ginásial o pior de todos, porque tinha muita matemática, parece que era matemática financeira, eu não sei, eu não gostava do segundo ano ginásial, então eu fui reprovada, aí papai disse: Se você for reprovada novamente, você vai trabalhar. Aí eu acredito que eu ainda não tinha sido chamada ainda pra ser professora, aí eu fiquei com medo, fiquei com medo, aí só passava por média e daí por diante veja como foi bom aquilo ali naquela época, né? Eu chorei muito, achei que ele foi muito exigente, mas valeu, valeu, né? Eu sei que eu comecei cedo, comecei a trabalhar cedo, estudei muito, procurei ser a melhor da classe e valeu, mas como valeu, viu? Aí foi quando eu terminei o pedagógico eu continuava ensinando, né? Mas só passei um ano depois de formada, um ano passei ensinando, aí já tive que sair, porque na época mudou de direção e também mudou o sistema de trabalho, porque se você chegasse a trabalhar dez anos receberia em dobro, era a própria legislação que dizia isso, né? Aí esse pessoal que tava prestes a completar dez anos, eles demitiram e eu fui no rolo, né? De dez anos, oito anos eu já tava prestes, né? Aí saí. Sair, passei um ano sem emprego, aí foi quando um amigo de lá mesmo, amigo de papai, que ele tinha uma farmácia na época, e ele me chamou pra trabalhar com ele lá na farmácia, a farmácia era a farmácia dos pobres, muito conhecida ela.

Ana Paula: Muito antiga.

Lúcia: E era seu Jonas, Jonas J. Silva. Papai era muito amigo dele, ele era também da Macaxeira, seu Jonas, aí fui trabalhar com ele, aí fui trabalhar na contabilidade, mudei completamente de profissão, né? Fui trabalhar na contabilidade, daí surgiu meu interesse pela contabilidade, aí fiz o curso técnico em contabilidade, já tinha pedagógico, né? Aí fiz o técnico em contabilidade, depois fiz contábeis.

Ana Paula: Ciências Contábeis?

Lúcia: Ciências Contábeis.

Ana Paula: Superior?

Lúcia: Superior já. Aí, quando fui trabalhar na farmácia, eu já tinha feito um concurso público para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), chamava-se na época Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), aí eu fui fazer um concurso, fiz para auxiliar de serviços médicos, veja, uma área de medicina. Então, passaram-se três anos, trabalhei três anos na farmácia, aí me chamaram para o INPS, eu fui trabalhar, só que era um trabalho totalmente diferente. Enquanto eu fazia contabilidade lá na farmácia, eu fui trabalhar como atendente, porque era auxiliar de serviços médicos.

Ana Paula: Auxiliar de serviços médicos?

Lúcia: Serviços médicos e passei a ser assistente administrativo, aí quando eu passei a ser assistente administrativo eu já tava fazendo curso superior de ciências contábeis, aí quando foi outra sorte Deus sempre me acompanhado...

Ana Paula: Que coisa boa. O que é ser Normalista pra você, Lúcia?

Lúcia: Ser Normalista foi o que existiu de mais importante. Primeiro, porque eu levei muito a sério. E segundo, como relacionamento humano pra mim foi primordial, foi maravilhoso. Porque eu sempre observei que esse curso que eu tenho de contábeis, ele é muito seco, como é que eu digo? Ele é muito técnico. Já o curso que eu tive de professora, ele me deixou mais humana, entendeu? Então eu tenho os dois conhecimentos, eu tenho o conhecimento técnico em contabilidade e tenho esse de relacionamento humano, que foi a professora que me deu, eu conheço pessoa que só tem contábeis, eu acho uma pessoa muito seca.

Ana Paula: Mais fechada?

Lúcia: Não, não é nem nesse sentido, nesse sentido de dinheiro, materialista, entendeu? Já eu não, felizmente eu trago esse dois lados, eu sou uma pessoa humana, entendo muito as pessoas, eu procuro ouvir, eu procuro dar conselhos naquilo que eu posso, que eu não vejo que as pessoas da contabilidade tem, eles são muito materialistas, já eu tenho os dois lados. Então eu tenho isso aí, foi quem me deu? Pedagógico. Se fosse só contabilidade, eu não teria

esse outro lado, não era? Eu acho que eu aprendi muito, muito, muito. Também não me arrependo de ter começado cedo, né? Porque quanto mais cedo melhor.

Ana Paula: Melhor. Me conte um pouquinho, como era a estrutura, a divisão, as matérias de lá da Escola Normal Pinto Júnior?

Lúcia: Deixa eu me lembrar visse? Eu não me lembro bem. Eu sei que tinha didática, psicologia, dentro já da Escola Normal. Didática, psicologia, estudos sociais, deixa eu ver outra... religião sempre teve, religião, tinha música, música...

Ana Paula: Educação Física?

Lúcia: Tivemos Educação Física.

Ana Paula: Como eram as aulas de Educação Física?

Lúcia: Eram boas, porque eu me lembro, até tava conversando com Eliane no telefone, ela disse: “você se lembra Lucia da professora Violeta? Eu não. Você se lembra de professora Edileusa?” E eu: “Não.” Não me lembro, porque ela até mostrou uma foto, mandou uma foto de professor Edileusa, mas professora Edileusa eu não me lembro, mas me lembro muito da professora Sebastiana, ela me deixou uma lembrança muito grande .

Ana Paula: Professora Sebastiana era de Educação Física?

Lúcia: Era de Educação Física, professora Sebastiana.

Ana Paula: As outras que você falou também eram de Educação Física?

Lúcia: Também eram de Educação Física. A gente começou a conversar. “Se lembra Lúcia, da professora Violeta?” Eu digo, não. É, mas não me lembro de jeito nenhum. Agora de professora... engraçado, só ficou ela.

Ana Paula: Agora, por que ficou ela?

Lúcia: Não sei. Eu sei que eu tenho ela na minha frente. Eu não esqueci de nada, o cabelo dela era todo pra trás, ela usava um brinco branco como pérola, não sei se era pérola, ela era forte, ela tinha umas nádegas grande, entendeu? Ela era perfeita, ela era bem feita, usava uma calça justa como professora mesmo de Educação Física, e eu não sei porquê, mas eu só sei que eu me lembro dela. E as aula eram boas, a gente tinha aquela roupinha de Educação Física.

Ana Paula: Como era a roupa de Educação Física?

Lúcia: Era uma roupa que vinha até o joelho.

Ana Paula: Era short? Um bermudão?

Lúcia: Era um bermudão, eu acho. Agora, não era um bermudão que era folgado. Eu não sei se a gente comprova, eu não sei se a gente lá essa roupinha, mas eu não me lembro. Eu só me

lembro disso, que era uma roupa, um bermudão, mas que não era larga, não era larga, parece que era sapatinho de tênis, não sei...

Ana Paula: E a camisa?

Lúcia: Também não.

Ana Paula: Era de malha, assim...

Lúcia: Não me lembro, né engraçado? Lembro não.

Ana Paula: Mas me conte mais das aulas. O que você fazia nas aulas de Educação Física?

Lúcia: Nas aulas de Educação Física eram aqueles movimentos de flexão, alongamento

Ana Paula: De flexão, de se agachar, de se alongar.

Lúcia: De flexão... então a gente se abaixava, aí ela dizia: “isso é muito bom pra o abdômen... isso é muito bom para os ossos, isso é muito bom para articulação...”, ela dizia cada vez que a gente fazia, mas muito vagamente viu? Lembro muito vagamente das aulas de Educação Física, muito vagamente, mas tinha, e eram obrigatórias. A gente tinha que passar.

Ana Paula: A aula de Educação Física era dentro da aula ou vocês tinham que ir em outro turno?

Lúcia: Não, a agente ia para um campo que era da Pinto Júnior. Inclusive, ele ficava, esse campo... eu me lembro em Santo Amaro, por trás de uma escola, por trás de uma 1ª Igreja Assembleia de Deus.

Lúcia: Por trás tinha um campo, que eu acredito que hoje tá pra fazer algum edifício. Então, nesse campo a agente fazia.

Ana Paula: Mas aí, saiu da Pinto Júnior...

Lúcia: Saía da Pinto Júnior...

Ana Paula: No horário de aula?

Lúcia: Não, tinha uns horários certos. Eu não me lembro se era sábado... não era no horário de aula.

Ana Paula: Ah.. não era no horário da aula...

Lúcia: Não era no horário da aula. Era no horário de Educação Física.

Ana Paula: Você estudava de que horas lá na Pinto Júnior?

Lúcia: Era bem cedinho...

Ana Paula: Era pela manhã...

Lúcia: Era pela manhã. Parece que o pedagógico foi a tarde. Se eu não me engano o pedagógico não teve, só o ginásio.

Ana Paula: teve Educação Física.

Lúcia: Acho que no pedagógico teve não. No ginásio a gente fez Educação Física, eu me lembro. Educação Física... Então quatro anos né, de Educação Física.

Ana Paula: Como era o padrão de beleza da época das moças?

Lúcia: A nossa turma era tido como as molequinhas, porque a Pinto Júnior, ela tinha, como é que eu digo... né conceito não... como é que chamo? Era conhecidas assim, por ter umas meninas muito alegres! Até hoje, você pode ver que nós somos um grupo muito alegre.

Ana Paula: É verdade...

Lúcia: Porque a gente ta envelhecendo, mas não perdeu essa alegria...

Ana Paula: Essa jovialidade, né?

Lúcia: : É... a gente não perdeu não. E na época falavam que a gente era umas meninas muito espertas. Não eram consideradas bonitas, ao contrário, tinham pessoas de todas as raças e níveis sociais. Tinha Sônia é bem alta, nunca mais a vi, ala provavelmente não terminou não, porque provavelmente ela fez até o ginásio, bem alta, negra, e era minha amiga, gostava muito dela. E tinham outras negras também. Então, o grupo não era de meninas bonitas, nem alvas, aquelas alvas, de pele bem brancas, não. Era Nossa Senhora do Carmo, era escola das Damas, que tinha essas meninas bonitas. A gente tinha um bom conceito, mas não por beleza, e sim por simpatia.

Ana Paula: Não tinha esse padrão...

Lúcia: Esse padrão de beleza não, tinha não.

Ana Paula: E as cadernetas?

Lúcia: Essas cadernetinhas... Era o terror para qualquer uma de nós, pois tudo se marcava ali, presença, falta, as notas. As funcionárias que ficavam com elas conseguiam nos controlar para não fugir, sorte era a nossa se pegássemos as cadernetas, daí fugíamos para ver os shows nas rádios ou para passear no centro do Recife.

Ana Paula: E como era o comportamento de vocês?

Lúcia: Era um comportamento meio rebelde, eu achava, era, as meninas... eu sempre achei, a... o meu grupo muito rebelde. Eu era muito quietinha, aquela, aquela pessoa muito comportadinha, então eu gostava de sentar sempre na frente, muito atenciosa a tudo... as outras meninas era tudo muito danadinha, gostava muito de namorar, mas namoraaaavaaam... olha, era tão namoradeira as meninas da minha turma, muito. E muita delas... mas tinha outras mais quietinhas e elas eram, assim como eu te disse, elas eram meninas que só pensava em casamento, eu posso dizer que a maioria eram noivas, a grande parte eram noivas

Ana Paula: Mas eu digo o comportamento, o comportamento de vocês com os professores.

Lúcia: Com os professores... era, era um respeito, mas era um respeito assim... eu digo, era dirigido, era obrigado! Aquele respeito obrigado. Então não podia fazer isso, não podia fazer aquilo, não podia nem olhar de lado e na aula não podia falar muito, não fazia barulho, e não fazia aquilo, não podia fazer aquilo outro, a escola era muito exigente com comportamento. Mas tudo assim, tudo muito vigiado, era uma coisa muito vigiada.

Ana Paula: Tinha aquelas cadernetinhas de presença quando chegava?

Lúcia: Tinha, eu tenho umas cadernetinhas ai, tão bonitinhas, eu tenho elas ali, quer ver?

Ana Paula: Eu quero, daqui a pouquinho, daqui a pouquinho você pega. E ai você tem mais alguma coisa pra dizer do Pinto Júnior propriamente dito...

Lúcia: Pinto Júnior né... eu achava muito linda a escola também, aquela arquitetura.

Ana Paula: A sacada...

Lúcia: Eu achava tão bonitinha, eu gostava muito da escola, eu tenho boas recordações dali, eu gostava, e outra coisa também, pra mim foi um orgulho essa formatura, inclusive eu fui a primeira da família a me formar, papai tava tão orgulhoso de mim, tão orgulhoso, e foi muito bonito, e também o que eu me lembro muito, na época a gente morava na Macaxeira, isso ficou a minha lembrança, a gente morava num casarão, eu acho que não tem mais, eu me lembro que ele era logo no início, a fábrica ficava do lado de cá e tem dois casarões em cima assim, logo no início... papai foi morar ali, nós né? A família inteira, e tinha uma escada bem grande e eu me lembro toda de beca, toda arrumada pra me formar, muito chique, também mostro a foto, muito chique, um sapato muito alto e eu me lembro descendo as escadas com papai de braços, papai tava de braços comigo e aquilo ficou, aquela descida na escada, e depois na hora que chamaram a gente pra entregar o canudo.

Ana Paula: Os certificados, os diplomas...

Lúcia: Os certificados, diploma...

Ana Paula: Como era a divisão dentro da escola, ginásio ficava em cima, ficava embaixo, como era vocês dependendo do grau, dependendo do ano era um andar, era outro andar...

Lúcia: Geralmente o primário ficava no térreo.

Ana Paula: Subsolo...

Lúcia: Subsolo, ali no subsolo... tinha escada que dava para o primeiro andar, ai ali já tinha uma cantina, ali eu não lembro se tinha sala de aula, acho que não tinha, tinha! Tinha salas de aula, tinha umas três ou quatro salas de aula e nós fomos visitar, há um tempo atrás nós fomos visitar. Tinha a diretoria subindo as escadas entrando do lado esquerdo, a parte administrativa... ai pra direita, ai vinha umas, umas banquetas onde a gente ficava sentada, tinha o sanitário na frente, tinha essa cantina e tinha duas salas de aula bem grande e as

cadeiras eram de madeira, me lembro bem, as cadeiras eram de madeira, era tudo organizado por ordem alfabética. Então, a letra A, começavam com as primeiras cadeiras.

Ana Paula: A divisão dentro da sala....

Lúcia: Dentro da sala...

Ana Paula: Era por ordem alfabética!?

Lúcia: Era por ordem alfabética, então, Adelma, Alice, eram as primeiras. Eu era M, por Maria Lúcia, ficava no meio e as últimas era Zuleide, Zuilare...

Ana Paula: Zuilare...

Lúcia: Vera... entendeu? Ai pronto, então por isso a gente convivia com pessoas mais das letras, então M como tudo junto, a gente era mais amigas, porque ficavam juntas, e como Maria ta próximo de Z, e também por já ser final...

Ana Paula: No finalzinho...

Lúcia: Ai minhas amigas era Zélia, Maria do Socorro, Zuleide...

Ana Paula: Zuila!

Lúcia: Zuila. Entendeu? Agora, que Zuila ela fez só o ginásio, ela não fez o pedagógico com a gente não, Zuila, ela não fez. Eu gosto muito dela, Zuila, mas ela não fez, não sei qual foi o curso que ela fez, só sei que teve gente ali que fez o ginásio, e fez o clássico.

Ana Paula: Não fez o pedagógico?

Lúcia: Se lembra que acabou o clássico né...

Ana Paula: Sim.

Lúcia: Não fez o pedagógico. Outras fizeram o científico, teve uma que fez Medicina, Anunciada, ela não ta no grupo, fez medicina. Tiveram outras que fizeram Direito, Contábeis...

Ana Paula: Ai em cima nos outros andares...

Lúcia: As séries de cima, mas tinha em cima, primeiro andar, segundo, tinha o segundo, tinha o segundo também, agora, eu não me lembro qual eram as séries. Eu não sei se quanto mais adiantada, eu achava lindo aquela gravata cheia de “coisas” ... era assim, você vai ver... no ginásio a gravata eram quatro é... fitinhas brancas nas gravata, queriam dizer ginásio. Então, quatro fitinhas nós fizemos quatro anos do ginásio, primeiro, segundo, terceiro e quarto ginásio. Ai em vinho umas fitinhas em “V”, esse era o pedagógico. Então eram três, eu achava lindo minha gravatinha ficava toda cheia, eram quatro do ginásio, três do pedagógico, completa!

Ana Paula: Que coisa linda!

Lúcia: Eu me sentia tão orgulhosa dessas fitinhas. Todo mundo ia dizer: “Olha prai...”

Lúcia: Ela já fez o curso todinho, já ta terminado, já ta no final, já ta terminado, .Então essas coisas que são...

Ana Paula: Qual era a cor da gravata?

Lúcia: A gravata era da cor da saia.

Ana Paula: Era marrom assim...

Lúcia: era mostarda.

Ana Paula: Mostarda... E a camisa?

Lúcia: E a blusinha, a princípio ela... era só nos trajes de gala, por exemplo, assim... numa passeata, uma manifestação, assim... uma igreja... pra comemorar alguma coisa, ação de graças... Então a gente tinha esse traje, a gente chamava de traje de gala, porque ai ia com lingerie, a blusinha branca de mangas compridas, com botãozinho, e ia... ai a gente ficava bem chique. A gente era obrigada a passar muito bem passada as saias, porque eram plissadas, tinha gente botava embaixo do travesseiro, do colchão pra ficar bem feitinha. Ai já as meias eram compridas de seda, meias compridas de seda, bem chique e os sapatos brancos, pulseira. Eu achava, linda essa roupa! Me achava, olhe eu me achava a própria com essa roupa, eu acho que todas né! Realmente era muito chique. A gente era muito elogiada pela roupa, pelo traje da gente, muito bom, muito bom, era uma época muito boa e eu levei muito a sério essa vida estudantil, principalmente foi um dos cursos que eu fiz, que eu levei mais a sério.

Ana Paula: Vocês tinham mais aula de quê? De música...

Lúcia: Música, nós tínhamos português, matemática, desenho, era desenho com professor “Mariones”, conhecido, professor Baltazar, inglês, francês, estudos sociais, eu não me lembro bem, mas na minha cadernetinha tem as matérias. Então, são coisas assim... e eu sou a única, que eu tenho todas as fotos.

Ana Paula: Ai Lúcia, eu quero ver!

Lúcia: Eu tenho foto de todo jeito, eu tenho da gente... até eu terminei distribuindo, tirando cópia pra algumas, quando querem fotos... Essa minha organização já sabe não é? Eu tenho alguns álbuns com as fotos todinha, depois eu te mostro. Muito bonitas as fotos da gente nessa época. A gente tirou muitas fotos naquela escada, depois tiramos fotos... achei bonito que a gente tirou fotos quando a gente estudava, era último, acho que era o último ano do pedagógico e agora já, quando a gente se reencontrou, depois de muitos anos, quando a gente se reencontrou a gente foi tirar foto ali mesmo, no mesmo lugar na escada e procurou tirar na mesma posição que estava.

Ana Paula: Como era o nome do diretor de vocês? Era Aldo...

Lúcia: Aldo Rabello.

Ana Paula: Agora vê, era irmão de Dárcio Rabello?

Lúcia: Dárcio...

Ana Paula: Porque Dárcio era diretor, diretor do IEP...

Lucia: Os dois eram também idosos, eles não eram tão jovens, cabelo bem branquinho, me lembro, tanto de Dárcio como do outro, até tinha o outro, professor de geografia, professor Mota, Mauro Mota, conhecidíssimo como escritor, era um poeta, Mauro Mota. Tinha o professor Clóris, que era professor de ciências naturais, se não me engano, professor Cloris, sério... tão sério, ele olhava meio de lado, as meninas até tiraram uma foto com ele agora, professor Clóris, bonito!...

Ana Paula: Esse pessoal falava com vocês assim...

Lúcia: Eles eram muito carinhosos. Eu me lembro deles com muito carinho, eles tratavam a gente com muito carinho, inclusive os professores... Costa Mario Nunes, que era professor de desenho, ele segurava na mão da gente, eram muito carinhosos... professor Baltazar não, era meio grosso. Tinha um também, que eu me lembro agora, professor Baltazar mesmo! Professor Baltazar, ele... Baltazar, o sobrenome dele era conhecido de uma médico, Clóris... Clóris não, era uma médico, ele é, ele é.... ginecologista.... professor Baltazar, o filho dele é que é médico, que e fui a ele. Então, Baltazar era sério que não olhava nem de lado, aliás, os professores eram muito sérios. Professor Heitor, era assim, era um professor muito agitado....

Ana Paula: Era de quê?

Lúcia: Matemática. Eu detestava.

Lúcia: Heitor Maia. Ele tem até uma rua com o nome dele. Heitor Maia, muito conhecido, ele tinha um cabelinho branco na época, bem branquinho...

Ana Paula: Tinha outra professora?

Lúcia: Professora que eu me lembre, tinha! Era Zumira, professora de Português. Ela tinha um corpo parecido com o corpo da professora Sebastiana, que era professora de Educação Física. Gordinha, com a bundinha assim, as nádegas assim bem grandinhas, também já de idade... Era já uma senhora, o cabelo também todo pra trás, professora Zumira, me lembro dela. Tinha também a professora Zuleide, essa já era mais nova, era clara e era mais nova, mas eram pessoas assim... de aparência muito rígida, sabe? Pessoas assim... como é que eu digo? É... não era orgulhosa não, é que eu quero dizer assim, exigentes. Professora antes era muito exigente, fechadas, né? Quase não fava risada, jamais dá risada coma aluno, né? Não tinha isso. Agora, tinha uma simpática, que agora eu não lembro o nome dela, as meninas sabem... ela era bonita, ela era professora de francês, essa só vivia rindo, era muito simpática, agora, vou procurar saber o nome dela, não sei.... era um nome parecido com Clóris, não sei...

Eu sei que ela era muito simpática. Agora na área de medicina, ciências naturais era esse professor, Clóris, esse era Cloris, somente. Na área de medicina, geografia, matemática, português, inglês, francês, música....

Ana Paula: Quem era música?

Lúcia: Neide. Professora de música, demais! Me lembro muito dela!

Ana Paula: era música de coral, era música de cantar ou era música de instrumentos?

Lúcia: Não, era música... hino nacional... como é que chama? Era músicas nacionais, né... Eu sei todinho, todos os hinos. Eu sei o hino nacional, o hino de Pernambuco, eu sei hino de bombeiro, num sei quê... eu sei tudo que ela me ensinava.

Ana Paula: Tinha o hino da própria Pinto Júnior?

Lúcia: Tinha não. Lembro não! Da Pinto Júnior lembro não. O hino da Pinto Júnior não tenho como lembrança não. Agora eu lembro assim... parece que as meninas fizeram alguma coisa, mas já na época da gente, quando a gente se reencontrou....

Ana Paula: Já na... no reencontro.

Lúcia: Foi, mas é de brincadeira né... coisa assim. Mas muito bom, valeu muito muito...

Ana Paula: Ser Normalista?

Lúcia: Ser Normalista ajuda muito, e principalmente eu achei que as mulheres Normalistas, elas tinham uma educação muito boa para o casamento, porque na época era quem bem mais preparava para o casamento, principalmente psicologia, eu gostei muito da psicologia, eu sempre gostei muito de psicologia e didática né? Que eles ensinavam didática pra gente. Então, eu achava muito importante a psicologia no ensino, sempre achei, na própria vida...

Ana Paula: Os relacionamentos né...

Lúcia: Os relacionamentos, até pra você entender os alunos, para ouvir os alunos. Além de você conhecer as matérias principais que é obrigatória, né... pra tá bem preparada pra passar para os alunos , então você tem antes qualquer coisa, eu acho que entender os alunos, compreender os alunos. Eu me lembro que eu fiz algo assim que ficou na minha memória, e eu acredito que funcionou. Eu ensinava na Escola Maria Amália e eu tinha um grupo de alunos que eram adolescentes, eu acho que estavam entorno de doze, treze, quatorze anos esse meninos, eles eram muito rebeldes, agora vinha... eram meninos pobres, porque ali da fábrica, eles eram pobres, mas tinham uns mais pobres que outros. E então eu me lembro que tinha uma delas que estava com um problema horrível, não só ela, mas tinha um grupo de problemas, eram muitos problemas e fiquei em dúvida porque eu fazia, eu pensei: ou eu ouço essas crianças, eu paro de ensinar a elas na forma didática ou eu ouço essas crianças, eu vejo

o social, eu parto para o social e vou dar ajuda a eles que estão precisando é uma caso sério, muito sério, e eu optei por deixar de lado o ensino...

Ana Paula: Pra entrar no pessoal...

Lúcia: Pra entrar, para ouvi-los, entendeu? Assim, parei pra ouvi-los e não me arrependo, foi muito bom.

Ana Paula: Olhe, na farda tinha algum emblema, tinha algum bolso com o emblema do Pinto Junior?

Lúcia: Tinha não.

Ana Paula: E como é que vocês se identificavam ser Pinto Júnior? Assim, as pessoas na rua identificavam que vocês eram da Pinto Júnior...

Lúcia: A própria farda né, a cor da farda...

Ana Paula: A cor da farda já...

Lúcia: A gravata, sim... eu não me lembro se tinha bolso. Eu sei que era a farde, a farda identificava. A gente deixou de usar até essas roupas, será que mudou? Eu me lembro que era mangas cumpridas pra de gala, mas aí a gente usava a curta no dia a dia.

Ana Paula: No dia a dia e de gala a comprida...

Lúcia: Já era curta a manguinha, e não era de lingerie, era um tecido que eu não lembro que tecido era aquele, era fino, era um tecido fino, era assim.

Ana Paula: Lúcia, eu lhe agradeço muito, demais, demais, por todo carinho... muito obrigada.

Lúcia: Obrigada.

Ana Paula: Você tem mais alguma coisa pra a dizer?

Lúcia: Tenho não, é isso mesmo. Eu só quero lhe dizer isso, que valeu, que desde que a gente faça bem feito, um curso, principalmente como esse, que é de preparação de jovens, nossa, só isso prepara a pessoa para o futuro.

Ana Paula: Pra vida né....

Lúcia: Para a vida... desde de criança, veja que responsabilidade, desde criança, né... desde pequeninhos. Como eu já lhe disse, não era só problema de escola mesmo, mas eles trazem problema de casa...

Ana Paula: Da vida, do social...

Lúcia: E a gente tem que tá preparada pra tudo, pra atender a eles, pra ouvir, sei lá... Então é por isso que eu achei tão importante.

Ana Paula: Ok, muito obrigada viu Lúcia, obrigada mesmo, valeu. Veja só, eu vou fazer o seguinte, vou transcrever isso aqui, escute só, passar todinho pra um papel, vou trazer pra você ler, vê se é isso mesmo.

Lúcia: Confirmar, né?

Ana Paula: Confirmar. Depois a gente vai conversando

Lúcia: Tenho foto que não acaba mais.

Lúcia: E eu que nem gosto de conversar

Ana Paula: Mas foi ótimo viu?

Lúcia: Pouco não, adoooro....

Ana Paula: Muito obrigada, obrigada mesmo!